



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
Centro de Educação e Humanidades – Instituto de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras

Reitora	<b>Gulnar Azevedo e Silva</b>
Vice-reitor	<b>Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues</b>
Pró-reitor de Graduação – PR1	<b>Antonio Soares da Silva</b>
Pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa – PR2	<b>Elizabeth Fernandes de Macedo</b>
Pró-reitora de Extensão e Cultura – PR3	<b>Ana Maria de Almeida Santiago</b>
Diretor do Centro de Educação e Humanidades	<b>Roberto Rodriguez Dória</b>
Diretora do Instituto de Letras	<b>Janaina da Silva Cardoso</b>
Vice-Diretor do Instituto de Letras	<b>Rodrigo da Silva Campos</b>
Coord. da Pós-Graduação em Letras	<b>Carlos Eduardo Soares da Cruz</b>
Vice-Coord. da Pós-Graduação em Letras	<b>Vanessa Cianconi Vianna Nogueira</b>

*Matraga* é uma iniciativa da Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras da UERJ

**Editoras-Executivas do número 62**

Maria Teresa Tedesco  
Lurdes Moutinho

**Conselho Editorial**

Viviane da Silva Vasconcelos  
Ana Lúcia Machado de Oliveira  
Davi Ferreira de Pinho  
Andréa Sirihal Werkema  
Vania Lúcia Rodrigues Dutra  
Sandra Pereira Bernardo  
Marina R. A. Augusto (Editor-associado)  
Nabil Araújo (Editor-associado)

**Revisão**

Maria Teresa Tedesco  
Lurdes Moutinho  
Beta da Costa Melo

**Logomarca da revista *Matraga*,  
projetos gráficos de capa e miolo e editoração**

Cláudio Ricardo Corrêa (Egresso do Doutorado do PPG-Letras/UERJ)

Catálogo na fonte: UERJ/REDE SIRIUS/CEH-BWW

M 433 Matraga – vol. 31, n. 62 (2024) – . Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Letras, 1986- .  
v.

quadrimestral  
ISSN eletrônico 2446-6905

1. Letras – Periódicos; 2. Linguística; 3. Artes

CDU: 82(05)

# MATRAGA

ISSN eletrônico 2446-6905

Estudos Linguísticos & Literários

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ

62



**Estudos Linguísticos**  
Variações e mudanças nas línguas

**EDITORAS**

Maria Teresa Tedesco

Lurdes Moutinho

Matraga, Rio de Janeiro, v. 31, n. 62, mai./ago. 2024





## Conselho Consultivo

- ▶ Angela Del Carmen B. Romero de Kleiman (UNICAMP)
- ▶ Benjamin Abdalla Jr. (USP)
- ▶ Bethania Mariani (UFF)
- ▶ Carmem Lucia Pereira Praxedes (UERJ)
- ▶ Célia Marques Telles (UFBA)
- ▶ Charlotte Marie Chambelland Galves (UNICAMP)
- ▶ Claudio Cezar Henriques (UERJ)
- ▶ Claudius Armbruster (Universidade de Colônia)
- ▶ Eduardo Roberto Junqueira Guimarães (UNICAMP)
- ▶ Eni de Lourdes Pulcinelli Orlandi (UNICAMP)
- ▶ Enylton de Sá Rego (Universidade do Texas)
- ▶ Esmeralda Vailati Negrão (USP)
- ▶ Eurídice Figueiredo (UFF)
- ▶ Frank F. Sousa (University of Massachusetts, Dartmouth)
- ▶ Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University)
- ▶ Heidrun Friedel Krieger Olinto de Oliveira (PUC – RJ)



- ▶ Helena Carvalhão Buescu (Universidade de Lisboa)
- ▶ Ivo Biasio Barbieri (UERJ)
- ▶ Jacqueline Penjon (Paris 3, Sorbonne-Nouvelle)
- ▶ João Adolfo Hansen (USP)
- ▶ João Roberto Gomes de Faria (USP)
- ▶ Jorge Schwartz (USP)
- ▶ José Luíz Fiorin (USP)
- ▶ José Luís Jobim (UFF)
- ▶ Kenneth David Jackson (Yale University)
- ▶ Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP)
- ▶ Laura Padilha (UFF)
- ▶ Letícia Sicuro Corrêa (PUC – RJ)
- ▶ Lucia Helena (UFF)
- ▶ Luiz Costa Lima (UERJ)
- ▶ Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ)
- ▶ Márcia Atália Pietroluongo (UFRJ)
- ▶ Márcia Paraquett (UFF)
- ▶ Maria Aparecida Lino Pauliukonis (UFRJ)
- ▶ Maria Cecília de Souza e Silva (PUC – SP)
- ▶ Maria Conceição Monteiro (UERJ)
- ▶ Maria da Glória Bordini (PUC – RS)
- ▶ Maria da Glória di Fanti (UCPel/Pelotas; UNISINOS)
- ▶ Maria das Graças Dias Pereira (PUC-RJ)
- ▶ Maria Eugenia da Gama Alves Boaventura Dias (UNICAMP)
- ▶ Maria Lúcia Leitão (UFRJ)



- ▶ Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ)
- ▶ Maria Zina Gonçalves Abreu (Universidade da Madeira, Funchal)
- ▶ Marisa Philbert Lajolo (UNICAMP)
- ▶ Mary Theresa Seig (Ball State Unniversity)
- ▶ Mônica Rector (University of North Carolina, Chapel Hill)
- ▶ Nadiá Paulo Ferreira (UERJ)
- ▶ Paulo Elias Allane Franchetti (UNICAMP)
- ▶ Peonia Viana Guedes (UERJ)
- ▶ Regina Zilberman (PUC – RS)
- ▶ Rita Terezinha Schmidt (UFRGS)
- ▶ Roberto Acízelo de Souza (UERJ)
- ▶ Rosemary Arrojo (UNICAMP)
- ▶ Severino J. Albuquerque (University of Wisconsin, Madison)
- ▶ Sybille Große (Universidade de Heidelberg)
- ▶ Telê Ancona Lopez (IEB – USP)
- ▶ Victor J. Mendes (University of Massachusetts, Dartmouth)



## Sumário

### Apresentação

- Variações e mudanças:** as línguas giram 223  
Maria Teresa Tedesco e Lurdes Moutinho

### Artigos — ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

---

- Percepção da variação sociolinguística:** a avaliação social da alternância entre o ditongo nasal átono final e vogal oral na variedade carioca 233  
Christina Abreu Gomes, Giselle Gaspar de Assis Silva
- Atitude linguística em relação ao falar de LGBTQIA+ na Paraíba** 249  
André Luiz Souza Silva
- Carioca fala bi[s]coito?:** um estudo de avaliação sobre as variantes alveolar e pós-alveolar na comunidade de fala do Rio de Janeiro 266  
Marcelo Alexandre Silva Lopes de Almeida, Renata de Mello Rodrigues
- Colocação pronominal em português:** uma proposta para um contínuo luso-afro-brasileiro 280  
Ana Regina Vaz Calindro, Matheus Gomes Alves, Adriana Leitão Martins
- Variação e mudança linguística na designação dos dedos da mão na fronteira hispano-portuguesa** 303  
Alberto Gómez Bautista
- Brasil-Portugal:** variação e mudança nas designações do pão nosso de cada dia 319  
Maria Helena Dias Rebelo



<b>É bicho ou é gente?:</b> o uso da zoonímia em nomes atribuídos à prostituta pelos sulistas segundo o Atlas Linguístico do Brasil	335
Júlia Vitória Mugartt Picolli, Daniela de Souza Silva Costa	

<b>Variación e influencia del español en el léxico disponible de la fala de Xálima:</b> el centro de interés <i>Partes del cuerpo</i>	350
Tamara Flores Pérez	

<b>The identity reflection of code-switching in <i>How to tame a wild tongue</i></b>	366
Mariana Gomes Barboza	

## ENTREVISTA

---

<b>Maria Teresa Tedesco e Lurdes Moutinho entrevistam Márcia dos Santos Machado Vieira</b>	380
Márcia dos Santos Machado Vieira, Maria Teresa Tedesco, Lurdes Moutinho	

## RESENHA

---

<b><i>Varição linguística na escola</i>, de Joyce Elaine de Almeida e Stella Maris Bortoni-Ricardo</b>	392
Alexandre do Amaral Ribeiro	

<b>Editoras e colaboradores</b>	398
---------------------------------	-----



## Variações e mudanças: as línguas giram

**P**artimos de pressuposto que, ao longo das últimas décadas, as pesquisas linguísticas vêm nos brindando com um imenso arcabouço teórico-metodológico que permite reflexões sobre as mais diversas questões relativas ao universo da língua(gem) no âmbito de sua estrutura, de seu uso e de sua relação com a sociedade. Por isso, é provável que muitos considerem que o tema deste Volume 31 de nossa *Matranga* seja recorrente na área dos estudos da linguagem. Consideramo-lo muito frequente nas pesquisas e nas revistas especializadas. Necessário, porém!

Num mundo de diferenças, nunca é demais voltar a afirmar que a diversidade linguística é um fato incontestável, pois as línguas naturais apresentam um dinamismo inerente, assumindo-se heterogêneas por natureza. É recorrente se encontrar mais de uma forma a um mesmo referente, tanto em nível do vocabulário quanto em nível morfosintático-semântico-pragmático e/ou da fonética-fonologia de uma língua.

A despeito de todas as pesquisas em nossa área da linguagem, vige, entretanto, concomitantemente, pensamento de que as línguas são homogêneas, de que as regras gramaticais são encaradas como permanentes, imutáveis, contabilizando-se, apenas, uma única possibilidade de utilização da língua. Como cientistas da linguagem, torna-se, pois, necessário, em pleno século XXI, despertar, mais uma vez, a sociedade para a variação constitutiva das línguas, a fim de refletir sobre o fenômeno da mudança linguística, em perspectiva de que a variação é a fonte de mudança.

Para tanto, inicialmente, retomamos Weinreich, Labov e Herzog (2006[1975]). Em seu clássico texto, os autores afirmam que estruturas heterogêneas são parte da competência linguística, ou seja, necessárias para o funcionamento real de qualquer língua, tendo o indivíduo capacidade para codificar e para decodificar essa heterogeneidade. Constitui-se em premissa para os variacionistas que a variação e a mudança são inerentes às línguas. A variação é vista como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos, e não é assistemática, não acontece ao acaso. Dessa forma, o caráter dinâmico da língua é reconhecido como um reflexo da movimentação da organização social. Labov (2008 [1972]) afirma que “devemos determinar qual estrutura social corresponde à dada estrutura linguística e como mudanças na estrutura social se traduzem em mudanças na estrutura linguística.”



Considerando os princípios acima, é preciso que se entenda que palavras ou construções em variação, obviamente, não comprometem o mútuo entendimento dos falantes. Na verdade, constituem-se em potencial riqueza de significado social, à medida que, também, têm o poder de comunicar a nossos interlocutores muito mais que a representação do que dizemos. Mais do que isso, revelam quem somos, dando pistas daqueles que ouvem e daqueles que falam no processo de interação, podendo desvendar nossa procedência, nossa inserção (ou não) na(s) cultura(s) de letramento(s) de nossa sociedade, nossa geração, nossa identificação com grupos sociais e/ou comunidades de fala, dentre tantas outras informações importantes, expressas pela forma de dizer que conscientes ou inconscientes adotamos. A nosso ver, trata-se de uma tomada de consciência fundamental para ser apreendida por todos os falantes da língua, sobretudo aqueles que não pesquisam sobre a língua, para que entendam que não a estamos maculando quando são utilizadas formas diferentes de dizer, especialmente aquelas que são fruto das diversidades, mas também das diferenças sociais de um país de dimensões continentais, como o Brasil. Trata-se de pontos essenciais que traduzem a relação língua/ variação que o pesquisador adota, ao trabalhar com dados reais, de falantes reais, em uma comunidade real.

Dessa forma, investigar sobre os mecanismos que regulam a variação, de que forma essa dada variação interage com os outros elementos do sistema linguístico, bem como em que espaço social ocorre e como pode levar à mudança linguística é o fazer do sociolinguista. No dizer de Mollica (2008, p. 11), "cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático".

Ao estabelecer estreita relação entre estrutura linguística e estrutura social, Labov reconhece que há julgamentos sociais conscientes e inconscientes sobre a língua. Considerando o nível de consciência que o falante tem sobre determinada variável, o autor distingue três tipos de elementos, a saber: os estereótipos, os marcadores e os indicadores. O primeiro se constitui em traços socialmente marcados de forma consciente. Alguns estereótipos podem ser estigmatizados socialmente, o que pode conduzir à mudança linguística rápida e à extinção da forma estigmatizada. Há estereótipos, no entanto, que podem gozar de prestígio que varia de grupo para grupo, podendo ser positivo para alguns e negativo para outros. Um exemplo no português do Brasil é a substituição do /l/ pelo /r/, a exemplo de *pobrema*. Os marcadores, por seu turno, são traços linguísticos social e estilisticamente estratificados, que podem ser diagnosticados em certos testes de atitude/ avaliação, embora o julgamento social seja inconsciente. É fato que, apesar de os falantes identificarem certos usos como "feios" ou "errados", isso não significa que não façam uso deles, pois o fazem, inconscientemente. Por fim, os indicadores são traços socialmente estratificados, sem força avaliativa, com julgamentos sociais inconscientes, a exemplo da monotongação dos ditongos, como em *couve/cove*, utilizada por diferentes falantes, de estratos sociais diversos, que não geram, especificamente, um juízo de valor ou rejeição do modo de falar do enunciador.

Não obstante o exposto acima, os autores, também, apresentam os desafios relacionados ao estudo de um fenômeno de mudança. Trata-se de cinco empecimentos, a saber: a) de restrições; b) de transição; c) de encaixamento; d) da avaliação; e) da implementação.

Primeiramente, o pesquisador há de ter a preocupação de definir quais as condições que favorecem as mudanças ou as restringem. Trata-se, portanto, de identificação dos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a mudança linguística. Desse modo, é necessário ter conhecimento das variantes e dos contextos favoráveis ou não, pois só assim é possível “explorar as armas e avaliar os contextos mais favoráveis de uma e a vitória de outra” (TARALLO, 2007, p. 33).

O espectro da transição envolve a análise das etapas pelas quais a língua atravessa até a sua efetiva transformação. Por isso, é preciso refletir sobre o surgimento de uma forma alternativa em relação a outra forma, sobre a entrada daquela forma no sistema da língua e sobre o começo de uma competição com as demais variantes de uma variável determinada, assim como a existência (ou não) de um momento do desuso de uma das formas, efetivando-se, pois, a mudança (MOURA, 2013, p. 26).

Weireich, Labov e Herzog (2006 [1975]) postulam que a mudança linguística ocorrerá pela alteração das variáveis dentro do sistema, e não em um movimento de um sistema inteiro. Assim, no que se refere ao espectro encaixamento na matriz linguística, a variável é um elemento estrutural, que parte da competência linguística dos membros de uma comunidade de fala. De outro lado, no que tange ao encaixamento na matriz social, as variações social e geográfica são intrínsecas à estrutura da língua, cabendo, assim, ao pesquisador examinar o grau de correlação entre o social e a mudança que influencia a organização do sistema (MOURA, 2013).

O espectro da avaliação, como já dito anteriormente, corresponde à apreciação do falante acerca da mudança linguística e de suas consequências na sua estrutura, ou seja, os membros de uma comunidade de fala apresentam julgamentos sobre a variável que está sendo analisada e essa avaliação afeta a mudança, pois “o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística” (WEIREICH, LABOV & HERZOG (2006 [1975]), p. 124). De acordo com Freitag e Santos (2010), o pesquisador deve se preocupar com as seguintes questões:

Como os membros de uma comunidade de fala avaliam uma mudança particular? Avaliações negativas podem afetar o curso da mudança? Ela pode ser detida ou revertida como consequência do estigma social? O nível de consciência dos membros da comunidade de fala é uma característica essencial da mudança linguística e deve ser considerado na análise (FREITAG & SANTOS, 2010, p. 48).

Por fim, o espectro da implementação procura compreender como uma mudança se institui, se forja no sistema e por que a implementação ocorreu em um dado momento e não em outro. Para explicar tais ocorrências, é necessário refletir por que as línguas mudam e como as pessoas continuam a falar enquanto dada língua muda.

De acordo com Tarallo (2007, p. 84), “uma teoria geral da mudança linguística, para ser suficiente deverá dar conta das condições que determinam o início, a velocidade, a direção, a propagação e o término da mudança”. Acrescentamos, também, a essa gradação a possibilidade da estabilização da mudança.

Detivemo-nos até aqui sobre o arcabouço teórico importante que fundamenta os estudos sociolinguísticos e que ratifica um conceito de língua em perspectiva diversa da que o estruturalismo fez. Ao apresentar o embasamento teórico, trouxemos algumas exemplificações do Portu-

guês do Brasil. Não podemos esquecer, no entanto, das diferenças entre o português brasileiro e o português europeu, que se constituem em exemplos de variação e de mudança.

Logo, o fenômeno da variação está dentro de uma dada língua natural, sem dúvida, mas também se estende a outra língua, exatamente como no nosso caso de falantes de Língua Portuguesa. O que sabemos, como estudiosos da língua, é que, desde a “transferência” da língua portuguesa para o Brasil, mudou o português falado no Brasil e mudou o português falado em Portugal. Como sabemos, as variedades do português faladas em Portugal e no Brasil são inúmeras. De acordo com Gorski (2009), a palatalização do /t/ e do /d/ antes de /i/ tônico e átono e a semivocalização do /l/ final de sílaba e de palavra é um ótimo exemplo. A autora, ainda, acrescenta:

enquanto em Portugal se preserva a não palatalização, como em T[S]io e d[Z]iretor, e a velarização do /l/ final, como em anima[l] e so[l]dado, no Brasil, um padrão diferente na grande maioria das regiões se apresenta, com palatalização do /t/ e /d/, como em [tʃ]io e [dʒ]iretor, e com semivocalização do /l/, como em anima[w] e so[w]dado (p. 76).

Além desse fato fonético marcante, pode-se indicar diferenças notáveis tanto no campo morfológico quanto no sintático, ainda que não façamos uma descrição exaustiva. No português de Portugal, encontramos construções aspectuais, como “estava a brincar”, bem como o uso frequente de pronomes clíticos, como em “Eu vi-o na rua”, o que exemplifica o tão conhecido uso do pronome, colocado, predominantemente, em ênclise, marcando uma variante morfossintática imensa entre esses dois falares, o que nos faz ser muito diferentes de nossos coirmãos, além de marcar, em gramáticas normativas, um capítulo distante do que “aprendemos na escola” e o que se fala no dia a dia dessa comunidade de falantes brasileiros.

Portanto, a nosso ver, ao falar de variação e de mudança não podemos deixar de estudar a origem destes diferentes falares, pesquisá-la para entendê-los. Entramos, por conseguinte, em uma grande seara. Se temos tantas influências, se adotamos a língua dos portugueses, o que se pode pensar das tantas línguas existentes no Brasil, faladas pelos povos originários? Como ignorar a influência da fala dos escravizados que chegaram em grande número e, por tanto tempo, no Brasil? Quantas línguas! Quantos falares nos influencia(ra)m! Quais as diferenças que caracterizam cada comunidade de fala da língua portuguesa, considerando os nove países que têm a nossa língua como idioma oficial?

Estamos em uníssono com o convite de Callou e Lopes (2016) que propõem repensar “o nosso código gramatical e atualizá-lo, em consequência de existência de um abismo, mais ou menos profundo, entre a norma idealizada e as normas efetivamente praticadas, mesmo pelos falantes mais escolarizados.” Há muito o que fazer na área, ainda, considerando a multiplicidade existente, a pluralidade linguística em que vivemos neste país, repetimos, de dimensões continentais.

Enquanto não aceitamos, de forma plena, o convite que nos é feito pelas referidas autoras, temos de intentar duas questões consequentes a esse fenômeno inerente à língua. Um deles diz respeito ao preconceito que as variações e as mudanças geram; o outro está centrado na preocupação de um ensino básico, voltado para a conscientização dos estudantes quanto às possibilida-

des de variação e de mudança, o que implica, necessariamente, em mudança no entendimento do que é a língua que vige nos *curricula* das escolas básicas.

Embora não se constitua em objetivo para este volume, trata-se de dois temas que exigem dos pesquisadores um olhar cuidadoso. O primeiro, amplamente discutido, como se sabe, resulta da comparação indevida entre o modelo idealizado de língua que se apresenta nas gramáticas normativas e os modos de falar reais das pessoas que vivem na sociedade, modos de falar que são muitos e bem diferentes entre si. Sabemos que esse preconceito se constitui em um, dentre tantos existentes na sociedade. No caso, esse preconceito está muito ligado, especialmente, no Brasil, à relação classe social/ oportunidades de estudo, o que se constitui em uma grande discriminação na sociedade brasileira, por vezes, diferente da sociedade portuguesa. Portanto, é premente a necessidade de aceitarmos o convite feito por Callou e por Lopes.

O outro tema diz respeito à inquietação daqueles que visam à aplicação dos estudos e das pesquisas na área da linguística na escola básica, em favor de uma educação linguística. Bortoni cunha o termo *sociolinguística educacional*. Para a autora, em uníssono com tantos estudiosos, é essencial que os professores adotem uma nova postura em relação ao ensino, que não apenas respeite a linguagem que os alunos trazem consigo de casa, mas também que esse ensino promova a reflexão sobre o próprio uso da língua, sem qualquer forma de discriminação. O objetivo deve ser ampliar o repertório linguístico de cada estudante, sem querer alterar a variedade de língua trazida pelo(a) estudante, a fim de capacitá-lo(la) a utilizar a linguagem de maneira apropriada. Logo, o desenvolvimento da competência comunicativa é essencial para que o aluno possa monitorar seu próprio estilo linguístico e adaptá-lo conforme necessário (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 73).

Para tanto, é crucial que os docentes tenham acesso a uma reorientação e uma atualização sociolinguística, já que desempenham um papel fundamental na condução de uma educação produtiva e inclusiva. Acreditamos que esta seja uma das funções deste volume. Não estamos atreladas, neste momento, ao fazer da sala de aula. Os nove artigos que compõem esta edição da Revista *Matraga* contemplam, dentro de uma perspectiva atualizadora e crítica, reflexões sobre as inter-relações existentes entre língua e sociedade, a saber: a sociedade brasileira, a portuguesa, a hispânica, a angolana, sempre tendo como ponto em comum os fatos linguísticos concernentes à nossa Língua Portuguesa. Além dessas inter-relações, os artigos que compõem esse número se debruçam sobre a discussão acerca do fenômeno da mudança linguística em diferentes sociedades que utilizam a língua portuguesa seja como língua primeira, seja como língua de herança; análise da diversidade translínguística e transcultural; revisitações de diferentes gramáticas na perspectiva da mudança e da variação; estudos de variação e de mudança de línguas em diferentes gêneros; estudos sincrônicos e diacrônicos da língua portuguesa; influências de diferentes fatores na constituição da língua portuguesa.

Reconhecendo a perspectiva laboviana da existência de julgamentos sociais conscientes e inconscientes sobre a língua, os três primeiros artigos tratam dessa vertente da teoria. O primeiro, de autoria de Christina Abreu Gomes e Giselle Gaspar de Assis Silva, intitulado “Percepção da variação sociolinguística: a avaliação social da alternância entre o ditongo nasal



átone final e a vogal oral na variedade carioca”, centra-se na dinâmica da variação linguística na comunidade de fala do Rio de Janeiro, focalizando a avaliação das variantes da alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral. Os resultados da pesquisa mostram que a variante vogal oral não indexa *status* socioeconômico baixo na variedade carioca, o que confirma o caráter de marcador linguístico da variável, ou seja, a despeito do fato de os falantes identificarem certos usos da língua portuguesa, “inadequados” no falar carioca, não significa dizer que não façam uso deles. Trata-se, portanto, de uma pesquisa concernente à atitude dos falantes frente a possibilidades fonológicas.

O segundo artigo, de autoria de André Luiz Souza e Silva, aborda a questão linguística que vem tomando maior fôlego na sociedade do século XXI, a saber: a aceitação da população LGBTQIA+. Trata-se de uma comunidade de fala com desafios diários, relativos a seus direitos básicos, bem como ao respeito que sociedade deve ter por eles. As pessoas LGBTQIA+ ainda têm um longo caminho a percorrer, o que tange a uma vida mais justa, igualitária e sem preconceitos, inclusive o preconceito linguístico. O artigo intitulado “Atitude linguística em relação ao falar de LGBTQIA+” visa à análise de atitudes linguísticas de sujeitos LGBTQIA+ e Não LGBTQIA+ em relação ao falar de pessoas de identidades sexuais e de gêneros diferentes. Para tanto, (re)inova em dois aspectos: o primeiro, ao ampliar a concepção binária do fator extralinguístico gênero nas pesquisas em variação; a segunda, tão importante quanto à primeira, é a mobilização de conhecimentos sobre atitude e sobre identidades linguísticas aplicadas ao gênero e à sexualidade, enfrentando um terreno de pesquisa que merece ser estudado. Ao comparar atitudes linguísticas entre dois grupos sociais distintos, permite que o leitor não só tome consciência, de fato, do pensamento linguístico vigente, mas também consiga avaliar o envolvimento social maior ou menor com este grupo, perspectiva contumaz na teoria laboviana.

O falar do Rio de Janeiro continua sendo o foco, numa perspectiva sincrônica, no artigo intitulado, de forma muito original, pelos autores Marcelo de Almeida e Renata Rodrigues, “Carioca fala bi[s]coito?": um estudo de avaliação sobre as variantes alveolar e pós-alveolar na comunidade de fala do Rio de Janeiro”. Tratam das variantes fricativa pós-alveolar, fricativa alveolar, fricativa velar/glotal e ausência da coda, para verificar em que medida há a tendência a se associar cada variante a um determinado perfil social, a fim de relacionar o valor social dessas e seus condicionamentos estruturais e como essa relação afeta a percepção. Os resultados são muito interessantes, o que faz valer a leitura dos textos.

Sáimos de pesquisas mais específicas para um estudo mais abrangente – e por que não dizer inovador? –, acerca da colocação pronominal do Português, o que permite o leitor revisitar diferentes gramáticas na perspectiva da mudança e da variação. Ana Calindro, Matheus Alves e Adriana Martins, a partir de suas pesquisas, fazem uma proposta de um *continuum* luso-afro-brasileiro, trazendo não só o escopo recorrente Brasil-Portugal, mas ampliando-o para outras comunidades de fala de Língua Portuguesa em terras do continente africano. Em artigo intitulado, “Colocação pronominal em português: uma proposta para um contínuo luso-afro-brasileiro”, apresentam uma pesquisa comparativa, trazendo interpretação e sugestão de que um contínuo sintático poderia ser reforçado por fatores como a aquisição da língua como L1 e a presença de outros idiomas no contexto dos países africanos, permitindo uma transmissão

linguística, influenciada por diversos fatores transculturais, com características de aprendizado de L2 para outras gerações.

Adentramos, com Alberto Bautista, as fronteiras hispano-portuguesa, o que enseja a oportunidade de discussão sobre o fenômeno da mudança linguística em diferentes línguas. Nesse quinto artigo, trata-se da mudança linguística relacionada com os nomes dos dedos da mão, nas seguintes comunidades de fala: galego, castelhano, português, barranquenho, mirandês e leonês. Há, portanto, ampliação do espectro diatópico da variação, trazendo a identidade e a cultura dessas comunidades, auxiliando o leitor no reconhecimento das características linguísticas de falantes em línguas de contato, fazendo-nos verificar como nossas culturas estão tão interligadas. Para mais, “Variação e mudança linguística na designação dos dedos da mão na fronteira hispano-portuguesa” remete-nos à época de crianças e de nossas brincadeiras de “fura bolo-mata piolho”. O autor ousa, ao afirmar que “uma possível explicação para tamanha incidência de lexias para a mesma forma prende-se [...] com o facto de as áreas de fronteira serem mais conservadoras e, por conseguinte, menos permeáveis à adoção das novidades linguísticas e do modelo de língua irradiado nas grandes urbes.”

Em uníssono com a ideia de que “Um bom dia começa em uma padaria”, a autora Maria Helena Rebelo traz o pão de cada dia à mesa da variação, quando leva o leitor a refletir sobre as inter-relações existentes entre língua, sociedade e cultura, a partir das designações hiponímicas do hiperônimo “pão”, ao comparar, considerando variação e mudança linguística nos dois países, Brasil e Portugal. Para tanto, a autora coleta dados recentes, ao se propor fazê-lo nos meios digitais. Uma das afirmações da autora que merece destaque é a seguinte: “Saber distinguir o pão do Brasil do pão de Portugal é reconhecer que a identidade social e a cultural dos povos ganha especificidades, mesmo quando partilham uma língua.” No sentido laboviano, a autora apresenta o elenco de formas alternantes do referente em estudo. Em ambos os artigos, tem-se a oportunidade de discutir sobre o fenômeno da mudança linguística em diferentes línguas.

Em “É bicho ou é gente? O uso da zoonímia nos nomes atribuídos à prostituta pelos sulistas”, segundo o *Atlas Linguístico do Brasil*, as autoras Júlia Vitória Mugartt Picolli e Daniela de Souza Silva Costa buscam compreender a polissemia dos nomes nos falares da população sulista do Brasil, representadas por diferentes lexias ao referente prostituta. A análise envidada evidencia a existência de diferentes lexemas utilizados para nomear essa profissional, muitos dos quais estão enraizados na cultura e na história local, demonstrando, ainda, como os estereótipos culturais podem influenciar na escolha de determinados designativos, o que leva o leitor à reflexão sobre as inter-relações existentes entre língua e sociedade.

O oitavo artigo intitulado “*Variación e influencia del español en el léxico disponible de la fala de Xálima: el centro de interés Partes del cuerpo*”, da autora Tamara Flores, revisita diferentes gramáticas na perspectiva da mudança e da variação, discutindo a relação de contato e de influência entre o português e o castelhano. O texto propicia aos leitores fazerem um sobrevoos no Vale de Xálima (Cáceres), onde são faladas três variedades: o *manhego* em São Martinho de Trebelho; o *lagarteiro* em As Elhas; o *valverdeiro*, em Valverde do Fresno, de uma língua pertencente à família do galego-português e conhecida como fala de Xálima, valego ou xalimego. Trata-se de uma pesquisa de grande contribuição, já que ampliar a descrição do léxico da fala é abordagem



temática pouco explorada na literatura especializada, visto haver pesquisas centradas sobretudo nas origens e na evolução das línguas locais, bem como nas descrições fonéticas e morfológicas dessas mesmas línguas. Os resultados da pesquisa, ainda que parciais, no dizer da autora, revelam a influência dos meios de comunicação, bem como os níveis de escolaridade e de idade na variação e na mudança das línguas em estudo.

“*The identity reflection of code-switching in How to tame a wild tongue*” propõe uma estreita relação entre estudos sociolinguísticos e literatura, ao se debruçar em pesquisa de cunho bibliográfico, com o objetivo de analisar o *code-switching*, uso alternado de dois ou mais códigos por indivíduos bilíngues numa mesma interação discursiva. Para tanto, a autora Mariana Barboza debruça-se sobre um capítulo de *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, obra de Gloria Evangelina Anzaldúa (1942-2004), escritora que se destaca nos estudos filosóficos, pois, perpassando as linhas da poesia, da literatura, da narrativa, da teoria e da auto-história, visita os espaços fronteiriços do nascimento de uma nova cultura que representa a população da fronteira e que abriga a identidade da “*New Mestiza*”. Em *Bordeland*, a autora convida o leitor a experimentar a linguagem fronteiriça, aquela que reflete seus antepassados e o seu presente e que atualmente representa a sobrevivência na fronteira. De acordo com o *site* da UNICAMP, *Mulheres na Filosofia*,

do “bilinguismo”, “multilinguismo”, ou seja, a intersecção de línguas que se fundem em uma só como a mescla do espanhol com inglês, o Tex-MEX, o Pachuco, as gírias, emerge “um modo de viver”, um viver-entre-línguas (Anzaldúa, 1987).” Só assim é que se pode adentrar no espaço de *mestiza* e conhecê-la da forma como Anzaldúa desejaria que a conhecêssemos.

Em seus estudos sociolinguísticos, Barboza corrobora que Anzaldúa utiliza a troca de códigos como meio de comunicação com os seus leitores, mas, principalmente, como ferramenta para refletir a sua identidade. Remonta, nesse sentido, a Hall (2015), que afirma que as identidades não são estáticas, mas evoluem constantemente e transcendem o tempo e o espaço. Ora, se a língua é a identidade de um povo, de uma comunidade de fala, se as línguas variam, *The new Mestiza* mostra o espaço híbrido da fronteira que tenta se afastar das barreiras de uma geografia política colonial, demonstrando que somente com a consciência linguística poder-se-á conquistar a real construção de identidade(s).

Duas são as seções finais desta edição, apresentando dois gêneros discursivos, além dos artigos científicos: a entrevista e a resenha.

Propusemos a entrevista a uma eminente sociolinguista, Professora Dra. Márcia dos Santos Machado Vieira, Professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ, pesquisadora do CNPq. Além de ministrar aulas, a pesquisadora integra, desde 2014, a coordenação do Eixo 1 do GT de Sociolinguística da ANPOLL (Variação e Mudança Linguísticas). Coordena esse GT desde 2018, além da Comissão Científica da Área de Sociolinguística da ABRALIN, desde 2020. Também atua como Presidente do Fórum Internacional em Sociolinguística desde 2018. A entrevistada nos agracia com questionamentos sobre o entendimento de que o Brasil é um país monolíngue, perpassando por discussão sobre o termo “racismo linguístico” e, por

fim, nos envolvendo, ao demonstrar como se podem incorporar os conhecimentos e as práticas linguísticas, considerando os pressupostos da Sociolinguística.

Este volume se encerra com a resenha produzida pelo professor Dr. Alexandre do Amaral Ribeiro, que se debruça sobre a obra recente de Joyce Elaine de Almeida e Stella Maris Bortoni-Ricardo, *Variação linguística na escola*, publicada pela editora paulista, Contexto, em 2023. Em sua resenha descritiva, Amaral Ribeiro põe luz em dois procedimentos abordados na obra recentemente publicada: o primeiro está centrado no estudante da escola básica, com a ideia de que é primordial que esse compreenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humanas e que se constitui em identidade dos sujeitos, a exemplo do que as pesquisas veiculadas nos artigos deste volume mostram, seja no falar do carioca, do nordestino, do sulista, de Brasil, de Portugal, dos países de África ou nas fronteiras. O segundo está centrado no(a) professor(a). A ele/ela se deve dar pleno acesso às pesquisas da área, para que esteja preparado(a) para tratar da heterogeneidade da língua, sobre as variações da língua portuguesa, ao conhecer seus norteadores de funcionamento, suas similaridades e diferenças.

Ao findarmos a organização deste volume, queremos-nos congratular com todos os autores que submeteram suas pesquisas a essa chamada. Todos os artigos são de grande valia para os estudos da variação das línguas. Aos que aqui estão reunidos, entregamo-los aos leitores como convite para reflexões sobre línguas, sobre identidades, sobre culturas, sobre falantes, sobre cidadania.

Esperamos, por fim, que este conjunto complexo, composto pelos artigos, pela entrevista e pela resenha desta edição da Revista *Matraga*, seja amplamente divulgado, para que chegue aos leitores mais diversos e possa contribuir para os estudos em língua portuguesa e em outras línguas, que sempre giram em variações e em mudança, porque representam a vida.

*Maria Teresa Tedesco e Lurdes Moutinho*

## REFERÊNCIAS

- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: Uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- COELHO, I et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.
- CALLOU, D.; LOPES, C. R. Contribuições da Sociolinguística para o ensino e a pesquisa: A questão da variação e mudanças linguísticas. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 5, n. 1/2, p. 63-74, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9435>>. Acesso em: 02 abr. 2024.
- FREITAG, R. M.; LIMA, G. O. S. **Sociolinguística**. CESAD-Centro de Educação Superior a Distância. São Cristóvão/SE. 2010.
- Gloria Anzaldúa - **Mulheres na Filosofia** - Blogs de ciência da Unicamp. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/filosofas/gloria-anzaldua/>>. Acesso em: 10 de abril de 2024.



GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Working paper em linguística**, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno. Maria Martha Pereira Scherre. Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOURA, K. K. **A implementação do *você* em cartas pessoais norte-riograndenses do século XX**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1975].



# Percepção da variação sociolinguística: a avaliação social da alternância entre o ditongo nasal átono final e vogal oral na variedade carioca

**Christina Abreu Gomes**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0358-2029>

E-mail: [christinagomes@letras.ufrj.br](mailto:christinagomes@letras.ufrj.br)

**Giselle Gaspar de Assis Silva**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0155-2362>

E-mail: [gisellegaspar@letras.ufrj.br](mailto:gisellegaspar@letras.ufrj.br)

## RESUMO

Uma das questões do estudo da variação e da mudança linguística diz respeito à avaliação social das variantes. Este artigo discorre sobre a dinâmica da variação linguística na comunidade de fala do Rio de Janeiro, focalizando a avaliação das variantes da alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral. A avaliação social das variantes foi acessada por meio de experimento que utiliza a técnica *matched-guise*. O experimento envolveu a apresentação de estímulos orais aos participantes, isto é, sentenças veículo contendo item lexical com as variantes da variável em análise. A tarefa consistiu em associar o estímulo ouvido a uma das duas fotos apresentadas, caracterizando o falante da sentença em função de *status* socioeconômico. Nenhum participante ouviu o mesmo item lexical com as duas variantes. Além disso, o sexo do falante foi uma condição *between-subjects*. Os objetivos do experimento foram verificar em que medida há a tendência a se associar cada variante a um determinado perfil social, para acessar o valor social das variantes, e se condicionamentos estruturais afetam a percepção. O experimento foi aplicado a vinte e três participantes e as respostas foram submetidas a tratamento estatístico, usando modelos mistos. Os resultados mostraram que a variante vogal oral não indexa *status* socioeconômico baixo na variedade carioca, o que confirma o caráter de marcador linguístico da variável em questão. Foi também observado efeito de condicionamentos linguísticos no limite da significância na percepção das variantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística Experimental; Percepção; Avaliação Social; Variação sonora; Ditongo nasal.



## Perception of sociolinguistic variation: the social evaluation of the alternation between the final unstressed nasal diphthong and oral vowel in the Carioca variety

### ABSTRACT

One of the issues in the study of linguistic variation and change concerns the social evaluation of variants. This article focuses on the dynamics of linguistic variation in the speech community of Rio de Janeiro, focusing on the evaluation of variants of the alternation between the final unstressed nasal diphthong and the oral vowel. The social evaluation of the variants was accessed through an experiment using the matched-guise technique. The experiment involved presenting participants with oral stimuli, that is, vehicle sentences containing a lexical item with the variants of the variable. The task consisted in associating the stimulus heard with one of the two photos presented afterwards, characterizing the speaker of the sentence based on socioeconomic status. No participant heard the same lexical item with both variants. Furthermore, speaker's gender was a between-subjects condition. The objective of the experiment was to verify to what extent there is a tendency to associate each variant with a certain social profile to access the social value of the variants and whether structural conditioning affects perception. The experiment was applied to twenty-three participants and the responses were subjected to statistical treatment using mixed models. The results showed that the oral vowel variant does not index low socioeconomic status in the carioca variety, which confirms the linguistic marker nature of the variable in question. It was also observed an effect of linguistic conditioning on the limit of significance.

**KEYWORDS:** Experimental Sociolinguistics; Perception; Social evaluation; Sound variation; Nasal diphthong.

## 1. Introdução

Uma das questões do estudo da variação e da mudança linguística diz respeito à avaliação social da mudança. De acordo com o texto seminal de Weinreich, Labov e Herzog (1968), a abordagem da mudança linguística em curso precisa considerar como as variantes de uma variável são avaliadas, isto é, é necessário situar os valores sociais atribuídos às variantes em função da estrutura social da variedade estudada e suas consequências em relação à dinâmica da variação seja na situação de mudança em progresso, ou de variação estável.

Este artigo apresenta um estudo voltado para a dinâmica da variação linguística na comunidade de fala do Rio de Janeiro, focalizando a percepção e a avaliação das variantes da alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral, como em *passagem* ~ *passagi* e *órfão* ~ *orfu*, por falantes da variedade carioca. A pesquisa voltada para a percepção da variação se beneficia se puder se basear em resultados de estudos com dados de produção sobre a(s) variável(is) a ser(em) estudada(s), já que o conhecimento sobre a variável serve como ponto de partida para o estabelecimento de questões de trabalho, hipóteses e *design* experimental (DRAGER, 2014). Especificamente sobre a comunidade de fala do Rio de Janeiro, há um conjunto considerável de estudos sobre essa alternância que permitem identificar se trata-se de mudança em progresso ou variação estável, bem como os condicionamentos linguísticos e condicionamentos sociais da variação.

Percepção da variação se circunscreve à mesma delimitação de percepção linguística, isto é, diz respeito à capacidade cognitiva de identificação de formas linguísticas pelo falante/ouvinte e



como este as interpreta. Conforme Gomes e Silva (2023), o termo percepção da variação engloba avaliação e processamento, uma vez que a variação sociolinguística integra o conhecimento linguístico dos falantes, e são, portanto, inerentes a este conhecimento os condicionamentos linguísticos, sociais e cognitivos, incluindo os valores sociais atribuídos às formas linguísticas, não havendo, portanto, necessidade de se estabelecerem rótulos diferentes a cada um desses aspectos, gerando delimitações conceituais desnecessárias entre percepção e avaliação, por exemplo. No caso da avaliação social, se o valor social da variante é acessado de forma indireta ou direta pelo pesquisador, é uma questão da metodologia utilizada. Assim, em consonância com o postulado da heterogeneidade estruturada do sistema linguístico, da competição de fatores linguísticos e sociais, da indissociabilidade entre língua e sociedade, adota-se a hipótese segundo a qual o processamento linguístico envolve o processamento das informações relacionadas à variação linguística (CONNINE et al., 2008; VAN BERKUM et al., 2008).

A avaliação social das variantes pode ser acessada em dados de produção através de variáveis sociais, como classe social, escolaridade, sexo/gênero dos falantes e estilo de fala, assim como também pode ser acessada por meio da metodologia experimental. A Sociolinguística Experimental é um campo que congrega sociolinguística, psicolinguística, percepção da fala e psicologia social, tendo o ouvinte como foco da observação. Trata-se de um campo de estudos da Sociolinguística com perguntas específicas: a) como percebemos e interpretamos a variação linguística? b) de que maneira a variação linguística está representada no conhecimento linguístico do falante? c) de que maneira as relações entre formas linguísticas e indexação social estão representadas, isto é, como integram o conhecimento linguístico do falante?; entre outras questões (GOMES e SILVA, 2023). Com relação aos valores sociais atribuídos às variantes, há duas direções principais dos estudos experimentais da sociolinguística, a saber: como as formas linguísticas afetam a percepção das informações sociais atribuídas aos falantes e como a informação social sobre o falante afeta o modo como a variação linguística é percebida (DRAGER, 2014). No estudo em questão, observou-se de que maneira as variantes ditongo nasal átono final e vogal oral da variável afetam a percepção das informações sociais atribuídas aos falantes. Portanto, observou-se de que maneira a forma afeta a percepção das características sociais dos falantes.

Este artigo se organiza da seguinte maneira: a seção 2 trata da variável linguística estudada, a alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral; na seção 3 são apresentados o *design* do experimento, questões e hipóteses de trabalho, participantes e aplicação do experimento; na seção 4, apresentação e discussão dos resultados, seguida das considerações finais.

## 2. A variação ente ditongo nasal átono final e vogal oral: revisão da literatura

Os primeiros estudos sobre a variação entre ditongo nasal em final de palavra e vogal oral, como em *órfão* ~ *órfu*, foram os de Votre (1978) e Guy (1981), com dados de falantes da cidade do Rio de Janeiro da Amostra MOBREAL (adultos em curso de alfabetização), sendo que o estudo de Guy incluiu também falantes de nível universitário. Os resultados obtidos no estudo de Votre indicaram se tratar de um processo de mudança no sentido da perda da nasali-



zação e redução do ditongo. O estudo de Guy, por outro lado, revelou um quadro de variação estável. A definição da variável, nos dois estudos, incluiu ditongos nasais finais tanto átonos quanto tônicos, respectivamente, como em *garagem*, *falaram* e *irmão*, *falarão*. Essa variável também foi estudada por Battisti (2002), Schwindt e Bopp da Silva (2012), Schwindt, Bopp da Silva e Quadros (2012) e De Bona (2018), utilizando dados dos três estados que compõem a Amostra VARSUL: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nesses estudos, a definição da variável excluiu os ditongos em sílaba tônica. Os trabalhos convergem em relação aos resultados dos condicionamentos estruturais da variação: há tendência de realização da vogal oral, quando a consoante anterior é nasal; o contexto seguinte é uma vogal, a vogal núcleo do ditongo é a vogal *e* e em nomes terminados em *-gem*. Também se observa tendência na realização da vogal em falantes menos escolarizados. Já em Gomes, Silva e Abreu (2022), com dados de falantes da variedade carioca com Ensino Fundamental e Ensino Médio da cidade do Rio de Janeiro, a variável incluiu apenas a alternância entre ditongos nasais átonos e vogal oral em que a nasalidade não tem valor morfológico. Foi encontrado o efeito relativo à distância do ditongo final ou vogal oral em relação à sílaba tônica seguinte: quanto maior a distância, maior a tendência de realização da vogal oral. Esse resultado indicou ser a realização da vogal oral favorecida em contexto prosódico fraco em função da distância maior da sílaba tônica do vocábulo seguinte. Também foi verificado o efeito do item lexical, isto é, há itens que tendem a ocorrer com a vogal oral, como *passagem* e *homem*, ao passo que *jardinagem* e *jovem* tendem a ocorrer com o ditongo. O estudo também mostrou que há mais ocorrência de vogal oral com falantes de baixa escolaridade, decrescendo sua realização conforme aumenta a escolaridade: Ensino Fundamental incompleto, 58%, peso relativo 0,720; Ensino Médio, 26%, peso relativo 0,163. O perfil de distribuição por faixa etária indicou se tratar de um processo de variação estável, conforme Guy (1981). Com relação a efeito de frequência de ocorrência do item lexical na realização da vogal oral, os resultados de De Bona (2018), com base em dados do Varsul, indicaram que a frequência lexical é relevante somente em nomes não terminados em *-gem*: quanto mais frequente o item, como *homem* e *ontem*, maior a probabilidade de realização da vogal oral.

Uma vez detectado o efeito de escolaridade na realização da variante oral, uma questão que se coloca diz respeito ao significado social desta variante variedade carioca. Gomes (2017) apresenta resultados relativos à avaliação social das duas variantes em questão em um estudo considerando o comportamento do falante em função do estilo de fala. O estudo constou de leitura de dois textos, reconto da leitura e leitura de lista de palavras com itens previamente selecionados em função da frequência de uso. Essa metodologia procura capturar o comportamento do falante em diferentes situações comunicativas que envolvem maior grau de formalidade. Os testes foram aplicados a 36 falantes da comunidade de fala de Nova Iguaçu, cidade situada na Baixada Fluminense, distante 34 km da cidade do Rio de Janeiro. Os 36 participantes foram estratificados em três faixas etárias: 15 a 18 anos, 19 a 29 anos e 30 a 45 anos, sendo 12 falantes em cada faixa, 6 homens e 6 mulheres, todos com Ensino Médio. A lista de palavras contou com 20 itens, sendo 10 +frequentes e 10 -frequentes. Parte desse conjunto foi utilizada na construção dos dois textos. A leitura da lista de palavras contou também com

mais 20 palavras distratoras. O procedimento consistiu na leitura de cada texto, seguido do reconto correspondente à situação lida e, por último, na leitura da lista de palavras. As palavras foram organizadas em ordem aleatória de maneira que nenhum sujeito leu as palavras na mesma ordem. Os resultados obtidos neste estudo mostraram que há estratificação por estilo de fala no condicionamento da vogal oral que alterna com ditongo nasal ou vogal nasalizada na seguinte direção: reconto > leitura de texto > leitura de lista de palavras. Não foi observado efeito da frequência dos itens lexicais.

### 3. Metodologia

O experimento para acessar o efeito de variáveis estruturais e os possíveis valores sociais associados ao ditongo nasal átono final e à vogal oral foi elaborado de acordo com a técnica de *matched-guise*. A técnica de *matched-guise* consiste na apresentação de estímulos orais, gravados com a mesma voz ou com vozes diferentes, com a finalidade de induzir o ouvinte a julgar formas linguísticas específicas, associando-as a determinados perfis sociais, induzidos experimentalmente (CAMPBELL-KIBLER, 2006), com o objetivo de acessar diferentes significados sociais das variantes. Conforme mencionado anteriormente, o *design* experimental se enquadra na direção mencionada em Drager (2014, p. 61): observar se as variantes influenciam a percepção da característica social atribuída ao falante do estímulo contém uma variante da variável em estudo. A tarefa consistiu, portanto, em indicar o falante do estímulo oral a partir de duas fotos de pessoas com perfis socioeconômicos diferentes apresentadas logo após o estímulo oral. Os perfis sociais das fotos foram checados previamente através de um questionário submetido a estudantes do curso de Letras e alunos do ensino médio de escola pública, com base na metodologia de Hay, Warren e Drager (2006). Essa checagem confirmou que as fotos eram correspondentes aos perfis sociais pretendidos, correspondentes a *status* socioeconômicos (SSE) distintos, ou seja, SSE alto e SSE baixo<sup>1</sup>. As fotos com homens e mulheres com *status* socioeconômico (SSE) alto e baixo foram elaboradas para a finalidade específica deste estudo. Foram recrutados universitários com idades entre 19 e 28 anos. Os voluntários assinaram um termo de cessão de imagem para os objetivos da pesquisa. Cada voluntário foi fotografado com indumentária caracterizando SSE alto e SSE baixo, para garantir que, de fato, o conjunto da composição de roupa, penteado, acessórios e local de habitação fosse indicativo de um determinado perfil socioeconômico. Os mesmos perfis socioeconômicos foram organizados com voluntários de diferentes grupos étnicos para representar a sociedade brasileira, evitando-se um experimento com fotos exclusivamente de pessoas brancas, o que provavelmente estaria em desacordo com a diversidade dos participantes que aceitaram realizar o experimento. O experimento integra o projeto “Organização Cognitiva da variação linguística: produção, percepção e avaliação social”, e foi aprovado pelo CEP-IESC/UFRJ, parecer nº. 3.099.714.

<sup>1</sup> Ver Gomes, Silva e Abreu (2022, p. 131-134), para uma descrição detalhada da checagem do perfil social das fotos.

O experimento foi montado através do *software* “Psychopy”, hospedado na Plataforma *Pavlovia*. Um total de 23 participantes responderam ao experimento, distribuídos da seguinte maneira: 10 responderam ao experimento com vozes masculinas e 13, com vozes femininas. Os participantes foram recrutados nos seguintes cursos de graduação da UFRJ: turmas de 2º período dos cursos de Letras e 3º e 8º períodos do curso de Arquitetura e Urbanismo. As respostas foram exportadas para planilhas de Excel. Informações sobre os participantes (nome, sexo, idade, bairro de moradia e e-mail) e confirmação de participação voluntária (TCLE) foram obtidas por meio de formulário Google. Somente após o preenchimento do formulário, o *link* para o experimento foi disponibilizado. A ordem de apresentação dos estímulos foi pseudoaleatória. Com exceção do penúltimo e do último, os estímulos foram ordenados de maneira que houvesse uma distratora entre cada estímulo-alvo. A ordem pseudoaleatória foi utilizada porque optou-se por alternar a ordem do perfil socioeconômico das fotos por estímulo, já que a resposta foi registrada apertando-se duas teclas no computador (E – foto esquerda e L – direita). O objetivo da ordem alternada dos perfis das fotos foi evitar automatizar a resposta para um determinado perfil com a mesma tecla, conforme exemplificado no Quadro 1.

**QUADRO 1.** Simulação da apresentação do estímulo oral seguido das fotos para resposta



Fonte: Produzido pelas autoras.

Portanto, uma vez que o Psychopy, ao aplicar a ordem aleatória dos estímulos, também apresentaria as fotos para escolha do perfil social de forma aleatória, optamos por controlar a ordem dos estímulos. Do contrário, seria impossível identificar as respostas dos participantes.

A fase experimental foi precedida das instruções relativas à tarefa do experimento, seguida de uma fase-treino com dois estímulos e de uma nova tela com as mesmas instruções apresentadas no início e sinalizando o início do experimento.

### 3.1. O experimento

Os estímulos, constituídos de frases veículo, contendo os itens lexicais relevantes para o estudo, foram construídos de acordo com duas condições: a) tipo de item: terminado em *-gem*, como *viagem*, e não terminado em *-gem*, como *ontem*, *órfão*; e b) frequência do item lexical,

conforme Plataforma ASPA/UFMG, um banco de dados do português brasileiro: [+frequente], [-frequente]. Essas duas condições foram consideradas como variáveis independentes da análise e foram escolhidas devido ao que se conhece sobre essa variável em estudos sobre a variedade carioca e de outras variedades do PB, conforme descrito na seção 2. A lista de palavras, de acordo com as duas condições, pode ser consultada no Anexo 1.

O experimento contou com 16 sentenças gravadas com o item relevante em duas versões, com a variante ditongo nasal e com a variante vogal oral, totalizando 32 estímulos que foram divididos em 2 listas. Assim, cada participante ouviu 16 estímulos-alvo e 14 distratoras, e não foi exposto ao mesmo item lexical produzido com as duas variantes. O sexo do falante do estímulo, homem ou mulher, foi uma condição *between-subjects*, isto é, cada participante ouviu as sentenças produzidas por falantes do mesmo sexo. Os Quadros 2 e 3 apresentam os estímulos divididos por lista com a indicação da variante e das duas condições dos estímulos, do tipo e da frequência do item. Além disso, também estão indicadas as diferentes vozes de cada estímulos. Todos os estímulos das duas listas foram gravados por 4 vozes diferentes de mulheres e 4 vozes diferentes de homens.

**QUADRO 2.** Estímulos do Experimento (Lista 1)

Condição	Falante
Ditongo oral + <i>-gem</i> +freq.	
Minha vizinha ganhou uma <b>viagem</b> para passear em Búzios.	Falante 1
Ainda não identificaram a <b>origem</b> do vazamento na rua.	Falante 2
Ditongo oral + <i>-gem</i> -freq.	
Muita chuva traz <b>friagem</b> mesmo nessa época do ano.	Falante 3
A <b>equipagem</b> do hospital é muito antiga.	Falante 4
Vogal oral + <i>-gem</i> +freq.	
Está previsto um novo aumento da <b>passagem</b> de ônibus.	Falante 1
Aquela <b>reportagem</b> trouxe uma nova esperança.	Falante 2
Vogal oral + <i>-gem</i> -freq.	
O fio de alta <b>voltagem</b> caiu com o vento forte.	Falante 3
Usaram <b>serragem</b> sobre o óleo que derramou na rua.	Falante 4
Ditongo oral - <i>-gem</i> +freq.	
Fui no mercado <b>ontem</b> e achei que os preços subiram muito.	Falante 1
Hoje vi um <b>homem</b> dirigindo uma moto sem capacete.	Falante 2
Ditongo oral - <i>-gem</i> -freq.	
Não é comum ter <b>sótão</b> nas casas brasileiras.	Falante 3
A descoberta da vacina da COVID-19 é uma <b>benção</b> para a humanidade.	Falante 4
Vogal oral - <i>-gem</i> +freq.	
O <b>jovem</b> de hoje em dia não se interessa por política.	Falante 1
Disseram que ia chegar uma <b>nuvem</b> de gafanhotos no Sul.	Falante 2
Vogal oral - <i>-gem</i> -freq.	
Tem muito filme de <b>lobisomem</b> hoje em dia na TV.	Falante 3
Minha filha tem alergia ao <b>pólen</b> das flores.	Falante 4

Fonte: Produzido pelas autoras.

QUADRO 3. Estímulos do Experimento (Lista 2)

Condição	Falante
Vogal oral + -gem +freq.	
Minha vizinha ganhou uma <b>viagem</b> para passear em Búzios.	Falante 1
Ainda não identificaram a <b>origem</b> do vazamento na rua.	Falante 2
Vogal oral + -gem -freq.	
Muita chuva traz <b>friagem</b> mesmo nessa época do ano.	Falante 3
A <b>equipagem</b> do hospital é muito antiga.	Falante 4
Ditongo oral + -gem +freq.	
Está previsto um novo aumento da <b>passagem</b> de ônibus	Falante 1
Aquela <b>reportagem</b> trouxe uma nova esperança	Falante 2
Ditongo oral + -gem -freq.	
O fio de alta <b>voltagem</b> caiu com o vento forte.	Falante 3
Usaram <b>serragem</b> sobre o óleo que derramou na rua.	Falante 4
Vogal oral - -gem +freq.	
Fui no mercado <b>ontem</b> e achei que os preços subiram muito.	Falante 1
Hoje vi um <b>homem</b> dirigindo uma moto sem capacete.	Falante 2
Vogal oral - -gem -freq.	
Não é comum ter <b>sótão</b> nas casas brasileiras.	Falante 3
A descoberta da vacina da COVID-19 é uma <b>benção</b> para a humanidade.	Falante 4
Ditongo oral - -gem +freq.	
O <b>jovem</b> de hoje em dia não se interessa por política.	Falante 1
Disseram que ia chegar uma <b>nuvem</b> de gafanhotos no Sul.	Falante 2
Ditongo oral - -gem -freq.	
Tem muito filme de <b>lobisomem</b> hoje em dia na TV.	Falante 3
Minha filha tem alergia ao <b>pólen</b> das flores.	Falante 4

Fonte: Produzido pelas autoras.

### 3.2. Variáveis e Hipóteses

Para a análise do comportamento dos participantes, foram consideradas duas variáveis dependentes, sendo elas a resposta do participante (escolha do perfil social do falante do estímulo) e o tempo de resposta. Tempo de resposta é uma variável que permite acessar o processamento do estímulo.

Nos estudos com dados de produção, há estratificação por escolaridade, já que se observa a tendência de ocorrer a vogal oral em falantes com nível mais baixo de escolaridade (GOMES et al., 2013) e em diferentes estilos de fala (GOMES, 2017). No entanto, a variante vogal não parece ser relacionada, pelos falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro, a um perfil macrosocial específico, apresentando características de ser um marcador linguístico, conforme Labov (1994). Assim, a expectativa é que não haja correlação clara entre SSE baixo e variante vogal. Da mesma forma, espera-se não haver diferenças significativas nos tempos de resposta na associação das duas variantes a um determinado SSE.

Na análise das respostas de cada variável dependente, parte-se da hipótese de que o valor social das variantes ditongo e vogal é compartilhado por falantes com escolaridade correspon-

dente a nível superior, que constitui o perfil dos participantes que responderam ao experimento. As condições de controle dos estímulos constituem as variáveis explicativas ou variáveis independentes (ou de efeito fixo): variante, tipo de item lexical: *-gem* x não *-gem*, frequência de ocorrência do item lexical (+/-frequente) e sexo do falante do estímulo. Como houve um número muito maior de participantes mulheres em comparação com os participantes homens, não foi possível observar o efeito desta variável. Todos os participantes eram alunos de cursos de graduação da UFRJ. Com relação às duas condições relacionadas a condicionamentos linguísticos identificados nos estudos mencionados anteriormente, tipo de item e frequência de ocorrência do item lexical, é objetivo verificar em que medida podem afetar a percepção das variantes. Na análise estatística de efeitos mistos, participante e estímulo foram as variáveis de efeito aleatório. As variáveis de efeito aleatório são aquelas relacionadas à especificidade da amostragem, indivíduos que participam do experimento e os estímulos utilizados. As variáveis independentes de efeito fixo se referem a parâmetros ou a características que podem ser testadas ou avaliadas em qualquer amostra. A tarefa de cada participante consistiu em associar o estímulo oral a uma das duas fotos apresentadas, representando dois perfis socioeconômicos distintos: alto e baixo.

#### 4. Resultados

Foram obtidas 384 respostas de todos os estímulos apresentados aos 23 participantes. A Tabela 1 apresenta a distribuição das respostas (escolha do *status* socioeconômico do falante do estímulo) em função das variantes (ditongo nasal ou vogal oral).

**TABELA 1.** Distribuição das respostas por variante

Variante	Resposta – Status SSE			
	Alto		Baixo	
	N	%	N	%
Ditongo	108	55	85	45
Vogal	85	45	106	55

Qui-quadrado = 4.5917, df = 1, p-valor = 0.03213

Fonte: Produzida pelas autoras.

O resultado mostra uma distribuição quase que no nível da chance, com valores em torno de 50%, sendo o percentual mais alto de atribuição da variante ditongo nasal ao SSE alto (55%) e o percentual mais alto de atribuição da variante vogal oral ao SSE baixo (55%). O p-valor do qui-quadrado, abaixo de 0,05, rejeita a hipótese nula, indicando que há relação entre as variáveis, isto é, há efeito da variante do estímulo na resposta. Esse resultado é diferente da hipótese inicial de trabalho. Como os percentuais não são acentuadamente distantes de 50%, os dados foram submetidos à regressão logística no modelo misto para variáveis discretas (Pacote R na Plataforma *Jamovi*), que avalia a influência das variáveis explicativas de efeito fixo, considerando as variáveis de efeito aleatório (participante e item lexical) para variáveis dependentes discretas

(escolha do SSE). O resultado não indicou efeito das variáveis explicativas para nenhum grupo de fator e nenhuma interação entre fatores, exceto a interação entre tipo e frequência, que não inclui a variante do estímulo, cujo p-valor ficou no limite do intervalo de confiança (0.05). A Tabela 2 apresenta os resultados da regressão logística.

**TABELA 2.** Significância dos grupos de fatores: regressão logística modelo misto

	X <sup>2</sup>	df	P
Variante	0.7752	1.00	0.379
Tipo	0.0345	1.00	0.853
Frequência	0.0333	1.00	0.855
Sexo- Falante	1.0256	1.00	0.311
variante * Tipo	1.7536	1.00	0.185
variante * Frequência	3.4137	1.00	0.065
Tipo * Frequência	3.8303	1.00	0.050
variante * Sexo- Falante	2.3742	1.00	0.123
Tipo * Sexo- Falante	0.1636	1.00	0.686
Frequência * Sexo- Falante	2.3697	1.00	0.124
variante * Tipo * Frequência	0.3891	1.00	0.533
variante * Tipo * Sexo- Falante	0.0202	1.00	0.887
variante * Frequência * Sexo- Falante	0.1696	1.00	0.680
Tipo * Frequência * Sexo- Falante	0.5011	1.00	0.479
variante * Tipo * Frequência * Sexo- Falante	0.7201	1.00	0.396

Fonte: Produzida pelas autoras.

A regressão logística confirmou não haver relação entre a resposta, escolha do SSE do falante do estímulo sugerido pelas fotos, e as variáveis explicativas, não havendo, portanto, efeito da variante do estímulo, tipo e da frequência de ocorrência do item e sexo do falante. Também não houve interação entre a variante do estímulo e as demais variáveis explicativas. No entanto, em relação à escolha da foto (resposta), foi observada interação entre tipo de palavra (terminada em *-gem* x não *-gem*) e frequência de ocorrência da palavra (+frequente/-frequente), com a significância no limite do intervalo de segurança (95%), p-valor de 0.05, na escolha do perfil SSE, conforme pode ser observado na Tabela 3.

**TABELA 3.** Distribuição das respostas por cruzamento de tipo e frequência do item lexical

Resposta	Tipo	Frequência de ocorrência do item			
		Alta		Baixa	
		N	%	N	%
SSE alto	<i>-gem</i>	57	61	37	39
	não <i>-gem</i>	43	43	56	57
SSE baixo	<i>-gem</i>	39	40	59	60
	não <i>-gem</i>	53	57	40	43

Fonte: Produzida pelas autoras.

De acordo com a Tabela 3 e o resultado da regressão logística (Tipo 1 \* Frequência 1 à não -gem ~ -gem \* baixa ~ alta,  $p=0.05$ ), houve tendência de maior associação com o perfil SSE baixo em palavras não -gem de alta frequência, porém independentemente da variante do estímulo. Esse resultado precisa ser melhor avaliado com a ampliação da aplicação do experimento, já que a significância ocorreu no limite do intervalo de segurança.

Os resultados para a variável dependente tempo de resposta (regressão linear modelo misto na Plataforma *Jamovi*), novamente com participantes e com estímulos como variáveis de efeito aleatório, também não revelaram qualquer variável com significância significativa estatística (Anexo 2), o que aponta para a confirmação da hipótese de a variante vogal não indexar *status* socioeconômico na variedade carioca.

Como relacionar os resultados experimentais com a estratificação por escolaridade observada em Gomes et al. (2013) e o efeito do estilo de fala, em Gomes (2017)? De fato, as variantes não indexam características macrossociais na comunidade de fala do Rio de Janeiro? Os resultados para as duas variáveis dependentes – resposta e tempo de resposta – mostram que não há relação entre a escolha do perfil socioeconômico e a variante do estímulo, já que não houve p-valor que indicasse sua significância estatística.

A Tabela 4 a seguir traz as médias, a mediana e os valores mínimo e máximo de tempo de resposta (TR) para cada associação de SSE com as duas variantes.

**TABELA 4.** Média, mediana, Desvio Padrão, Mínimo e Máximo de tempo de resposta

	Resposta	variante	N	Missing	Mean	Median	SD	Minimum	Maximum
Tempo	SSE Alto	ditongo	108	0	32.5	27.3	20.5	1.806	114
		Vogal	85	0	34.5	27.0	30.4	1.450	138
	SSE Baixo	ditongo	85	0	38.1	30.5	31.5	0.856	215
		Vogal	106	0	37.9	28.1	44.4	0.911	382

Fonte: Produzida pelas autoras.

Observa-se que a média de TRs para todas as associações de perfil socioeconômico e variante do estímulo são muito próximas, com média maior para a associação entre vogal e SSE baixo, sendo que o esperado seria o contrário, em se tratando de um valor social atribuído à variante que representa uma indexação que faz parte da dinâmica sociolinguística da variedade em questão. Isto porque há evidências de que o tempo de resposta tende a ser menor em tarefas experimentais que buscam estabelecer a relação entre variante e perfil social quando a associação reflete uma indexação presente na comunidade de fala estudada. A razão do tempo menor de resposta é a associação entre estímulo e uma determinada característica social do falante do estímulo corresponder a um valor que faz parte do conhecimento linguístico internalizado do ouvinte. Em Gomes et al. (2022), utilizando a mesma metodologia deste estudo para acessar o valor social do tepe no *onset* complexo, como em *exemplo*, foi observado um menor tempo de resposta na correlação entre SSE baixo e variante tepe do estímulo que contém itens lexicais de alta frequência de ocorrência e sem outra líquida na palavra, como em *chicrete*, seguidos

dos TRs com a associação entre variante tepe e SSE baixo em item lexical sem outra consoante líquida e de baixa frequência de ocorrência, como em *pruma*. Squires (2011, p. 133-134) encontrou resultado semelhante com TRs mais baixos na associação entre SSE baixo e variante com a concordância não padrão (*The truck don't run*) do inglês. Para a autora, TRs mais baixos correspondem à expectativa de avaliação social do ouvinte que, neste caso, corresponde a um valor social que é parte do conhecimento linguístico internalizado. Ainda, em relação aos tempos de resposta, a mediana (valor mais frequente na amostra) para a associação entre as duas variantes e o SSE baixo é muito próximo e praticamente o mesmo para a associação das duas variantes e o SSE alto.

Portanto, os resultados encontrados neste estudo são indicativos de que a variante vogal oral não indexa a característica social avaliada no experimento. A distribuição observada na Tabela 1, conforme mencionado anteriormente, pode ter sido resultante de algum fator não controlado nos estímulos.

## 5. Considerações Finais

Este estudo teve por objetivo observar a percepção das variantes ditongo nasal átono final e vogal oral. A ausência de correlação da vogal oral com SSE baixo é indicativa de que essa variante não indexa essa característica macrossocial. Estudos com base em dados de produção espontânea mostraram estratificação por escolaridade, de maneira que o uso da vogal decresce com o aumento da escolaridade na variedade carioca (GOMES et al., 2013) e nos dados do VARSUL (SCHWINDT; BOPP DA SILVA, 2010). Foi também observado o efeito de estilo de fala com base na metodologia de leitura de texto e de lista de palavras, verificando-se a diminuição do uso da vogal oral em estilos mais monitorados (GOMES, 2017). Embora tenha sido registrada estratificação da variante vogal oral por escolaridade e estilo de fala, não se observa, na variedade carioca, qualquer comentário que associe a vogal oral ou mesmo o ditongo nasal átono a um determinado perfil ou característica social específica dos falantes. Dessa maneira, não se observa para qualquer das duas variantes a possibilidade de serem marcadas socialmente, seja por estigma ou prestígio, o que reforça o caráter de marcador linguístico da variável analisada. Os resultados do estudo de percepção confirmam, e assim complementam, o observado para esta variável nos estudos com dados de produção quanto ao valor social das variantes em questão. Com relação ao efeito das variáveis estruturais, a ampliação do número de respondentes poderá indicar o real *status* do efeito dessas variáveis na percepção das variantes da variável estudada.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

O artigo foi concebido por Christina Abreu Gomes em parceria com Giselle Gaspar de Assis Silva. A elaboração das hipóteses, tarefa experimental, desenvolvimento da análise, interpretação dos resultados e redação do artigo foram realizados pelas duas autoras.



## CONFLITO DE INTERESSES

As autoras não têm conflito de interesses a declarar.

## FINANCIAMENTO

Essa pesquisa obteve apoio do CNPq, Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Processo no. 306101/2017-3

## REFERÊNCIAS

- BATTISTI, Elisa. A redução dos ditongos nasais átonos. *In*: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Claudia. (Orgs). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.183-202.
- CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. Methods for the Study of the Social Structure of Linguistic Variation. **Bulletin of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, v. 32, p. 73-84, 2006. Disponível em: <<https://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/BLS/article/view/3443/3153>>. Acesso em: 12 jul. 2017.
- CONNINNE, Cynthia. M.; Ranbom, Larissa J.; Patterson, David J. Processing variant forms in spoken word recognition: The role of variant frequency. **Perception & Psychophysics**, v. 70, n. 3, p. 403-11, 2008. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/5394240\\_Processing\\_variant\\_forms\\_in\\_spoken\\_word\\_recognition\\_The\\_role\\_of\\_variant\\_frequency](https://www.researchgate.net/publication/5394240_Processing_variant_forms_in_spoken_word_recognition_The_role_of_variant_frequency)>. Acesso em: 24 mar. 2014.
- DE BONA, Camila. **O papel da frequência lexical em fenômenos fonológicos condicionados morfologicamente do português brasileiro**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2018.
- DRAGER, Katie. Experimental Methods in Sociolinguistics. *In*: HOLMES, Janet; HAZEN, Kirk (Orgs.) **Research Methods in Sociolinguistics: A practical guide**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2014, p. 58-73.
- GOMES, Christina A. Para além das ondas. **Diacrítica**, v. 31, p.20-36, 2017.
- GOMES, Christina A.; MESQUITA, Cássia; SILVA, Taís F. Revisitando a variação entre ditongos nasais finais átonos e vogais orais na comunidade de fala do Rio de Janeiro. **Diacrítica**, v. 27, n.1, p.153-173, 2013.
- GOMES, Christina A; SILVA, Marcelo A. S. L. de. Percepção/processamento da variação sociolinguística: considerações sobre contribuições e desafios da pesquisa experimental. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 31, p.432-467, 2023.
- GOMES, Christina A; SILVA, Livia F; ABREU, Ana Cristina B. de. Acessando a avaliação social das variantes do onset complexo na variedade carioca. **(CON)TEXTOS Linguísticos**, v. 16, p.126-144, 2022.
- GUY, Gregory R. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history**. PhD Dissertation, University of Pennsylvania, 1981.
- HAY, Jennifer; WARREN, Paul; DRAGER, Katie. Factors influencing speech perception in the context of a merger-in-progress. **Journal of Phonetics**, v. 34, n. 4, p.458-484, 2006.
- LABOV, William. **Principal of Language Change: internal factors**. Philadelphia: John Benjamins, 1994.



SCHWINDT, Luiz C.; BOPP da SILVA, Taís. Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil. *In*: BISOL, Leda; COLLISCHON, Gisela (Orgs). **Português do Sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p.15-30.

SCHWINDT, Luiz C., BOPP da SILVA, Taís, QUADROS, Emanuel S. de. O papel da morfologia na redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil. *In*: LEE, Seung-Hwa. (Org.). **Vogais além de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, v. 1, 2012, p. 349-359.

SQUIRES, Lauren M. **Sociolinguistic priming and the perception of agreement variation**: Testing predictions of exemplar-theoretic grammar. Tese (Doutorado), University of Michigan, 2011. Disponível em: <[https://scholar.google.com/citations?view\\_op=view\\_citation&hl=en&user=QzqfMp8AAAAJ&citation\\_for\\_view=QzqfMp8AAAAJ:9yKSN-GCB0IC](https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=en&user=QzqfMp8AAAAJ&citation_for_view=QzqfMp8AAAAJ:9yKSN-GCB0IC)>. Acesso em: 14 jan.2016.

VAN BERKUM, Jos A.; BRINK, Danielle; TESINK, Cathelijne M. J. Y.; KOS, Miriam; HAGOORT, Peter. The neural integration of speaker and message. **Journal of Cognitive Neuroscience**, v. 20, n. 4, p. 580-91, 2008. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/5794892\\_The\\_Neural\\_Integration\\_of\\_Speaker\\_and\\_Message](https://www.researchgate.net/publication/5794892_The_Neural_Integration_of_Speaker_and_Message)>. Acesso em: 21 abr. 2018.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. *In*: LEHMANN, Winfred; MALKIEL, Yakov (Orgs.), **Directions for Historical Linguistics: A symposium**. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-188.

VOTRE, Sebastião. **Aspectos da Variação Fonológica na Fala do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1978.

# ANEXO 1

## ITENS LEXICAIS USADOS NOS ESTÍMULOS DO EXPERIMENTO

+ FREQUENTES		- FREQUENTES	
<i>- GEM</i>	<i>NÃO - GEM</i>	<i>- GEM</i>	<i>NÃO - GEM</i>
Coragem	Desordem	Bisbilhotagem	Abdômen
Origem	Fórum	Equipagem	Bênção
Passagem	Homem	Friagem	Lobisomen
Reportagem	Jovem	Grafitagem	Órfão
Vantagem	Nuvem	Serragem	Pólen
Viagem	Ontem	Voltagem	Sótão

## ANEXO 2

### REGRESSÃO LINEAR MODELO MISTO – VARIÁVEL DEPENDENTE: TEMPO DE RESPOSTA\*

	F	Num df	Den df	P
Resposta	1.03480	1	344.1	0.310
Variante	5.19e-4	1	323.5	0.982
Tipo	0.15009	1	16.4	0.703
Frequência	0.01093	1	16.4	0.918
Sexo- Falante	0.26897	1	21.5	0.609
Resposta * variante	0.06913	1	336.3	0.793
Resposta * Tipo	4.18e-4	1	336.3	0.984
variante * Tipo	0.37502	1	323.6	0.541
Resposta * Frequência	2.92e-4	1	335.3	0.986
variante * Frequência	0.00162	1	323.8	0.968
Tipo * Frequência	0.71921	1	16.4	0.409
Resposta * Sexo- Falante	2.91921	1	340.5	0.088
variante * Sexo- Falante	0.04030	1	280.9	0.841
Tipo * Sexo- Falante	0.39368	1	319.9	0.531
Frequência * Sexo- Falante	0.22622	1	320.2	0.635
Resposta * variante * Tipo	0.41707	1	335.5	0.519
Resposta * variante * Frequência	0.16726	1	334.0	0.683
Resposta * Tipo * Frequência	1.54491	1	344.0	0.215
variante * Tipo * Frequência	0.01936	1	323.8	0.889
Resposta * variante * Sexo- Falante	0.93342	1	334.1	0.335
Resposta * Tipo * Sexo- Falante	0.54569	1	332.5	0.461
variante * Tipo * Sexo- Falante	0.11395	1	281.0	0.736
Resposta * Frequência * Sexo- Falante	1.34734	1	331.7	0.247
variante * Frequência * Sexo- Falante	0.07995	1	281.3	0.778
Tipo * Frequência * Sexo- Falante	0.85373	1	320.4	0.356
Resposta * variante * Tipo * Frequência	0.02004	1	340.1	0.887
Resposta * variante * Tipo * Sexo- Falante	0.21240	1	333.8	0.645
Resposta * variante * Frequência * Sexo- Falante	0.01165	1	331.8	0.914
Resposta * Tipo * Frequência * Sexo- Falante	1.30e-4	1	340.3	0.991
variante * Tipo * Frequência * Sexo- Falante	0.00168	1	281.4	0.967
Resposta * variante * Tipo * Frequência * Sexo- Falante	0.77716	1	337.9	0.379

Note. Satterthwaite method for degrees of freedom

\* O JAMOVI é configurado para avaliar se há interação entre todas as variáveis independentes. Em que pese o fato de as variáveis serem independentes de fato, era importante avaliar o tempo de resposta em função das respostas dos participantes, associadas às variáveis linguísticas e não linguísticas. Mas, para se chegar a esse resultado, nenhuma outra possibilidade de interação pode ser excluída do modelo.



# Atitude linguística em relação ao falar de LGBTQIA+ na Paraíba

André Luiz Souza-Silva

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3560-9129>

E-mail: andreluiz.bans@gmail.com

## RESUMO

As atitudes linguísticas dizem respeito às manifestações da atitude social dos/as falantes no que diz respeito, especificamente, à língua(gem) e ao uso que se faz dela em sociedade. Na direção dessas ideias, o presente artigo analisa atitudes linguísticas de sujeitos LGBTQIA+ e não LGBTQIA+ em relação ao falar de pessoas de identidades sexuais e de gênero dissidentes. Para tanto, mobilizo conhecimentos sobre atitude e identidade linguísticas aplicadas ao gênero e à sexualidade. Este estudo é, predominantemente, qualitativo, realizado a partir de questionário, o qual possibilitou a geração de dados junto a vinte participantes divididos em dois grupos: dez LGBTQIA+ e dez não LGBTQIA+. Nesse trajeto metodológico, há dados em que a maioria dos/as falantes LGBTQIA+ apresentam atitudes no nível mais comportamental do que afetivo, no que tange ao uso da língua(gem) desse grupo social em questão. No geral, há atitudes amistosas. Por fim, o grupo não LGBTQIA+ apresenta disposições tolerantes, mas a maioria se distanciou de avaliações mais desenvolvidas, restringindo-se a avaliar como normal/natural, sem maiores considerações sobre aspectos da fala.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atitudes linguísticas; Análise qualitativa; Comunidade LGBTQIA+.

## Linguistic attitude towards LGBTQIA+ speaking in Paraíba

### ABSTRACT

Linguistic attitudes relate to the manifestations of the social attitudes of speakers regarding language and its use in society, specifically concerning LGBTQIA+ individuals. In line with these ideas, this paper analyzes linguistic attitudes of LGBTQIA+ individuals and non-LGBTQIA+ individuals regarding the speech of people with dissident sexual and gender identities. To do so, I draw on knowledge of linguistic attitude and identity applied to gender and sexuality. This study is predominantly qualitative and conducted through a questionnaire, which allowed the generation of data from twenty participants divided into two groups: ten LGBTQIA+ and ten non-LGBTQIA+. In this methodological journey, there is data where the majority of LGBTQIA+ speakers show attitudes more at the behavioral level than the affective level regarding the use of language by this social group in question. In general, there are friendly attitudes. Finally, the non-LGBTQIA+ group exhibits tolerant dispositions, but most of them refrain from more in-depth evaluations, limiting themselves to considering it as normal/natural without further consideration of speech aspects.

**KEYWORDS:** Linguistic attitudes; Qualitative analysis; LGBTQIA+ community.



## 1. Introdução

Este artigo analisa atitudes linguísticas de falantes LGBTQIA+ e não LGBTQIA+ em relação ao falar de pessoas de identidades sexuais e de gênero fora da cis-heteronormatividade. Esse objetivo se justifica pelo fortalecimento e pelo desenvolvimento dos estudos de atitudes linguísticas e seu foco em um grupo mais restrito, uma vez que identifico escassez de investigações que privilegiem a participação de pessoas LGBTQIA+ em pesquisas sociolinguísticas, o que contribui socialmente, pois a LGBTfobia é uma realidade nacional (cf. BENEVIDES, 2023), e seu combate também se faz pela compreensão de aspectos da linguagem, uma vez que a linguagem é aquilo que o sujeito tem de mais íntimo e o que representa sua subjetividade. Além disso, enfrentamos a problemática da inserção social, da garantia de cidadania, da violação de direitos e de acesso às políticas públicas por parte de pessoas LGBTQIA+ que, por vezes, estão em situação de vulnerabilidade. Assim, tem relevância para a prática pedagógica, uma vez que as reflexões dos/as docentes também recaem sobre estigmas sociolinguísticos e devem ser objeto de análise linguística; também há uma motivação pessoal, tendo em vista o meu compromisso no combate a qualquer discriminação, por considerar minha realidade, história e experiências de vida.

Dessa feita, este artigo é um recorte da minha investigação de mestrado (cf. SOUZA-SILVA, 2022) que se fez por meio de uma abordagem sociolinguística, considerando o fator *heterogeneidade* como questão crucial, uma vez que Labov (2008) estabelece a heterogeneidade não só como um fato comum, mas também natural entre os fatores linguísticos fundamentais. Essa heterogeneidade é investigada no contexto da comunidade LGBTQIA+, adotando uma abordagem mais vertical com os estudos da Atitude Linguística. Para tanto, adoto uma metodologia qualitativa de olhar fenomenológico, a partir de estudo atitudinal, o qual se espelha em abordagens da Psicologia Social, realizando a exposição dos/as participantes à fala de LGBTQIA+, categorizados/as em diferentes identidades sexuais e de gênero. A partir dessa exposição, aplico um questionário, para considerações da avaliação sociolinguística entre o grupo LGBTQIA+, composto por dez participantes, e outros dez, compondo o grupo não LGBTQIA+.

## 2. Fundamentação teórica

No desenvolvimento das atitudes linguísticas, “o falante emite um julgamento sobre as variedades linguísticas e associa a elas diferentes valores, hierarquizando-as [...]” (CARDOSO, 2015, p. 09). Assim, falantes podem ter atitudes normativas e puristas ou tolerantes. Tais atitudes são face de um julgamento social, mesmo que forjadas em argumentos estéticos. Isso posto, os fatores sociais e de registro são relevantes, uma vez que considero o seguinte: para o primeiro, há o desejo ou interesse em manipular características linguísticas que possam demarcar e distinguir em meio a outros grupos e/ou comunidades; para o segundo, há os níveis de formalidade que configuram a interação verbal entre os/as interlocutores/as, indo da formalidade à informalidade numa escala que poderá se reconfigurar sempre que necessário (CARDOSO, 2015).

Junto a isso, é possível refletir sobre lealdade, estigma e prestígio linguístico, questões que se incorporam no inconsciente dos/as falantes e os/as leva a uma ideologia linguística, marcada

por ideais, por vezes, homogêneos, algo inexistente por força de heterogeneidade social. Na direção dessas questões, aponto o seguinte:

As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos (LAMBERT e LAMBERT, 1972, p. 83).

Como indicam os autores, as atitudes são como modos de pensar, de sentir e de reagir em relação a pessoas e a acontecimentos em nosso meio social, os quais são organizados, coerentes e habituais, constituindo o que os autores chamam de “hábitos complexos” e que são aprendidos por ajustamento. De acordo com Lambert e Lambert (1972), a atitude tem uma estrutura tridimensional. Tal estrutura é composta por uma face cognitiva, por outra afetiva e uma última, que é a comportamental. Na dimensão cognitiva, subjazem pensamentos e crenças; conhecimentos sobre o que é verdadeiro/falso, desejável/indesejável; já na dimensão afetiva, há os sentimentos e as emoções – posição positiva ou negativa a respeito do artefato da crença; por fim, na dimensão comportamental, há o componente de conduta – predisposição de resposta que direciona a algum tipo de ação.

Assim, entendo que a primeira dimensão é a mais profunda na consciência do/a falante, mergulhada nas condições neurobiológicas, por meio das quais memoriza, percebe e discrimina um recurso linguístico, por exemplo. Inclusive, de acordo com Silva e Gomes (2020, p. 59), é neste nível que se encontram “[...] as formas mais primárias de valores e de estereótipos de fala”. O segundo nível é forjado no primeiro, no qual se atribuem valores a partir de emoções. Dito isso, imagine que uma variante marcada LGBTQIA+ possa ser proferida em uma interlocução, na qual a variante rememore ao/à ouvinte um evento desagradável, assim, o/a ouvinte atribuirá emoções à consciência linguística e, segundo esses autores, é nesse nível que os/as falantes fazem especulações valorativas, como “correto”, “feio”, “pobre”, “favelado”. Portanto, as dimensões primária e secundária se retroalimentam (SILVA e GOMES, 2020). Sobre a dimensão do comportamento, os autores explicam o seguinte:

É importante salientar que por comportamento linguístico, não podemos entender causalmente como materialização de um registro linguístico previamente em contato ou treinado. O comportamento nos estudos de abordagem direta é a materialização da fala, isto é, a produção em si. Porém, nos estudos de abordagem indireta, o comportamento é a avaliação linguística através das atividades de tarefa forçada para a obtenção dos dados em atitudes (SILVA e GOMES, 2020, p. 59).

Os autores colocam em destaque as abordagens direta e indireta das atitudes. Tal questão é de natureza metodológica. A primeira, como o nome já sugere, refere-se a uma ação de coleta que tem por objetivo a obtenção de respostas diretamente dos informantes, seja sobre certas variantes ou sobre grupos de falantes, por exemplo; e a segunda, em contrapartida, busca mascarar seus reais objetivos por meio de estratégias sutis. Dessa forma, mesmo que os/as informantes saibam que estão na posição de juízes/as, não sabem exatamente o que estão julgando (KAUFMANN, 2011).

Valores, opinião e crença são constituintes das atitudes, mas, como alertam Morais e Lima (2019), não se deve confundir com as próprias atitudes. Afinal,

[...] as atitudes são caracterizadas como um processo, e não um produto. É neste ponto que as atitudes diferem do comportamento, normas morais, valores, crenças e opiniões. Apesar da especificidade de cada um deles, no que tange à convergência, eles representam um produto sócio-histórico e cultural, ao passo que, as atitudes, além do aspecto social, envolvem uma avaliação subjetiva e individual (MORAIS e LIMA, 2019, p. 51).

Nesse espaço entre as atitudes, as crenças, os valores e as opiniões há um denominador comum, pois são parte daquilo que os/as falantes fazem: julgam! Na esteira desse ato, “[...] as identidades sociais e culturais são políticas. As formas como elas se representam ou são representadas, os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder” (LOURO, 2019, p. 19). Portanto, as identidades são marcadas pelo fator político e, como tal, revelam-se pelos corpos imbuídos de linguagem, onde há diversas formas de sexualidade e gênero, isso de modo interseccional.

Em contexto de atitudes linguísticas de sujeitos LGBTQIA+, há a investigação realizada por Ribeiro (2020), que objetivou investigar a autopercepção de falantes homossexuais sobre a existência de possíveis identidades lésbicas e *gays*, bem como a percepção acerca da fala como marcador estilístico dessas identidades. Para o desenvolvimento da pesquisa, Ribeiro alinha as posições estilísticas da terceira onda da sociolinguística, adotando natureza qualitativa para sua investigação. A partir dos dados, a autora identificou que seus sujeitos de pesquisa têm a percepção de que há pluralidade em meio à diversidade de identidades sexuais, bem como a maioria apontou se sentir confortável para demonstrar sua(s) identidade(s) entre outros/as LGBTQIA+ ou a pessoas com as quais tenham bastante intimidade; também consideram que a fala pode funcionar como um marcador de estilo e identidade(s). Por fim, todos/as concordaram com a existência de usos linguísticos característicos de lésbicas e de *gays*.

### 3. Metodologia

De início, é válido destacar que esta investigação foi avaliada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UFPB) sob protocolo 49561521.8.0000.5188 e considerada aprovada para desenvolvimento. Para este estudo, existe pluralidade diante da relação sujeito x mundo, não se resumindo à cientificidade. Por conseguinte, concordo com Gil (2008, p. 15), quando o autor afirma que “a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado”.

Faz-se pertinente a natureza qualitativa para investigações de método fenomenológico, uma vez que a abordagem qualitativa se faz no processo de reflexão e de análise da realidade, como aponta Oliveira (2016, p. 37), e acrescenta a necessidade de se utilizarem “[...] métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”. E, ao considerar que me interesse pelos significados sociais que os sujeitos atribuem às variantes, às práticas linguísticas e aos/as falantes estigmatizados/as, em que a lin-

guagem tem papel centralizador, pauto-me em uma ação hermenêutica acerca das realidades contemporâneas, já que a interpretação das práticas sociais e das linguísticas se coaduna com os significados que os sujeitos atribuem a tais práticas. Por fim, a investigação é descritiva pela descrição dos fatos e/ou fenômenos que envolvem a investigação aqui proposta, para levantar as atitudes e as crenças de um grupo de sujeitos.

Na íntegra da pesquisa, contei com três etapas metodológicas com tarefas distribuídas nessas etapas e cada uma com um objetivo específico. A primeira etapa não oferta para esta pesquisa objeto específico de análise, pois antecede a construção do teste de percepção; sobre a seleção de possíveis informantes, explicarei e traçarei o perfil mais adiante. Sobre a coleta de falas de LGBTQIA+, optei, pensando no maior grau de espontaneidade (TARALLO, 1986), pela fala de pessoas LGBTQIA+ já conhecidas por mim, pensando no menor efeito do paradoxo do observador (LABOV, 2008).

#### QUADRO 1. Breve perfil dos colaboradores LGBTQIA+

Identidade de gênero e Orientação sexual	Idade	Localidade
Homem cisgênero gay <sup>1</sup>	40 anos	Solânea-PB
Homem cisgênero bissexual	30 anos	Solânea-PB
Mulher transgênero heterossexual	40 anos	Bananeiras-PB
Mulher cisgênero bissexual	23 anos	Solânea-PB
Mulher cisgênero lésbica	25 anos	Solânea-PB

Fonte: SOUZA-SILVA, 2022.

Ainda que não sejam estes os/as participantes, considero relevante apresentar um perfil que possa caracterizar, ainda que parcialmente, aqueles/as que colaboraram para a construção do teste atitudinal e que têm suas *performances* linguísticas e identitárias como material de avaliação pelos/as juizes/as, os/as quais, quando submetidos/as ao teste, possibilitam, conforme Tarallo (1986), embutir as variantes no meio social em que elas coexistem. As falas dos/as colaboradores/as foram coletadas entre 21 de abril e 5 de maio de 2021.

Uma ressalva deve ser feita: não estabeleci uma variante específica para que os/as participantes manifestassem suas impressões, assim como Veloso (2014) não o fez, ao realizar seu estudo em comunidade de prática lésbica, uma vez que meu interesse está não só nas variantes, mas na prática linguística, considerando estilo e identidade imbricados e imbuídos de significado social, sendo passíveis de avaliação.

Selecionei vinte sujeitos/as paraibanos/as – nascidos/as e/ou residentes, dos/as quais são dez falantes não LGBTQIA+, sendo cinco cis-hetero-femininas e cinco cis-hetero-masculinos, pois, a partir dos parâmetros de exclusão, foram os que restaram. Para tanto, todos/as concordaram com os procedimentos da investigação mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); já o grupo LGBTQIA+, mostrou-se mais complexo para a seleção de participantes, pois, apesar de partirmos de iguais parâmetros de exclusão, o grupo indicava um maior quan-

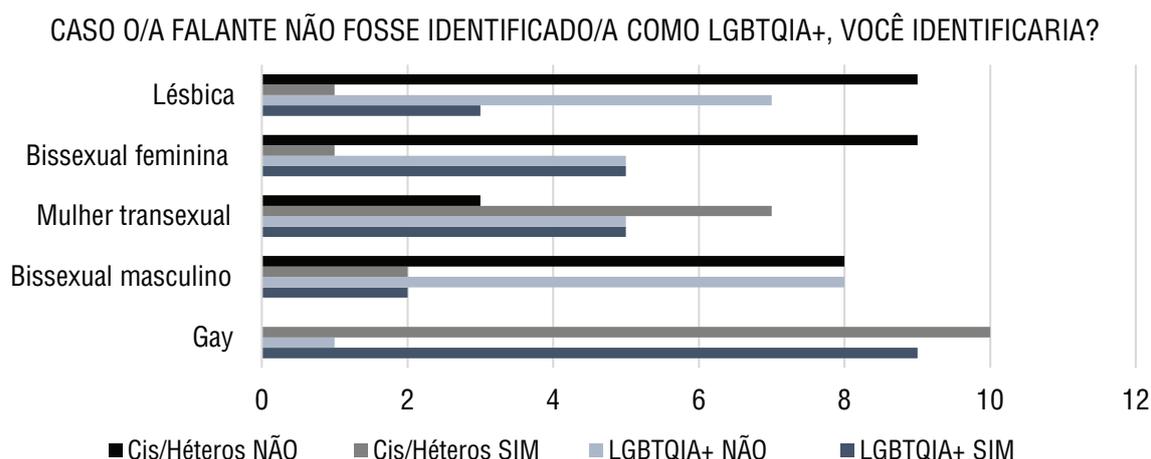
<sup>1</sup> Este colaborador realiza *performance* de *Drag Queen*.

titativo de informantes e com células divergentes. Então, diante de vinte e seis informantes, entrei em contato com os informantes para averiguar a disponibilidade, o que me possibilitou constituir o seguinte grupo de participantes: 1) resgardei a participação da única transexual, 2) de uma mulher lésbica, 3) de participante que indicou ser bissexual e assinalou a opção “outro” em identidade de gênero, 4) três mulheres bissexuais e 5) quatro homens homossexuais, buscando tornar esse grupo heterogêneo, na medida do possível, e que também concordou mediante TCLE. Para algumas tarefas da pesquisa, lancei mão do questionário, com intuito de identificar a atitude dos grupos participantes diante da fala de pessoas LGBTQIA+ e, para isso, orientei-me pelos questionários de Oushiro (2015) e de Cardoso (2015), mas verticalizado para o tema em específico, utilizando-me de parâmetros de teste de percepção.

#### 4. Análise de dados

Apresento um perfil social e linguístico a partir da percepção dos dois grupos que compõem este estudo. Desse modo, esquematizo a percepção em gráficos e em tabelas que materializam os números e possibilitam compreender a percepção tanto de aspectos da fala quanto em relação aos/as falantes LGBTQIA+, com a finalidade de perceber itens positivos e negativos que possam circundar o imaginário do senso comum sobre pessoas LGBTQIA+, compreendendo que o modo como o/a falante julga aqueles/as que falam de determinada forma é a manifestação de reações afetivas em relação ao objeto. Posto isso, abaixo, o gráfico 1 expõe a identificação da sexualidade e/ou identidade de gênero dos/as falantes:

**GRÁFICO 1.** Identificação da sexualidade/gênero de falantes LGBTQIA+



Fonte: SOUZA-SILVA, 2022.

A partir do gráfico, a falante lésbica seria identificada como tal por sujeitos/as que integram os dois grupos (40%). Entretanto, 90% do grupo não LGBTQIA+ diz que não identificaria como mulher lésbica. Logo, sua maneira de falar não é associada a marcadores de uma fala lésbica, bem como 70% daqueles/as que compõem o grupo LGBTQIA+. Tal percepção aproxima-se da

falante bissexual feminina, assim, a fala da mulher bissexual, também, pode não apresentar marcadores específicos para os ouvintes de modo mais geral. Logo, a percepção dos que assinalaram “sim” pode se fazer para além de marcadores linguísticos, considerando que o conteúdo daquilo que ouviram possa ser considerado no momento da avaliação.

Os falantes cis-masculinos – *gay* e bissexual – já apresentam uma diferença considerável, uma vez que 80% do grupo não LGBTQIA+ dizem que não identificariam o bissexual masculino como tal, mas 100% desse mesmo grupo aponta que identificariam como homem *gay* o falante homossexual. Acredito que isso se dá pela própria acústica da fala desses falantes, bem como pelo comportamento linguístico, de um modo geral. Enquanto pesquisador, identifico na fala do homem *gay* – bem como seus trejeitos – estereótipos de uma fala *gay* (léxico de grupo, gargalhada estridente, etc), parecendo-me mais perceptível como a fala de um homem *gay*. Já o falante bissexual, em oposição ao *gay*, apresenta comportamento pouco estereotipado. Assim, esse homem bissexual tem a sua sexualidade menos marcada na maneira de falar do que o *gay*.

Por fim, a mulher transexual tem sua identificação mais heterogênea frente à percepção dos grupos: 50% dos LGBTQIA+ “não” junto a 30% dos não LGBTQIA+. Na direção oposta, 70% desse grupo aponta que identificaria a falante como mulher transexual. Isso posto, a percepção da sexualidade e do gênero via fala pode ser ou não viabilizada por estereótipos e marcadores que favorecem a identificação. Para além disso, é válido ressaltar que a percepção não se fundamenta apenas em uma etapa cognitiva, mas também afetiva, considerando que a percepção é emaranhada por diferentes características.

**TABELA 1.** Percepção da fala de pessoas LGBTQIA+, considerando o fator origem no eixo mais litorâneo e mais sertanejo

Falantes	LGBTQIA+		Não LGBTQIA+	
	+ litorâneo	+ sertanejo	+ litorâneo	+ sertanejo
Homossexual masculino	70%	30%	50%	50%
Bissexual masculino	80%	20%	60%	40%
Mulher transexual	60%	40%	20%	80%
Bissexual feminina	70%	30%	60%	40%
Homossexual feminina	70%	30%	70%	30%

Fonte: SOUZA-SILVA, 2022.

Na tabela 1, há a distribuição dos dois grupos em duas categorias: “+ litorâneo” e “+ sertanejo”. Solicitei dos/as participantes que associassem a fala dos/as colaboradores/as a uma origem, tendo como opções “mais ao litoral” ou “mais ao sertão”, considerando que o litoral e o sertão são espaços constituídos de elementos divergentes e que são avaliados como mais ou menos significativos a depender de quem os avalia. Entretanto, o estigma do sertanejo é uma realidade. Logo, a associação do falar do LGBTQIA+ – em maior ou menor medida – quando percebido como mais sertanejo, resguarda uma impressão mais negativa do que positiva.

Afinal, acrescento a isso o fato de os/as falantes avaliados serem residentes mais ao litoral, ou 75% dos/as participantes. Desse modo, a percepção do falar não se restringe ao *designer*

da fala, mas engloba a avaliação do que se diz. Então, na tabela 1, identifico – ainda que com pouca diferença – uma avaliação mais positiva por parte dos LGBTQIA+. Algo oportuno de reflexão é a avaliação que os grupos fazem da mulher transexual, uma vez que 80% do grupo não LGBTQIA+ associam o falar dessa mulher como “mais sertanejo”, diferentemente do grupo LGBTQIA+, em que 60% avaliam como “mais litorâneo”. Essa mulher transexual é uma bananeirense que viveu da prostituição e já residiu na grande São Paulo e na Itália, tendo histórico de temporada nessas localidades, especialmente na primeira. Como sabido, a mudança de localidade exerce mudanças consideráveis no modo de falar, assim é possível que o modo de falar da transexual tenha sido mais associado por cis/héteros ao espaço sertanejo, por força de estigmas que penetram o nível cognitivo, também estando permeada pela afetividade na atitude.

Além do fator origem, solicitei uma apreciação via “*status econômico*”, considerando a renda de salário-mínimo como parâmetro. Para tal, obtive os seguintes dados:

**TABELA 2.** Percepção da fala de pessoas LGBTQIA+, considerando o fator *status econômico* a partir da renda de salário mínimo

Falantes	LGBTQIA+			Não LGBTQIA+		
	+	=	-	+	=	-
Homossexual masculino	7	3	-	9	1	-
Bissexual masculino	8	1	1	6	1	-
Mulher transexual	6	4	-	2	7	1
Bissexual feminina	7	2	1	7	2	1
Homossexual feminina	6	3	1	8	1	1

Fonte: SOUZA-SILVA, 2022.

Na tabela 2, há a distribuição nas categorias: “+”, referente a maior que um salário- mínimo; “=”, quando igual a um salário-mínimo; e “-”, referente a menor que um salário- mínimo. A partir disso, identifico que o grupo não LGBTQIA+ atribui a categoria mais positiva, acima de 50%, para todos/as os/as colaboradores/as, exceto para a mulher transexual, indo ao encontro da avaliação mais estigmatizada, referente à origem ser “mais sertaneja”. Assim, apenas 20% desse grupo consideram que a mulher transexual receba acima de um salário- mínimo, o que pode resultar da avaliação da própria narrativa ouvida pelos/as participantes, haja vista o histórico de prostituição da colaboradora. Entretanto, ela não indica qual sua profissão exercida atualmente, tampouco diz estar desempregada.

Na contramão dessa avaliação, o grupo LGBTQIA+ favorece a avaliação mais positiva – 60% dizem ter uma renda maior que um salário-mínimo – e todos/as desconsideram que seja menor que um salário-mínimo. Desse modo, parece-me que a percepção desses fatores possui um viés classista, considerando que a percepção da identidade de gênero transexual favoreça o estigma entre cis/héteros e potencialize a avaliação positiva por parte de LGBTQIA+ em um símbolo de enfrentamento social.

Logo, é possível que o grupo LGBTQIA+, ainda que amparado por uma percepção estigmatizada, opte por se opor à percepção comum com a finalidade de reconfigurar a avaliação da

pessoa transexual, especialmente a mulher, a qual está, muitas das vezes, marcada pela prostituição e socialmente marginalizada, revelando um maior engajamento por parte de sujeitos que compõem a comunidade e se reconhecem como parte dela.

**TABELA 3.** Percepção da fala de pessoas LGBTQIA+, considerando o fator escolaridade da educação básica ao nível superior

Falantes	LGBTQIA+				Não LGBTQIA+			
	E.F	E.M	E.S	P.G	E.F	E.M	E.S	P.G
Homossexual masculino	1	3	6	-	-	2	6	4
Bissexual masculino	-	-	10	-	-	3	7	3
Mulher transexual	1	5	3	1	1	6	3	-
Bissexual feminina	-	3	7	-	-	2	8	-
Homossexual feminina	1	1	7	1	-	4	6	-

Fonte: SOUZA-SILVA, 2022.

Na tabela 3, há a distribuição perceptiva a partir do grau de escolarização, considerando “ensino fundamental” (E.F), “ensino médio” (E.M), “ensino superior” (E.S) e “pós-graduação” (P.G). Nesse quesito, os grupos não se diferenciam tanto, a não ser pela atribuição de pós-graduação ser mais recorrente para os homens – *gay* e bissexual –, por parte do grupo não LGBTQIA+, e 10% do grupo LGBTQIA+ atribuírem tal escolaridade para a mulher transexual.

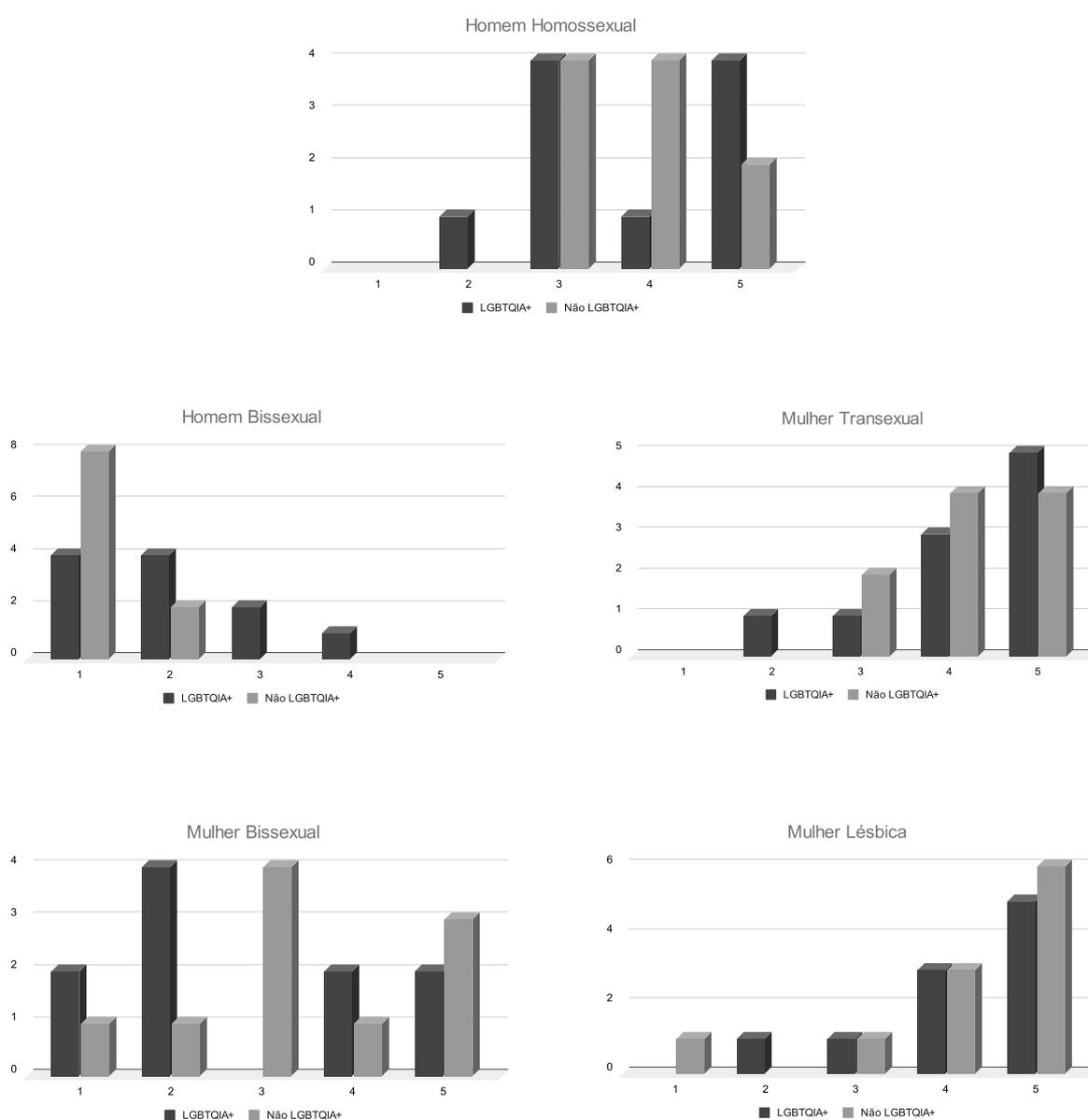
Acredito que a percepção desse fator deva ser baseada diretamente na maneira como os/as colaboradores/as argumentam e articulam as ideias, mediante as narrativas contadas. Logo, mais uma vez evidencio que a avaliação dos fatores não se baseia não só no modo de dizer, mas naquilo que é dito, uma vez que alguns/algumas participantes, durante a coleta, disseram ter dificuldade em avaliar alguns fatores apenas pelos relatos, o que significa que os/as participantes se atentam ao conteúdo que é proferido no instante da avaliação.

Um outro fator que solicitei foi a ocupação exercida pelos/as colaboradores/as, considerando que o fator escolaridade possa estar associado à profissionalização. Desse modo, deixei a opção em aberto para que os/as participantes tivessem liberdade para opinar como achassem melhor; inclusive, alguns disseram que não saberiam como opinar, pois, segundo estes, a narrativa não seria suficiente para a atribuição dessa característica. A partir das respostas, diferentes profissões e áreas são atribuídas: educação, beleza, comunicação etc. Nesse sentido, uma questão interessante é a atribuição de ocupações que parecem ser uma “zona neutra” – empreendedores, empresários e comerciantes são agentes que podem exercer função em diferentes nichos de atuação profissional, bem como o termo “estudante”, sem especificidade, que funciona como item de distanciamento avaliativo, permitindo aos/às participantes um livramento da face, considerando que tal posição lhes permite não se comprometer, especialmente em uma leitura negativa.

Outra maneira de avaliar a percepção é mediante o método de pares de adjetivos. Assim apresentei para os/as participantes uma sequência de adjetivos com a finalidade de avaliarem a personalidade dos/as falantes, mas que não apresentam diferenças significativas de modo geral, demonstrando uma percepção mais unilateral no que diz respeito a um perfil positivo em rela-

ção aos sujeitos LGBTQIA+ do estudo. Além disso, é válido ressaltar que os/as participantes não atuam em pesquisas livres de toda e qualquer avaliação, inclusive de si. Logo, há possibilidade de que evitem características mais negativas com a finalidade de evitar julgamentos, ainda que estejam respaldados pelo anonimato. Com a análise, identifiquei que os grupos não apresentam diferenças significativas de modo geral, demonstrando uma percepção mais unilateral no que diz respeito a um perfil positivo em relação a falantes LGBTQIA+ do estudo, especialmente no que se refere a serem descolados, trabalhadores, inteligentes, elegantes, confiáveis e progressistas. Junto a isso, também solicitei que os grupos participantes avaliassem alguns fatores em uma escala 1-5, considerando que, quanto mais crescente, maior a força da característica. Para tanto, consideramos o item: feminino. E, para tal, exponho um conjunto de gráficos:

**FIGURA 1.** Conjunto de gráficos da percepção dos grupos em relação ao aspecto da feminilidade



Fonte: SOUZA-SILVA, 2022.

Observe, no conjunto de gráficos que representam a percepção geral da característica ‘feminino’, em que o grupo LGBTQIA+ tem 40% dos/as participantes avaliando o item na categoria máxima, tendo apenas 10% do grupo não LGBTQIA+ avaliando como “muito feminino” em relação ao homossexual masculino em quem os grupos indicaram maior feminilidade. Para o colaborador bissexual, as escalas de pouco feminino foram as mais assinaladas, tendo 80% do grupo não LGBTQIA+ indicado o nível 1 na escala; o grupo LGBTQIA+ distribuindo-se entre 1-3 na mesma escala.

Posto isso, é válido comentar sobre a relação do “feminino” com a percepção da sexualidade, uma vez que é comum que o “falar *gay*” seja, muitas das vezes, visto como “falar como uma mulher”. Ao ouvir a fala de um colaborador *gay*, percebi marcadores de uma “fala *gay*” – como alongamento de vogais tônicas e a dinâmica do *pitch*, questões não discutidas e não analisadas neste artigo. Demonstram, entretanto, outras pesquisas tais características, logo, socialmente, é um falar associado ao feminino, característica fortemente atrelada à figura da mulher.

Já o bissexual masculino, em nossa sociedade, bem como a mulher bissexual, é colocado no campo da indecisão sexual, pois ainda analisamos, selecionamos, identificamos e categorizamos numa lógica binária, sendo “estranho” que alguém transite com sua sexualidade num movimento de ir e vir que não pode ser padronizado. Dito isso, é possível que o bissexual masculino seja mais avaliado como “homem” do que o homossexual masculino, uma vez que foi avaliado como pouco feminino por grande parte do grupo não LGBTQIA+ e não passou do nível 3 na percepção do grupo LGBTQIA+.

Ademais, é importante conscientizar as pessoas sobre a existência de masculinidades construindo novas referências do que é ser homem, inclusive numa percepção linguística, compreendendo que a masculinidade não se resume ao sexo biológico, tampouco é refém da cisgeneridade concebida ocidentalmente. Portanto, é preciso defender a heterogeneidade de papéis sociais que se correlacionam ao sexo do indivíduo.

Como visto, o “feminino”, em relação à mulher transexual, tende a uma percepção de “muito feminino” por 50% do grupo da diversidade e 40% do grupo não LGBTQIA+, sendo relevante mencionar como as mulheridades podem ser inúmeras, e a figura da travesti, especificamente, está no campo do feminino – tendo preferência por pronomes, artigos e marcadores linguísticos femininos –, devendo ser reconhecida como uma identidade de gênero de agir feminino, mas também compreendendo que a travestigeneridade é uma espécie de terceiro gênero.

Sobre a mulher bissexual, o grupo LGBTQIA+ tem uma percepção “pouco feminina” (60%) e o grupo não LGBTQIA+ realiza avaliação mais elevada desse item. Parece-me que LGBTQIA+ – sabendo que estavam ouvindo relatos de pessoas LGBTQIA+ – refinam a percepção da feminilidade, para além das noções comuns de prosódia, por exemplo. Nesse sentido, acredito na relevância de pesquisas que se desdobrem na análise e na percepção da fala de homens e de mulheres bissexuais de diferentes masculinidades e feminilidades.

Por último, há percepção acerca da mulher lésbica, a qual não foge e demonstra alguma homogeneidade perceptiva entre os grupos, sugerindo que as características elencadas não sofrem tanta influência dos fatores gênero e sexualidade. Entretanto, o item “feminino”, indicado por 60% do grupo não LGBTQIA+ e 50% por parte dos/as LGBTQIA+ em nível 5 em relação à mu-



lher lésbica, demonstra reflexão pertinente por dois motivos: i) *lato sensu*, uma vez que é parte do estereótipo e arquétipo social da mulher lésbica a percepção da “caminhoneira” e “sapatão”, na intenção de atribuir deselegância e menor feminilidade à mulher lésbica. Assim, a posição dos grupos é interessante, pois ainda que soubessem que era uma mulher lésbica, não foi o estereótipo que guiou suas avaliações nesse quesito e ii) *stricto sensu*, quando se considera o próprio relato da colaboradora que não se considera feminina na perspectiva do que muitos consideram ser feminino, visão associada a roupas e a maquiagem.

Além da avaliação desse perfil, solicitei uma avaliação acerca da fala dos/as colaboradores/as. Para tanto, considerei algumas características que compõem a tabela 4 junto ao nível avaliativo entre 1-5, considerando os extremos “pouco” e “muito”, respectivamente. Pela tabela 4, a seguir, será possível observar a distribuição de características atribuídas ao modo de falar dos/as colaboradores/as por parte dos grupos participantes. Para tanto, a cor cinza, presente na tabela, mapeia as porcentagens mais elevadas em cada característica, facilitando a comparação entre os grupos. Essas avaliações são reações subjetivas, que são inerentes aos sujeitos sociais, seja como falantes, seja como ouvintes.

Na análise, de modo geral, os dois grupos destacam, em maior ou menor percentual, a presença de características estilísticas, dialetais e estéticas num sentido mais positivo. Entretanto, é válido ressaltar que o refinamento da metodologia poderá resultar em percepções mais apuradas, especialmente em relação ao falar das mulheres (cisgênero e transgênero), o qual foi avaliado no nível máximo da escala, pela maioria de cada grupo, apenas na característica da clareza. A tabela 4 destaca os números sobre os quais optei por me debruçar:

**TABELA 4.** Atitudes linguísticas a partir do estímulo oral de relatos de vida

Homem Gay										
Características	LGBTQIA+					Não LGBTQIA+				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
“Bonita”	0%	0%	20%	10%	70%	0%	0%	20%	10%	70%
“Chiada”	30%	30%	30%	10%	0%	40%	40%	10%	0%	10%
“Cantada”	10%	20%	40%	20%	10%	20%	20%	40%	20%	0%
“Rápida”	0%	10%	60%	30%	0%	0%	0%	60%	30%	10%
“Expressiva”	0%	0%	0%	40%	60%	0%	10%	20%	10%	60%
“Clara”	0%	0%	0%	30%	70%	0%	0%	0%	50%	50%
Homem Bissexual										
Características	LGBTQIA+					Não LGBTQIA+				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
“Bonita”	0%	0%	30%	30%	40%	0%	0%	10%	40%	50%
“Chiada”	50%	30%	10%	10%	0%	80%	20%	0%	0%	0%
“Cantada”	30%	30%	40%	0%	0%	40%	30%	20%	10%	0%
“Rápida”	10%	10%	60%	20%	0%	0%	20%	60%	20%	0%
“Expressiva”	10%	10%	40%	30%	10%	0%	10%	40%	20%	30%
“Clara”	0%	0%	0%	40%	60%	0%	0%	10%	40%	50%

(continua)

(continuação)

Mulher Transexual										
Características	LGBTQIA+					Não LGBTQIA+				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
“Bonita”	0%	10%	20%	40%	30%	0%	20%	20%	50%	10%
“Chiada”	50%	20%	20%	10%	0%	70%	0%	20%	0%	10%
“Cantada”	30%	0%	60%	10%	0%	20%	30%	30%	20%	0%
“Rápida”	10%	0%	60%	20%	10%	0%	20%	30%	50%	0%
“Expressiva”	0%	0%	10%	60%	30%	0%	0%	20%	50%	30%
“Clara”	0%	0%	10%	40%	50%	10%	20%	0%	30%	40%
Mulher Bissexual										
Características	LGBTQIA+					Não LGBTQIA+				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
“Bonita”	0%	0%	60%	10%	30%	0%	0%	10%	50%	40%
“Chiada”	50%	30%	10%	10%	0%	70%	10%	10%	10%	0%
“Cantada”	40%	10%	50%	0%	0%	20%	50%	10%	20%	0%
“Rápida”	0%	20%	50%	20%	10%	0%	20%	40%	30%	10%
“Expressiva”	0%	20%	40%	30%	10%	0%	0%	20%	20%	60%
“Clara”	0%	0%	10%	20%	70%	0%	0%	30%	20%	50%
Mulher Lésbica										
Características	LGBTQIA+					Não LGBTQIA+				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
“Bonita”	0%	0%	20%	30%	50%	0%	0%	20%	30%	50%
“Chiada”	50%	20%	20%	0%	10%	50%	40%	10%	0%	0%
“Cantada”	30%	40%	20%	0%	10%	30%	30%	20%	10%	10%
“Rápida”	0%	30%	60%	0%	10%	10%	10%	30%	40%	10%
“Expressiva”	10%	10%	30%	40%	10%	0%	20%	20%	40%	20%
“Clara”	0%	0%	0%	40%	60%	0%	0%	30%	30%	40%

Fonte: SOUZA-SILVA, 2022.

De início, há as atitudes niveladas para o homem *gay*, tendo os dois grupos uma percepção bastante aproximada e tendo como características de maior nível as seguintes: bonita, expressiva e clara. E o homem bissexual tem as características de seu modo de falar em maior nível nas categorias bonita e clara, por parte dos dois grupos. Posto isso, é relevante pensar como a performance de *drag queen* – prática desse homem *gay* – pode favorecer a expressividade de sua voz e a percepção dessa característica ser mais chancelada por aqueles que ouvem, como é o caso de 60% dos/as participantes de ambos os grupos.

No que se refere ao nivelamento avaliativo do modo de falar da mulher transexual, é interessante como em ambos os grupos o nível máximo (5) não é atribuído pela maioria frente às características elencadas, exceto pela clareza. Essa mesma característica também é de maior percentual na percepção dos dois grupos em relação ao modo de falar da mulher bissexual, mas também é tida como mais expressiva para o grupo não LGBTQIA+ do que para o grupo LGBTQIA+, assim, 60% daquele grupo indicam o item como muito característico do modo de

falar dessa mulher e apenas 10% desse grupo indicam o nível 5 na escala dessa característica. Por último, a mulher lésbica também tem como maior nível de avaliação a clareza, mas também tem seu modo de falar avaliado como bonito por 50% dos dois grupos.

Por fim, deixei em aberto uma questão de ordem subjetiva para identificar aproximações e distanciamentos entre os grupos: o que você achou do modo de falar dessas pessoas?

**QUADRO 2.** Comentários de LGBTQIA+ e não LGBTQIA+

LGBTQIA+	Não LGBTQIA+
(P1) Pra mim é normal, pois já convivo com pessoas LGBTQIA+. Então o uso das palavras e expressões, assim como vivências fazem parte do que já ouvi de amigos ou do que eu já passei.	(P1) Existe uma variação interessante. <b>Principalmente no tom, na velocidade e nas palavras utilizadas. [...] Nenhum modo de falar chegou a ser muito estranho para mim, talvez pelo fato de muitos dos sotaques se assemelharem ao meu ou ao que estou habituado a ouvir.</b>
(P2) O sotaque se destacou, mas cada um tem sua maneira própria. As gírias apareceram em alguns bem específicos, assim como certas entonações e ritmos da fala.	(P2) São falantes paraibanos, <b>com níveis de escolaridade diferentes e que revelam algumas questões culturais e particulares pelos dialetos utilizados [...].</b>
(P3) Tódes falaram de forma clara, eu particularmente gosto do sotaque paraibano, apesar de algumas falas mais puxada que outras [...].	(P3) Totalmente <b>necessária e expressiva, ajudando a entender a realidade de ser LGBTQIA+</b> na sociedade brasileira.
(P4) Todos relatam suas histórias de forma clara! Todos falam de forma que quem escuta sente como se fossem amigos.	(P4) Gostei de todas as falas, <b>cada uma com suas particularidades e vivências distintas.</b>
(P5) Muito próximo do modo de falar das pessoas com quem eu convivo. Muito expressivos e claros.	(P5) <b>Bem diversificada</b> , devido à pluralidade de pessoas entrevistadas.
(P6) Achei normal, não me causou estranhamento, já que tenho vivência em círculo LGBT.	(P6) Normal, <b>cada um com seu jeito particular de se expressar.</b>
(P7) Expressivas, cada uma da sua maneira, porém bem seguras de si.	(P7) Normal, é a forma que as pessoas falam no cotidiano.
(P8) Muito parecida com as pessoas do meu meio.	(P8) Acredito que há segurança e espontaneidade.
(P9) Parecido com minha forma de falar.	(P9) Modos de fala <b>bem normais.</b>
(P10) Falam de maneira simples e clara.	(P10) Natural.

Fonte: SOUZA-SILVA, 2022.

Então, identifica-se que P1, do grupo LGBTQIA+, reconhece-se, social e linguisticamente, com falas e narrativas dos/as colaboradores/as, uma vez que diz conviver com pessoas LGBTQIA+ e já ter contato com o uso de gírias e de expressões típicas, assim como também vivenciou histórias parecidas em sua vida. E na direção dessa convivência e partilha, P5 e P8 reiteram essa ideia, indicando que o modo de falar é típico daqueles/as com os/as quais convivem e são de seu meio social, mas não indicam aproximação de uso, como aponta P9, ao dizer que se parece com

sua forma de falar, indicando maior sentimento de pertença a uma performance linguageira LGBTQIA+.

Ademais, P2 aponta o sotaque como característica em destaque, mas reconhecendo que há certas particularidades na forma de falar de cada pessoa ouvida, reconhecendo, também, que alguns têm marcas estilísticas mais aparentes, bem como o uso da entonação e o ritmo da fala; e P3 lança seu comentário acerca do sotaque, acrescentando que gosta do sotaque paraibano, mas deixa em destaque que há características que podem incomodar, uma vez que contrasta “mais puxada que outras” por meio do uso da expressão “apesar de”; além disso, um recurso linguístico interessante é o uso de “todes”, desviando-se da binaridade da desinência de gênero, também adjetivando os modos de falar como claros. Nessa direção de clareza também estão P4 e P10, não indicando maiores características dialetais, estéticas e/ou estilísticas. Por último, P6 diz não ter estranhamento, sendo maneiras de falar normais, uma vez que o convívio com pessoas da comunidade LGBTQIA+ também já é de sua realidade; e P7 destaca a expressividade dos modos de falar, indicando que os/as falantes se mostram “bem seguros de si”.

A partir dos dados, identifico que a participação e o convívio com sujeitos LGBTQIA+ é realidade na vivência de muitos dos/as participantes, mas a ideia de engajamento parece distante, ainda não indicando uma participação tão efetiva nas práticas da comunidade. Logo as atitudes, para a maioria, parecem estar mais no nível comportamental do que afetivo, no que tange ao uso da linguagem desse grupo específico, mas apresentando, no geral, atitudes amistosas. Para contrastar, podemos observar a avaliação direta feita pelo grupo não LGBTQIA+. Nesse grupo, P6, P7, P9 e P10 se alinham a uma avaliação unívoca: um modo de falar normal, natural, não atribuindo juízo a características dialetais, estéticas e/ou estilísticas. Entretanto, P6 aponta para a existência de um “jeito particular de se expressar” e P7 diz ser a forma que as pessoas cotidianamente falam, parecendo que esteve mais atento/a questões prosódicas do que estilísticas. Já P8 reconhece aspectos como expressividade e espontaneidade, como P4 do grupo LGBTQIA+, ao indicar que “quem escuta sente como se fossem amigos”.

Ao observar os comentários de P3 e P4, identifico que enaltecem mais a importância das narrativas de vida, atribuindo expressividade e gosto pelo modo de falar, respectivamente, mas, ao que indica, consideraram mais a relevância do conteúdo do que o modo de o produzir – ao menos é a atitude explícita; já P5, limita-se a apontar que o modo de falar é diversificado, mas não aponta especificidades. Por fim, P1 e P2 são os que se direcionam mais aos aspectos linguísticos e paralinguísticos. P1 diz haver uma variação interessante quanto ao tom, à velocidade e ao vocabulário utilizado pelos/as falantes. Além disso, não vê problemas em se aproximar do grupo em análise, ao dizer que o sotaque dos/as colaboradores se assemelha ao dele, não lhe causando grande estranhamento. Por seu turno, P2 afirma que todos/as são paraibanos/as e que apresentam marcas dialetais particulares.

Desse modo, a maioria dos/as participantes desse grupo, sem surpresa, distancia-se de uma avaliação específica de itens linguísticos e/ou paralinguísticos. Nessa direção, o grupo não LGBTQIA+ aponta para disposições tolerantes, mas alguns/algumas se distanciaram de uma avaliação mais elaborada, restringindo-se a avaliar como normal/natural, outros/as evidenciaram a relevância das histórias narradas.



## Considerações finais

Nos dois grupos, há quem destaque o sotaque como característico, inclusive é possível pensar a diferença das atitudes linguísticas quando são avaliados/as LGBTQIA+ de diferentes regiões do Brasil. Outrossim, é válido destacar como a manipulação e a percepção da variável sexo/gênero não são simples de analisar, mas o fator origem se mostra sempre bastante representativo. Logo, quanto mais os condicionadores se internalizam na tessitura social mais complexa é sua manipulação e seu controle. Assim fica em evidência que, caso se queira “[...] saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito: ler sociologia, geografia, história, antropologia, psicologia cultural e social, etc” (MOITA LOPES, 2006, p. 96), por isso defendo a importância de mover a sociolinguística do campo do inter para o transdisciplinar.

Em relação à percepção e à construção de um perfil LGBTQIA+, identifiquei dados que remetem a uma percepção positiva por parte dos dois grupos de participantes, favorecendo uma leitura sobre a reconfiguração da posição de pessoas LGBTQIA+ em nossa sociedade. Não se deve intuir que não há preconceitos subjacentes, mas pode ser que tais indicadores não estejam ou sejam tão explícitos, requerendo maior refinamento no que tange à captação das atitudes em suas diferentes etapas: comportamental, afetiva e cognitiva.

Dado o exposto, os dois grupos favorecem uma percepção de um perfil descolado, trabalhador, inteligente, elegante, confiável e progressista, com traços de empatia, de amabilidade, de sensibilidade, de simpatia e de feminilidade em diferentes níveis, bem como têm suas formas de falar caracterizadas, de modo mais amplo, como bonitas, expressivas e claras. Contudo, reitero que não é viável, com o que se demonstrou aqui, apontar para uma aceitação plena da pessoa LGBTQIA+, haja vista a necessidade de que os estudos de atitudes se desdobrem, revelando percepção de outras pessoas em outros contextos e condicionadas por outros fatores extralinguísticos e que oportunizem outras assertividades.

## CONFLITO DE INTERESSES

O autor não tem conflito de interesses a declarar.

## REFERÊNCIAS

- BENEVIDES, Bruna. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília: Distrito Drag; ANTRA, 2023.
- CARDOSO, Denise Porto. **Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns dialetos Brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KAUFMANN, Göz. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. *In*: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tommaso. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 121-137.



LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT, William; LAMBERT, Wallace. **Psicologia Social**. 3. ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 07-42.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 85-108.

MORAIS E LIMA, Priscila Evangelista. **Atitudes linguísticas de paraibanos em relação ao seu próprio falar**. 2019. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

OLIVEIRA, Maria. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RIBEIRO, Ana Beatriz. **Usos linguísticos de lésbicas e de gays: questões de identidade e estilo**. 2020. 155 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SILVA, Mikaylson; GOMES, Almir Anacleto. O papel das atitudes linguísticas nos estudos variacionistas e de contato dialetal no PB. **Cuadernos de la ALFAL**, v. 12, p. 53-70, 2020.

SOUZA-SILVA, André Luiz. **Sociolinguística com foco na comunidade LGBTQIA+**: atitude, identidade e estigma. 191 f. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

VELOSO, Rafaela. As três ondas da Sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. *In*: **XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina**. João Pessoa: Ideia, 2014, p. 1740-1749.





# “Carioca fala bi[s]coito?”: um estudo de avaliação sobre as variantes alveolar e pós-alveolar na comunidade de fala do Rio de Janeiro

**Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8025-0530>

E-mail: [malmelo.lopes@letras.ufrj.br](mailto:malmelo.lopes@letras.ufrj.br)

**Renata de Mello Rodrigues**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6486-5566>

E-mail: [renatademello@letras.ufrj.br](mailto:renatademello@letras.ufrj.br)

## RESUMO

Estudos de produção mostram que, independentemente da idade, do sexo, da escolaridade e da classe social, a coda (s) é majoritariamente realizada na variedade carioca como fricativa pós-alveolar, ocorrendo as outras variantes (fricativa alveolar, fricativa velar/glotal e ausência da coda) em percentuais bastante reduzidos. Esta pesquisa observa a avaliação social das variantes alveolar e pós-alveolar da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro, partindo da hipótese de que a variante alveolar da coda (s) poderia ser avaliada pelos cariocas como prestigiada, não sendo relacionado qualquer grau de estigma ou prestígio à realização da fricativa pós-alveolar. Para tanto, um experimento de avaliação, usando a técnica de *matched guise*, foi aplicado em 43 jovens universitários da comunidade de fala do Rio de Janeiro. Relativamente à variante pós-alveolar, os resultados seguiram a tendência já apontada por Melo (2017, 2022), isto é, de que a esta variante não são atribuídos nem prestígio e tampouco estigma. Relativamente à variante alveolar, observou-se que os participantes atribuíram certo grau de prestígio a essa variante, sendo o número de itens – dois por sentença – decisivo para a atribuição deste prestígio. Argumenta-se que o prestígio atribuído à variante alveolar possa estar relacionado à avaliação do falar carioca tanto por falantes de outras variedades como pelos próprios cariocas, motivo pelo qual seria mais bem avaliada em contexto de maior monitoramento. Espera-se que estudos futuros com outros grupos sociais possam avançar na análise dos significados sociais das variantes da coda (s), sobretudo no que diz respeito à frequência das variantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Coda (s); Variedade carioca; Avaliação social; Prestígio; Estigma.



## “Carioca speaks bi[s]coito?”: an evaluation study on the alveolar and post-alveolar variants in the speech community of Rio de Janeiro

### ABSTRACT

Production studies show that, regardless of age, sex, education and social class, the coda(s) is mostly performed in the Carioca variety as a post-alveolar fricative, and the other variants (alveolar fricative, velar/glottal fricative and absence of the coda) are produced at very low percentages. This paper addresses the social evaluation of the alveolar and post-alveolar variants of coda(s) in the speech community of Rio de Janeiro, taking the hypothesis that the alveolar variant of coda(s) could be evaluated by speakers from Rio de Janeiro as prestigious, while the realization of the post-alveolar fricative does not receive any stigma or prestige. To do this, an evaluation experiment, using the matched guise technique, was applied to 43 young university students from the speech community of Rio de Janeiro. Regarding the post-alveolar variant, the results followed the trend already pointed out by Melo (2022), that is, that neither prestige nor stigma is attributed to this variant. Regarding the alveolar variant, participants attributed a certain degree of prestige to this variant, with the number of items – two per sentence – being decisive for the attribution of this prestige. It is argued that the prestige attributed to the alveolar variant may be related to the evaluation of Carioca speech both by speakers of other varieties and by Cariocas themselves, which is why it would be better evaluated in a context of greater monitoring. We hope that future studies with other social groups can advance the analysis of the social meanings of the coda(s) variants, especially with regard to the frequency of the variants.

**KEYWORDS:** Coda (s); Carioca variety; Social evaluation; Prestige; Stigma.

## 1. Introdução

Não é difícil perceber que os falantes mudam a forma como usam a língua a depender do contexto em que estão inseridos. Os falantes podem empreender essas mudanças de maneira consciente ou inconsciente, podendo ainda alternar a forma como falam em curtos períodos ou por períodos mais extensos. Schilling-Estes (2002, p. 376) sustenta que a compreensão acerca da variação linguística somente será alcançada se forem levados em consideração tanto a forma como os indivíduos internalizam os padrões linguísticos da comunidade em que estão inseridos, como a forma pela qual esses padrões são criados e recriados pelos indivíduos em suas práticas de interação diária. Por meio desses diferentes padrões, determinados valores e significados sociais são associados às formas linguísticas. Assim, de uma maneira geral, formas prestigiadas socialmente tendem a ser realizadas em situações de maior monitoramento por parte do falante, ao passo que formas estigmatizadas tendem a ser evitadas nesses mesmos contextos.

Nesse sentido, no presente artigo, observa-se a avaliação que falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro fazem em relação a duas variantes da coda (s): a variante pós-alveolar, como em bi[ʃ]coito e me[z]mo, e a variante alveolar, como em bi[s]coito e me[z]mo. Melo (2017, 2022) mostrou que a variante pós-alveolar é associada à característica de variedade regional por falantes com perfis sociais diferentes e que a variante posterior (velar/glotal) é estigmatizada por falante com algum grau de inserção social. Nesse cenário, que valor(es) social(is) pode(m) estar associados à variante alveolar, uma variante também observada – embora em frequência bem inferior à pós-alveolar – na comunidade de fala do Rio de Janeiro e majoritariamente observada em outras variedades do português brasileiro? O objetivo é verificar uma possível avaliação social mais positiva da variante alveolar entre os falantes cariocas, o que faria com que, em alguns

contextos de interação mais monitorados, a variante alveolar, mesmo não sendo a variante típica do falar carioca, seja preferida pelos falantes.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: primeiramente, será abordada a questão da avaliação sociolinguística, em especial, da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro, a fim de relacionar as diferentes variantes da coda (s) a valores sociais distintos na comunidade de fala, bem como situar a avaliação da variedade carioca por falantes da própria comunidade de fala e de outras variedades; na seções seguintes, serão apresentadas a metodologia do experimento aplicado e a análise dos resultados obtidos; por fim, serão tecidas as considerações finais.

## 2. Avaliação sociolinguística

Em oposição à tradição consolidada na primeira metade do século XX, segundo a qual a língua deveria ser tomada como um sistema abstrato, homogêneo e apartado de seus usos, a Sociolinguística Variacionista trouxe, de maneira sistemática, a possibilidade de se conceber a língua como a estrutura dotada de heterogeneidade ordenada: a variação não só é inerente ao sistema, mas também se apresenta de maneira ordenada, sistematizada. Assim, como a variabilidade observada na fala (uso) reflete a variabilidade do próprio sistema linguístico, é necessário obter uma grande quantidade de dados empíricos, os quais devem ser rigorosamente descritos pelos analistas, a fim de que a variabilidade do sistema seja capturada e explicada. Desde a década de 1960, diversos estudos sociolinguísticos vêm se dedicando à obtenção de dados reais de fala, de diferentes línguas, para que a variabilidade do sistema, bem como a relação entre a língua e seus usos sejam observadas. Apesar de estudos com dados de percepção já serem objeto de estudo desde o advento, na década de 1960, da Sociolinguística Variacionista, é certo que são encontrados mais trabalhos realizados a partir de dados de produção do que trabalhos que tenham se desenvolvido a partir de dados de percepção. Entretanto, nas últimas décadas, o interesse em estudos de percepção se ampliou consideravelmente, fazendo com que diferentes técnicas experimentais tenham se desenvolvido e tornando possível obter, sistematizar e analisar dados de percepção.

No geral, o que se observa nos diferentes trabalhos já realizados que versam sobre a relação entre as formas linguísticas e a avaliação dos falantes é que existe uma recorrente associação entre as variantes produzidas e o julgamento dos falantes que delas fazem uso, de modo que variantes mais usadas por falantes em contextos formais é aquela mais frequentemente usada por falantes da classe social mais elevada e vice-versa (LABOV, 2006, p. 265). Ademais, para além da relação prestígio-estigma, Oushiro (2015, p. 318) argumenta que “línguas, variedades e variantes favorecidas pelas classes menos privilegiadas são percebidas mais negativamente quanto a atributos de *status* e valorizadas quanto a traços de solidariedade”.

Labov (2006, p. 266) afirma que os falantes não têm consciência sobre as variáveis fonológicas e que, portanto, é fundamental que sejam elaborados experimentos para acessar a avaliação dos falantes sobre essas variáveis. Conseqüentemente, o autor aponta que, para melhor acessar

a avaliação dos falantes, é fundamental: a) isolar as reações subjetivas a valores particulares de uma única variável; b) reduzir essas reações a uma medida quantificável; c) encontrar a estrutura global refletida no padrão das medidas resultantes. Assim, para acessar a avaliação das formas linguísticas que os falantes realizam, é necessário recorrer a experimentos de atitude/avaliação, uma vez que, conforme argumenta Labov (2008, p. 176), as opiniões pessoais dos falantes podem não emergir, caso eles sejam indagados diretamente sobre as variantes. Esse cuidado é importante, pois, em um estágio avançado de mudança, as variantes podem receber um reconhecimento social consciente e explícito. É nesse momento que os estereótipos tendem a aparecer e a influenciar de forma negativa a avaliação do falante, gerando um movimento de aproximação em relação à forma mais conservadora e formal, usada por falantes de classes sociais mais elevadas. Criada por Lambert et al. (1960), um recurso muito utilizado para acessar a avaliação dos falantes é a técnica dos falsos pares (*matched guise*), a qual consiste em colocar os falantes diante de duas possibilidades realizadas por um mesmo falante de duas formas diferentes. Segundo Oushiro (2015, p. XX), essa técnica “permitiu demonstrar que diferentes variedades linguísticas impactam a avaliação dos sujeitos em diferentes situações”.

Em razão de, conforme dito anteriormente, os estudos de produção serem mais abundantes do que os de percepção/avaliação e de técnicas experimentais terem sido desenvolvidas de maneira mais consistente nas primeiras décadas do século XXI, muitas observações feitas sobre as avaliações dos falantes sobre diferentes variáveis ao longo das últimas décadas se basearam em estudos com dados de produção. Assim, se uma variante de uma variável era mais produzida por falantes pertencentes a grupos de menor prestígio social, essa variante era entendida como estigmatizada; por outro lado, variantes produzidas por falantes de grupo sociais prestigiados foram compreendidas como variantes de prestígio.

Nesse contexto, a partir de diversos estudos sobre a coda (s) no português brasileiro, Maia (2018, p. 226) sustenta que o enfraquecimento desse segmento, salvo poucas exceções a depender da região, “parece ter surgido entre falantes pouco escolarizados e de camadas mais baixas da sociedade, muito mais na fala de homens do que de mulheres, e está alcançando as camadas mais elevadas e até os estudantes mais escolarizados”. Essa relação entre a distribuição de variantes das variáveis e a correlação com grupos sociais distintos da mesma comunidade levou diferentes estudos de variedades distintas do PB a tomarem a realização posterior (aspirada) da coda (s) como a variante estigmatizada, uma vez que essa variante era mais observada em falantes de classe sociais mais baixas e menos escolarizados (AULER, 1992; CARVALHO, 2000; GRYNER e MACEDO, 2000). Relativamente aos estudos de produção da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro, os diversos estudos já produzidos apontam que esse segmento é majoritariamente produzido como uma fricativa pós-alveolar em diferentes grupos sociais da comunidade de fala (GUY, 1981; AULER, 1992; SCHERRE e MACEDO, 2000; MELO, 2012 e 2017). Essa maior frequência da fricativa pós-alveolar sobre as demais pode ser tomada, inclusive, como uma característica bastante saliente da variedade carioca.

Melo (2017, 2022) realizou um experimento de avaliação sobre a realização da coda (s) em dois grupos sociais distintos da comunidade de fala do Rio de Janeiro: (a) três grupos de moradores de favelas, com diferentes graus de inserção social (grupos EJLA, EPSJV e Fiocruz); (b)



um grupo de falantes universitários pertencentes a diferentes setores da classe média (grupo UFRJ). As variantes em análise foram a fricativa pós-alveolar [ʃ/ʒ] e fricativa posterior [x/χ ou h/ħ], como em me[ʒ]mo e me[χ/ħ]mo. Era esperado que o grau de inserção dos sujeitos tivesse impacto na organização do conhecimento linguístico desses mesmos sujeitos e, consequentemente, na forma como os falantes avaliam as variantes. Os resultados revelaram um padrão binário de avaliação: (1) não há distinção de avaliação entre as variantes para os indivíduos do grupo EJLA, grupo este constituído por adolescentes excluídos socialmente; (2) para os outros três grupos (EPSJV, Fiocruz e UFRJ), há diferença considerável de avaliação entre as variantes. Esse padrão revela que a avaliação das variáveis não é compartilhada por todos os falantes da comunidade de fala. De maneira geral, entre os participantes dos três grupos que avaliam diferentemente as variantes, a variante glotal foi avaliada de forma negativa, o que conduz à hipótese de ser essa a variante estigmatizada entre os falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro com algum grau de inserção social. Relativamente à variante pós-alveolar, Melo (2017) observou que não há estigma ou valor positivo atribuído à variante pós-alveolar: “se um falante fizer uso dessa variante, será entendido que esse falante pertence à comunidade de fala do Rio de Janeiro (...), isto é, não há nenhum tipo de associação da variante a um grau de prestígio” (p. 118).

Tesch (2023) realizou um estudo sobre avaliação de sotaques das capitais da região sudeste do Brasil, por meio da análise de 1401 questionários respondidos por brasileiros com idades entre 18 e 76 anos (com idade média de 33 anos), de ambos os sexos e de diferentes cidades brasileiras. A maioria dos participantes tinha nível superior (graduação ou pós-graduação) e pertenciam aos estados de Espírito Santo (53,25%), Minas Gerais (12,06%), Rio de Janeiro (8,14%) e São Paulo (8,71%). Em relação às categorias avaliadas no questionário (prestígio, beleza, correção e agradabilidade), a variedade carioca foi avaliada, em relação às demais variedades do sudeste (paulista, mineira e capixaba), da seguinte forma: a) ao lado da variedade paulista, foi considerada a de maior prestígio; b) novamente, ao lado da variedade paulista, foi mais relacionada a um falar “feio”; c) ao lado da variedade mineira, foi menos relacionada a um falar “correto” e mais relacionada a um falar “errado”; d) foi a variedade menos relacionada com um falar “agradável” e mais relacionada com um falar “irritante”. Além disso, quando perguntados sobre qual sotaque da região sudeste os participantes não gostariam de ter, a variedade carioca figurou como a mais rejeitada por falantes nascidos em Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo. Assim, os resultados de Tesch revelam que o sotaque carioca, embora reconhecidamente prestigiado entre os falantes do sudeste, costuma não ser bem avaliado pelos mesmos falantes (irritante e não desejável).

A partir dos resultados de Melo (2017, 2022) e dos resultados de Tesch (2023), o que se pretende é analisar o significado social das variantes alveolares, as quais são pouco frequentes na comunidade de fala do Rio de Janeiro e, diferentemente da variante pós-alveolar, não são reconhecidas como típicas da variedade carioca. A hipótese é a de que, se a variante posterior é estigmatizada entre falantes com maior escolaridade e inserção social e a variante pós-alveolar é apenas um marcador da fala carioca, a variante alveolar pode ser percebida como a variante de prestígio entre os falantes mais escolarizados da comunidade de fala do Rio de Janeiro.

### 3. Metodologia

No decorrer desta seção, será apresentada a metodologia de levantamento e de tratamento dos dados de avaliação. Conforme dito anteriormente, a finalidade deste trabalho é averiguar como falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro avaliam duas variantes da coda (s): as fricativas pós-alveolares [ʃ/ʒ] e as fricativas alveolares [s/z]. O experimento, elaborado para levantar dados que evidenciem a avaliação social das variantes em questão, analisou a relação entre as variantes da variável e três atividades profissionais diferentes: *médica*, *auxiliar de enfermagem* e *faxineira*, as quais possuem diferentes níveis de prestígio na sociedade. A associação de uma variante com um determinado perfil profissional indica expectativas sociais distintas quanto à formação dos sujeitos que ocupam cada uma das profissões. Dessa forma, maior prestígio social estaria associado à profissão de *médica*, a qual requer um maior nível de escolaridade e formação específica; de maneira oposta, no polo de menor prestígio social, estaria a profissão *faxineira*, a qual não requer nenhum nível de escolaridade e de formação; por fim, a profissão de *técnica de enfermagem* estaria em um nível intermediário de prestígio social, visto que, apesar de ser necessária uma formação técnica, este é um perfil profissional ocupado por profissionais das classes mais populares que tiveram a oportunidade de frequentar alguma instituição para alcançar essa formação. Assim, a associação de uma variante a uma determinada função nessa escala social indica: a) avaliação positiva da variante quando mais associada à profissão de *médica*; b) avaliação negativa da variante quando mais associada à profissão de *faxineira*; c) avaliação isenta de prestígio ou estigma da variante quando mais associada à *técnica de enfermagem*.

O experimento foi aplicado em jovens universitários cariocas da Faculdade de Letras da UFRJ, os(as) quais, à época da aplicação do experimento, cursavam o 1º e 2º períodos da graduação. A escolha por observar a avaliação de jovens universitários se deu em razão de tais falantes estarem mais expostos a variantes de prestígio. Todos os participantes tinham entre 18 e 23 anos de idade. As sentenças que serviram de estímulos para o experimento foram gravadas por uma falante da comunidade de fala do Rio de Janeiro, com nível universitário e faixa etária de 25-30 anos. Além de 12 sentenças distratoras, 24 sentenças foram elaboradas e organizadas em duas listas: uma lista com 12 sentenças que só continham apenas um item com a variável analisada e outra lista com 12 sentenças que continham dois itens com a variável analisada. A fim de que fosse possível estabelecer uma comparação com os resultados obtidos por Melo (2017, 2022), as mesmas sentenças utilizadas por esse autor foram utilizadas no presente experimento. Como Melo (2017, 2022) não observou diferenças significativas por sexo/gênero, essa variável não foi controlada.

Cada participante escutou, no total, 18 sentenças, das quais 12 continham a variável em questão e 6 eram distratoras. Um grupo de participantes ouviu as sentenças que continham apenas uma ocorrência da variável e outro grupo ouviu as sentenças com duas ocorrências da variável, totalizando 43 participantes para as duas situações do experimento (ouvir uma única ocorrência da variante por sentença x ouvir duas ocorrências da mesma variante por sentença). Cada participante ouviu, em cada uma das duas condições, 6 sentenças com uma variante e 6 com a outra variante, sendo que nenhum participante foi exposto à mesma palavra com as duas variantes.



**QUADRO 1.** *Design*: distribuição das sentenças/estímulos do experimento

22 participantes de cada grupo	sentenças com 1 item		
	6 sentenças 1 item com a variante pós-alveolar	6 sentenças 1 item com a variante alveolar	6 sentenças distratoras
21 participantes de cada grupo	sentenças com 2 itens		
	6 sentenças 2 itens com a variante pós-alveolar	6 sentenças 2 itens com variante alveolar	6 sentenças distratoras

Fonte: Produzido pelos autores.

O experimento foi aplicado individualmente, na Faculdade de Letras da UFRJ, em uma sala isolada. Os estímulos foram apresentados, individualmente, aos participantes, por meio de um computador e fones de ouvido. Os áudios das sentenças foram reproduzidos de forma aleatória no programa Psycopy, que consiste em um pacote de *software* de código aberto escrito na linguagem de programação Python, usado principalmente em pesquisas em neurociência e psicologia experimental (PIERCE, 2019). Foram registradas 516 respostas ao fim do experimento, excluindo as distratoras.

No momento da aplicação do experimento, o(a) participante recebia orientações no sentido de esclarecer o contexto do experimento. A tarefa atribuída ao(a) participante era novamente explicada na tela do computador, antes de o experimento começar.

**FIGURA 1.** Instruções – experimento de avaliação da coda (s)

**Olá!**

**Você vai ouvir frases que foram gravadas por uma mulher que trabalha em um hospital.**

**Você vai ouvir cada frase 2 vezes e responder: pelo jeito de falar, qual cargo do hospital essa pessoa provavelmente ocupa?**

**Você terá três opções para responder a essa pergunta:**

FAXINEIRA

TÉCNICA DE ENFERMAGEM

MÉDICA

**Para responder entre as três opções, use o cursor (mouse) do computador.  
Para iniciar a pesquisa, aperte a barra de espaços no teclado.**

Fonte: Produzido pelos autores.

Depois da leitura do texto, o(a) participante ouvia duas vezes cada sentença antes de escolher uma resposta. Depois de ouvir duas vezes a sentença, o(a) participante se deparava, na tela, com as três alternativas que deveria escolher (*médica, técnica de enfermagem, faxineira*), clicando, com o *mouse*, em apenas uma delas. Após a escolha da resposta, a informação era registrada

pelo programa em uma planilha do Excel e, logo em seguida, o experimento avançava para o próximo estímulo automaticamente.

As informações geradas foram submetidas a um modelo de análise linear de efeitos mistos, por meio da Plataforma *Jamovi* (SAHIN; AYBEK, 2019), com o objetivo de examinar a relação entre as respostas (*médica*, *técnica de enfermagem* ou *faxineira*) e as variáveis independentes: a) variante/estímulo (intrassujeitos/ *within subjects*)<sup>1</sup>: alveolar ou pós-alveolar para a coda (s); b) número de variantes por sentença (entre-sujeitos/*between subjects*): sentença com uma ocorrência da variante, sentença com duas ocorrências da mesma variante.

A análise das respostas dos participantes ocorreu de duas formas: distribuição das respostas por cada variável independente estudada e grau de avaliação de cada variante. Para esta última forma, foram atribuídos diferentes valores para as respostas dadas pelos(as) participantes aos três perfis profissionais: o valor 1 (um) foi atribuído ao perfil *médica*, o valor 2 (dois) foi atribuído ao perfil *técnica de enfermagem* e o valor 3 (três) foi atribuído ao perfil *faxineira*. Assim, o valor 1 (um) é associado às formas linguísticas tidas como mais prestigiadas e o valor 03 (três), às formas linguísticas de menor prestígio, com base na relação entre as variantes produzidas e as profissões presentes no experimento. A soma dos valores associados às respostas reflete o nível de prestígio ou estigma da variante: quanto maior a pontuação atribuída a uma variante, maior terá sido a sua associação a um perfil menos prestigiado; por outro lado, uma baixa pontuação revela maior associação da variante ao perfil social mais prestigiado e que recebe menor pontuação.

A expectativa era de que, por meio desse experimento, fosse possível apurar se jovens universitários fazem a mesma avaliação sobre as variantes da variável em questão. Além disso, buscava-se analisar se a frequência da variável, examinada a partir da realização de 1 item ou 2 itens na mesma sentença, interferiria de algum modo na avaliação por parte do(a) participante, conforme em Labov et al. (2011). A hipótese era de que a variante alveolar, diferentemente do que Melo (2017, 2022) observou para a variante pós-alveolar, seria mais associada ao perfil *médica*, o que pode indicar um valor de prestígio atribuído a essa variante. Em relação à variante pós-alveolar, espera-se confirmar os resultados de Melo (2017, 2022), sendo essa variante mais associada ao perfil intermediário (*enfermeira*).

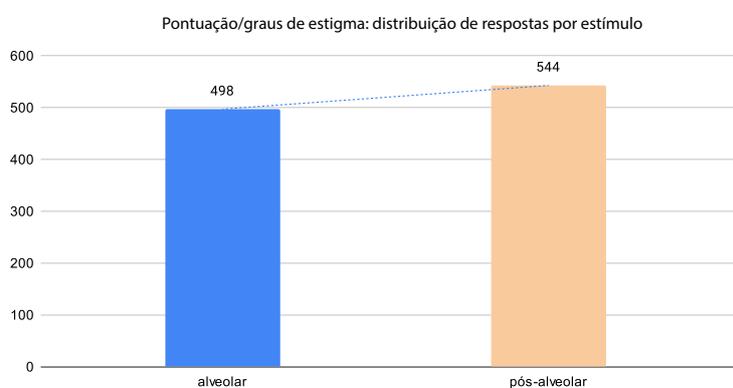
## 4. Resultados

Como já mencionado anteriormente, para cada escolha de perfil profissional por parte dos(as) participantes foram atribuídos valores, a fim de que fosse possível registrar a diferença – ou não – em relação à avaliação das variantes: (a) as respostas relacionadas ao perfil *médica* receberam pontuação 01 (um); (b) as respostas relacionadas ao perfil *técnica de enfermagem*

<sup>1</sup> *Design* experimental intrassujeitos (*within-subject*) significa que todos os participantes estão expostos aos mesmos tipos de estímulos. *Design* entre-sujeitos (*between-subjects*) significa que um determinado tipo de estímulo foi exposto a um grupo de participantes e não a outro (DRAGER, 2013:64). Em outras palavras, todos os participantes ouviram as duas variantes de cada variável, mas cada grupo ouviu ou somente uma variante por sentença ou duas variantes por sentença de cada variável sociolinguística avaliada.

receberam pontuação 02 (dois); (c) as respostas relacionadas ao perfil *faxineira* receberam pontuação 03 (três). Assim, a soma das pontuações reflete os graus de estigma de cada variante, sendo uma pontuação mais elevada o indicativo de uma maior associação entre uma das variantes ao perfil de menor prestígio social. O gráfico 1 revela a distribuição de pontuação por variante. A partir da análise do gráfico com as pontuações das variantes alveolar e pós-alveolar, é possível observar que uma menor pontuação foi atribuída à variante alveolar (498) e, portanto, é possível dizer que essa variante recebeu uma avaliação mais positiva que a variante pós-alveolar (544).

**GRÁFICO 1.** Avaliação em graus de estigma sobre as variantes da coda (s) - alveolar e pós-alveolar, com base nos resultados gerais do experimento



Fonte: Produzido pelos autores.

As respostas registradas foram submetidas a uma análise linear de efeitos mistos, por meio do *software* Jamovi, para observar a correlação – ou não – entre os resultados (as respostas dos participantes/escolhas da profissão) e as variáveis explicativas controladas na pesquisa (estímulo e lista de itens). Importante destacar que um p-valor abaixo de 0.050 indica que há correlação entre as respostas dadas e as variáveis independentes controladas, razão pela qual os resultados obtidos são considerados significativos e, por isso, relevantes no entendimento da avaliação das variáveis linguísticas em questão. Na Tabela 1, são apresentados os resultados para a análise linear de efeitos mistos.

**TABELA 1.** Significância estatística das variáveis explicativas no experimento de avaliação das variantes da coda (s), com base no modelo de análise linear de efeitos mistos

	F	Num df	Den df	P
Estímulo	5.89	1	512	0.016
Lista	5.95	1	512	0.015
Estímulo * Lista	1.36	1	512	0.244

modelo: RESPOSTA ~ 1 + ESTÍMULO + LISTA + ESTÍMULO:LISTA+( 1 | participante)

Fonte: Produzido pelos autores.



Conforme os resultados da Tabela 1, a análise estatística dos resultados mostrou que há correlação entre as respostas dadas pelos(as) participantes: (a) as variantes (*estímulo*); (b) o número de ocorrência da variável por sentença (*lista*). A partir da correlação observada em (a), é possível dizer que a relação entre os estímulos e as respostas foi determinante para a avaliação dos participantes. Assim, como houve menos associação da variante alveolar aos perfis de menor prestígio social, tendo em vista a pontuação menor atribuída a essa variante, é possível afirmar, ainda, que, em comparação com a variante pós-alveolar, a variante alveolar recebeu avaliações mais positivas, o que pode indicar a atribuição de certo grau de prestígio a essa variante.

Levando em consideração a correlação observada em (a) e (b), a Tabela 2 traz a distribuição de respostas para o grau de estigma atribuído às variantes da coda (s), considerando o número de itens por sentença (*lista*).

**TABELA 2.** Distribuição de respostas por variantes e lista de itens com a variável

LISTA	VARIANTE	PERFIL PROFISSIONAL			
		médica	técnica de enfermagem	faxineira	Total Geral
01 item	alveolar	31 (27,20%)	44 (38,60%)	39 (34,20%)	114
	pós-alveolar	25 (21,93%)	46 (40,35%)	43 (37,72%)	114
02 itens	alveolar	64 (44,44%)	42 (29,17%)	38 (26,39%)	144
	pós-alveolar	37 (25,69%)	60 (41,67%)	47 (32,64%)	144

Fonte: Produzido pelos autores.

Conforme se depreende da leitura da Tabela 2, é possível observar uma concentração de respostas associadas ao perfil intermediário (*técnica em enfermagem*) nas listas com apenas um item com a variável, independentemente da variante (*estímulo*). Ou seja, independentemente de o estímulo conter um item com a variante pós-alveolar ou alveolar, houve maior associação das respostas ao perfil intermediário, o que pode revelar que não houve atribuição de estigma ou prestígio às variantes. As sentenças da lista 01 que continham um item com a variante alveolar foram, inclusive, as que foram menos associadas ao perfil *médica* (31), isto é, aquele com maior prestígio social.

Por outro lado, a presença da variante alveolar parece ter sido decisiva para que as sentenças fossem associadas ao perfil de maior prestígio social (*médica*), quando havia dois itens produzidos com essa variante (64). É possível observar que, ainda de acordo com os resultados da lista 02, a associação entre a variante alveolar e o perfil de maior prestígio foi maior do que a associação – já esperada – entre a variante pós-alveolar e o perfil intermediário (60). Assim, é provável que o número de itens com a variante de prestígio tenha sido decisivo para um julgamento mais

positivo dos participantes, numa relação inversa àquela observada por Labov et al. (2011) para a variante estigmatizada.

Comparando com os resultados obtidos por Melo (2017, 2022), existe uma notável diferença quanto à avaliação dos(as) participantes: para a pós-alveolar vs. glotal, os resultados de Melo mostram que há uma forte correlação entre as variantes e as respostas dos universitários que participaram do experimento, sendo a variante glotal a que recebeu uma avaliação negativa, isto é, de forte estigma. No entanto, a variante pós-alveolar não recebeu uma avaliação de prestígio, presumivelmente porque, conforme já assinalado, essa é a variante esperada para os falantes do Rio de Janeiro. Os resultados deste experimento revelaram as mesmas conclusões para a variante pós-alveolar, conforme já apontado por Melo (2017, 2022). Entretanto, no que se refere à variante alveolar, os resultados apontam para um valor atribuído a essa variante na direção oposta àquela atribuído à variante posterior e observado em Melo (2017, 2022): enquanto esta apresentou uma avaliação bastante negativa (estigma) por parte dos falantes universitários, a variante alveolar, de maneira oposta, apresentou avaliações em direção a um padrão de prestígio.

É interessante mencionar, ainda, que, quando as variantes pós-alveolar e posterior estão sendo comparadas (MELO, 2017, 2022), a diferença de avaliação é muito grande. Porém, como no caso deste experimento, quando as variantes pós-alveolar e alveolar são comparadas, a diferença é menor. Talvez, por esse motivo, somente com um número maior de itens com a variante alveolar seja possível perceber uma mudança no padrão de avaliação dos falantes, os quais passam a atribuir um valor de prestígio à variante. Conjugando os resultados de Melo (2017, 2022) e o deste trabalho, é importante observar que a variante pós-alveolar é avaliada de maneira neutra pelos falantes do Rio de Janeiro em ambos os experimentos, isto é, como uma característica do falar carioca, mas as outras duas variantes (posterior e alveolar) estão em polos opostos quanto à avaliação: a variante posterior tende a receber uma avaliação negativa por parte dos falantes cariocas com algum grau de inserção social, ao passo que a variante alveolar parece ser mais associada a uma variante de prestígio.

## 5. Considerações finais

Este trabalho analisou o significado social em relação à produção da coda (s), comparando as variantes fricativas pós-alveolares [ʃ/ʒ] e as fricativas alveolares [s/z], para verificar se, de fato, existe uma variante mais prestigiada entre falantes mais escolarizados do Rio de Janeiro. Para isso, a avaliação da coda (s) foi acessada por meio de um experimento de avaliação sociolinguística, o qual contou com a participação de jovens falantes universitários da UFRJ da comunidade de fala do Rio de Janeiro.

Em síntese, os resultados gerais do experimento mostraram que a variante alveolar recebeu uma menor pontuação (498) no somatório de respostas atribuídas pelos participantes, tendo a variante pós-alveolar recebido uma pontuação maior (544). Uma maior pontuação indica que maior associação ao perfil profissional de menor prestígio social, razão por que é possível afir-

mar que as sentenças que continham a variante alveolar foram menos associadas a esse perfil e, conseqüentemente, foram mais bem avaliadas.

Com relação à frequência dos itens, foi possível observar que, quando a sentença continha apenas 1 item com a variável, a variante era associada ao perfil profissional intermediário (*técnica de enfermagem*), ou seja, os participantes tenderam a uma neutralidade em relação às duas variantes (alveolar e pós-alveolar). No entanto, quando a sentença tinha dois itens com a variável, as sentenças com a variante alveolar foram mais associadas ao perfil de maior prestígio social (*médica*). Essa maior associação da variante alveolar com o perfil de maior prestígio social pode indicar um certo grau de prestígio conferido a esta variante pelos falantes mais escolarizados da comunidade de fala do Rio de Janeiro, sobretudo quando há um aumento da frequência da variante.

Ao longo das últimas décadas, mudanças estruturais ocorridas no Rio de Janeiro instauraram uma nova imagem para o arquétipo da Cidade Maravilhosa. Essa mudança tem um impacto direto na autoimagem do carioca e pode ser uma das causas que levam os cariocas, em determinados contextos, a preferirem o uso da variante alveolar. Como a variante pós-alveolar da coda (s) é bastante saliente e amplamente reconhecida como a principal característica da variedade carioca, a variante alveolar, por não ser diretamente relacionada com o falar carioca, poderia ser preferida por alguns falantes em contextos mais formais de interação. Isto porque a identidade carioca pode ser associada a características não muito positivas (malandragem, informalidade, boemia) em alguns contextos de interação, o que levaria alguns cariocas a produzirem mais a variante alveolar nestes contextos.

Além disso, a própria variedade carioca costuma não ser bem avaliada por falantes de outras variedades do português brasileiro (TESCH, 2023): o sotaque carioca tende a ser avaliado como “irritante” e “menos correto” por falantes de outros estados da região sudeste. Vieira (2020) aponta para uma tendência na grande mídia a uma atenuação de marcas regionais muito acentuadas na fala de repórteres e de jornalistas. Assim, como a variante pós-alveolar da coda (s) é uma característica muito marcante da variedade carioca, pode ser que, em situações mais monitoradas, os cariocas tendam não só a produzir como avaliar de forma mais positiva a variante “mais neutra” ou “menos carioca”, como a fricativa alveolar. Nas palavras de Meyerhoff (2011, p. 28), é possível que, em situações mais monitoradas, em que se exija maior grau de formalidade, os cariocas optem por eliminar o negativo, produzindo variantes “menos cariocas” e avaliando mais positivamente variantes que não indexem a identidade carioca.

Por fim, em comparação com a pesquisa de Melo (2017, 2022) em que as diferenças de avaliação entre a pós-alveolar e a posterior foram muito grandes, o resultado desta pesquisa revela que, para os falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro, não há uma diferença muito acentuada quanto à avaliação das variantes alveolar e pós-alveolar. De qualquer forma, resta evidenciado que, nas sentenças em que dois itens eram realizados com a variante alveolar, houve uma concentração de respostas no perfil de maior prestígio social (*médica*). Por fim, é possível que a diferença entre as variantes alveolar e pós-alveolar possa ser mais bem investigada em outros experimentos, com participantes de outros grupos sociais e nos quais a frequência dos itens com as variantes seja mais bem observada.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo: conceituação, curadoria dos dados, análise formal, investigação, metodologia, administração do projeto, supervisão, validação, visualização, redação, esboço inicial e redação, revisão e edição.

Renata de Mello Rodrigues: análise formal, metodologia, redação, esboço inicial e redação, revisão e edição.

## CONFLITO DE INTERESSES

Os autores não têm conflito de interesses a declarar.

## REFERÊNCIAS

AULER, Mônica. **A difusão lexical num fenômeno de aspiração em português**. In: Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 1992.

CARVALHO, Rosana Siqueira de. **Varição do /S/ pós-vocálico na fala de Belém**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Pará, 2000.

DRAGER, Katie. Experimental methods in sociolinguistics. In: Janet Holmes and Kirk Hazen (Eds.) **Research Methods in Sociolinguistics: A practical guide**, Wiley-Blackwell, p. 58-73, 2013.

GALVÃO MAIA, Edson. Enfraquecimento do /S/ em coda silábica em dados do sul do Amazonas (Brasil). **Estudos de Linguística Galega**. 2018, 219-236. doi:10.15304/elg.ve1.3593. Disponível em: <<https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/3593>> (31 October, 2023).

GRYNER, Helena e MACEDO, A. V. T. A pronúncia do -S pós-vocálico na região de Cordeiro – RJ. In: Maria Cecília Mollica; Mário Eduardo Martellota. (Org.). **Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo**. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações - FL/UFRJ, p. 26-51, 2000.

GUY, Gregory R. **Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history**. PhD Dissertation. University of Pennsylvania, 1981.

JOHNSON, D.E. Getting off the GoldVarb standard: Introducing Rbrul for mixed-effects variable rule analysis. **Language and Linguistics Compass**, 3 (1), 359–383. DOI: 10.1111/j.1749-818X.2008.00108.x, 2008.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William; ASH, Sharon; RAVINDRANATH, Maya; Weldon, Tracey; BARANOWSKI, Maciej; NAGY, Naomi. **Journal of Sociolinguistics**. Blackwell Publishing: p. 431-463, 2011.

LAMBERT, W. E. et al. **Evaluational reactions to spoken languages**. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 60(1), 44-51, 1960.

MELO, Marcelo A. S. L. de. **Direcionalidade da mudança sonora: o papel do item lexical e da avaliação social**. Rio de Janeiro, 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2017.



MELO, Marcelo A. S. L. de. Padrões de avaliação de duas variáveis sonoras na comunidade de fala do Rio de Janeiro: uniformidade ou diferentes tendências?. **ORGANON**, v. 37, p. 102-124, 2022.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing Sociolinguistics**. New York: Routledge, 2011.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Letras) – USP, FFLCH, São Paulo, 2015.

PEIRCE, J. W.; GRAY, J. R.; SIMPSON, S.; MACASKILL, M. R.; HÖCHENBERGER, R.; SOGO, H.; KASTMAN, E.; LINDELØV, J. PsychoPy2: experiments in behavior made easy. **Behavior Research Methods**. 2019.

SAHIN MD, AYBEK EC. **Jamovi: an easy to use statistical software for the social scientists**. Int J Assess Tools Educ; 6:670–92, 2019.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; MACEDO, A. V. T. Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o -S pós-vocálico no Rio de Janeiro. In: Maria Cecília Mollica; Mário Eduardo Martelotta (org.). **Análises linguísticas**: a contribuição de Alzira Macedo. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações - FL/UFRJ, p. 52-64, 2000.

SCHILLING-ESTES, Natalie. 2002. Investigating stylistic variation. In: **The Handbook of Language Variation and Change**, ed. J. Chambers and N. Schilling-Estes, 375-401. Oxford: Blackwell.

TESCH, L. M. Avaliações sobre os sotaques das capitais do sudeste. In: **VI Congresso Nacional de Estudos Linguísticos** (CONEL), 6, 2023, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória (ES).

VIEIRA, Laise Aparecida Diogo. **A língua falada no teatro e em telenovelas brasileiras: um percurso pela história das ideias linguísticas**. São Paulo: UNICAMP, 2020.





# Colocação pronominal em português: uma proposta para um contínuo luso-afro-brasileiro

**Ana Regina Vaz Calindro**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

ORCID: 0000-0003-2171-5307

E-mail: anacalindro@letras.ufrj.br

**Matheus Gomes Alves**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

ORCID: 0000-0001-8109-5299

E-mail: professormatheusalves@gmail.com

**Adriana Leitão Martins**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

ORCID: 0000-0003-0510-2586

E-mail: adrianaleitao@ufrj.br

## RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para a descrição e a análise da sintaxe dos clíticos das línguas naturais. Os objetivos específicos são: a) investigar a colocação de clíticos em português europeu (PE), português brasileiro (PB), português angolano (PA), português são-tomense (PST) e português moçambicano (PM) e b) propor um contínuo entre essas línguas no que tange aos padrões de colocação pronominal. Em relação a tal padrão, defende-se que as referidas línguas formariam o seguinte contínuo: (- proclíticas) PE > PST > PM > PA > PB (+ proclíticas). Sustenta-se, ainda, que a formulação de um contínuo entre essas línguas em relação ao fenômeno sob análise levaria em consideração os seguintes fatores: a) a possibilidade ou a impossibilidade de próclise em início absoluto de oração, b) a opacidade ou não de operadores de próclise e c) a frequência bruta de índices de próclise e ênclise. Interpreta-se, também, que a sugestão de um contínuo sintático poderia ser reforçada por fatores como a aquisição da língua como L1 e a presença de outros idiomas no contexto do PST, PM e PA, ocasionando uma transmissão com características de aprendizado de L2 para outras gerações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Colocação Pronominal; Variedades do português; Contínuo.



## Pronominal collocations in portuguese: a proposal for a Luso-Afro-Brazilian continuum

### ABSTRACT

The main goal of this paper is to contribute to the description and analysis of clitic syntax in natural languages. The specific goals are: a) to investigate the placement of clitics in European Portuguese (EP), Brazilian Portuguese (BP), Angolan Portuguese (AP), São Tomean Portuguese (STP), and Mozambican Portuguese (MP); and b) to propose a continuum among these languages regarding patterns of pronominal placement. Concerning this pattern, it is argued that the aforementioned languages would form the following continuum: (- proclitic) EP > STP > MP > AP > BP (+ proclitic). It is further maintained that the formulation of a continuum among these languages regarding the phenomenon under analysis would take into consideration the following factors: a) the possibility or impossibility of proclitic placement at the absolute beginning of a sentence, b) the opacity or non-opacity of proclitic operators, and c) the raw frequency of proclitic and enclitic indices. It is also interpreted that the suggestion of a syntactic continuum could also be reinforced by factors such as the acquisition of the language as an L1 and the presence of other languages in the context of the PST, PM and PA, causing a transmission with L2 learning characteristics to other generations.

**KEYWORDS:** Clitic Placement; Portuguese Varieties; Continuum.

## 1. Introdução

Nosso objetivo é contribuir para a descrição e a análise da sintaxe dos clíticos, focando na colocação de clíticos empregados junto às lexias simples e complexas em português. Especificamente, investigaremos a colocação pronominal em português europeu (PE), português brasileiro (PB), português angolano (PA), português são-tomense (PST) e português moçambicano (PM). Com base na análise dos dados, será proposto um contínuo em relação à colocação pronominal nessas línguas.

Desde o século XVIII, o PE apresenta ênclise generalizada e a próclise ocorre em contextos bem definidos, como em sentenças finitas com atratores de próclise: complementizadores, negação, quantificadores e alguns advérbios. Em PB contemporâneo, a próclise é a colocação padrão, com características próprias que a diferem da dos períodos anteriores do português, assim como da próclise verificada em PE contemporâneo (GALVES, TORRES MORAIS & RIBEIRO, 2005 – doravante GTR). A ênclise aparece em dados escritos devido à pressão normativa. Em PA, há uma tendência à próclise generalizada, com mais características semelhantes ao PB que ao PE do qual PA se originou. PM apresenta uma tendência à próclise inclusive em primeira posição, assim como PB, porém ainda apresenta ênclise em contextos distintos do PB. Por fim, PST apresenta variação entre ênclise e próclise em diversos contextos. Porém, no contexto de primeira posição, ocorre ênclise, além de ser sensível aos elementos atratores de próclise, como o PE.

Neste artigo, focaremos em sentenças simples com verbos finitos, que podem ocorrer nos seguintes contextos: i. V1 – em que o verbo está em primeira posição absoluta (cf. 1), ou o material que o antecede não tem relação gramatical com ele (cf. 2), tanto em períodos simples como em coordenados (cf. 3); ii. V2 – verbo precedido por sujeito (cf. 4), ou por algum tipo

de expressão fronteada (sintagma preposicionado ou advérbio) (cf. 5); iii. em sentenças com locuções verbais (cf. 6)<sup>1</sup>.

- (1) a. **Chamo-me** Fátima – disse a moça. (PE)  
b. **Me chamo** Fátima – disse a moça. (PB)
- (2) a. Tem sonhos, **emociona-se**, e está apaixonado ... (PE)  
b. Tem sonhos, **se emociona**, e está apaixonado ... (PB)
- (3) a. Depois apanhou duas pedras no chão e **recolocou-as** no alforje. (PE)  
b. Depois apanhou duas pedras no chão e **as recolocou** no alforje. (PB)
- (4) a. Ele **parece-me** mais velho e mais sábio. (PE)  
b. Ele **me parece** mais velho e mais sábio. (PB)
- (5) a. Depois **ensinaste-me** coisas belas... (PE)  
b. Depois **me ensinou** coisas belas... (PB)
- (6) a. E **tinham-se entendido** perfeitamente. (PE)  
b. E **tinham se entendido** perfeitamente. (PB)

(GTR, 2005, p. 145-147, 148)

Devemos ressaltar que o PE serve como o padrão normativo a ser seguido no Brasil e nos países africanos, pois é a variedade da qual partiram as demais. Logo, as variações encontradas nas diferentes variedades do português podem ser entendidas como efeito de gramáticas em competição (KROCH, 2001). Em PB, por exemplo, apesar de a próclise ser a colocação pronominal predominante, a ênclise está presente em textos escritos e em situações de fala monitorada, como comprovam dados do NURC<sup>2</sup>.

Em relação às lexias complexas, podemos verificar nos exemplos em (6) que o PB apresenta uma inovação em relação ao PE, pois o clítico em (6b) encontra-se, na verdade, próclítico ao verbo principal, ao passo que em (6a) está enclítico ao auxiliar. Segundo GTR (2005), além da presença do hífen, em sentenças nas quais uma preposição precede o verbo principal (cf. 7a), fica clara a posposição do clítico ao auxiliar. Além disso, quando há atratores de próclise, há o movimento de subida do clítico em PE, o que não ocorre em PB (cf. 8):

- (7) a. O senhor **está-me** a guiar. (PE)  
b. O senhor **está me guiando**. (PB)

<sup>1</sup> Esses exemplos foram retirados pelas autoras da versão brasileira original e da versão portuguesa adaptada da obra *O Alquimista*, de Paulo Coelho.

<sup>2</sup> O Projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta) é um projeto que iniciou no Brasil na década 60, com o objetivo de investigar as características linguísticas da norma culta falada nas grandes cidades brasileiras e descrevê-las.

- (8) a. Como **se tinha comportado** de maneira correta... (PE)  
 b. Como **tinha se comportado** de maneira correta... (PB)

(GTR, 2005, p. 149)

Em PE, a ênclise não é licenciada com as formas participiais do verbo, porém é possível com infinitivos, enquanto, em PB, o clítico é anteposto ao verbo principal (cf. 9)<sup>3</sup>:

- (9) a. As ovelhas também **vão acostumar-se**. (PE)  
 b. As ovelhas também **vão se acostumar**. (PB)

(GTR, 2005, p. 150)

Além disso, no continente africano, o português ainda nos dias de hoje convive com as línguas autóctones. Em São Tomé e Príncipe, por exemplo, português era essencialmente L2 até o início do século XXI, como será discutido mais detalhadamente na seção 2.5. Logo, a norma baseada no PE era a regra estabelecida desde a primeira colonização do país pelos portugueses no século XVI, e ainda tem forte influência, atuando como um superstrato do PST (cf. BARROS e CALINDRO, 2023), diferentemente do PB, cujo distanciamento do PE é atestado desde o século XVIII.

Para alcançarmos nosso objetivo neste artigo, além desta introdução, na seção 2, traremos considerações gerais sobre a colocação pronominal, bem como as características de cada variedade do português analisada; na seção 3, traremos um comparativo entre as considerações apresentadas na seção 2 e faremos a proposta de um contínuo entre as variedades do português; finalmente, na última seção, apresentaremos as considerações finais.

## 2. Considerações gerais em relação à colocação pronominal nas distintas variedades do português

Nesta seção, apresentaremos características gerais da colocação pronominal de cada variedade do português. Segundo Carneiro (2016), apesar da pressão normativa, há fenômenos que parecem ser imunes ao estigma social, como fica claro em alguns contextos em PB. Por exemplo, o uso de um pronome nominativo em função de acusativo, como ‘vou encontrar *ela*’, é estigmatizado, já, principalmente na fala, o uso de próclise em primeira posição, como ‘*me* entrega o texto’, no lugar de ‘entrega-*me* o texto’, não é.

A próclise é o padrão geral encontrado em PB, ao passo que a ênclise é o padrão comum em PE, nos mesmos contextos. Além disso, a próclise ocorre em PE nos contextos em que há elementos atratores de próclise, já em PB o clítico antecede o verbo, independentemente da presença de atratores. Apesar dessa constatação a respeito do PB, as gramáticas tradicionais normativas

<sup>3</sup> A ênclise com infinitivos em PB é favorecida pela 3ª pessoa. Está presente na escrita e na fala monitorada dos brasileiros, pois é adquirida via escolaridade (KATO, CYRINO e CÔRREA, 2009).

usadas nas escolas brasileiras ainda consideram a ênclise a norma padrão culta a ser seguida (cf. CALINDRO, 2009).

Sobre o PE, com base no *corpus* CORDIAL-SIN<sup>4</sup>, Vieira (2011) confirma o efeito atrator de próclise das partículas de negação, advérbios, elementos de focalização, estruturas clivadas, elementos subordinativos e preposições *para, de, por e sem*. Contudo, segundo a autora, as preposições *a* e *em* não favorecem a anteposição ao verbo, assim como SN sujeito, elementos discursivos e conjunções coordenadas.

No PE contemporâneo, portanto, ocorre ênclise generalizada e os contextos de próclise são bem específicos. Duarte, Matos e Gonçalves (2005) assumem que ocorre colocação pós-verbal em PE, devido ao fato de os clíticos terem passado por um processo de reanálise, o que os torna quasi-sufixos, enquanto, para o PB, as autoras afirmam que a próclise é o padrão porque esta variedade não passou por esse processo de reanálise, o qual associam a um enfraquecimento generalizado da morfologia pronominal do PB.

Diferentemente de Duarte, Matos e Gonçalves (2005), GTR (2005) afirmam que a presença da ênclise em PE e sua ausência em PB não está relacionada às propriedades intrínsecas dos clíticos – que seriam quasi-sufixos em PE e pronomes em PB –, mas ao efeito *Não-Inicial* presente em PE e não em PB. Segundo as autoras, em PE, os clíticos são afixos, sujeitos a restrições morfológicas tal como quaisquer outros afixos, uma delas sendo a condição *Não-Inicial*, que define uma posição na qual um elemento átono não pode ocorrer.

Ademais, GTR (2005) argumentam que a perda da ênclise em PB não deve ser associada a um enfraquecimento da morfologia pronominal nessa variedade, mas, sim, ao enfraquecimento da flexão verbal, o que deflagrou o fato de os clíticos em PB se anteporem ao verbo que a eles atribui papel temático e não ao auxiliar, como em PE. Assim, há uma nova posição para clíticos em PB, diferente tanto de PE quanto de português clássico (PC), que seria a próclise às formas não finitas (conferir itens b de (7) a (9)). Ademais, PE permite a subida do clítico (cf. (8a)), o que confirma sua relação com o auxiliar, nunca com gerúndio ou participípio. Em PB, contudo, o clítico não é alçado, uma vez que antecede o verbo principal; esse fato é confirmado pela possibilidade da intervenção de um advérbio ou expressão adverbial entre o verbo auxiliar e o principal:

(10) (...) não **posso** no momento **lhe dar**. (PB)

(GTR, 2005, p. 163)<sup>5</sup>

É importante ressaltar que PB não derivou diretamente do PE, mas sim do PC que aportou no Brasil no século XVI (GALVES, 2007, 2020). Logo, ocorreram dois processos paralelamente, o do reforço da próclise em PB e o da implementação da ênclise no PE. Assim, a ênclise generalizada do PE é uma inovação que foi acompanhada pela mudança na posição do sujeito, como argumenta Paixão de Sousa (2004).

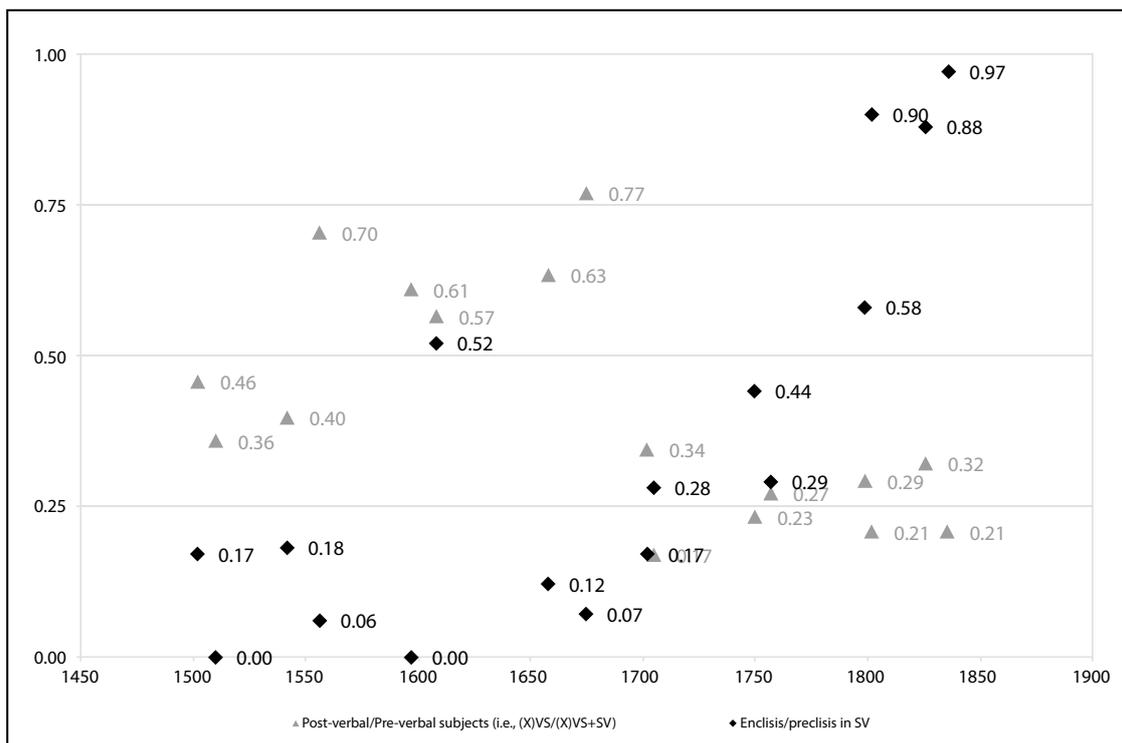
<sup>4</sup> O *corpus* CORDIAL-SIN é uma amostra de português popular oral do final do século XX, composto por entrevistas com informantes não escolarizados de diversas regiões de Portugal.

<sup>5</sup> Exemplo retirado dos dados do projeto NURC.

## 2.1 Português europeu

Algumas propriedades sintáticas presentes no PE moderno se desenvolveram a partir do século XVIII, tais como ênclise, posição do sujeito e ordem de palavras (cf. GALVES, 2007, 2020). Assim, dados diacrônicos atestam aumento da ênclise a partir do século XVIII, concomitantemente à queda da ordem VS na virada desse século, como se verifica no gráfico 1.

**GRÁFICO 1.** A evolução da ordem VS e da ênclise do século XVI ao século XIX



Fonte: GALVES, 2020, p. 19.

De acordo com Galves e Lobo (2009, p. 176), até o século XVI, havia uma forte tendência à próclise no PE. Já no século XVIII, a ênclise se torna o padrão em autores nascidos na segunda metade do século, como atestam Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), ao analisarem dados do *corpus* Tycho Brahe. A ênclise, então, passa a ser a colocação pronominal padrão no PE moderno.

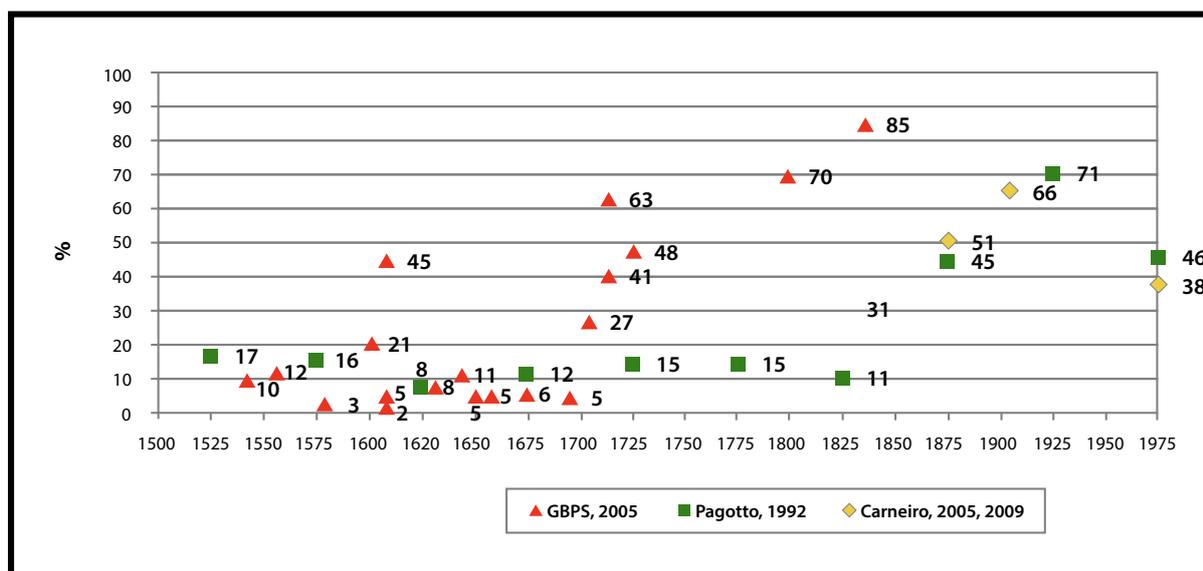
Logo, os séculos XVI e XVII seriam o período em que havia próclise em PE. Esse fato é de extrema relevância para a nossa análise, pois marca o início da colonização portuguesa no Brasil, Angola, Moçambique e São Tomé, como discutiremos ao longo deste artigo. Apesar de o processo de colonização nesses países ter características sócio-históricas bem distintas, o fato de o primeiro contato com a língua do colonizador ser em um período em que a língua apresentava o padrão próclítico é relevante para esta discussão. Galves e Lobo (2009) argumentam que esse fato pode estar relacionado ao porquê de se dar preferência à próclise em PB sem restrição de contexto, por exemplo.

## 2.2 Português brasileiro

Como citado na seção anterior, assim como houve mudanças ao longo da história do PE, o PB estava desenvolvendo características próprias, principalmente a partir do século XVIII (GALVES, 2001, 2020), tal como a colocação pronominal proclítica.

No gráfico 2, verificamos a evolução da ênclise em dados do português europeu, reportados em Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), que analisaram o *corpus* Tycho Brahe – os dados dos autores portugueses das obras que compõem esse *corpus* são organizados com base na data de nascimento dos autores, referidos no gráfico como GBPS (2005). Ademais, o gráfico ilustra o estabelecimento da variação entre ênclise e próclise em PB, como se verifica nos dados coletados de dois *corpora* brasileiros escritos, Pagotto (1992) e Carneiro (2005), organizados por data de produção.

**GRÁFICO 2.** A evolução da ênclise em orações V2 não dependentes



Fonte: GALVES, 2020, p. 26.

No vernáculo brasileiro, há generalização da próclise e a ênclise passa a se restringir a três contextos – indeterminação do sujeito (*necessita-se de voluntários no hospital*), clíticos de 3ª pessoa após verbos no infinitivo (*irei trazê-la amanhã*) e expressões fixas (*dane-se*).

Como reportado anteriormente, de acordo com GTR (2005, p. 143), as diferenças entre a colocação pronominal em PE e PB emergem da interação entre duas propriedades. Do ponto de vista sintático, os clíticos em PE estão relacionados à flexão temporal da sentença, já os clíticos em PB estão relacionados ao verbo em si, e não à sua flexão, como vimos nos exemplos com complexos verbais. Já do ponto de vista morfofonológico, os clíticos em PE nunca ocorrem em primeira posição, mas em PB ocorrem. Por fim, é importante ressaltar que os atratores de próclise do PE não têm efeito em PB, uma vez que o padrão nesta variedade é a próclise.

## 2.3 Português angolano

De acordo com Silva e Araújo (2022), a colocação pronominal em PA é variável em todos os contextos. Ao analisar seus dados orais coletados em Luanda, os autores já notam um *continuum* entre as variedades do português e consideram o PA mais próximo ao PB que ao PE. O *corpus* dos autores é composto por duas amostras de fala, cujos entrevistados afirmaram possuírem o português como língua materna<sup>6</sup>.

Na análise dos dados, o fator principal considerado pelos autores é o elemento que antecede o verbo: o elemento proclisador tradicional, o elemento de próclise facultativa e o elemento proclisador não tradicional. O quadro 1 apresenta os contextos analisados pelos autores.

**QUADRO 1.** O contexto V1 e os elementos que constituem a variável linguística “Elemento que antecede o verbo”

V1	Elemento proclisador tradicional	Elemento de próclise facultativa	Elemento não proclisador tradicional
Verbo em posição inicial absoluta.	Partícula de negação Pronome relativo <i>que</i> Operadores de foco Quantificadores Elementos subordinativos Elementos discursivos Outros pronomes relativos	Preposição Advérbios Locuções adverbiais	Sujeito Conjunção coordenativa

Fonte: SILVA e ARAÚJO, 2022, p. 168.

Das 723 ocorrências de clíticos em lexias simples na amostra dos autores, verificou-se o favorecimento da próclise, ocorrendo em 71,4% dos casos contra 28,6% de ênclise<sup>7</sup>. Em seguida, os autores apresentam o seguinte quadro de ocorrência de próclise por contexto analisado (grifo nosso). Optamos por destacar os resultados da seguinte forma: verde para porcentagens maiores de 80%, amarelo para porcentagens entre 65 e 75%, e rosa abaixo de 52%.

<sup>6</sup> Embora os autores tenham apontado a existência de dados de português como L2 no inquérito, tais dados não foram utilizados diretamente na pesquisa.

<sup>7</sup> Os dados totais fornecidos pelos autores de 723 ocorrências de clíticos, sendo 516 de próclise e 207 de ênclise (SILVA e ARAÚJO, 2022, p.168), não coincidem com o total apresentado no quadro 2, em que se verificam 594 dados de próclise. Apesar desse equívoco, optamos por manter a referência a esse estudo, já que o que nos é relevante foi a constatação dos autores acerca da preferência dos angolanos por próclise.

**QUADRO 2.** A aplicação da próclise nos diferentes contextos na amostra de fala do português luandense

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Partícula de negação	91/94	96%	.92
Preposição “de” e “para”	43/48	89%	.68
Pronome relativo “que”	58/63	92%	.64
Operadores de foco	26/31	83%	.53
Quantificadores	2/3	66%	.46
Sujeitos	96/137	70%	.37
Elementos subordinativos	51/60	85%	.35
Outros pronomes relativos	8/11	72%	.34
Elementos discursivos	9/13	69%	.31
Advérbios / Locuções adverbiais	29/59	49%	.29
Posição inicial absoluta	16/34	47%	.14
Conjunções coordenativas	21/41	51%	.12

Fonte: SILVA e ARAÚJO, 2022, p. 169-170

Os dados em rosa são de particular relevância para nós, pois demonstram a variação entre próclise e ênclise em PA, sustentando a argumentação de que esta variedade tem um comportamento distinto de PB e de PE. As conjunções coordenativas, por exemplo, não favorecem próclise em PE, enquanto, nesse contexto específico na amostra de Silva e Araújo (2022), a próclise ocorre em 51% dos casos, indicando que, em PA, esse é um contexto de colocação variável.

Porém, o contexto V1 parece ser o mais revelador para a proposta de contínuo que aventamos neste artigo, como atestam os resultados sintetizados no quadro 3.

**QUADRO 3.** A produtividade da próclise segundo o contexto em que figura o clítico pronominal

Contexto	Aplicação / Total	Porcentagem
V1 (Posição inicial absoluta)	16/34	47%
Elemento proclisador tradicional	245/275	89%
Elemento de próclise facultativa	72/107	67%
Elemento não proclisador	117/178	65%

Fonte: SILVA e ARAÚJO, 2022, p. 176

Em contexto V1, a próclise ocorre em 47% dos casos. Este é mais um fato que corrobora a hipótese de que o PA tem características distintas tanto do PB quanto do PE. Porém, considerando-se o contexto não inicial com um elemento não proclisador antes do clítico, vemos a incidência de próclise em 65% dos casos, indicando que o PA parece possuir propriedades mais próximas do PB do que do PE.

Araújo e Silva (2018) analisam o PA com base em um *corpus* formado por 24 entrevistas sociolinguísticas. Levando em consideração uma análise geral, a próclise ocorreu em 75% dos 507 dados de lexias simples, diferentemente de Silva e Araújo (2022).

Os informantes de Araújo e Silva eram nascidos em Luanda e no interior de Angola. Além disso, possuíam diferentes níveis de escolaridade. Os dados confirmam o favorecimento da próclise em contextos semelhantes aos resultados de Silva e Araújo (2022).

**QUADRO 4.** Favorecimento da variante proclítica  
segundo a variável elemento que antecede imediatamente o verbo

Elemento antecedente ao verbo	Valor de aplicação / ocorrências	Porcentagem
Nenhum elemento	67/117	57%
SN - Sujeito Nominal	36/61	59%
SN - Sujeito Pronome Pessoal	64/71	90%
SN - Sujeito Indefinido	9/10	90%
SN - Sujeito demonstrativo	1/2	50%
Sintagma adverbial de negação	59/60	98%
Outros sintagmas adverbiais	42/52	80%
Vocativo	1/2	50%

Fonte: FARIAS e ALVES, 2018, p. 158

Chama atenção, novamente, o fato de a próclise não ser absoluta nos contextos V1 (57%), como também ocorreu nos dados de Silva e Araújo (2022). Os resultados de Araújo e Silva (2018) demonstram ainda que, diferentemente do PE, ocorre próclise em 59% dos dados nos quais o elemento antecedente é um sujeito nominal, sendo a quantidade de próclise com sujeito pronominal pessoal e indefinido ainda mais significativa (90% em ambas).

Ademais, os autores afirmaram que o fator escolaridade é relevante, pois, assim como no Brasil, a norma culta em Angola se baseia no PE, logo a prescrição gramatical para a colocação pronominal é a ênclise. Os dados dos autores confirmam esse fato, uma vez que informantes com escolaridade baixa ou nula empregaram mais próclise (88%) do que aqueles com escolaridade superior (63%). Note-se, contudo, que, apesar de o padrão proclítico sofrer uma queda nos falantes mais escolarizados, a porcentagem de 63% ainda é consideravelmente mais alta que a de ênclise (37%), indicando que a escolaridade tem um papel marginal em relação à gramática nuclear da L1 dos angolanos, assim como à dos brasileiros (cf. KATO, 2005).

Em relação à localidade, os informantes da capital usam menos próclise (62%) do que os do interior (83%). Farias e Alves (2018) apontam para o fato de Luanda ser marcada pelo multilinguismo, pois há cerca de 40 línguas africanas ali coabitando. Essa realidade linguística teve início na segunda metade do século XX, quando muitos angolanos migraram para a capital devido às consequências da guerra civil (1975-2002) em busca de uma vida melhor. Importante destacar que, além do convívio de todas essas línguas africanas, os migrantes tiveram que aprender o português através da oralidade, pois não tinham a oportunidade de passar pelo processo de escolarização.

A questão do multilinguismo é de grande relevância para todas as variedades africanas analisadas neste artigo. Além disso, apesar de o Brasil ainda ser um país multilíngue, a maneira como a sociedade brasileira contemporânea se constitui é diferente do seu tempo de colônia em que, em muitas regiões, o português convivia mais ativamente com as línguas autóctones e com as línguas dos africanos (cf. CALINDRO, 2009; 2012; BARROS e CALINDRO, 2023).

Araújo e Silva (2018) não deixam claro em seu trabalho a quantidade de informantes cuja língua materna é o português e quantos teriam português como língua não materna. O que se depreende do texto é que os informantes nascidos em Luanda teriam português como língua nativa, pois, segundo os autores (p. 164), “os filhos dos migrantes que nasciam em Luanda, diferentemente dos seus pais, já tinham o português como língua nativa.” Logo, os informantes não nascidos em Luanda, cuja L1 é uma língua africana, usam mais próclise (83% - 226/272) que os nascidos na capital (65% - 157/235).

Note-se que, apesar de parecer que os autores fazem a distinção entre “nascidos em Luanda”, que falariam português como L1, e “nascidos no interior”, que teriam o português como L2, anteriormente, afirmou-se que os luandenses apresentaram 62% de próclise (125/201) e os interioranos 83% (225/306), o que difere numericamente dos dados apresentados no final do último parágrafo. O porquê dessa diferença numérica não é explicado no texto. Além disso, sabemos que é essencial separar mais claramente falantes de português L1 e L2. Pretendemos fazê-lo em trabalhos futuros, porém mantivemos a discussão pautada no trabalho de Araújo e Silva (2018), considerando que seus dados coadunam-se aos tratados por Silva e Araújo (2022), e trazem assunções interessantes acerca dos resultados relacionados à escolarização dos informantes.

Em relação a dados de língua escrita, Mutali (2019) analisou obras literárias de três autores angolanos: *A Sul. O Sombreiro*, de Pepetela, *Os Transparentes* e *Os da minha rua*, de Ondjaki, e *A última ouvinte*, de Gociante Patissa. O último nasceu em Monte Belo, Benguela, em 1978, falante de Umbundu, que tem português como L2. Pepetela e Ondjaki são ambos falantes de português L1, tendo o primeiro nascido na Angola colonial, em Benguela, em 1941, filho de pais portugueses, e o segundo nascido em Luanda, dois anos após a independência, em 1977. O autor apresenta o quadro seguinte com os resultados das quatro obras analisadas.

**QUADRO 5.** Comparação dos valores entre as quatro obras em contexto de ênclise obrigatória no PE e próclise no PB

Ênclise obrigatória no PE (Próclise no PB)		Os da Minha Rua		Os Transparentes		A Última Ouvinte		A Sul o Sombreiro		Total
Frase matriz afirmativa V1	P	22	43,1%	22	29,3%	18	78,3%	275	54,2%	337
	E	84	70,6%	446	61,1%	84	60,9%	137	36,1%	751
Frase matriz afirmativa não V1	P	0	0,0%	9	12,0%	0	0,0%	77	15,2%	86
	E	26	21,8%	78	10,7%	34	24,6%	54	14,2%	192
Infinitiva com preposição a	P	3	5,9%	8	10,7%	0	0,0%	30	5,9%	41
	E	3	2,5%	26	3,6%	3	2,2%	19	5,0%	51
Infinitiva sem preposição	P	21	41,2%	34	45,3%	5	21,7%	78	15,4%	138
	E	6	5,0%	124	17,0%	17	12,3%	137	36,1%	284
Gerundiva	P	1	2,0%	1	1,3%	0	0,0%	47	9,3%	49
	E	0	0,0%	56	7,7%	0	0,0%	33	8,7%	89
Participial	P	4	7,8%	1	1,3%	0	0,0%	0	0,0%	5
	E	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0
<b>Total</b>	<b>P</b>	<b>51</b>	<b>30,0%</b>	<b>75</b>	<b>9,3%</b>	<b>23</b>	<b>14,3%</b>	<b>507</b>	<b>57,2%</b>	<b>656</b>
	<b>E</b>	<b>119</b>	<b>70,0%</b>	<b>730</b>	<b>90,7%</b>	<b>138</b>	<b>85,7%</b>	<b>380</b>	<b>42,8%</b>	<b>1367</b>

Fonte: MUTALI, 2019, p. 94

Assim como nos dados de Araújo e Silva, apesar de haver um aumento no uso de ênclise em comparação com os dados de fala, eles não alcançam os mesmos padrões do PE. Aqui não faremos uma análise mais detida dos dados e das obras, pois, na presente análise comparativa, destacam-se as obras *Os da minha rua*, de Ondjaki<sup>8</sup>, e *A Sul. O Sombreiro*, de Pepetela, ambos falantes de PA L1. Na primeira obra, a ocorrência global de próclise é de 30% e, na segunda, ultrapassa os dados de ênclise, chegando a 57,2%. Além disso, na comparação entre todas as obras, em todos os contextos, há 656/2023 dados de próclise (32,43%) contra 1367 de ênclise (67,57%). Tendo em vista que a análise de Mutali se baseia em dados escritos, em que se esperava um padrão de colocação mais parecido com o do PE, esses fatos confirmam a tendência à próclise verificada na fala dos angolanos, uma vez que a colocação pré-verbal se faz relevante nos dados escritos. Essa assunção fica ainda mais fortalecida se olharmos apenas a obra *A Sul. O Sombrei-*

<sup>8</sup> Em nossa argumentação, optamos por não tratar dos dados coletados em *Os Transparentes*, considerando o seguinte fato apontado por Mutali (2019, p. 95): “Na fase do tratamento dos dados, a maior dificuldade com que nos deparamos para identificar as ocorrências de clíticos em frases V1 foi a avaliação das fronteiras frásicas em *Os Transparentes*, de Ondjaki, que apresenta uma estruturação sintáctica muito complexa (...)”. Além disso, Mutali (2019) acrescenta que, como se verifica no quadro 5, *Os Transparentes* apresentam uma porcentagem de próclise menor que em *Os da Minha Rua*, e afirma (p. 97): “(...) Mas isso deve-se, possivelmente, apenas ao facto de a percentagem de próclise em *Os Transparentes* ser globalmente muito inferior à que se regista em *Os da Minha Rua*”.

ro, de Pepetela, em que a quantidade de próclise ultrapassa a de ênclise. Como mencionado anteriormente, o autor é falante de português L1 e filho de portugueses, logo esperava-se que seu padrão fosse mais enclítico, porém não é o que os dados de sua obra revelam. Assim, Mutali (2019) propõe a seguinte escala para os contextos mais propensos à próclise em PA (MUTALI, 2019, p. 28): “Infinitivas com preposição > Infinitivas sem preposição > Finitas não V1 > Finitas V1/Gerúndio > Participípio Passado”.

Mutali (2019) analisou ainda dados de edições *online* publicadas entre 2018 e 2020 de dois jornais angolanos: *Jornal de Angola* e *O País*<sup>9</sup>. Nessa análise, os dados coletados pelo autor demonstram claramente a pressão normativa de seguir o padrão do PE, mesmo resultado obtido por Calindro (2009) em um *corpus* jornalístico brasileiro. Dos 120 dados encontrados no *Jornal de Angola*, 117 seguem o padrão do PE e, nas 44 ocorrências de *O País*, 39 estão de acordo com a norma gramatical. De qualquer forma, os resultados reportados nesta seção mostram que a ênclise generalizada ocorre em razão de uma pressão normativa, uma vez que, no PA vernacular, na verdade, há variação entre ênclise e próclise, ao que parece, com uma tendência de aumento de próclise.

## 2.4 Português moçambicano

O português foi estabelecido como língua ensinada nas escolas moçambicanas em 1930 e como língua oficial somente após a independência em 1975. Os dados coletados pelos censos feitos entre 1980 e 2017 demonstram a situação de multilinguismo do país, como podemos verificar no Quadro 6: ainda em 2017, apenas 16,6% da população tinha português como língua materna, o que confirma que a situação do PM é bem distinta do PB, e mesmo do PA.

**QUADRO 6.** Distribuição percentual da população de 5 ou mais anos de idade segundo a língua materna e o conhecimento do português declarados nos censos de 1980, 1997, 2007 e 2017 – Moçambique

Censo	Declaram ter como língua materna:			Declaram:	
	Línguas do grupo <i>bantu</i>	Português	Outras	Saber falar Português (L1/L2)	Não saber falar português
1980	98,8	1,2	–	24,4%	75,6%
1997	93,0	6,5	0,5	39,5%	60,5%
2007	85,2	10,7	4,1	50,4%	49,6%
2017	81,1	16,6	2,3	47,4%	5,6%

Fonte: INE (2010) sobre Censo de 1980, 1997 e 2007 e INE (2019) sobre Censo de 2017 (VIEIRA e CAETANO, 2021, p. 175).

<sup>9</sup> O autor não especifica o número exato de publicações analisadas.

Para analisar a língua oral, Vieira (2002) utilizou 100 entrevistas de pessoas com diferentes línguas maternas (ronga, changana e macua) (cf. STROUD e GONÇALVES, 1997), e, para a língua escrita, o *Jornal de Notícias* e a *Revista Tempo*.

A autora nota que o efeito proclizador de alguns elementos em PM é semelhante ao efeito em PE, a saber: a partícula de negação, os pronomes/advérbios relativos e a palavra QU-, o elemento *que*, as preposições *para*, *de* e *sem*, o sintagma adverbial (SAdv) do tipo *aqui* e a conjunção subordinativa/integrante *se*. Ainda, a autora aponta que os fatores que favorecem a ênclise em PM são análogos aos do PE discriminados em Vieira (2011) e mencionados anteriormente: conjunções coordenativas, conjunção integrante *que*, SN sujeito nominal e as preposições *a* e *em*.

Já Caetano (2019) verificou 51% de próclise após sujeitos e conjunções coordenadas. Além disso, diferentemente de Vieira (2002), a autora adiciona as conjunções integrantes *que* e *se* como favorecedoras de próclise em PM, bem como as preposições em geral. Interpretamos que esses dados revelam que o padrão de colocação pronominal em PM tem suas características próprias, distintas do padrão normativo do PE, como confirma o estudo de Mapasse (2005), ao qual nos reportaremos a seguir.

Além dos dados orais, para compreender o *status* da colocação pronominal em PM, nos reportamos ao estudo de Mapasse (2005), que analisa uma amostra escrita constituída por redações de estudantes de 17 a 48 anos, de três níveis de escolaridade diferentes, coletada na cidade de Nampula, mas que conta com informantes de diversas regiões do país. Dos 75 colaboradores, 69 sabem uma ou mais línguas bantu e apenas seis falam somente português. Dos falantes de línguas bantu, 40 indicaram português como sua língua materna, enquanto os outros 29 afirmam ter uma língua bantu como L1, mas ter aprendido português antes de entrar na escola. Segundo Mapasse, além da L1 (português/ língua bantu), os informantes ainda falam mais línguas, como ilustrado no quadro 7.

**QUADRO 7.** Línguas faladas pelos entrevistados moçambicanos

Língua Materna (L1) dos inquiridos - Frequência %								
Línguas declaradas	Básico		Médio		Superior		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Português	18	72,0%	18	72,0%	10	40,0%	46	61,3%
Emakhuwa	5	20,0%	6	24,0%	5	20,0%	16	21,3%
Xinchangana	1	4,0%	1	4,0%	1	4,0%	3	5,3%
Elomwe	1	4,0%	-	-	2	8,0%	3	4,0%
Echuwabo	-	-	-	-	4	16,0%	4	5,3%
Cisena	-	-	-	-	1	4,0%	1	1,3%
Cinyanja	-	-	-	-	1	4,0%	1	1,3%
Gitonga	-	-	-	-	1	4,0%	1	1,3%

Fonte: MAPASSE, 2005, p. 33

Segundo Mapasse, citando Gonçalves (2001, p. 979), o português tem alcançado lugar de prestígio nas novas gerações das classes mais favorecidas, e as línguas bantu passam a ficar reservadas a ambientes familiares. Há em Moçambique, portanto, um tipo de bilinguismo funcional, em que o falante se adequa à necessidade da situação social em que se encontra. De qualquer forma, as línguas bantu ainda mantêm seu prestígio em situações formais, como atividades religiosas, transmissões midiáticas, mobilização política e campanhas de alfabetização.

Mapasse também analisou cartas de leitores e editoriais da revista *Tempo*. A autora opta por fazer uma análise comparativa, considerando a colocação padrão portuguesa como correta. Assim, no quadro 8, apresentam-se “desvios quanto ao padrão de colocação” (p. 63).

**QUADRO 8.** “Desvios” em relação à norma padrão em PM

Desvios quanto ao padrão de colocação						
	Básico	Médio	Superior	Editoriais	CLeitores	Total
Total Ocor	97	52	56	3	19	227
próclise por ênclise	16	17	12	2	4	51
ênclise por próclise	51	12	30	-	12	105
“casos duvidosos”	28	22	13	1	3	67
reduplicação de CI	2	1	1	-	-	4
% próclise por ênclise	16,5%	32,7%	21,4%	66,7%	21,1%	22,4%
% ênclise por próclise	52,6%	23,0%	53,6%	33,3%	63,2%	46,3%
% “casos duvidosos”	29,0%	42,3%	23,2%	-	15,7%	29,5%
% reduplicação de CI	2,1%	2,0%	1,8%	-	-	1,8%

Fonte: MAPASSE, 2005, p. 63

Note-se que, diferentemente de outros estudos apresentados neste artigo, Mapasse não apresenta as quantidades de próclise e de ênclise presentes em seu *corpus*, mas faz uma comparação entre a norma europeia e a de Moçambique. Assim, a autora considera o padrão do PE como a forma correta e as outras desviantes. Seus dados mostram que houve uso de próclise em vez de ênclise em 51 dados de 227 (configurando 22,4% do total). Porém, o que nos chama mais atenção são os 105 dados em que há ênclise no lugar da próclise (equivalente a 46,3% do total). Esses dados revelam que houve hipercorreção, presente principalmente em dados escritos (cf. CALINDRO, 2009), pois se ensina nas escolas que o padrão de colocação pronominal é a ênclise. Uma vez que este padrão não faz parte da L1 dos falantes, ao tentar utilizá-lo nos dados escritos, os informantes não reconhecem os atratores de próclise e generalizam o padrão pós-verbal, como uma tentativa de se adequar à norma culta. Gostaríamos de salientar que, neste artigo, não consideramos a variação entre próclise e ênclise como “desviante”, muito menos que

há uma forma “correta” de colocação pronominal, como argumenta Mapasse. De qualquer forma, os dados analisados pela autora revelam que os resultados em relação à língua escrita estão em consonância com o que Caetano (2019) afirmou para a língua oral, ou seja, PM apresenta variação entre ênclise e próclise, devido a propriedades de colocação pronominal divergentes daquelas do PE.

Outro fator que chama atenção são os “casos duvidosos” de Mapasse. Essa categoria foi criada porque, em alguns casos de sequências verbais, não foi empregado o hífen, de modo que ela considerou que não era possível determinar a colocação do clítico. Esses dados podem indicar que o padrão moçambicano está mais próximo do brasileiro, em que não há hífen nas sequências verbais e, assim, considera-se que o clítico está proclítico ao verbo principal. Tal fato nos faz aventar, como veremos na seção 3, que, no contínuo que propomos, o PM está entre o PE e o PB.

## 2.5 Português são-tomense

Segundo Gonçalves (2009), São Tomé e Príncipe é um espaço plurilinguístico, onde o português começa a se firmar como língua materna apenas no século XXI. Assim, o português são-tomense era até então aprendido como segunda língua. De acordo com os dados dos censos de 1991 e de 2001, a maioria da população é bilíngue, como se verifica no quadro 9.

**QUADRO 9.** Dados sobre as línguas faladas – censos de 1991 e de 2001 – da população com mais de 5 anos

	Pessoas > 5 anos	Português	Santomé	Lung'ie	Outras Línguas
1991	—	99,8%	73,5%	1,6%	13,4%
2001	137. 599	98,9%	72,4%	2,4%	12,8%

Fonte: VIEIRA, 2016, p. 82

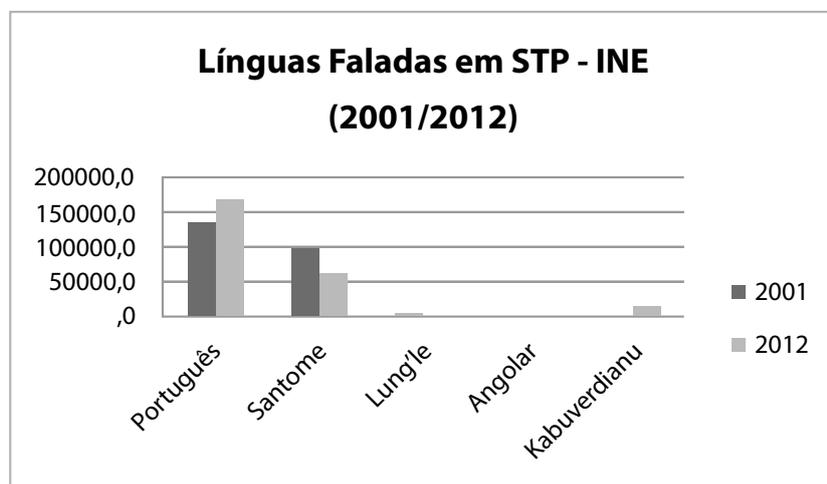
Gonçalves (2009) afirma que, diferentemente dos caboverdianos, por exemplo, os habitantes de São Tomé e Príncipe têm dificuldade de indicar sua L1, mas, quando perguntados pela autora sobre sua língua habitual, a resposta unânime foi o português.

De acordo com Balduino e Bandeira (2022), esse quadro se explica pelo fato de São Tomé ter passado por vários momentos de colonização e de recolonização, tornando-se uma nação multilíngue da qual fazem parte quatro línguas crioulas de base portuguesa, que surgiram no primeiro período colonial (a partir do século XV) e eram mais faladas que o português até poucas décadas atrás. Tais línguas crioulas são o santome (ou forro), que é o crioulo dominante, o angolar (ou *lungwa ngola*), falada pelos angolares de São Tomé (comunidade composta por escravos fugidos das roças), o *lung'ie*, crioulo da ilha de Príncipe, e o kabuverdiano, que foi levado a São Tomé no século XX<sup>10</sup>. São Tomé passou a ser o país africano percentualmente com o maior

<sup>10</sup> Gonçalves (2009) cita também a língua dos Tongas, mas como essa não está nos dados do censo, resolvemos não colocá-la no corpo do texto.

número de falantes do português como L1, como é possível verificar nos dados do censo acima, atualizado no gráfico 3 a seguir. Note-se que, no censo de 2001, o angolano e o kabuverdiano não foram contabilizados.

**GRÁFICO 3.** As línguas faladas em São Tomé e Príncipe



Fonte: BALDUINO e BANDEIRA, 2022, p. 993.

O aumento do português como L1 no país ocorreu devido à promoção da língua por instituições, tais como escolas e mídias, em decorrência da urbanização e da democratização do ensino. Assim, apesar do multilinguismo, o português passou a ter lugar de destaque, como se verifica no quadro 10.

**QUADRO 10.** Comparação dos censos de 1981, 1991, 2001 e 2012 empreendidos em São Tomé e Príncipe

	Português	Santome	Lung'le	Angolar	Kabuverdianu	Outras
1981	60.519	54.387	1.533	-	-	8.180
1991	94.519	69.999	1.558	-	-	12.781
2001	136.085	99.621	3.302	-	-	17.612
2012	170.309	62.889	1.760	1.217	14.725	4.224

Fonte: BALDUINO e BANDEIRA, 2022, p. 1012

Novamente, é importante ressaltar que os resultados apresentados não são excludentes, ou seja, um falante de português pode ser também falante de qualquer outra língua. Infelizmente, os dados fornecidos não estabelecem quais línguas foram adquiridas como L1 e quais como L2. Balduino e Bandeira aventam, também, a possibilidade de os falantes não admitirem que falam alguma língua autóctone, por as considerarem de menor prestígio que o português. A língua portuguesa é usada em registros burocráticos e pela elite local, detendo maior prestígio, além de estar presente na educação formal e nos meios de comunicação. Ademais, há uma certa resis-

tência dos adultos fornecerem dados das línguas autóctones como *input* para as crianças, com receio de que estas atrapalhem a aquisição do português.

A respeito especificamente do fenômeno da colocação pronominal, Gonçalves (2009) analisou um *corpus* coletado, em 2008, composto de 10 entrevistas realizadas na cidade de São Tomé. A autora constatou que há variação entre próclise e ênclise nos mesmos contextos, e argumenta que essa seria uma característica típica de uma língua que, apesar de estar alcançando *status* de L1, foi adquirida como L2. Assim, os vários estágios da língua, entendidos como interlínguas, são passíveis de fossilização, logo certas estruturas podem ser distintas da língua-alvo. De acordo com Gonçalves (2009), os dados com os clíticos atestam que o PST é uma interlíngua ainda não fossilizada, pois apresenta variação nos mesmos contextos, o que ainda não nos permite caracterizar da mesma forma que outras variedades do português, como o PB, as características de seu sistema linguístico.

Porém, já é possível confirmar tendências nos dados de PST. Nos exemplos apresentados por Vieira (2016), assim como em Gonçalves (2009), constata-se que há preferência pela ênclise (59%), mas não de forma tão significativa, pois há 40% de próclise nos dados<sup>11</sup>. Já em contextos específicos, como o de V1, ocorre ênclise categórica como em PE. Assim, embora os índices de ênclise sejam superiores aos do PE, percebe-se que o estatuto da regra em PST ainda é variável, face aos índices de próclise. Além disso, embora haja certa instabilidade, observa-se a influência de efeito proclisador, novamente, de maneira semelhante ao PE, sobretudo em contextos de emprego de partículas de negação, conjunções subordinativas e preposições. No entanto, há atratores de próclise, como operadores de foco, que não se comportam como proclisadores em PST.

Em complexos verbais, em que se considera auxiliar como V1 e verbo principal como V2, Vieira (2016) atestou o seguinte cenário: próclise a V2 (22%), padrão do PB, ênclise a V1 (60%), padrão do PE, e ênclise a V2 (18%). Nos casos em que V2 é infinitivo, observa-se: próclise a V1 (21%), ênclise a V1 (57%) e ênclise a V2 (22%). Com V2 gerundivo, há: próclise a V1 (18%) e ênclise a V1 (82%). Finalmente, com V2 participial, há: próclise a V1 (40%) e ênclise a V1 (60%).

Dessa forma, os resultados confirmam maior proximidade do PST à norma do PE, contudo, acreditamos que esse fator está relacionado ao contexto de aquisição de português em São Tomé. Logo, apesar de nos últimos anos o português ser a língua de prestígio no país, ainda apresenta características de L2.

### 3. Do contínuo da colocação pronominal

Os dados até aqui apresentados revelam que todas as variedades elencadas do português apresentam características que as aproximam ou distanciam umas das outras, ao mesmo tempo em que apresentam características particulares. Contudo, assim como Silva e Araújo (2022),

<sup>11</sup> Parte da amostra de Vieira é comum ao conjunto de dados do *corpus* VAPOR também verificados por Gonçalves (2009). No entanto, enquanto esta usou apenas parte dos dados produzidos por dez informantes cujas entrevistas estavam transcritas, aquela analisou a totalidade das ocorrências produzidas por esses informantes, além de todas as estruturas com clíticos verificadas em outros sete inquéritos não analisados por Gonçalves (2009).



acreditamos que alguns contextos são mais reveladores a respeito do comportamento em relação à colocação pronominal nas diferentes variedades.

O primeiro é o contexto V1. Em PE, ocorre ênclise absoluta neste contexto, assim como em PST. O PM apresenta maior ocorrência de ênclise, como atestado por Caetano (2019), que verificou 82% de colocação pós-verbal em seu *corpus*. Note-se, contudo, que há ocorrência de 18% próclise na amostra do PM dessa autora. A colocação pré-verbal aumenta para 47% nos dados gerais do PA (cf. SILVA e ARAÚJO, 2022), o que demonstra uma variação mais significativa entre as duas opções de colocação. Por fim, ocorre próclise generalizada com V1 em PB. Nesta variedade, atesta-se a ênclise em contextos monitorados, além de uma tendência de ênclise em três contextos específicos – com indeterminação do sujeito, infinitivos seguidos de clíticos de 3ª pessoa e expressões fixas. A partir dessas constatações, propomos o seguinte contínuo, da menos à mais favorecedora de próclise: PE > PST > PM > PA > PB.

Esta proposta também é sustentada pelos dados relacionados ao clítico empregado em contexto sentencial iniciado por sujeito ou conjunção coordenada. Em PE, há ênclise generalizada. Em PST, a ênclise é preferencial, atestada em 79% dos dados de Vieira (2016). Já PM, apresenta variação entre as duas colocações, como confirmam os dados de Caetano (2019), em que, mesmo havendo 82% de ênclise ao verbo auxiliar em complexos verbais, há 51% de próclise após sujeitos e conjunções coordenadas. Mais uma vez, o PA se aproxima mais do PB, com 65% de próclise nos dados de Silva e Araújo (2022). Em PB, a próclise generalizada nesses contextos independe do grau de escolaridade do indivíduo.

Assumimos, portanto, que os dados e as discussões apresentadas neste artigo revelam que, quanto mais longo o período de tempo em que a língua é adquirida como L1 pela população, mais ela parece perder as características da variedade do português do colonizador e se aproximar do PB, como seria o caso do PA.

O PST, que alcançou prestígio entre os seus falantes apenas no século XXI, disputa lugar com as línguas autóctones, e ainda tem mais características de L2 que de L1, é a variedade que mais se aproxima do PE, pois, quando não há atrator de próclise, a colocação predominante é a ênclise. Já o PA se aproxima mais do PB, mesmo a próclise não sendo categórica em contextos em que o é em PB. Por fim, o PM está, de certa forma, em um ponto equidistante do PE e do PB.

Podemos supor que esse contínuo está diretamente relacionado a questões históricas, uma vez que, como mencionado anteriormente, o PB já apresenta características próprias desde o séc XVIII. No continente africano, Angola é o país em que o português como L1 começou a se desenvolver primeiro, como vimos na seção 2.3, seguido de Moçambique, que, de fato, está em um ponto medial do contínuo aqui proposto. Por fim, o PST é, na verdade, uma língua adquirida recentemente como L1 em detrimento de outras, ou seja, ainda não passou pelos processos que a variedade brasileira passou, por exemplo. Logo, assumimos que a maior proximidade do PST ao PE se deve ao fato de, apesar de ser a L1 de muitos, ainda possuir características fortes do seu superstrato, o PE normativo (cf. BARROS e CALINDRO, 2023).

A questão de o PST ser, na verdade, uma variedade que reflete o caráter de L2 pode ser confirmada pelo fato constatado por Vieira (2016) de que, nos contextos em que há atratores de próclise, houve 24% de ênclise, ou seja, diferentemente do PE, os atratores de próclise não atuam

de forma categórica em PST. Podemos supor que essas ocorrências caracterizam hipercorreção, quando os falantes tentam reproduzir a norma culta, mas, por não terem pleno domínio dessa norma, acabam produzindo dados que não refletem o vernáculo de nenhuma das variedades (cf. CALINDRO, 2009, 2012).

Conforme argumentamos até aqui, observando a frequência bruta dos índices de próclise nas línguas investigadas (PE > PST > PM > PA > PB) em contextos de início absoluto de sentença e em outros contextos sintáticos relevantes, identificam-se colocações pronominais distintas, que parecem apontar para um contínuo entre gramáticas mais enclíticas e mais proclíticas. Levando em consideração apenas o fator frequência bruta, o PST possuiria menores índices de próclise do que o próprio PE, o que poderia ser um argumento para o alocar em um extremo oposto de um contínuo em relação ao PB. Contudo, fatores como o grau de opacidade de proclisadores e a possibilidade ou não de próclise em início absoluto também devem ser levados em consideração nessa proposta. Argumenta-se que um dos principais fatores para alocar o PST em uma posição posterior ao PE é a opacidade de operadores de foco (ou, como mencionado, possivelmente uma hipercorreção no caso do PST) como indutores de próclise nesta língua, diferentemente do PE.

Por fim, assumimos que um contínuo entre línguas pode ser interpretado como o subproduto de um conjunto de propriedades linguísticas que são compartilhadas em maior ou menor extensão por determinadas línguas. Teoricamente, a adoção da noção de contínuo pode ser uma frutífera maneira de comparar valores microparamétricos entre línguas aparentadas (Ledgeway e Roberts, 2017). Especificamente no caso do PE, do PST, do PM, do PA e do PB, embora sejam, por exemplo, línguas de linearização prototípica SVO, elas se diferenciam em relação ao padrão de colocação pronominal, bem como em relação a outras propriedades.

#### 4. Considerações finais

Este artigo teve como objetivo enriquecer a compreensão da estrutura sintática dos clíticos. Assim, a presente pesquisa empreendeu uma análise comparativa entre PE, PB, PA, PM e PST. A partir da avaliação dos dados considerados, postulou-se um contínuo entre essas gramáticas, levando em consideração fatores como a frequência bruta de próclise e de ênclise, a opacidade de proclisadores e o comportamento dos clíticos em contexto de início absoluto de sentença. Assim, formulou-se o seguinte contínuo: (- proclíticas) PE > PST > PM > PA > PB (+ proclíticas).

Este estudo revelou semelhanças e diferenças entre as línguas analisadas, destacando a importância de contextos específicos na compreensão do comportamento da colocação pronominal. O contexto V1 evidencia o uso predominante de ênclise em PE e PST, enquanto o PM apresenta variação entre ênclise e próclise; PA demonstra uma tendência significativa à próclise, e PB exhibe próclise generalizada. Da mesma forma, a análise de sujeitos e de conjunções coordenadas precedendo os clíticos indicou um padrão similar, com o PE e o PST privilegiando a ênclise, e o PB optando pela próclise.

Considerou-se, neste estudo, que a sugestão de um contínuo sintático, com a ordem (- proclítica) PE > PST > PM > PA > PB (+ proclítica), poderia ser reforçada também por fatores como



a aquisição da língua como L1 e a presença de outros idiomas no contexto do PST, PM e PA, ocasionando uma transmissão com características de aprendizado de L2 para outras gerações.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Ana Regina Vaz Calindro: conceituação, curadoria de dados, investigação, metodologia e redação (esboço original)

Matheus Gomes Alves: conceituação, curadoria de dados, investigação, metodologia e redação (revisão e edição)

Adriana Leitão Martins: conceituação, curadoria de dados, investigação, metodologia e redação (revisão e edição)

## CONFLITO DE INTERESSES

Os autores não têm conflito de interesses a declarar.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Isis; CALINDRO, Ana. 2023. Double Object Constructions in Afro-Brazilian Portuguese: contact driven L2 acquisition and Maximize Minimal Means. *Romance grammars: context and contact. Special issue of Isogloss. Open Journal of Romance Linguistics*. v. 9. n. 2, p. 1-26, 2023.

ARAÚJO, Silvana; SILVA, Manuel. Uma análise variacionista da colocação dos pronomes clíticos no português falado em Luanda-Angola. *Diálogos Pertinentes - Revista Científica de Letras*, v. 14, n. 2, p. 147-167, 2018.

BALDUINO, Amanda; BANDEIRA, Manuele. A ascensão da língua portuguesa em São Tomé e Príncipe. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, v. 16, n. 3, p. 991-1025, 2022.

CAETANO, Ana Carolina. **Análise Variacionista da Ordem dos Clíticos Pronominais no Português de Moçambique**. Monografia de Graduação (Letras: Português-Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

CAETANO, Ana Carolina; VIEIRA, Silvia Rodrigues. Análise variacionista da ordem dos clíticos pronominais no português de Moçambique. *Revista Diadorim*, v. 23, n. 1, p. 171-202, 2021.

CALINDRO, Ana. **A colocação dos pronomes clíticos em O Patrocínio**: periódico da imprensa negra de Piracicaba. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CALINDRO, Ana. A imprensa negra de Piracicaba e a colocação dos pronomes clíticos. *In: ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; LIMA-HERNANDEZ, Maria Célia (Org.). Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Fapesp, v. 3, 2012. p. 171-197.

CARNEIRO, Zenaide. **Cartas brasileiras (1809-1904)**: um estudo linguístico-filológico. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.



CARNEIRO, Zenaide. Colocação de clíticos em orações finitas em duas vertentes do português oral feirense: um contexto não variável. In: ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; TEIXEIRA, Eliana Pitombo; CARNEIRO, Zenaide (Orgs.). **Variação linguística em Feira de Santana - Bahia**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

CARNEIRO, Zenaide; GALVES, Charlotte. Variação e Gramática: colocação de clíticos na história do português brasileiro. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 7-38, 2010.

CASTILHO, Ataliba. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela; GONÇALVES, Anabela. Clíticos Especiais em Português Europeu e Brasileiro. **Unpublished manuscript**, Lisboa, 2002.

DUARTE, I.; MATOS, G.; GONÇALVES, A. Pronominal clitics in European and Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 113-141, 2005.

GALVES, Charlotte. **Ensaio sobre as Gramáticas do Português**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

GALVES, Charlotte. A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; MORAIS, Maria Aparecida Torres; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcelos; CYRINO, Sonia Maria Lazzarini (Orgs.). **Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro**. Campinas: Pontes, 2007. p. 513-528.

GALVES, Charlotte. Mudança sintática no português brasileiro. **Cuadernos de la Alfal**, n. 12 (2), p. 17-43, nov. 2020.

GALVES, Charlotte; TORRES MORAES, Maria Aparecida; RIBEIRO, Ilza. Syntax and Morphology in the Placement of Clitics in European e Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, n. 2, p. 143-177, 2005.

GALVES, Charlotte; BRITTO, Helena; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, n. 1, p. 39-67, 2005.

GALVES, Chalotte; LOBO, Tânia. Ordem dos clíticos. In: LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson (Orgs.). **África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 174-207.

GONÇALVES, Perpétua. Panorama geral do Português de Moçambique. **Revue Belge de Philologie et D'Histoire. Langues et Littératures Modernes**. v. 79, n. 3, p. 977-990, 2001.

GONÇALVES, Rita. A colocação dos pronomes clíticos no português oral de S. Tomé: análise e discussão de contextos numa perspetiva comparada. **Unpublished manuscript**. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

KATO, Mary. Gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, Maria Aldina et al. (Orgs.). **Ciências da linguagem: 30 anos de investigação e ensino**. Braga: Centro de Estudos Humanísticos Universidade do Minho, 2005. p. 131-145.

KATO, Mary; CYRINO, Sônia Lazzarini; CORRÊA, Vilma Reche. Brazilian Portuguese and the recovery of lost clitics through schooling. In: PIRES, Acrisio; ROTHMAN, Jason (Eds.). **Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese**. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 2009. p. 245-272.



KROCH, Anthony. Syntactic change. *In*: BALTIN, Mark; COLLINS, Chris (Eds.). **The Handbook of Contemporary Syntactic Theory**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. p. 699-729.

LEDGEWAY, Adam; ROBERTS, Ian. **The Cambridge Handbook of Historical Syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

MAPASSE, Ermelinda. **Clíticos Pronominais em Português de Moçambique**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.

MUTALI, Henrique. **A Colocação dos Pronomes Clíticos no Português Angolano Escrito**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019.

PAGOTTO, Emílio. **A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Língua Barroca: Sintaxe e História do Português nos 1600**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SILVA, Manoel Crispiniano Alves da; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. A atuação dos elementos antecedentes ao verbo na colocação pronominal no português oral luandense: breve comparação com variedades de língua portuguesa. **Cuadernos de la Alfal**, volumen especial, p. 161-180. ago. 2022.

STROUD, Christopher; GONÇALVES, Perpétua (Orgs.). **Panorama do Português Oral de Maputo – Volume I: Objetivos e Métodos**. Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, Maputo, 1997. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/explorar-por-autor.html?aut=133>>. Acesso em: 11 abr. 2024.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

VIEIRA, Maria de Fátima. **A cliticização pronominal em lexias verbais simples e em complexos verbais no português europeu oral contemporâneo: uma investigação sociolinguística**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VIEIRA, Maria de Fátima. **A ordem dos clíticos pronominais nas variedades urbanas europeia, brasileira e são-tomense: uma análise sociolinguística do português no início do século XXI**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.



# Variação e mudança linguística na designação dos dedos da mão na fronteira hispano-portuguesa

Alberto Gómez Bautista

CLLC/Universidade de Aveiro, Portugal

ORCID: 0000-0002-7928-328X

E-mail: agbtrad@gmail.com

## RESUMO

As línguas mudam ao longo do tempo. O léxico é uma das áreas em que essas transformações são mais evidentes, mas não é a única. O fenómeno objeto de análise neste artigo é o da mudança linguística relacionada com os nomes dos dedos da mão. Esta mudança linguística está a produzir-se também nas variedades linguísticas faladas na fronteira hispano-portuguesa. Procurar-se-á identificar as causas subjacentes a esta mudança. Para este efeito, vamos trabalhar com materiais recolhidos no *corpus* oral do projeto FRONTESPO. A partir de uma seleção de um conjunto de pontos de inquérito localizados em zonas raianas, analisaremos os dados fornecidos pelos informantes sobre os referentes utilizados para designar os cinco conceitos objeto deste estudo: os nomes dos dedos da mão. Examinaremos os dados recolhidos para as variedades linguísticas faladas na fronteira hispano-portuguesa: galego, castelhano, português, barranquenho, mirandês e leonês. Com base nos resultados obtidos nos pontos de inquérito selecionados, medir-se-á o grau de conservação das formas tradicionais dos cinco conceitos analisados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mudança linguística; Fronteira hispano-portuguesa; Dedos da mão; Variação; Contacto linguístico.

## Variation and language change in the designation of fingers on the hispano-portuguese border

### ABSTRACT

Languages change over time. The lexicon is one of the areas where these changes are most evident, but it's not the only one. The phenomenon analysed in this paper is language change related to the names of the fingers of the hand. This language change is also taking place in the language varieties spoken on the Spanish-Portuguese border. We will try to identify the underlying causes of this change. To this end, we will work with materials collected in the oral corpus of the FRONTESPO project. Based on a selection of survey points located in the borderlands, we will analyse the data provided by the informants on the referents used to designate the five concepts that are the subject of this study: the names of the fingers of the hand. We will examine the data collected for the language varieties spoken on the Spanish-Portuguese border: Galician, Castilian, Portuguese, Barranquenho, Mirandese and Leonese. Based on the results obtained at the selected survey points, the degree of conservation of the traditional forms of the five concepts analysed will be measured.

**KEYWORDS:** Language change; Spanish-Portuguese border; Fingers of the hand; Variation; Language contact.

Translated with DeepL.com (free version)



## 1. Introdução

Nesta contribuição<sup>1</sup> pretendemos analisar a grande diversidade de designações existente na fronteira entre Espanha e Portugal. Não é difícil intuir que a interligação entre o nosso cérebro e as mãos terá sido crucial na evolução da nossa espécie. A existência de cinco dedos em cada mão foi certamente uma vantagem do ponto de vista evolutivo (GOULD, 2006). Se dúvidas houvesse sobre a estreita ligação entre o cérebro e as mãos, pense-se no papel deste interface, por exemplo, na escrita ou na língua gestual. Contudo, é importante assinalar que, no que diz respeito às funções relacionadas com a linguagem, nuns indivíduos é dominante o hemisfério esquerdo e noutros, o direito, sendo que: “Se sabe que, en lo que respecta a las funciones relacionadas con el lenguaje, el hemisfério izquierdo es dominante en aproximadamente el 96% de los diestros y en el 70% de los zurdos” (GESÛ, 2017, p. 29). Seja como for, destros ou esquerdinos, e tendo em consideração esta peculiaridade da anatomia dos dedos e a sua importância no nosso quotidiano, não é surpreendente que a humanidade sentisse a necessidade de nomear todos e cada um dos dedos da mão.

Na origem destas denominações estão subjacentes diferentes motivações que obedecem a aspetos diversos, como podem ser o tamanho de cada dedo, a sua função e, nalguns casos, as crenças ancestrais, entre outros aspetos. Como adiante se verá, algumas destas motivações subjacentes ainda são perceptíveis para os falantes.

Há que assinalar que, no contexto geográfico, objeto deste estudo, o espaço adjacente à fronteira hispano-portuguesa, junto das formas patrimoniais, coexistem também as designações introduzidas há relativamente pouco tempo através do ensino formal. Estas designações da variedade *standard* (ou padrão) têm vindo a afastar do uso corrente as formas tradicionais até ao ponto de, hoje, em algumas das localidades estudadas, só se registarem as formas da variedade padrão, geralmente semicultismos, não havendo já memória, em alguns casos, das designações tradicionais.

Alguns informantes, ao enumerar as designações tradicionais, fazem referência a canções infantis e jogos envolvendo os dedos, nos que estes são tratados como seres animados (e.g. *pai, irmão, sobrinho, vizinho...*). Devido às naturais limitações de espaço que exigem este tipo de contribuições, cantigas e ditados não estão incluídos no âmbito deste estudo, pois inclui-las obrigá-los-ia a exceder o espaço disponível para esta análise. Por este motivo, o presente trabalho foca-se, unicamente, no estudo da variação nos nomes dos dedos da mão na fronteira hispano-portuguesa.

Os objetivos deste trabalho são três: em primeiro lugar, reunir dados e documentar as diversas designações dos dedos da mão no espaço da fronteira hispano-portuguesa; em segundo lugar, elaborar uma proposta de classificação baseada na motivação que deu origem a essas designações; e, em terceiro lugar, aferir, tanto quanto possível, a vitalidade das designações dos dedos da mão de criação popular nas línguas presentes no espaço da fronteira hispano-portuguesa.

<sup>1</sup> Esta contribuição foi financiada por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do Projeto UIDB/04188/2020 e enquadra-se dentro do projeto *Atlas Pluridimensional da Fronteira Espanha-Portugal*, que recebeu financiamento do Ministério de Ciência e Inovação do Governo de Espanha, a Agência Estatal de Investigação e do Fondo Europeo de Desenvolvimento Regional (PID2022-137290NB-I00, financiado por MCIN/AEI /10.13039/501100011033 / FEDER, UE).

## 2. As línguas em contacto na fronteira hispano-portuguesa

De norte a sul, a fronteira é ponto de encontro de várias línguas e diversas variedades linguísticas. As línguas presentes neste espaço são: o galego (gal.), o português (pt.), a fala de Xálima<sup>2</sup> (fal.), o castelhano ou espanhol (cas.), o mirandês (mir.), o leonês (leo.) e o barranquenho (bar.). A taxonomia linguística da fronteira hispano-portuguesa pode variar em função dos critérios utilizados para classificar as línguas. Pensemos, por exemplo, no caso do barranquenho; uns autores consideram que se trata de uma língua (AMARAL et al. 2021, p. 64; NAVAS, 1992, 2000, 2011, 2017, 2021; GONÇALVES, 2021, p.194), porém, outros põem em causa esse estatuto (FERREIRA, 2002, p. 138). Como é sabido, o barranquenho é o resultado do contacto de variedades linguísticas do português e do castelhano (nomeadamente das variedades meridionais europeias). Postas assim as coisas, cabe referir que também levanta algumas questões estabelecer se estamos perante uma variedade de português, de castelhano ou, por ventura, uma variedade híbrida resultado do contacto entre estas duas línguas. Para podermos estabelecer uma classificação taxonómica mais rigorosa, seria preciso contabilizar as características linguísticas (representadas cartograficamente por isoglossas) características de cada uma das línguas e, ainda, quais são comuns a ambas e quais exclusivas do barranquenho.

Para o propósito deste trabalho, podemos estabelecer a seguinte classificação linguística do espaço fronteiro hispano-português em que, de Norte a Sul, encontramos as seguintes línguas: galego e português estão em contacto no norte, desde a foz do rio Minho até as Portelas de Zamora, onde o galego ainda goza de bastante vitalidade; chegados à província de Zamora, entramos no espaço linguístico dominado pelo castelhano, mas em muitas localidades da fronteira desde Zamora até a Estremadura espanhola, encontramos um castelhano com forte presença de palavras leonesas; em várias localidades da raia, nomeadamente em Zamora, ainda é possível encontrar falantes da língua leonesa, mas, por norma, o castelhano tem varrido o leonês e, em rigor, devemos falar de uma língua de substrato no referido espaço da fronteira hispano-portuguesa (cf. D'ANDRÉS, 2013, p. 19-20) – há que assinalar que os vestígios linguísticos asturo-leoneses são mais numerosos nas localidades junto da fronteira, tanto do lado português como do espanhol; ainda na província espanhola de Zamora, encontramos a povoação de Calabor, um enclave linguístico em que ainda se fala uma variedade galego-portuguesa, pois a língua falada nesta localidade tem características em comum com o galego, mas também partilha características que são consideradas como distintivas, pela literatura científica especializada, do português face ao galego – por exemplo, a existência em Calabor da fricativa palatal alveolar sonora /ʒ/ (cf. CUNHA e CINTRA, 2002, p. 45; MATEUS et al., 2005, p. 83), inexistente em galego (cf. FREIXEIRO MATO, 1998, p. 187-188). Há fenómenos, como o que acabamos de ver, que tornam o trabalho de classificação mais árduo do que *a priori* se poderia esperar.

Mais a Sul, no lado português da fronteira, encontram-se quatro localidades onde se falou até há pouco tempo, pelo menos até bem entrado o século XX, variedades asturo-leonesas. É este o caso de Rio de Onor, Guadramil, Deilão e Petisqueira. Do lado espanhol, numa parte da província

<sup>2</sup> Também se documentam os glotónimos *xalimego* e *valego* na literatura científica.



de Zamora, também se falava asturo-leonês, mas, o despovoamento e a pressão da língua oficial acabaram por consumir o processo de substituição linguística do asturo-leonês pelo castelhano.

Rio de Onor (em Portugal) e Rihonor de Castilla (em Espanha) são, na verdade, a mesma localidade; já nos anos 60, como lembra Carrasco González (2021, p. 9), em Rio de Onor e em Rihonor de Castilla, a variedade autóctone de asturo-leonês ia sendo abandonada em favor da língua oficial de cada país, isto é, o português em Rio de Onor e o castelhano em Rihonor de Castilla. Esta mudança foi observada por Maria José de Sousa Santos no seu magnífico estudo linguístico sobre a fronteira hispano-portuguesa em Trás-os-Montes (1967). Continuando este percurso pela Raia, mais a Sul, chegamos à Terra de Miranda onde ainda é falado o mirandês. Mirandês é o glotónimo utilizado para designar o asturo-leonês falado nesta comarca portuguesa, e foi acunhado por José Leite de Vasconcelos (1882, 1900, 1901) aquando da descoberta, à luz da ciência linguística, deste idioma, em 1882. Na Terra de Miranda, o asturo-leonês teve melhor sorte do que noutras partes do espaço fronteiriço hispano-português e, desde 1999, goza de reconhecimento por parte do Estado português. Paralelamente, tem-se assistido a uma notável revitalização do idioma em diversos âmbitos: o mirandês está presente na escola como disciplina extracurricular desde 1986 e atualmente cerca de 70% dos alunos do Agrupamento de Escolas de Miranda do Douro escolhe esta disciplina; produziu-se um *boom* na publicação de obras literárias desde 1999 até hoje (GÓMEZ 2018, 2021, p. 37-39), e o Estado Português assinou em 2021 – mas ainda não ratificou – a Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias (Conselho de Europa, 1992), para citar alguns dos marcos mais importantes para o mirandês nas últimas décadas. Contudo, estes avanços não impediram que esta língua se encontre em grave perigo, devido ao despovoamento do território onde está localizada e à escassa transmissão intergeracional, entre outros fatores. Como é sabido, estes problemas são comuns à maioria das línguas minoritárias e minorizadas.

Rumando mais para Sul, no Norte da província de Salamanca ainda são perceptíveis traços asturo-leoneses. Nesta área, nas províncias espanholas de Salamanca, Cáceres e Badajoz, pode constatar-se um facto sobejamente conhecido pelos linguistas, mas que com frequência é desconhecido em outros âmbitos: as fronteiras políticas e as linguísticas poucas vezes coincidem, o que se traduz, na área objeto deste estudo, na presença de enclaves de fala portuguesa em território espanhol, como é o caso de La Alamedilla (em pt. Alamedilha), Cedilho (Casalinho), Herrera de Alcántara (em pt. Ferreira de Alcântara), La Codosera, Olivença ou a Veiga do Guadiana, para referir apenas alguns exemplos (CARRASCO GONZÁLEZ, 2021, p. 36-69). As localidades de Valverdi do Fresno, As Ellas e San Martín de Trevellu (em cas. Valverde del Fresno, Eljas e San Martín de Trevejo) constituem um enclave galego-português no Norte da província de Cáceres (D'ANDRÉS, 2013, p. 20-21), onde a variedade local, a fala de Xálima, goza de grande vitalidade.

A vila de Barrancos, no Alentejo, é caso singular nesta panorâmica; o que ali se fala é uma variedade linguística que é o resultado, como já foi referido, de vários séculos de intenso contacto linguístico entre a variedade alentejana de português e o castelhano meridional (nomeadamente as variedades andaluza ocidental e a estremenha), como observaram María Victoria Navas (1992, 2000, 2011, 2017, 2021) e também Patrícia Amaral et al. (2021, p. 64). Esta variedade tem escassa proteção legal e não é ensinada de forma regrada na escola do concelho. Contudo,

o barranquenho tem bastante vitalidade mesmo entre as camadas mais jovens da população da única localidade onde se fala esta língua (Barrancos).

Com efeito, a fronteira é um espaço bastante singular. Por um lado, a zona limítrofe da fronteira é mais conservadora, do ponto de vista linguístico, e menos permeável às influências dos grandes núcleos urbanos que irradiam a norma padrão da respetiva língua oficial. Por outro lado, há fenómenos linguísticos que traspõem a fronteira, sendo que alguns desses fenómenos estão circunscritos ao espaço fronteiriço. Pelo anteriormente exposto, não é estranho encontrar características linguísticas do português do lado espanhol e do castelhano no lado português da Raia. Além disso, como já foi referido, em ambos lados da fronteira, há vestígios, mais ou menos perceptíveis, do velho romance leonês, desde as Portelas (Zamora) até a Estremadura espanhola. Veremos mais adiante de que forma esta complexa realidade linguística se materializa nas designações dos dedos da mão.

### 3. O estudo da variação e o câmbio linguístico

Como é sabido, as línguas são o meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades: sociedades que são diversificadas do ponto de vista cultural, geográfico e económico. Essa diversidade tem, como é natural, o seu reflexo no plano linguístico. Nesse sentido, como apontam Celso Cunha e Lindley Cintra, “uma língua histórica não é um sistema linguístico unitário, mas um conjunto de sistemas linguísticos, isto é, um *diassistema*, no qual se inter-relacionam diversos sistemas e subsistemas” (2002, p. 3). Esta observação tem, como veremos, um imenso valor heurístico e ajuda a perceber a configuração linguística da fronteira em que três diassistemas linguísticos (o galego-português, o asturo-leonês e o castelhano) se diversificam em várias línguas e numerosas variedades linguísticas.

Todas as línguas apresentam variação. Não se tem conhecimento de línguas que sejam homogêneas, que permaneçam invariáveis no tempo ou que não alberguem no seu seio variação regional, social ou contextual. Com efeito, constata-se que as línguas variam no tempo e no espaço e, dentro de um mesmo espaço geográfico, apresentam variação de um indivíduo para outro e de um grupo social para outro. Toda a interação linguística é produzida num espaço concreto, num intervalo temporal também concreto, com pessoas únicas e irrepetíveis (TUSÓN, 2000, p. 74). Por outro lado, os falantes de uma língua vivem num local específico e partilham valores, memórias, costumes e referências culturais. Os falantes estão, também, expostos a um modelo linguístico (língua ou variedade padrão), que também não é homogêneo (CRYSTAL, 2005, p. 7-8) e que, nos nossos dias, é divulgado e consolidado, sobretudo, pelos meios de comunicação social existentes em cada sociedade. Essa variedade padrão é uma das variedades linguísticas faladas num território que, por diversos motivos (políticos, históricos, económicos, sociais, etc.), acaba por se impor (FERREIRA et al. 2005, p. 483). Contudo, nessa variedade padrão também se observam fenómenos de variação linguística, embora tenha uma certa tendência a fossilizar-se. A variedade padrão é adotada pelo Estado e é, por conseguinte, a variedade veiculada no ensino e nas esferas da vida pública mais prestigiadas (CALVET, 1998; REGUEIRA, 2020; SIGUAN, 1996).

Para estudar a diversidade linguística, é necessário delimitar o objeto de estudo. A maioria das teorias linguísticas estudam as línguas enquanto sistema, incidindo nas regularidades. Porém, a



dialetologia privilegia o estudo do que foge à regra, do que é diferente, do que se afasta do regular. Para poder abordar um campo de estudo tão vasto, a linguística estruturalista europeia estabeleceu vários compartimentos para classificar a variação em função do âmbito em que esta se produz. Assim, quando a variação obedece a razões geográficas, recorre-se ao termo *variação geográfica* ou *diatópica*. Porém, existem, como é sabido, outros tipos de variação: a diacrónica, a diastrática e a diafásica. A variação diatópica, geolinguística ou dialetal é o objeto de estudo da dialetologia.

No caso que aqui nos ocupa, a variação nas designações dos dedos da mão, será tida em consideração a variação geolectal ou diatópica e a variação diacrónica, mas esta última apenas na medida em que é percebida pelos falantes quando consideram uma forma antiga e outra mais moderna.

#### **4. Materiais e metodologia**

A proveniência dos materiais para a realização do presente estudo é o *Corpus oral de la frontera hispano-portuguesa* (ÁLVAREZ, 2018). Também recorreu-se ao *Tesoro léxico de la frontera hispano-portuguesa* (GONZÁLEZ, 2018) para esclarecer algumas das lexias analisadas e interpretá-las. Para selecionar as localidades, usámos o motor de busca do *Corpus oral*, realizando uma pesquisa temática, usando o tema *partes do corpo*, que nos devolveu 25 resultados. Seguidamente, analisámos essas gravações e verificámos que, unicamente, em 14 entrevistas eram mencionados, efetivamente, os dedos da mão. É importante referir que esta pesquisa realizou-se entre agosto e outubro de 2022, pois, entretanto, foram incluídas novas entrevistas no *corpus*. Para ampliar o número de dados, já que, como referimos, em várias entrevistas, os informantes não respondiam à pergunta sobre os dedos da mão ou porque a qualidade acústica da gravação não permitia compreender com clareza o que informante dizia (o que aconteceu num caso), recorreu-se, também, às gravações ainda inéditas, até completar trinta entrevistas que correspondiam a trinta localidades distintas da fronteira entre Espanha e Portugal. As localidades estudadas são, por ordem alfabética, as seguintes: La Alamedilla (Alamedilha em pt.), Aldeia da Ponte, Barrancos, Bemposta, La Bouza, Calabor, Castrelos, Castromil, Cicuiro, La Codosera, Deilão, Igreja (Cabreiro, Arcos de Valdevez), Laranjeiras, Llateu (Latedo), Lubián, Moimenta da Raia, As Neves, Nuez, Parâmio, Petisqueira, Piedras Albas, Pinilla de Fermoselle, Pitões das Júnias, San Martín de Trebellu (en cas. San Martín de Trevejo), San Pedro de la Silba, San Silvestre de Guzmán, Saucelle, A Teixeira, Valencia del Mombuey (Valencita) e Zenízio (Genísio).

As designações foram extraídas manualmente e transcritas, segundo as normas da língua em que foram proferidas. Por último, analisamos os dados que a continuação se apresentam.

#### **5. As designações dos dedos da mão na fronteira hispano-portuguesa**

Como é sabido, o nosso corpo tem um papel determinante na conceptualização da realidade (JULIÀ, 2012, p. 15-24; GARGALLO, 2014, p. 543). O papel das mãos na apreensão e na conceptualização da realidade é incontornável. Nesse sentido, não é difícil imaginar a primeira pessoa, dotada de consciência, iniciar, por exemplo, o pensamento matemático a partir dos dedos da

mão. Tendo isto em consideração, é natural que a humanidade sentisse a necessidade de dar nome aos diferentes dedos da mão.

Seguidamente, apresentam-se as designações documentadas em trinta localidades da fronteira, acompanhadas de um breve comentário em que, entre outros aspetos, se questiona sobre as motivações que as poderão ter originado. Além disso, as tabelas permitem observar a variação que estas apresentam no espaço da fronteira hispano-portuguesa.

### 5.1. Polegar ou mata-piolhos

Como se vê ao longo deste trabalho, a forma e o tamanho dos dedos são uma fonte fértil na criação de designações para os dedos. Nesse sentido, o caso de *polegar* é um claro exemplo de como o tamanho está na origem de numerosas designações atribuídas a este dedo. Já em latim, existia esta relação entre a designação e as características físicas e fisiológicas deste dedo: a palavra *polegar* provém do latim *POLLEX*, que significa *forte*. Nas localidades estudadas, encontramos designações relacionadas com a forma e o tamanho, como *gordo*, em La Alamedilla, Llateu, Pinilla de Famoselle e Valencia del Mombuey (popularmente Valencita).

No espaço da fronteira, documentam-se também formas que remetem para a função que outrora teve este dedo, como se vê na lexia *mata-piolhos*. A utilização deste dedo para exterminar piolhos terá sido, até há relativamente pouco tempo, uma prática bastante comum, pois é uma forma recorrente de o designar nas línguas faladas na área mais ocidental da Península Ibérica. Na zona fronteiriça, objeto do nosso estudo, as formas relacionadas com a função de eliminar piolhos apresentam bastante vitalidade, como se pode observar na tabela 1.

**TABELA 1.** Designações do polegar por localidades

Localidades	Designações
Castromil	Pulgar, escochapiollos
As Neves	Escachapiollos / pulgar
Igreja (Arcos de Valdevez)	Escacha-piolhos, polegar
Pitões de Júnias, Laranjeiras, Parâmio,	Mata-piolhos
Moimenta da Raia	Polegar
La Bouza, La Codosera, Saucelle, Calabor, Teixeira, Nuez, Piedras Albas	Pulgar
Aldeia da Ponte	∅
La Alamedilla	Pulgar / polegar / o gordo
San Silvestre de Guzmán	Pulgar / mata-piolhos
San Martín de Trebellu, Lubián	Pulgal
Petisqueira, Deilão	Estornica-piolhos
Barrancos	Pulgar; mata-pulgas e piolhos
Castrelos	Escachapiollos
Cicuiro, San Pedro de la Silba	Mata-piolhos
Zenízio	Pulgar, polgar, mata-piolhos
Bemposta	Polegar
Llateu; Pinilla de Famoselle, Valencia del Mombuey	Gordo; el gordo; pulgar / el gordo

Fonte: Produzida pelo autor.

Do ponto de vista das categorias gramaticais que constituem as formas compostas, verifica-se que a combinação verbo em infinitivo + substantivo é muito produtiva em galego e em asturo-leonês (leonês/mirandês): *matar* (ou afins, como *escachar* ou *estornicar*) + *piollos*. A forma *estornica-piolhos*, documentada nas localidades de Deilão e Petisqueira, revela o caráter asturo-leonês que tiveram estas localidades, pela sua proximidade com a forma mirandesa *sturnica-piolhos*, não documentada nesta amostra, mas que ainda tem vitalidade em mirandês contemporâneo.

Em castelhano, talvez por influência paronímica de *pulga*, documentou-se *pulgar*; esta relação com *pulga* é referida pelos informantes de Nuez e vai ao encontro do afirmado por José Enrique Gargallo Gil, quem vê a influência paronímica de *pulga* na palavra castelhana *pulgar* (2014: 545).

## 5.2. Indicador ou fura-bolos

Nesse caso, a motivação que deu origem a indicador ou índice é bastante evidente: a função de apontar, assinalar ou indicar dá nome a este dedo, pelo menos nas variedades padrão de castelhano e português. Outras motivações parecem estar na origem das designações em galego, nas variedades raianas de português e em mirandês: *fura-bolos* (pt.), *furabolos* (gal.), *fura-bolhos* (mir.).

Em Pinilha de Fermoselle, a motivação que originou a forma *los del medio* tem por base a localização deste dedo e, acresce, é também a designação utilizada para o dedo médio e para o anelar.

**TABELA 2.** Designações do dedo indicador por localidades

Localidades	Designações
Castromil, Castrelos, As Neves	Índice, furabolos
Pitões de Júnias, Laranjeiras	Fura-bolos
San Martín de Trebellu	Furabolus
Moimenta da Raia, Aldeia da Ponte,	Indicador
La Bouza, La Codosera, Saucelle, Calabor, Teixeira, Piedras Albas, Lubián	Índice
Valencia del Mombuey	Índice
La Alamedilla	Índice / indicador / fura-bolo
San Silvestre de Guzmán	Índice / fura-bolos
Petisqueira,	Indicador / sara-bolas
Deilão	Sara-bolas
Barrancos, Igreja (Arcos de Valdevez), Parâmio	Indicador / fura-bolos
Llateu, Nuez	∅
Cicuiro, San Pedro de la Silba	Fura-bolhos
Zenízio	Andicador / fura-bolas
Bemposta	Fura-sacos / fura-bolas
Pinilla de Fermoselle	Los del medio / índice

Fonte: Produzida pelo autor.



Em galego, português e mirandês parece haver uma predominância das formas compostas (verbo + substantivo, e.g.: *fura-bolos*, *fura-sacos*, *fura-bolhos*, *sara-bolas*). Porém, em castelhano (e em português padrão), a forma simples é a mais frequente.

### 5.3. Médio ou pai de todos

O dedo médio apresenta uma variação considerável nas motivações que deram origem às lexias documentadas neste estudo. Por um lado, encontram-se formas que remetem para o tamanho e a posição que ocupa na mão, e.g. *maior de todos* (pt., mir. e gal.), *o mor de todos* (gal.), *maior* (pt.), *dedo grande* (mir.), *médio* (pt), *el del medio* (cas.), entre outros. Por outro lado, há formas que remetem para as relações de parentesco (e.g. *pai de todos*) ou estão ligadas a crenças que relacionam este dedo com o coração, e.g. *corazón* (cas. e gal.), *coração* (pt.).

**TABELA 3.** Designações do dedo médio por localidades

Localidades	Designações
Castromil	Pai de todos, corazón
Castrelos	O mor de todos
Pitões de Júnias	Maior de todos
As Neves	Maior de todos, corazón
Igreja (Arcos de Valdevez)	Maior de eles todos
Aldeia da Ponte	Médio
Moimenta da Raia, San Martín de Trebellu, Llateu, Nuez	∅
La Bouza, La Codosera, Saucelle, Calabor, Teixeira, Piedras Albas, Lubián	Corazón
Valencia del Mombuey	El del medio, corazón
La Alamedilla	Corazón / coração / mengual / o mediano
San Silvestre de Guzmán	Pai-tudo
Barrancos	Médio / pai de todos
San Pedro de la Silba	Maior de todos / Maior
Zenízio	Dedo grande / pai de todos / dedo maior
Pinilla de Fermoselle	Los de el medio / corazón
Parâmio	Saca-olhos, médio
Deilão Cicuiro, Petisqueira, Bemposta	Pai de todos
Laranjerias	Médio, pai de todos

Fonte: Produzida pelo autor.

### 5.4. Anular ou anelar

As lexias mais comuns para o dedo anular encontradas nas localidades estudadas no âmbito deste trabalho são as relativas ao parentesco, e.g. *o (seu) padrinho* (gal.), *sobrinho* (pt.); também encontramos casos em que se alude à posição, e.g. *los del medio* (esp.) *l seu vizino* (mir.), *vizi-*

*nho* (pt.); há, ainda, um caso em que se faz referência à forma, e.g. *redondinho* (pt.), e em três localidades encontramos a forma *passarinho*, mas ocorre também a forma semiculta *anular* nessas mesmas localidades onde se recolhe *passarinho* (La Alamedilla, San Silvestre de Guzmán e Laranjeiras).

**TABELA 4.** Designações do dedo anular por localidades

Localidades	Designações
Castromil	O seu padriño, anular
Castrelos	O padriño
As Neves	Sobrino, anular
Deilão	Sobrino
Igreja (Arcos de Valdevez)	Vizinho
La Codosera	Anillar
San Martín de Trebellu, Lubián	Anular
Saucelle, Calabor, Piedras Albas, Aldeia da Ponte	Anular
Valencia del Mombuey	Anular
La Alamedilla, San Silvestre de Guzmán	Anular, passarinho
Cicuiro	Sou vezino
Barrancos	Anelar, seu vizinho
San Pedro de la Silba	L sou vezino
Zenízio	Andelar
Pinilla de Fermoselle	Los de el medio, anular
Parâmio	Seu sobrinho, anular
La Bouza, Moimenta da Raia, Petisqueira, Teixeira, Llateu, Nuez	∅
Pitões de Júnias	Redondinho
Laranjeiras	Passarinho, anular
Bemposta	Seu vizinho

Fonte: Produzida pelo autor.

### 5.5. Mínimo ou mendinho

Observa-se uma prevalência da motivação baseada no tamanho para a criação das lexias que designam o dedo mínimo. Esta motivação está também patente nas formas coincidentes com as da variedade padrão, *mínimo* (pt.) e, talvez, em *meñique* (cas.). Cabe assinalar que não foram documentadas, nas localidades analisadas, formas compostas.

**TABELA 5.** Designações do dedo mínimo por localidades

Localidades	Designações
Castromil	Meñique, mermidiño
As Neves	Maniño, meñique
Laranjeiras	Miminho, mínimo.
Igreja (Arcos de Valdevez), Cicuiro, San Pedro de la Silba, Zenízio, Bemposta, Deilão	Mendinho
Pitões de Júnias	Pequenino
Moimenta da Raia	Miudinho
La Bouza, La Codosera, Saucelle, Teixeira, Nuez, Piedras Albas	Meñique
Calabor	Meñique, o pequeno
Aldeia da Ponte	Mínimo
La Alamedilla	Meñique, mendinho, o mais pequeno
San Silvestre de Guzmán	Meñique, maminho
San Martín de Trebellu, Lubián	Miñique
Petisqueira	Minguiño
Barrancos	Meninho,
Castrelos	Vermelliño
Llateu	Gurrumiño
Pinilla de Fermoselle	Meñique, el chiquito
Valencia del Mombuey	El chico, meñique

Fonte: Produzida pelo autor.

## 6. Análise de dados e resultados

Face quanto antecede, pode-se concluir que se observa muita variação nas denominações dos dedos da mão no espaço linguístico adjacente à fronteira hispano-portuguesa. Assim, são frequentes os casos em que ocorrem na mesma localidade dous ou mais formas, normalmente a designação na língua padrão e uma outra tradicional. Contudo, noutras localidades, a variação é causada pela coexistência de duas línguas (cf. localidades do tipo 1 da tabela 6).

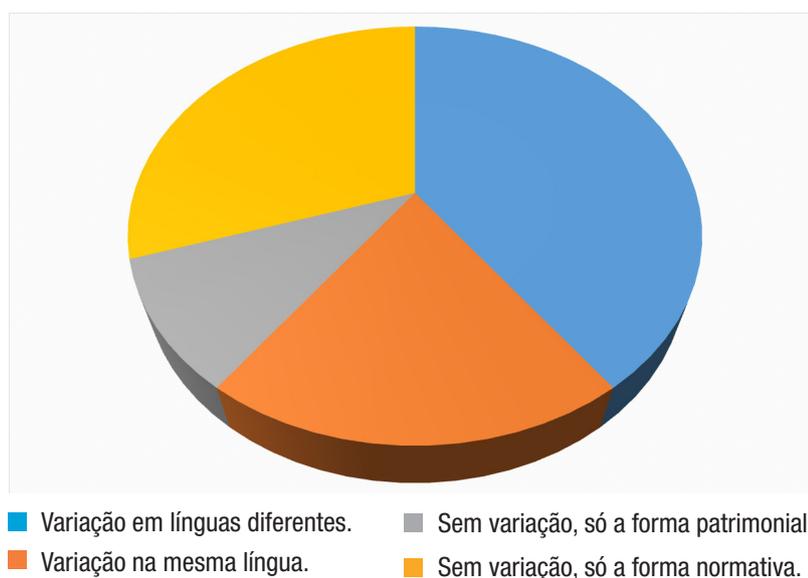
Na tabela 6, apresenta-se uma proposta de classificação das localidades em função da presença da variação ou ausência dela e, nos casos em que existe variação, se esta se produz por causa da coexistência de línguas diferentes nessas localidades (tipo 1) ou se, por ventura, estamos perante um caso de variação interna da língua autóctone (tipo 2). Nos casos em que não se observou variação, distingue-se entre as localidades com uma lexia patrimonial diferente da forma *standard* (tipo 3) e as localidades com uma lexia coincidente com a da variedade padrão (tipo 4).

**TABELA 6.** Tipos de variação por localidades

<b>Tipo 1. Variação em línguas diferentes</b>	Castromil, La Alamedilla, As Neves, Barrancos, Calabor, San Silvestre de Guzmán, Castrelos, Lubián, Zenízio, San Pedro de la Silba, Llateu.
<b>Tipo 2. Variação na mesma língua</b>	Laranjeiras (Alcoutim), Igreja (Arcos de Valdevez), Valencia del Mombuey, Pinilla de Fermoselle, Petisqueira, Parâmio
<b>Tipo 3. Sem variação, só a forma patrimonial</b>	Pitões de Júnas, Cicuiro, Deilão, Bemposta
<b>Tipo 4. Sem variação, só a forma normativa</b>	A Teixeira (em espanhol), Saucelle, La Bouza, Moimenta da Raia, Piedras Albas, Aldeia da Ponte, La Codosera, San Martín de Trebellu, Nuez

Fonte: Produzida pelo autor.

Na figura 1, apresentam-se os mesmos resultados, tendo em consideração a percentagem de localidades, segundo a classificação da variação apresentada na tabela 6.

**FIGURA 1.** Tipos de variação em percentagem

Fonte: Produzida pelo autor.

No que diz respeito à motivação que está na origem da designação, podemos esboçar a seguinte proposta de classificação:

- 1) O tamanho: *gordo, mínimo, o mor de todos, gurrumiño...*
- 2) A posição: *medio, los del medio, sou vezino, seu vizinho...*
- 3) As relações de parentesco: *sobrino, sobriño, padriño, pai de todos...*
- 4) A função (real ou imaginária): *furabolos / fura-bolos, matapiollos / mata-piolhos, corazón, corazón, pulgar, indicador, anular...*
- 5) Forma: *redondinho.*
- 6) Nomes de animais: *passarinho* (pt.), *vermelliño* (gal. de *verme* + sufixo diminutivo). O sufixo (*-inho / -iño*) acrescenta a ideia de tamanho.

Note-se que a motivação, em alguns casos, é completamente opaca para os falantes (JULIÀ, 2012, p. 130 / ÁLVAREZ, 2013, p. 512) destas línguas. Um bom exemplo disto pode ser encontrado na lexia *pulga*, em espanhol, que autores, como Carolina Julià Luna (2012, p. 130) e José Enrique Gargallo Gil (2014, p. 543), veem uma relação paronímica com “pulga”, motivação que é, hoje, completamente opaca para os falantes de espanhol, como explica Xosé Afonso Álvarez Pérez (2013, p. 512). Porém, numa localidade, Nuez, os informantes parecem estar cientes desta relação paronímica sugerida por Gargallo Gil (2014, p. 543).

## 7. Considerações finais

As designações tradicionais eram ensinadas aos mais novos por meio de jogos, cantigas e ditados, mas, com a generalização do ensino, estas formas tradicionais começaram a cair em desuso em favor das designações normativas (semicultas) veiculadas pelo ensino formal o que favoreceu a expansão das lexias da língua padrão ou *standard*.

As designações tradicionais das variedades raianas, não *standard*, surgiam em músicas infantis e, em várias localidades, os informantes referem que eram usadas sobretudo com as crianças. Não obstante, é possível constatar que, na maioria dos casos, também, eram usadas pelos adultos para ensinar os nomes dos dedos aos mais jovens, o que favoreceu a sua transmissão até os nossos dias. Contudo, esta maneira de preservar estas designações têm caído em desuso, o que faz com que muitas destas lexias particulares das variedades raianas tenham desaparecido do repertório dos falantes, sendo substituídas pelas lexias da variedade *standard*.

De todo anteriormente exposto, pode-se concluir que, no espaço raiano, há um processo de mudança linguística em curso. A pressão das formas irradiadas pela norma padrão do castelhano e do português, nas suas respetivas áreas de influência, foi observada nos dados analisados. Esta mudança linguística provoca que, em algumas das localidades estudadas, os informantes não se lembrem das formas tradicionais e próprias da sua localidade. Nesse sentido, o caso de Castrelos é paradigmático, pois só um dos informantes, o homem mais velho de um grupo, de cinco inquiridos, lembrava-se das designações tradicionais no galego falado nesta aldeia da província espanhola de Zamora, algo que os outros inquiridos desconheciam ou já não recordavam.

Como se vê na figura 1, em 60% das localidades analisadas, constatou-se a existência de variação, existindo duas ou mais lexias para designar um ou mais dedos da mão. Uma possível explicação para tamanha incidência de lexias para a mesma forma prende-se, na nossa opinião, com o facto de as áreas de fronteira serem mais conservadoras e, por conseguinte, menos permeáveis à adoção das novidades linguísticas e do modelo de língua irradiado nas grandes urbes. Outro fator que pode explicar a elevada variação linguística observada é o facto de haver línguas em contacto no seio de várias das localidades estudadas (Alamedilha, Cicuiro, As Neves, San Martín de Trebellu, Barrancos, etc.). Há também algumas povoações nas que houve, até há pouco tempo, fenómenos de contacto linguístico e onde acabou por se impor uma língua. Nestas localidades, a língua afastada ainda exerce uma influência de substrato importante, é o caso do asturo-leonês em localidades de fala portuguesa, como Deilão, Petisqueira ou Bemposta. Também encontramos este fenómeno do outro lado da Raia, em Pinilla de Famoselle, Nuez e Latedo.



Um outro aspeto importante que evidencia as lexias documentadas neste estudo é que o galego, o português e o leonês/mirandês parecem diferenciar-se bastante face ao resto do espaço linguístico ibero-românico no que as denominações populares para os dedos das mãos se refere.

O estudo apresentado nestas linhas é o resultado de uma investigação que se encontra, ainda, numa fase incipiente. Como tal, as conclusões que aqui acabamos de alinhar têm, como é natural, um carácter provisório e deverão ser confirmadas, matizadas ou, se for caso disso, retificadas quando obtivermos mais dados sobre um número mais expressivo de localidades fronteiriças.

## CONFLITO DE INTERESSES

O autor não tem conflito de interesses a declarar.

## FINANCIAMENTO

Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., Projeto UIDB/04188/2020.

Ministério de Ciência e Inovação do Governo de Espanha, Agência Estatal de Investigación e do Fondo Europeo de Desenvolvimento Regional (PID2022-137290NB-I00, financiado por MCIN/AEI /10.13039/501100011033 / FEDER, UE), Projeto Atlas Pluridimensional da Fronteira Espanha-Portugal.

## REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ PÉREZ, Xosé Afonso (dir.). *Corpus oral de la frontera hispano-portuguesa*. Alcalá de Henares: grupo FRONTESPO, 2018. Disponível em: <<https://www.frontespo.org/pt/corpus>>. Acesso em 24 nov. 2023.

ÁLVAREZ PÉREZ, Xosé Afonso. Julià Luna, Carolina (2012): Variación léxica en los nombres de las partes del cuerpo. Los dedos de la mano en las variedades hispanorrománicas, Frankfurt am Main: Peter Lang, 347 pp. *In: Verba. Anuario Galego de Filoloxía*, n. 40, p. 509-513. 2013.

AMARAL, Patrícia; CLEMENTS, Clancy; GARRETT, Jordan. Graus de reestruturação em situações de intenso contacto: o caso do Barranquenho. *In: GONÇALVES, Maria Filomena; NAVAS, María Victoria (Eds.). O Barranquenho como Língua de Contacto no Contexto Românico*. Lisboa: Edições Colibri, 2021. p. 63-77.

CALVET, Louis Jean. *A (Socio)lingüística*. Santiago de Compostela: Laidvento, 1998.

CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M. *Dialectología fronteriza de Extremadura. Descripción e historia de las variedades lingüísticas en la frontera extremeña*. Berlin: Peter Lang, 2021.

CONSELHO DA EUROPA. *Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias*. Estrasburgo: Conselho da Europa, 1992. Disponível em: <[https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/carta\\_europeia\\_das\\_linguas\\_regionais\\_ou\\_minoritarias.pdf](https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/carta_europeia_das_linguas_regionais_ou_minoritarias.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2023.

CRYSTAL, David. *The Stories of English*. Londres: Penguin Books, 2005.



CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.

D'ANDRÉS, Ramón. **Gramática comparada de las lenguas ibéricas**. Gijón: Ediciones Trea, 2013.

FERREIRA, Manuela Barros. O mirandês, língua minoritária. *In*: Maria Helena MIRA MATEUS (Org.). **Uma política de língua para o português**. Lisboa: Edições Colibri, 2002. p. 137-145.

FERREIRA, Manuela Barros; CARRILHO, Ernestina; LOBO, Maria; SARAMAGO, João; CRUZ, Luísa Segura da. Variação linguística: perspectiva dialectológica. *In*: FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; Duarte, Inês; GOUVEIA, Carlos. **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. 2ª ed. Lisboa: Caminho, 2005. p. 479-502.

FREIXEIRO MATO, Xosé Ramón. **Gramática da Língua Galega I. Fonética e Fonoloxía**. Vigo: Edicións A Nosa Terra, 1998.

GARGALLO GIL, José Enrique (2014). Julià Luna, Carolina (2012): Variación léxica en los nombres de las partes del cuerpo. Los dedos de la mano en las variedades hispanorrománicas. Frankfurt am Main: Peter Lang, 347 p. [reseña]. *In*: **Estudis Romànics** [Institut d'Estudis Catalans], Vol. 36, p. 542-547. 2014.

GESÙ, Filomena di. La Neurodidáctica como transdisciplina. *In*: VEYRAT RIGAT, Montserrat (Coord.). **No-valing: lingüística y tecnología**. Valencia: Tirant Humanidades, 2017. p. 17-48.

GÓMEZ BAUTISTA, Alberto. **El mirandés: historia, contexto y procesos de formación de palabras**. Oviedo: Academia de la Llingua Asturiana. Llibrería Llingüística, 2021.

GÓMEZ BAUTISTA, Alberto. **Introdução à História da Literatura Mirandesa**. Toledo / Quito: IANUA / Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.

GONÇALVES, Maria Filomena. Reflexões sobre política e planificação linguística de uma língua minoritária e ameaçada: o barranquenho. *In*: GONÇALVES, Maria Filomena; Navas, María Victoria (Eds.). **O Barranquenho como Língua de Contacto no Contexto Românico**. Lisboa: Edições Colibri, 2021. p. 193-220.

GONZÁLEZ SALGADO, José Antonio (dir.) (2018 - ): **Tesoro léxico de la frontera hispano-portuguesa**. Alcalá de Henares: grupo FRONTESPO. Disponível em: <<https://www.frontespo.org/pt/tesoro>>. Acesso 20 dez. 2023.

GOULD, Jay. **El pulgar del panda**. 1ª ed. Barcelona: Editorial Crítica, 2006.

JULIÀ LUNA, Carolina. **Variación léxica en los nombres de las partes del cuerpo: los dedos de la mano en las variedades hispanorrománicas**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2012.

MATEUS, M.ª Helena Mira; FALÉ, Isabel; FREITAS, Maria João. **Fonética e Fonologia do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 2005.

NAVAS, María Victoria. **El barranquenho. Un modelo de lenguas en contacto**. Madrid: Editorial Complutense / Centro de Linguística da Univerisdade de Lisboa, 2011.

NAVAS, María Victoria. El barranquenho: un modelo de lenguas en contacto. *In*: **Revista de Filología Románica**, n. 9, p. 225-246, 1992.

NAVAS, María Victoria. **O barranquenho: Língua, Cultura e Tradição**. Lisboa: Edições Colibri, 2017.

NAVAS, María Victoria. Procesos de creación de lenguas fronterizas. **Revista de Filología Románica**, n. 17, p. 367-393. 2000.



NAVAS, María Victoria. Recopilación bibliográfica para el conocimiento de la lengua y cultura barranqueñas. *In*: GONÇALVES, Maria Filomena; Navas, María Victoria (Eds.). **O Barranquenho como Língua de Contacto no Contexto Românico**. Lisboa: Edições Colibri, 2021. p. 15-62.

REGUEIRA, Xosé Luis. Contacto, estándar e ideoloxías: a lingua galega na esfera pública. *In*: MOUTINHO, Lurdes de Castro; COIMBRA, Rosa Lúcia; GÓMEZ BAUTISTA, Alberto (eds.) **Línguas Minoritárias e Variação Linguística**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2020, p. 27-51.

SANTOS, Maria José de Moura. Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes. *In*: **Revista de Filologia Portuguesa** (separata). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / Instituto de Língua e Literatura Portuguesas, 1967.

SIGUAN, Miquel. **A Europa das Línguas**. Lisboa: Terramar, 1996.

TUSÓN, Jesús. **¿Cómo es que nos entendemos? (si es que nos entendemos)**. Barcelona: Península, 2000.

VASCONCELOS, José Leite de. **Estudos de Philologia Mirandesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. I, 1900.

VASCONCELOS, José Leite de. **Estudos de Philologia Mirandesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. II, 1901.

VASCONCELOS, José Leite de. **O Dialecto Mirandez**. Porto: Livraria Portuense. 1882.



# Brasil-Portugal: variação e mudança nas designações do pão nosso de cada dia

Helena Rebelo

CLLC/Universidade da Madeira, Funchal (MA), Portugal

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8345-9436>

E-mail: [mhrebello@staff.uma.pt](mailto:mhrebello@staff.uma.pt)

## RESUMO

Desenvolve-se uma reflexão sobre as inter-relações existentes entre língua, sociedade e cultura, a partir das designações hiponímicas do hiperónimo “pão” no Brasil e em Portugal, de um ponto de vista comparativo, tendo em conta a variação e a mudança linguísticas, com base em dados recentes. O propósito deste artigo é observar ocorrências do campo semântico, ou melhor, do paradigma de “pão” nos dois países, por meio de usos linguísticos das comunidades. A fim de agregar dados para comparar, recorre-se a motores de busca na Internet, a estudos sobre designações e a dicionários publicados, dos dois lados do Atlântico, de língua portuguesa. Hoje, no mundo digital, estão disponíveis múltiplos conteúdos pertinentes com materiais e informações acessíveis. Que dados linguísticos, sociais e culturais fornecem estas fontes de informação brasileiras e portuguesas sobre o lexema “pão”? Que compostos, sinónimos e associações apresentam? Como surgem definidos? Que designações brasileiras e portuguesas prevalecem em estudos existentes? Que tipos de “pão” são referidos nos conteúdos digitais como sendo brasileiros e/ ou portugueses? Que variação e mudança linguísticas se assinalam tanto no Brasil como em Portugal para um termo como “pão” num mesmo paradigma, especialmente para construções como “pão x” e “pão de y”? Todas as questões motivadoras da investigação se podem reduzir a uma: Que nomes convergentes e divergentes existem para o “pão” no Brasil e em Portugal, além do próprio lexema “pão”?

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasil; Portugal; Estudo comparativo; Designações de “pão”; Variação e mudança linguísticas.



**Brazil-Portugal: variation and change in the designations of our daily bread****ABSTRACT**

A reflection on the interrelations between language, society and culture is developed from the hyponymic designations of the hypernym “bread” in Brazil and Portugal, from a comparative point of view, considering linguistic variation and change, based on recent data. The purpose is to observe occurrences of the semantic field, or rather, of the paradigm of “bread” in both countries, through the linguistic uses of the communities. To aggregate data for comparison, a variety of data in Internet search engines, studies with designations and dictionaries published on both sides of the Portuguese-speaking Atlantic are used. Today, in the digital world, multiple pertinent content with accessible materials and information are available. What linguistic, social, and cultural data do these Brazilian and Portuguese sources of information provide on the lexeme “bread” and its synonyms, or associative derivatives? How do they come about? Which Brazilian and Portuguese designations prevail in existing studies? What types of “bread” are referred to in digital content as being Brazilian and/or Portuguese? What linguistic variation and change are noted in both Brazil and Portugal for a term such as “bread” in the same paradigm, especially for constructions such as “bread x” and “bread of y”? All the motivating questions of the investigation can be reduced to one: What convergent and divergent names exist for the “bread” in Brazil and Portugal, beyond the lexeme “bread” itself?

**KEYWORDS:** Brazil; Portugal; comparative study; designations of “bread”; linguistic variation and change.

**1. Considerações introdutórias**

Brasil e Portugal têm muito em comum social, cultural e linguisticamente, mas também têm um vasto leque de diferenças originadas pelas especificidades de cada realidade. Como será com o nome “pão”? A noção de “campo” (cf., por exemplo, DUBOIS, 1973) é importante para compreender os conceitos de “campo lexical” ou “associativo” (conjunto de elementos pertencentes a uma mesma área do conhecimento) e de “campo semântico” (conjunto unido pelo sentido, com, nomeadamente, uma unidade linguística comum) para o caso do pão<sup>1</sup>. Até que ponto serão convergentes ou divergentes? Pelos conhecimentos sociais, culturais e linguísticos que se têm dos dois territórios, provavelmente o campo lexical tenderá a ter mais semelhanças do que o campo semântico para um hiperónimo como “pão”, no conjunto paradigmático em que cabem todas as designações de “pão”. É, pelo menos, o que se depreende da consulta de diversas fontes de informação existentes: motores de busca na Internet, artigos científicos e dicionários.

Uma expressão como “o pão nosso de cada dia”, do domínio religioso, é comum tanto à cultura como à sociedade brasileiras, assim como às portuguesas, significando em ambas bem mais do que indica o signo linguístico “pão” (alimento preparado com, essencialmente, farinha e água), já que “o pão nosso de cada dia”, excerto de uma oração cristã, remete para todo o alimento, ou seja, o sustento diário.

Segundo Ferdinand de Saussure, a propósito de « Les rapports associatifs » (“As relações associativas”)<sup>2</sup> (1985, p. 172), são múltiplas as séries de associações que aproximam termos: “Os

<sup>1</sup> Deve-se à gentileza de Regina Cruz, da Universidade Federal do Pará - Belém, a ideia para esta publicação. Foi quem sugeriu, em Aveiro, no III Congresso Internacional em Variação Linguística nas Línguas Românicas, haver no ALiB várias designações para o pão. Agradece-se-lhe as referências de Vanessa Yida que se desconheciam.

<sup>2</sup> As traduções das citações originais são de autoria própria.

grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar termos que apresentem algo em comum”<sup>3</sup>, porque “o espírito capta também a natureza das relações que as interligam em cada caso e cria por essa via tantas séries associativas quantas relações diversas haja”<sup>4</sup>. Será o que acontece com o campo associativo e o campo semântico de “pão”, em particular o paradigma dos seus nomes com derivados e compostos. Importa-nos essencialmente este último a partir das locuções formadas com “pão x” (em que x corresponde a um segundo elemento do composto) e “pão de y” (y vai equivaler ao elemento ligado a “pão” pela preposição “de”), ou seja, de todos os tipos de pão que referem designações construídas com a base “pão”, em que as relações sintagmáticas (cf. SAUSSURE, 1985, p. 172) são fundamentais:

On rencontre d’abord un grand nombre d’expressions qui appartiennent à la langue ; ce sont les locutions toutes faites, auxquelles l’usage interdit de rien changer, même si l’on peut y distinguer, à la réflexion, des parties significatives (...) dont le caractère usuel ressort des particularités de leur signification ou de leur syntaxe. Ces tours ne peuvent pas être improvisés, ils sont fournis par la tradition.

Encontra-se, inicialmente, um grande número de expressões que pertencem à língua; são as locuções cristalizadas, às quais o uso proibiu de alterar fosse o que fosse, mesmo se nelas se podem distinguir, após reflexão, partes significativas (...) cuja dimensão usual sobressai das particularidades da sua significação ou da sua sintaxe. Isso não pode ser improvisado; é fornecido pela tradição.

Nos conjuntos associativos que Saussure menciona, há várias possibilidades de “séries associativas” e o esquema que propõe (SAUSSURE, 1985, p. 175) realça a diversidade de agrupamentos que se podem realizar. Acontece assim para os nomes que se atribuem ao “pão”, a partir da composição sintagmática, quer na comunidade brasileira, quer na portuguesa, o que se pretende abordar.

Começa-se por uma leitura de artigos de investigação para a realidade brasileira e para a portuguesa. Quanto a esta, recorre-se a dois estudos levados a cabo por Helena Rebelo (2021 e 2022) e, para aquela, a dois artigos de Vanessa Yida (2018 e 2021). São estudos da área da Linguística que trazem informações essencialmente de índole regional, diatópica. Prossegue-se com a visão geral de quatro páginas da Internet de acesso aberto e com conteúdos para as realidades brasileira e portuguesa. Finaliza-se com a comparação de definições de “pão” pelo recurso a quatro dicionários de língua comum, brasileiros e portugueses, a fim de compreender como geram a entrada “pão”. A comparação vai-se operando por meio destes três tipos de materiais, numa diversidade de textos e de fontes.

<sup>3</sup> No original: « Les groupes formés par association mentale ne se bornent pas à rapprocher les termes qui présentent quelque chose de commun. »

<sup>4</sup> No original: « l’esprit saisit aussi la nature des rapports qui les reliait dans chaque cas et crée par là autant de séries associatives qu’il y a de rapports divers. »

## 2. Os nomes do pão e a investigação

Vanessa Yida publicou trabalhos sobre a designação “pão francês”, muito comum no Brasil. Destacam-se dois: os de 2018 e 2021. O texto de 2021, “As designações para o pão nosso de cada dia: a norma lexical do português brasileiro com base no *corpus* do Projeto ALiB”, é mais desenvolvido do que o anterior, “Os fraseologismos para pão francês na região sul do Brasil”, de 2018, porque mais centrado no Sul. A investigação publicada em 2021 é dedicada a todo o Brasil, tendo inclusive cartografia para comparar dados. Relativamente a este, Vanessa Yida refere que “o presente artigo constitui um excerto adaptado e ampliado de uma das análises desenvolvidas pela autora em sua Tese” (YIDA, 2021, p. 535). Prossegue explicando como operou e que o estudo parte de “A diversidade de denominações para o ‘pão feito à base de farinha de trigo, sal e água’ foi obtida por meio da aplicação, pelas equipes do ALiB, da questão 186 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) dos *Questionários*” (YIDA, 2021, p. 535), envolvendo 250 localidades brasileiras como pontos de inquérito. São ambos os estudos baseados em dados do ALiB e, no de 2021, há um grande interesse pelos regionalismos. Como a própria autora refere quanto à “conservação linguística”, “algumas variantes regionais [do Brasil] podem proceder de arcaísmos portugueses, formas mais conservadas da língua, resultantes do isolamento geográfico de algumas regiões” (YIDA, 2021, p. 539). A autora (2021, p. 541) explica que a nível histórico:

muitos pães antigos fabricados no Brasil eram produzidos a partir da mandioca, o beiju, denominado “pão dos trópicos” ou “pão da terra” (MUSSOLINI, 1972, p. 314). Após a imigração italiana e o impulsionamento da industrialização, a produção do pão feito de trigo passou a ter mais destaque. No período da *belle époque*, a elite brasileira, acostumada a reproduzir padrões europeus, passou a solicitar aos padeiros a fabricação de pães à moda francesa, mais leves e macios. Nesse contexto, surgiu o nominado pão francês.

Vanessa Yida reporta-se, diversas vezes, no artigo mais extenso, aos dicionários, como se verifica nos seguintes excertos: “os atlas linguísticos podem atestar a difusão das variantes (...). Assim, podem também contribuir na perenização do patrimônio lexical regional em dicionários, como fonte para a atualização das marcas dialetais nessas obras” (2021, p. 539). Outra citação que evidencia a importância da revisão dos dicionários de língua comum é a seguinte:

Sublinhe-se, ainda, que as denominações características de determinadas comunidades linguísticas atuam como formas não estáticas, acompanhando os passos e processos de interação humana, marchando junto aos movimentos migratórios e sob influência de meios de comunicação em massa, tornando as fronteiras virtuais estabelecidas pelas isoglossas mais fluidas. A isso, cumpre acrescentar a observação de Oliveira (1999) a respeito da irradiação das formas regionais que podem ser exclusivas de uma localidade ou podem representar o léxico empregado em mais de uma região específica, por efeito da migração no território brasileiro. Decorre desse fato, a necessidade de atualizar continuamente as marcas de uso nos dicionários, em virtude da mudança e do trânsito das formas linguísticas por uma ou mais regiões (YIDA, 2021, p. 538).

É imprescindível consultar dicionários, o que se fará. No trabalho sobre regionalismos de 2021, Vanessa Yida também lista os nomes das 48 variantes lexicais para a questão 186 do ALiB, afirmando que “no montante geral, foram documentadas 1224 ocorrências” (p. 545); não são enumeradas, para não alongar excessivamente o presente texto. Sublinha-se, no entanto, que, para “pão feito à base de farinha de trigo, sal e água”, as três mais frequentes (cf. Quadro 1, p. 546) são “pão francês”, “pão” e “pão de sal”. A exploração do material linguístico é descrita do seguinte modo (2021, p. 547), evidenciando as construções aqui em estudo “pão x” e “pão de y”:

Na apuração geral, a forma mais produtiva foi *pão francês*, totalizando praticamente um terço das respostas válidas, com 452 ocorrências, perfazendo 36,93%, seguida de *pão*, com 236 menções e índice de 19,28%. *Pão de sal*, terceira mais produtiva, obteve 165 ocorrências, sendo 13,48%; *cacetinho*, com 80 registros computou 6,54%, e *outras* variantes somaram 63, totalizando 5,15%. Como sexta variante, *pão carioca* atingiu 46 citações, contabilizando 3,76% das ocorrências e *pão d'água*, 39, perfazendo 3,19%. As demais denominações (*pão pequeno*, *pão careca*, *pão massa grossa*, *filão*, *média*, *pão aguado*, *pão de trigo*, *bengalinha*, *brizolinha* e *pão Jacó*) apresentaram menos de 3% de ocorrências cada uma.

O próprio hiperônimo “pão” também ocorre como hipônimo nos levantamentos de Helena Rebelo (2021 e 2022), que estuda os nomes do “pão” a partir de uma recolha em Portugal, em especial na Região Autónoma da Madeira, ou seja, segue igualmente um percurso que permite destacar regionalismos. Ademais, apresenta mais de uma centena de nomes de “pão”, comprovando que as designações são realmente muitas. Também coloca o problema da relação “pão” e “bolo”.

Na publicação de 2022, é posta em relevo a entrada “pão” do dicionário Houaiss (2001) e é motivadora da reflexão para o enquadramento da investigação relativa ao “pão em Portugal”. Porém, antes de passar aqui à consulta de dicionários, opta-se por fazer uma pesquisa pela Internet, por ser hoje o meio que disponibiliza maior número de conteúdos culturais, sociais, históricos e linguísticos; pelo contrário, os dicionários tendem a sistematizar toda a informação, de modo que, numa fase inicial, importa abrir o leque de possibilidades existentes para as associações que Saussure indica haver linguisticamente. O pão do Brasil e o pão de Portugal estão associados a quê no mundo digital?

### 3. Nomes do pão do Brasil e de Portugal na Internet

Ao pesquisar “pão do Brasil” na Internet, uma das primeiras páginas que surgem é a de Mayk Alves<sup>5</sup> com o título “O que é pão?”. Na definição apresentada: “Pão é um alimento feito à base de farinha (não necessariamente de trigo) água, leite, sal e açúcar. Existem inúmeras variações na fabricação, com o acréscimo de ovos, por exemplo, assim como existem os que não usam água”, há ingredientes como “leite”, “açúcar” e “ovos”, que, por regra, não estão associados a “pão”, mas a

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.agro20.com.br/tipos-pao/>>. Acesso em: 26 out. 2023.

“bolo”. Parece evidente que, no Brasil e em Portugal, há alguma (con) fusão entre ambos, embora correspondam a conceitos distintos. Aliás, o “leite” e os “ovos” estão mais relacionados com o “bolo” (doce) do que com o “pão” (salgado). De seguida, sem referir fontes de informação, reporta-se aos cinco pães mais comercializados do Brasil, a saber: “pão francês”, “pão sovado”<sup>6</sup>, “sonho”<sup>7</sup>, “pão doce” (a informação “açucarado” deveria remeter para “bolo”) e “pão de queijo”. Pelas explicações que faculta, e fazendo-se a distinção entre “pão” (salgado ou a tender para o salgado) e “bolo” (doce ou a tender para o doce), apenas “pão francês” e “pão de queijo” se incluem no paradigma de “pão”, porque “sonho” e “pão doce” integrarão o paradigma de “bolo”, ficando “pão sovado” num conjunto intermédio, numa categoria correspondente a algo como “pão-bolo” (nem salgado, nem doce, porque se lhe pode adicionar algo salgado e funciona como pão ou algo doce e corresponderá a bolo). Acrescenta que há “outros tipos de pão comercializados no Brasil” e lista: “pão de forma”, “pão integral”, “pão sem glúten” (a preposição “sem” indica um ingrediente inexistente e não é contemplada nas duas construções a observar: “pão x” e “pão de y”), “pão branco”, “pão de ló (que, na verdade, é uma espécie de massa de bolo)” e “pão de leite”. Com o comentário parentético de “pão de ló”, o autor brasileiro reconhece a diferença entre “pão” e “bolo”. Porém, essa distinção não se encontra nas informações que fornece, por exemplo, para “sonho” (que caracteriza como “doce”), mas inclui-o no conjunto, na associação, dos cinco pães mais consumidos no Brasil, ou para “pão doce”<sup>8</sup> (quanto a este, especifica “colocar açúcar e adoçar”). Na categoria destes cinco nomes considerados para “pão”, o “pão de queijo” leva o nome “pão + de + nome comum”, sendo este terceiro elemento, do composto por justaposição, o ingrediente especial adicionado à massa. Assim, “pão de queijo” implica que “queijo” tenha sido adicionado no fabrico. Observa-se isso pela informação de que as suas fontes são “notícias” (texto informativo), sem as identificar: “É possível encontrar notícias de que o pão de queijo já ganhou o segundo lugar entre os produtos mais vendidos em padarias”. Referindo-se ao fabrico, indica que “é feito com leite, óleo, polvilho, sal, ovos e queijo ralado”, ou seja, com “leite” e “ovos” do paradigma de “bolo”, associando-se-lhe. Contudo, o ingrediente “sal” (e o “queijo” que também é salgado: “preparado de maneira que o queijo se funda à massa”) confere-lhe lugar no conjunto do “pão”. No entanto, para o Brasil, o “pão” mais representativo é o “pão francês”, porque “é o primeiro dos tipos de pão mais vendidos no Brasil”. Acrescenta pormenores: 1) “Na verdade, o pão francês é bem mais escuro e costuma

<sup>6</sup> “O pão sovado é o segundo tipo de pão mais vendido no Brasil, em padarias e mercados, mas existem controvérsias. Talvez seja o sonho. O pão sovado é conhecido por ser maior e também é famoso por sua massa que precisa ser exageradamente sovada para adquirir a característica macia. Seus ingredientes envolvem farinha de trigo, água, sal, açúcar e fermento seco. No Brasil, é comum acrescentarem leite e ovos. Depois de preparar a massa, o principal é sovar (bater) até ficar com a textura desejada. Depois, é só cortar a massa e colocar para assar.”

<sup>7</sup> “O sonho ganha o terceiro lugar, mas é possível que fique em segundo, também. Embora o pão sovado seja mais vendido em mercados, o sonho é o segundo mais vendido nas padarias. É essencialmente doce e recheado com algum tipo de creme ou doce de leite. É feito com farinha de trigo, ovos, leite, açúcar, fermento e óleo. Inclusive, pode até mesmo ser frito em vez de assado.”

<sup>8</sup> “O quarto lugar fica para o pão doce. Tradicionalmente é feito com leite, ovos, farinha de trigo, fermento, açúcar e óleo. O pão doce se parece com o pão sovado em alguns aspectos, mas a diferença fica com as pinceladas de gema em cima do pão, para colocar açúcar e adoçar.”

ser bem maior. Pães pequenos são consumidos na América do Sul”; 2) “O Brasil foi criando suas próprias características, mas ainda chamam o pão de francês. Ele é feito à base de farinha, água, sal e fermento. As receitas podem variar com ingredientes extras entre cada pessoa”; 3) “A produção em todo o Brasil é diária e ele, por lei, só pode ser vendido por peso. Assim, por conta disso, a pesagem da massa entrou no processo de produção”<sup>9</sup>. Quando se recolhem informações sobre o passado e o presente do “pão” no Brasil, há dados históricos e culturais de que é indispensável ter conhecimento. Veja-se, por exemplo, o que o historiador Augusto Cezar de Almeida explica à Agência Brasil<sup>10</sup> acerca do episódio dos primeiros portugueses a darem pão a provar aos índios no primeiro encontro, ainda nas naus onde viajaram os navegadores: “Os pães que foram provados pelos índios eram muito rústicos e, pela longa viagem, provavelmente eram duros também”. Adiciona mais informação histórica:

A primeira narrativa que se tem aqui [no Brasil] de trigo foi com Martim Afonso de Souza, lembrando das Capitânicas Hereditárias. Ali, o militar Martim Afonso de Souza se tornou donatário da Capitania de São Vicente, primeira capitania que tivemos no Brasil. Ele também era governador da Índia, muito próxima das regiões árabes, e ele trouxe sementes de trigo para o Brasil. São duas narrativas que pouco se fala aqui: primeiro, que o pão foi provado pelos índios nas naus portuguesas. E, segundo, que o trigo foi trazido pelo Martim Afonso de Souza.

Para Mayk Alves, “a produção e comercialização de trigo é essencial para o preparo dos diversos tipos de pão que podemos encontrar à venda”<sup>11</sup>. Não se trata aqui de fazer a história do pão nos territórios em análise. No entanto, não deixa de ser relevante a influência europeia no pão do Brasil, nomeadamente nas designações, como acontece com “pão francês”. Este pão parece ser, realmente, o que se destaca. Aliás, reencontra-se na segunda fonte de informação da Internet consultada: a página da Agência Brasil<sup>12</sup>, já citada.

Logo no início, enumera vários tipos de pão (metodologia que é recorrente) e termina com reticências porque a lista é longa e poderá ser infundável: “Pão francês, pão rústico, bengala, fião, pão caseiro, pão de cereais, ciabatta, bisnaguinha, pão sírio, pão doce, pão australiano, pão de forma, pão italiano, pão integral...” Nesta página, são apresentadas diversas informações e referências bibliográficas, extraindo-se algumas: 1) “Para homenagear essa iguaria tão variada, tão popular e tão consumida, foi criado o Dia Mundial do Pão.” 2) “O dia foi instituído em 2000, em Nova York, pela União dos Padeiros e Confeiteiros.” 3) “Augusto Cezar de Almeida (...) é autor de diversos livros, como *A História da Panificação Brasileira – a Fantástica História do Pão e da Evolução das Padarias no Brasil* e do *Dicionário da Panificação Brasileira*. Ele também é editor da revista *Panificação Brasileira*.”

<sup>9</sup> Verifica-se que Helena Rebelo (2021, 2022), nos seus trabalhos sobre as designações hiponímicas de “pão”, considerou como parte integrante do nome referências ao peso.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.agro20.com.br/tipos-pao>>. Acesso em: 26 out. 2023.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.agro20.com.br/tipos-pao>>. Acesso em: 26 out. 2023:

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2019-10/dia-mundial-do-pao-conheca-um-pouco-da-historia-do-produto-no-brasil>>. Acesso em: 26 out. 2023.

Como se explicou, não interessa aqui nem a História, nem dar conta destas obras relativas ao pão no Brasil num plano histórico-cultural. O ponto de vista é linguístico. Em síntese, nas duas páginas brasileiras em análise, foram identificados diferentes tipos e qualidades de pão com reflexos nos nomes. Contabilizaram-se 25 com quatro ocorrências repetidas (“pão francês”, “pão doce”, “pão de forma”, “pão integral”). Na primeira listagem, foram identificados onze pães. Na segunda listagem, constam catorze designações. Excluindo os nomes que entram, explicitamente, no paradigma de “bolo” (“sonho”, “pão doce”, “pão de ló”), no total, nove seguem a construção “pão x” e quatro “pão de y”, prevalecendo a primeira.

Procede-se de igual maneira para o “pão de Portugal”. Faz-se o levantamento das duas referências iniciais em acesso aberto. A primeira página remete para a tradição e intitula-se “Os mais tradicionais tipos de pão em Portugal”<sup>13</sup>, com menção a quinze pães portugueses. A listagem segue o modelo já assinalado, ou seja, é privilegiada a lista com a enumeração de nomes de “pão” que constituem referentes diferenciados. Adianta que “é bastante fácil encontrar bom pão em Portugal, pois existem milhares de padarias vendendo uma variedade incrível de pão. Mas com toda esta variedade pode ser difícil perceber o que é o quê, e escolher o melhor pão.” Por esta razão, é facultada “uma lista dos melhores pães típicos de Portugal”, e terminam com a seguinte observação, depois dos quinze tipos de pão considerados como os mais ancestrais e característicos da cultura do pão em Portugal: “Nas padarias portuguesas vão encontrar uma ainda maior variedade de tipos de pão, como o pão de rio [sic] Maior (referido no conjunto dos quinze mais significativos), as caralhotas de Almeirim, o pão de centeio de Castro Laboreiro, o pão de água, o pão de Cornos...” As reticências, como anteriormente, realçam que a listagem poderia continuar. É sublinhado que “muitas aldeias e vilas têm a sua própria broa de milho ou pão de centeio típico, mas aqui apresentamos os mais relevantes, os melhores, os mais tradicionais pães de Portugal”, passando a enumerar por ordem numérica: 1) “broa – pão de milho português”<sup>14</sup>, 2) “broa de Avintes”, 3) “regueifa”<sup>15</sup>, 4) “pão alentejano”<sup>16</sup>, 5) “pão de Mafra”<sup>17</sup>,

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.portugalthings.com/pt/os-mais-tradicionais-tipos-de-pao-em-portugal/>>. Acesso em 26 Out. 2023.

<sup>14</sup> “Em Portugal, Broa é sinónimo de pão de milho, ou seja, uma broa é o típico pão feito com farinha de milho e trigo, ou farinha de milho e centeio, ou ainda feita apenas com farinha de milho. Esta é um pão com uma crosta crocante, mas denso e úmido no interior. Existem imensas variedades de broas, umas mais amarelas outras mais brancas, dependendo sobretudo do tipo de farinha de trigo usada. Normalmente a mais amarela é mais adocicada.”

<sup>15</sup> “A regueifa é um pão de trigo muito fofo, com uma ligeira crosta e um interior branco, quase esponjoso. Com a forma de um círculo (entrelaçado) é muito tradicional no minho [sic] e Aveiro. (...) Existe também a chamada regueifa doce que é tradicional na Páscoa. Esta é doce, feita com açúcar, canela e limão (e vinho do porto em algumas receitas).”

<sup>16</sup> “Tal como o nome nos diz, este pão vem do Alentejo, e é um dos pães mais típicos e populares em Portugal. É feito com farinha de trigo, tem uma crosta acastanhada e é fogo no interior. O seu sabor é ligeiramente azedo pois é feito a partir de massa mãe. Tem também uma forma muito característica, pois é mais alto de um dos lados.”

<sup>17</sup> “O Pão de Mafra é um dos pães mais famosos de Portugal, e muito especialmente na região de Lisboa. Produzido na cidade de Mafra, a cerca de 40 km de Lisboa, é um pão com crosta crocante e um interior muito leve, com elevada percentagem de hidratação e inúmeras bolsas de ar. É possível encontrar pão de Mafra com bastantes formatos diferentes, mais redondos ou alongados, mas qualquer que seja a forma é normalmente delicioso. Para ser oficialmente um pão de Mafra, este tem de seguir algumas [sic] instruções específicas, nomeadamente: ser produzido em Mafra, ser feito com ingredientes da região, ser cozido num forno tradicional de lenha e uma hidratação acima de 80%. Apesar disto, é relativamente fácil de encontrar este pão, especialmente na região de Lisboa.”

6) “papo seco, carcaça, molete, bijou”<sup>18</sup>, 7) “bolo do caco”<sup>19</sup>, 8) “bolo lêvedo ou pão lêvedo”<sup>20</sup>, 9) “pão da Mealhada”<sup>21</sup>, 10) “pão de alfarroba”<sup>22</sup>, 11) “padas”<sup>23</sup>, 12) “pão de Rio Maior”<sup>24</sup>, 13) “pão de centeio”<sup>25</sup>, 14) “pão de leite”<sup>26</sup>, 15) “bolo de Azeite”<sup>27</sup>. A segunda página de livre acesso consultada é intitulada “Os portugueses e o pão”<sup>28</sup> (datada de 2015) e apresenta várias informações gerais, como as seguintes: 1) “Em Portugal, a tradição de comer pão perde-se no tempo e é um dos alimentos que está na base da alimentação portuguesa.” 2) “Feito à base de três cereais – milho, centeio e trigo – é diferente de região para região tanto na forma como na cor, no gosto ou na textura do miolo, sendo usado em pratos tradicionais ou até em doces.” A

<sup>18</sup> Pese embora a aproximação, não se consideram estes nomes como correspondendo ao mesmo tipo de pão. Contudo, apesar de se ter uma posição contrária, assinala-se esta que considera os nomes a remeter para um mesmo produto (referente), sendo os nomes variantes sinonímicas: “O papo seco ou carcaça é um pequeno pão individual com forma ligeiramente alongada e um rasgo no meio. É um pão fofo, feito de farinha de trigo e uma muito ligeira crosta. Enquanto que [sic] o molete ou bijou [o nome faz lembrar o “pão dos trópicos” ou “beiju”, original brasileiro feito com mandioca], é um pão ainda mais pequeno, redondo mas igualmente fofo [sic] e com ligeira crosta. Na realidade, e apesar de todos os nomes diferentes, estes pães [sic] são muito parecidos, e o que mais varia é o nome que se lhe dá em cada região. No norte, usa-se mais molete, no centro papo seco e em Lisboa carcaça. Este tipo de pão é o mais comum em Portugal. É comido ao pequeno almoço [sic], como *snack*, e em sandes. Ao contrário do que acontece em muitos outros países, em Portugal o pão individual é o mais barato. Isto aconteceu sobretudo devido a razões políticas durante a época do Estado novo, e assim se manteve. É o pão português mais fácil de encontrar, e está em todas as padarias portuguesas.”

<sup>19</sup> “O bolo do caco é um pão de trigo tradicional da Madeira. É um pão achatado, pouco fermentado, redondo, com menos de 3 cm de altura e com a forma de um bolo, daí o nome. Tradicionalmente o pão é cozido no Caco, uma placa de pedra de basalto plana, mas também pode fazê-lo numa frigideira.”

<sup>20</sup> “Os bolos lêvedos são pães de trigo típicos dos Açores, em particular a ilha do Faial. Hoje em dia eles são doces, mas antigamente costumavam ser salgados, não tinham ovos e eram comidos durante a Quaresma da Páscoa [sic]. Atualmente são macios, doces, torrados do lado de fora, mas levemente mal cozidos por dentro. Tradicionalmente, eles eram cozidos em forno a lenha, mas normalmente são feitos em uma frigideira no fogão.”

<sup>21</sup> “Por vezes também chamado de Coroa (devido à forma redonda com quatro bicos), o pão da Mealhada é o típico pão da região da Bairrada. Este pão é relativamente pequeno e é muito apreciado em toda a região centro do país. No passado costumava ser feito com farinha pouco refinada e em forno a lenha, atualmente nem sempre é assim.”

<sup>22</sup> “O pão de alfarroba é um pão tradicional do sul de Portugal, e é feito com farinha de trigo e farinha de alfarroba. Alfarroba é a fruta da Alfarrobeira, uma árvore nativa da região Mediterrânica e que existe em muita abundância no Algarve.”

<sup>23</sup> “Padas é um pão típico do centro de Portugal, mais propriamente da região de Aveiro. Este pão tem o formato de duas pequenas bolas de pão unidas. É feito com farinha branca de trigo ou farinha integral, tornando-o mais claro ou mais escuro. Este é um pão com muito alta percentagem de hidratação, tendo por isso um interior com muito ar e uma crosta estaladiça. Este era um pão tradicionalmente feito em fornos domésticos, especialmente na zona do vale de Ílhavo, mas atualmente é feito um pouco por todo o país.”

<sup>24</sup> “Feito a partir de farinha de trigo, o pão de Rio Maior tem uma crosta crocante, e um interior fofo e delicioso. Em termos de forma, este é um pão que pode ser individual ou grande e servido às fatias. Tal como o nome sugere este pão vem da cidade de Rio Maior, a 72 km de Lisboa.”

<sup>25</sup> “Feito com centeio, este pão é denso, seco e acastanhado, normalmente com uma crosta crocante e rachada. Típico do interior do país, nomeadamente da Guarda, costumava ser cozido nos fornos comunitários, onde cada família fazia o seu próprio pão de centeio. Tanto o pão de milho como o pão de centeio eram uma das bases da alimentação, os mais cometidos no passado, uma vez que Portugal não produzia trigo em quantidade suficiente. Apenas o Alentejo produzia trigo, e não era suficiente para todo o país.”

<sup>26</sup> “O pão de leite é feito com farinha de trilhão [trigo?], manteiga, ovo e, claro, leite [leite?]. Além de ser ligeiramente doce, é um pão extremamente fofo e suave, e por isso as crianças adoram-no. Apesar de não ser um pão histórico ou com uma tradição antiga, encontra-se facilmente em muitas padarias pois é muito apreciado pelos Portugueses.”

<sup>27</sup> “O bolo de azeite é um feito com azeite, ovos e farinha de milho. Apesar de se chamar Bolo de Azeite, este é um pão, e não um bolo. Foi dado este nome para se diferenciar do pão tradicional comido no dia a dia, uma vez que o bolo de azeite é muito mais rico e guardado para ocasiões especiais. Tradicionalmente o bolo de Azeite era comido na páscoa [sic], e é muito típico do interior de Portugal, nomeadamente da zona da Guarda e Covilhã, onde o azeite é produzido em abundância.”

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://www.tasteoflisboa.com/pt/blog/portuguese-and-the-bread/>>. Acesso em 26 out. 2023.

partir daqui, é afirmado que “em Portugal existem mais de cem variedades de pão. Surge uma lista com nomes que não se aproximam da centena e um é bolo por ser doce: 1) “pão alentejano”, 2) “pão de centeio”, 3) “pão de milho ou broa de Milho”, 4) “pão de Mafra”, 5) “papo-seco ou carcaça”, 6) “broa de Avintes”, 7) “pão-com-chouriço”, 8) “bôla de carne”, 9) “Pão por Deus” (“Apesar do nome remeter para pão, trata-se na verdade de um ritual de peditório feito por crianças e cuja prática está relacionada com cerimoniais do culto dos mortos.”), 10) “Fogaça” (“Pão doce tradicional de Santa Maria da Feira, com um formato que faz lembrar a torre de um castelo. Tem um sabor adocicado, com um travo a canela e textura leve e macia”).

Em suma, para o “pão de Portugal”, o primeiro levantamento lista 23 nomes (sem contabilizar a repetição), com cada nome de *per si*. A segunda lista nomeia, à partida, dez pães, mas tem de se excluir, logo de início “pão por Deus”, por se tratar de uma festividade. No cômputo total, dos 33 nomes (e aqui importam exclusivamente as designações, ou seja, o material linguístico) apenas têm em comum: “papo seco”/ papo-seco”, “carcaça”, “broa de Avintes”. A construção “pão x” (quatro exemplares) é menos frequente do que “pão de y” (dezoito ocorrências com variante “do”). Ocorrem vários nomes com a indicação de “bolo” e não implica que sejam obrigatoriamente “doces”. Isso leva a conservá-los no paradigma do “pão”, porque se lhe associam, mesmo se não têm a indicação de “pão”. É indispensável observar que alguns nomes aceitam as variantes com “pão” e “bolo” (“bolo lêvedo ou pão lêvedo”). O nome “bôla” (ou “bola”) não é sinônima de “bolo” e, no caso em apreço, é integrado no conjunto de “pão”, associando-se-lhe. A Internet é o meio onde a população vai veiculando informação e conhecimento disperso, sendo algum mais credível do que outro. As escolhidas apresentam-se como fiáveis, mesmo se personalizadas. As páginas aqui esmiuçadas permitem recolher os pães tidos como comuns e tradicionais tanto no Brasil como em Portugal. No geral, comparando as designações brasileiras com as portuguesas, a maioria dos nomes é divergente (cf. Apêndice B/ P). Há algo de semelhante porque várias indicam geografias, mas, enquanto no Brasil estas são essencialmente estrangeiras (“francês”, “sério”, “australiano”, etc.); em Portugal, remetem especialmente para localidades portuguesas (“Rio Maior”, “Mafra”, “Avintes”, etc.). Esta ligação dos nomes do “pão” ao território, nomeadamente aos regionalismos, foi assinalada nas investigações linguísticas acima referidas. Há, por isso, variação.

Os nomes coincidentes são em número reduzido e neles contam-se “pão de leite” (conhecido em algumas localidades, como na Madeira, por “bolo de leite”). No conjunto, ocorrem designações com apenas uma palavra, bem diferente de “pão”, e é o conhecimento cultural que o inclui no paradigma dos hipónimos de “pão”. As construções linguísticas predominantes são “pão x” e “pão de y”, embora também se identifiquem outras em menor número com, por exemplo, as preposições “com” e “sem”. Há designações com “pão” que não apontam para o referente PÃO, porque são próprias de outras realidades, inclusive de áreas que não a alimentação. Além disso, há nomes de “pão” que não indicam tipos de pão, isto é, referentes distintos, mas para qualidades. Contudo, pela noção de associação saussuriana, estabelece-se uma relação. Por conseguinte, linguisticamente, existe todo um conhecimento nos usos dos falantes que os dicionários deveriam sistematizar. Analisam-se, agora, algumas destas fontes

de informação, em que, por exemplo, a distinção entre tipo (ex.: “pão de forma” – produto consumível) e qualidade (ex.: “pão de véspera” – características de todos os produtos consumíveis) não é estabelecida.

#### 4. O pão brasileiro e português em dicionários

Harald Weinrich escreveu sobre dicionários: “A Verdade dos dicionários” (1976, p. 314-337), realçando a importância do “dicionário linguístico”. Embora com limitações, muitos dicionários são instrumentos linguísticos indispensáveis para a pesquisa. Uma investigação no âmbito da Lexicologia como esta passa necessariamente pelos dicionários. No caso em apreço, as definições de dicionários podem ajudar a compreender como a sociedade trata o assunto tanto na comunidade brasileira como na portuguesa.

Nas entradas de “pão” em quatro dicionários, procede-se a um levantamento dos nomes de “pão”, enquanto produtos que se consomem (tipos e qualidades), que são registrados pelos dicionaristas de um lado e do outro do Atlântico acerca da língua portuguesa. Servem exclusivamente de amostra para compreender quais os mais comuns nos dicionários consultados ou os existentes exclusivamente nuns, considerando os dois dicionários brasileiros como representativos da comunidade brasileira e os dois dicionários portugueses de igual modo (cf. Quadro 1: espaços em cinzento indicam a inexistência de dados e os cinzentos, preenchidos, a sua presença). Olha-se em exclusivo para as entradas de “pão”, a fim de extrair os nomes que identificam pães. Não são tidas em linha de conta as locuções que incluem “pão” (ex.: “pão, pão, queijo, queijo”), uma vez que não remetem para um referente que seja um produto que possa ser produzido-vendido-comprado-consumido. Foi o que se verificou com “o pão nosso de cada dia”.

Há dicionários que têm entradas específicas para unidades linguísticas integradoras de “pão” (ex.: Academia-Verbo – “pão por Deus”, já referida para a recolha na Internet) e estas, mesmo quando indicam tipos ou qualidades de pão, não são contabilizadas por, nos dicionários, não integrarem a entrada “pão” (ex.: Academia-Verbo – fora da entrada “pão” surge a de “pão leve”, “Region. Cul. O m. que pão-de-ló.” e a de “pão-podre”, “Cul. 1. Bolo feito à base de azeite, ervas-doces e mel. 2. Bras. Bolo de tapioca, farinha e ovos.”).

Nos dicionários em apreço (*Houaiss*, *Aurélio*, *Academia-Verbo* e *Porto Editora*), a definição mais extensa é a do *Houaiss* e a mais breve, simultaneamente menos informativa, a da *Porto Editora*. No quadro 1, nas casas com preenchimento acinzentado, assinalam-se os nomes de “pão” que ocorrem nas definições. Assim, as outras casas indicam a inexistência de informação. Vários são os casos coincidentes entre o *Houaiss* e o *Aurélio*. Comuns aos quatro dicionários, poucas são as designações atribuídas ao “pão”: “pão ázimo” é caso único. Sem contar o dicionário da *Porto Editora*, observa-se que “pão de forma”, “pão de munição”, “pão integral”, “pão preto” são comuns ao *Houaiss*, ao *Aurélio* e ao *Academia-Verbo*. O *Houaiss* dá o exemplo de “pão saloio” como sendo um regionalismo de Portugal e considera “pão de queijo” como um regionalismo de Minas Gerais. O quadro 1 permite observar isso mesmo.



**QUADRO 1.** Nomes de “pão” em quatro Dicionários

	<b>Houaiss</b>	<b>Aurélio</b>	<b>Academia-Verbo</b>	<b>Porto Editora</b>
p. amanhecido	= pão dormido	pão dormido		
p. árabe	= pão sírio			
p. às secas			= pão seco	
p. atrasado				
p. ázimo				
p. branco	Regionalismo: Brasil.			
p. careca	Regionalismo: Brasil			
p. caseiro				
p. da proposição				
p. de ajunta				
p. de Deus				
p. de forma		p. de fôrma		
p. de leite				
p. de mel				
p. de mistura				
p. de municação				
p. de primeira				
p. de queijo	Regionalismo: Brasil (Minas Gerais)			
p. de rolão				
p. de saluga ou saruga				
p. de sangue				
p. de segunda				
p. de toda a farinha				
p. de véspera	= pão dormido = pão amanhecido	pão dormido		
p. dormido	= pão amanhecido = pão de véspera	pão amanhecido pão de véspera		
p. francês	Regionalismo: Brasil	Bras.		
p. integral				
p. preto	Regionalismo: Brasil		Bras.	
p. ralado	Regionalismo: Portugal			
p. saloio	Regionalismo: Portugal. (imediações de Lisboa)			
p. sírio	= pão árabe			
p. terçado				
p. trigueiro			= pão de segunda	
p. vara		Bras.		

Fonte: Autoria própria.

A designação “pão francês” vem tanto no *Houaiss*, como no *Aurélio*, sendo ignorada pelos dicionários portugueses. Muitas designações do quadro 1 (e vários casos anteriores) não indicam referentes específicos de pão, já que são características, qualidades do próprio pão, independen-

temente do produto. Acontece com “pão dormido” que é do dia anterior, seja ele de que tipo for. É no *Houaiss* que se recolhem dados para a etimologia: “lat. panis, is (ocorrendo pane, is neutro) ‘pão’ ” e para a fonética histórica: “f. hist. 1047 pan, sXIV pães, sXIV pã, sXIV paiees, sXIV pam, sXIV pães, sXIV pom, sXV pães, sXV paõ”. Aliás, o *Houaiss* tem vários “regionalismos” que mereciam verificação como a que Vanessa Yida propõe. Através do português, pela Ásia, as populações ficaram com o nome “pan” ou outras formas legadas pelos navegadores portugueses. Trata-se de um vestígio incontestável de Patrimônio Linguístico com mudança e variação (pan/pão). Se se contabilizarem as construções “pão x” (17) e “pão de y” (16) a partir das ocorrências levantadas nos dicionários consultados, verifica-se que ocorrem em número muito igual, o que não se observou no levantamento a partir da Internet. As casas vazias (sem cinzento) do quadro 1 revelam que os dicionaristas não valorizam todos a mesma informação. O da *Porto Editora*, por ser mais geral, é o menos informativo.

## 5. Considerações finais

É ambicioso comparar os nomes do “pão” do/ no Brasil e de/ em Portugal. Neste breve levantamento exploratório em doze documentos (quatro artigos científicos, quatro páginas da Internet e quatro dicionários), obteve-se uma centena de nomes (cf. Apêndice) e a variação nominal é tão produtiva no Brasil como em Portugal. Este estudo, baseado em artigos científicos, na Internet e em dicionários, permitiu compreender que as designações do “pão” nos dois territórios são bastante diferentes, essencialmente por razões históricas, culturais e sociais. O famoso “pão francês”, brasileiro, será desconhecido em Portugal. De modo inverso, o mesmo se pode dizer de muitos pães tidos como tradicionais portugueses, nomeadamente o “pão alentejano”. A variação linguística é alguma e ganha proeminência com a mudança linguística; por exemplo, o “papo-seco”/ “papo seco” vai assumindo pelas diversas regiões de Portugal várias formas e feitios, mudando-se-lhe a designação (cf. *supra*) e a mesma conclusão tirou Vanessa Yida (2021) para o Brasil, quanto ao conceito do ALiB. As designações podem, ou não, considerar-se sinónimos, embora enquanto nomes valham individualmente. Desse modo, não se avaliam como sinónimos “papo-seco” e “carcaça”, já que assumem formatos diferenciados. Verificou-se que a confusão nos nomes entre “bolo” e “pão” existe no Brasil e em Portugal. Acrescente-se a designação de “bola” (grafado com acento circunflexo, como em “bôla de carne”), que vai corresponder a uma massa especial de pão recheada com o ingrediente “carne”. Certos nomes incluem-nos como em “pão-com-chouriço”. A construção “pão de y” pode indicar o recheio ou outros dados, como um ingrediente principal da massa (ex.: “pão de milho”, “pão de trigo”, “pão de centeio”).

Sublinham-se duas tendências, quanto às associações: a) nomes divergentes de “pão”, mesmo se a ele ligados, e b) nomes convergentes com “pão”, embora não remetam para “pão” enquanto produto consumível. Assim, para os casos a), verifica-se que muitas designações de “pão” se fazem apenas com um termo que ganha especificidade (ex.: “broa”, “fogaça”, “beiju”, “filão”) e é o conhecimento extralinguístico, nomeadamente cultural, que o associa ao paradigma do “pão” porque não são palavras da mesma família, nem morfologicamente próximas. Para quem não



tem esse conhecimento, é quase impossível colocá-los em associação, como “broa”-“pão”. Podem seguir a construção “pão de y” (o que acontece com “pão de milho”-“broa de milho”). A História da(s) Língua(s) – que não se explora aqui – permitirá encontrar explicações para casos como esses. Sendo uma língua essencialmente falada, na passagem para a escrita, os falantes vão fazendo opções distintas com grafia que pode variar, como se observa para “papo-seco” com ou sem hífen. Há “pães” que são considerados sinônimos, apesar de poderem não corresponder realmente ao mesmo referente, como “papo-seco” e “carcaça”, que, na realidade, têm formas distintas. Para os casos b), a tendência seria a correspondente à do campo semântico pelo facto de a associação se operar pela própria designação, mesmo se pouco ou nada tem a ver com o referente “pão” como em “pão por Deus”. Por conseguinte, pertencerão ao mesmo campo semântico, embora não correspondam ao produto “pão”: “pão de açúcar”, “pão de chumbo”, “pão do espírito”, “pão dos anjos”, “pão da alma”.

A temática linguística da variação dos nomes do “pão” impõe-se com duas construções distintas “pão x” e “pão de y”. Revelam-se frequentes nos dois lados do Atlântico. São as que predominam nos nomes dados ao “pão”, no Brasil e em Portugal. Na estrutura “pão de y”, frequentemente, é indicado o tipo de pão que não corresponde propriamente a um nome específico de um pão, já que “pão de primeira” ou “pão de segunda” (cf. Quadro 1) remetem para qualidades de qualquer pão, embora pertençam ao campo semântico do “pão”. São qualidades, como se verificou. As associações linguísticas com “pão” vão variando e a Internet pode ser um meio para uma recolha mais vasta de dados. Porém, não há dúvidas de que os trabalhos de fundo como resultados das pesquisas consultadas são imprescindíveis para aprofundar a temática. O acesso aos dados do ALiB não é, obviamente, livre, e trabalhos como os de Vanessa Yida tornam-se importantes para perceber a variação linguística num vasto território como o Brasil. A vertente regional impõe-se, quando se quer entender a comunidade linguística no seu todo. Para a autora brasileira, haverá mudança na designação de “pão francês” por ocorrerem diversos outros nomes pelos variegados pontos de inquérito do ALiB. Helena Rebelo, num percurso algo diverso, centrando-se numa região como a madeirense, sublinha que num território bem delimitado, como uma ilha ou um arquipélago, há nomes gerais e nacionais que se vão impondo. Isso leva-a a distinguir o pão da Madeira, e os nomes que tem, do pão na Madeira, com diversas origens não regionais, sendo próprias de um mundo globalizado.

Contudo, as vertentes regionais e nacionais parecem sobrepor-se às mundiais. Saber distinguir o pão do Brasil do pão de Portugal é reconhecer que a identidade social e cultural dos povos ganha especificidades, mesmo quando partilham uma língua. Torna-se necessário aprofundar as convergências e as divergências dos nomes do pão nestes dois territórios e prosseguir com a investigação. Impõe-se a análise de mais dicionários, a leitura de mais artigos científicos e um alargamento das pesquisas no mundo digital para cruzar dados. No pão nosso de cada dia, enquanto o “pão integral” e o “pão de forma” são comuns, o “pão francês” é brasileiro e o “pão alentejano”, português (cf. Apêndice).

## CONFLITO DE INTERESSES

A autora não tem conflito de interesses a declarar.

## REFERÊNCIAS

- CASTELEIRO, João Malaca (Coord.). **Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea**. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Verbo, 2001.
- COSTA, J. Almeida e MELO, A. Sampaio e. **Dicionário da Língua Portuguesa**, 8.<sup>a</sup> edição revista e actualizada. Porto: Porto Editora, 1998.
- DUBOIS, Jean (Coord.) **Dictionnaire de Linguistique**. Paris: Larousse, 1973.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2.<sup>a</sup> ed. Revista e aumentada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.
- REBELO, Helena. Os nomes do pão e o património linguístico: uma recolha no Arquipélago da Madeira. *In: Das culturas da alimentação ao culto dos alimentos*. DIAS, Paula Barata; ASFORA, Wanessa; SOARES, Carmen; GRIECO, Allen (Coords. Eds.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, vol. II, 2022, p. 197-218.
- REBELO, Helena. Pão Madeirense (Hipónimos): Pão da ou na Madeira? Questões Regionais de Cultura e de Património Linguístico. *In: Viagens à volta da mesa nas ilhas da Macaronésia: Itinerários turísticos do património gastronómico e vinícola*. Duarte Nuno Chaves (Coord.). Ponta Delgada, Açores: Letras Lavadas Edições, 2021, p. 185-200.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique générale**. Paris : Payot, 1985.
- WEINRICH, Harald. A Verdade dos dicionários. *In: Problemas da Lexicologia e Lexicografia*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1976, p. 314-337.
- YIDA, Vanessa. As designações para o pão nosso de cada dia: a norma lexical do português brasileiro com base no *corpus* do Projeto ALiB. *In: Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, v. 29, n.º 1, 2021, p. 533-588.
- YIDA, Vanessa; ALTINO, Fabiane Cristina. Os fraseologismos para pão francês na região sul do Brasil. *In: Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador: UFBA, n. 60, Núm. Esp., 2018, p. 90-106.



## APÊNDICE

### Associações das designações referidas neste levantamento para “pão”

**(B) BRASIL (51):** “beiju”, “bengala”/ “bengalinha”, “bisnaguinha”, “brizolinha”, “cacetinho”, “ciabatta”, “filão”, “média”, “pão”, “pão aguado”, “pão amanhecido”, “pão árabe”, “pão australiano”, “pão ázimo” (P), “pão branco” (P), “pão careca”, “pão carioca”, “pão caseiro” (P), “pão d’água”, “pão da terra”, “pão de ajunta”, “pão de cereais”, “pão de forma” (P), “pão de leite” (P), “pão de ló”, “pão de mel”, “pão de munição” (P), “pão de queijo”, “pão de sal”, “pão de saluga”/ “pão de saruga”, “pão de sangue” (P), “pão de trigo”, “pão de véspera”, “pão dormido”, “pão doce”, “pão dos trópicos”, “pão francês”, “pão Jacó”, “pão integral” (P), “pão italiano”, “pão massa grossa”, “pão pequeno”, “pão preto”, “pão rústico”, “pão sovado”, “pão sem glúten”, “pão sírio”, “pão vara” (P), “sonho”.

**(P) PORTUGAL (50):** “bijou”, “bôla de carne”, “bolo de azeite”, “bolo do caco”, “bolo lêvedo”, “broa”/ “broa de milho”, “broa de Avintes”, “caralhotas de Almeirim”, “carcaça”, “fogaça”, “molete”, “padas”, “pão alentejano”, “pão às secas”, “pão atrasado”, “pão ázimo” (B), “pão branco” (B), “pão caseiro” (B), “pão-com-chouriço”, “pão da proposição”, “pão de água”, “pão de alfarroba”, “pão de centeio”, “pão de centeio de Castro Laboreiro”, “pão de Cornos”, “pão de Deus”, “pão de forma” (B), “pão de leite” (B), “pão de Mafra”, “pão de milho português”/ “pão de milho”, “pão de mistura”, “pão de munição” (B), “pão de primeira”, “pão de Rio Maior”, “pão de rolão”, “pão de sangue” (B), “pão de segunda”, “pão de toda a farinha”, “pão integral” (B), “pão lêvedo”, “pão ralado”, “pão saloio”, “pão terçado”, “pão trigueiro”, “pão vara”, “papo seco”/ “papo-seco”, “regueifa”.



# É bicho ou é gente? O uso da zoonímia nos nomes atribuídos à prostituta pelos sulistas segundo o *Atlas Linguístico do Brasil*

Júlia Vitória Mugartt Picolli

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande (MS), Brasil

ORCID: 0009-0001-0211-3629

E-mail: vitoriamugartt@gmail.com

Daniela de Souza Silva Costa

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande (MS), Brasil

ORCID: 0000-0002-0168-4593

E-mail: souza.costa@ufms.br

## RESUMO

Mesmo que popularmente conhecida como a profissão mais antiga do mundo, a prostituição é, ainda nos dias de hoje, um assunto tabu e carregado de preconceito. Essa realidade se reflete também no léxico, uma vez que Sapir (1969) afirmava que o léxico reflete o ambiente físico e social dos falantes. Nesse sentido, este artigo apresenta resultados do Plano de Trabalho de Iniciação Científica (PIBIC) que analisou, sob os pontos de vista diatópico e léxico-semântico, dados geolinguísticos do *Atlas Linguístico do Brasil*, estudando respostas para a pergunta 142 do Questionário Semântico Lexical, área semântica *Convívio e comportamento social*, que investiga “como se chama a mulher que se vende para qualquer homem” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 32), documentadas na Região Sul do Brasil. Nesse universo, destacaram-se lexias que tinham relação com designativos de animais (8 em um total de 51), de maneira que o trabalho se ocupou, para além dos estudos em Dialetologia e Geolinguística (CARDOSO, 2010), também do construto teórico da Zoonímia de Alinei (1997), buscando compreender a polissemia dos nomes nos falares da população sulista do Brasil, representada pelas lexias: *galinha*, *piranha*, *cadela*, *mariposa*, *vaca*, *cachorra*, *jaguara* e *perua*. As análises confirmaram a relação intrínseca entre língua e sociedade, ao desvelarem tabus a partir dos zoônimos utilizados para nomear a prostituta, ratificando a importância dos estudos geolinguísticos para o conhecimento da norma lexical em uso por uma comunidade e mostrando, enfim, que estudar variação linguística é entrar em um mundo pluridimensional, social e constantemente em movimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Região Sul; Projeto ALiB; prostituta; zoonímia.



## **Is it an animal or is it a person?** The use of zoonymy in the names attributed to prostitutes by southerners according to the *Linguistic Atlas of Brazil*

### **ABSTRACT**

Even though it is popularly known as the oldest profession in the world, prostitution is, even today, a taboo subject and full of prejudice. This reality is also reflected in the lexicon, since Sapir (1969) stated that it reflects the physical and social environment of speakers. In this sense, this article presents results from the Scientific Initiation Work Plan (PIBIC) that analyzed, from a diatopic and lexico-semantic point of view, geolinguistic data from the *Atlas Linguístico do Brasil* (Linguistic Atlas of Brazil), studying answers to question 142 of the Lexical Semantic Questionnaire, semantic area Coexistence and social behavior, which investigates “what a woman who sells herself to any man is called” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 32), documented in the Southern Region of Brazil. In this universe, lexias that were related to animal designations stood out (8 out of a total of 51), so that the work dealt with, in addition to studies in Dialectology and Geolinguistics (CARDOSO, 2010), also the theoretical construct of Zoonymy by Alinei (1997), seeking to understand the polysemy of names in the speech of the southern population of Brazil, represented by the lexias: *galinha* (chicken), *piranha*, *cadela* (bitch), *mariposa* (moth), *vaca* (cow), *cachorra* (dog), *jaguara* (jaguar) and *perua* (turkey). The analyzes confirmed the intrinsic relationship between language and society by revealing taboos based on the zoonyms used to name the prostitute, confirming the importance of geolinguistic studies for understanding the lexical norm in use by a community and showing, finally, that studying linguistic variation is enter a multidimensional, social and constantly moving world.

**KEYWORDS:** Brazilian South Region; ALiB Project; prostitute; zoonomy.

## **1. Introdução**

Neste artigo, iniciamos nossas discussões concordando com Camacho (2001, p. 55), para quem “a linguagem é, sem dúvida, a expressão mais característica de um comportamento social, sendo, por isso, impossível separá-la de suas funções sociointeracionais”. Posicionando, pois, nossas análises com foco na relação entre língua e sociedade, compreendemos que o estudo linguístico pode revelar, para além de questões intrinsecamente relacionadas à língua como sistema, também modos de pensar, de ser e de viver das sociedades em que ela é compreendida, além de fazer compreender as pessoas e sua realidade em redor.

Dentre os níveis linguísticos, este texto trata o léxico, posto ser aquele que mais demonstra influências sociais, históricas e culturais, já que se trata do repertório vocabular de uma comunidade, utilizado para nomear os elementos que circundam a vida, os hábitos, as crenças, os sonhos e os anseios dos homens, sujeitos sociais em sua essência.

Nessa seara, investigamos os nomes para “a mulher que se vende para qualquer homem” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 32) documentados pelo Projeto *Atlas Linguístico do Brasil* – Projeto ALiB – na região Sul do Brasil, cuja rede de pontos é composta por dezessete localidades paranaenses, dez cidades catarinenses e dezessete municípios gaúchos. O estudo é dividido em duas partes: análise diatópica e léxico-semântica e se ampara em preceitos da Dialectologia e da Lexicologia, especialmente quando esta estuda os tabus linguísticos.

A apresentação do texto se organiza nesta Introdução, seguida pelas considerações acerca da teoria que nos embasa e depois pelas análises, conclusões e referências.



## 2. A variação linguística em estudo

Um conceito primordial nos estudos de linguagem é o signo linguístico, o qual, segundo Saussure (2012 [1916]), é formado pelo significante, a parte concreta do signo: imagem acústica, letras e fonemas, e pelo significado, parte conceitual, a parte abstrata do signo. Todavia, para além da dimensão imanente da língua, esta pode variar, a depender de fatores intra e extralinguísticos. Além disso, o mestre genebrino acreditava que a fala seria heterogênea e individual, de forma que dificultaria sua sistematização. Entretanto, para outras correntes teóricas, como a Sociolinguística e a Dialetoлогия, por exemplo, o uso da linguagem é moldado pelo meio em que o falante está inserido.

Nesse contexto, Fiorin (2000) defende que a variação linguística é inerente às línguas, pois a sociedade é segmentada – há os que moram em uma região ou outra, mais velhos e mais jovens, classes sociais diferentes e assim por diante. Portanto, “o uso de determinada variedade linguística serve para marcar a inclusão num desses grupos” (FIORIN, 2000, p. 225). Camacho (2001), por sua vez, concorda, ao afirmar que nenhuma língua natural humana é um sistema em si mesmo homogêneo e invariável, uma vez que “[...] comporta variantes: i. em função da identidade social do emissor; ii. em função da identidade social do receptor; iii. em função das condições sociais da produção discursiva” (CAMACHO, 2001, p. 58).

Por ser a língua, ademais, “um instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos” (CARDOSO, 2016, p. 1), é importante que olhemos para ela utilizando duas disciplinas que se relacionam e se complementam: Sociolinguística e Dialetoлогия, ambas estudando a variação linguística. Isso porque a Dialetoлогия compreende a diversidade da língua por meio dos espaços geográficos, enquanto a Sociolinguística estuda sistemas linguísticos em seu contexto social. Sobre a Dialetoлогия, Cardoso (2010, p. 15) explica que se trata do “[...] ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos da língua em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. A autora pontua a importância da Dialetoлогия ao afirmar que:

a preocupação diatópica, seja porque os homens se situam, inevitavelmente, nos espaços geofísicos, seja porque as línguas e as suas variedades, pelas implicações culturais a que estão sujeitas e que indubitavelmente as reflete, têm um território próprio, ou seja, ainda, porque o homem é indissociável no seu **existir** e no seu **agir**, no seu ser e no seu **fazer**, tem sido uma constante nos estudos dialetais e desde os seus primórdios (CARDOSO, 2010, p. 48).

Acerca da Sociolinguística, ao mencionar a Sociolinguística Variacionista, tendência atual desses estudos, Camacho (2001, p. 50) esclarece que “[...] o que a Sociolinguística faz é correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares”.

Desse modo, vemos que Dialetoлогия e Sociolinguística contribuem para o entendimento da variação linguística, posto que elas “[...] têm o mesmo objetivo, a saber, a descrição da língua, mas uma visão diferenciada na percepção e no controle dos fatores extralinguísticos: o que as

diferencia é o trato descritivo em relação às comunidades de fala” (LIMA; COSTA, 2022, p. 714), mais social, no caso da Sociolinguística, e com vistas a contatos dialetais, no que tange à Dialetoologia.

Nesse contexto, é necessário um olhar pluridimensional, devido à relação entre língua e sociedade, o que reforça a importância de se estudarem os níveis linguísticos, como o léxico, por este ser “[...] o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes” (SAPIR, 1969, p. 45), cujas investigações, pois, levam-nos a compreender também elementos culturais e físicos de um determinado povo, já que “[...] o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade ao longo de sua história” (BIDERMAN, 2001, p. 13).

Seabra (2015) acrescenta que o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula aquisições culturais representativas de uma sociedade, de modo que é inevitável que, ao estudarmos a variação no léxico, vejamos, também, fatores de natureza extralinguística que colaboram para a compreensão tanto do léxico quanto das identidades linguística e cultural<sup>1</sup> dos indivíduos.

No que tange a este trabalho, que investiga o uso de designativos para o referente comumente conhecido como prostituta, é inevitável o questionamento: o que é uma prostituta? Seria somente a mulher que se vende para qualquer homem? Quais valores semânticos são e foram atribuídos a este lexema ligado a esse referente tão polêmico ao longo da história? Segundo a historiadora Swain (2004), em cada época e lugar, a definição de prostituta pode se alterar. Em décadas como as de 1920 e 1940, poderia ser a mulher que não fosse casada; já em tempos como os idos 1960, o nome poderia ser empregado para referenciar a mulher que trabalhasse fora de casa. O que se pode ver, como semelhança, é que o designativo parece sempre ser usado com valor semântico negativo para taxar aquelas que não se encaixam em um padrão ideal conservador e patriarcal. Entende-se, então, que os nomes para prostituta, ainda que apresentem usos variados, podem trazer tons pejorativos, podendo configurar, em alguns casos, tabu linguístico.

Entendido como sagrado-proibido, o tabu sempre esteve presente na história da humanidade, podendo se representar por um lugar, uma ação ou até mesmo uma palavra. Vem como uma forma de proibição, seja para fazer ou dizer algo. Por se tratar de um fenômeno carregado de particularidades de cada cultura, seu estudo é um grande aliado para a compreensão de um povo.

Segundo Mansur Guérios (1956, p. 11), o tabu linguístico nada mais é do que uma modalidade do tabu, ou seja, se uma coisa ou um ato é dado como proibido, a palavra a que se refere também o será. Já, de acordo com Alinei (2003, p. 8), diz respeito a toda palavra que, de certa forma, relaciona-se com aspectos sagrado-proibidos da vida, como morte, doença, sexo e assim

<sup>1</sup> Entende-se a identidade cultural como “a combinação de traços culturais compartilhados por membros de um grupo. Em nível individual, identidade cultural é a integração desta constelação complexa na personalidade” (ROSSEEL, 1984, p. 18).

por diante. Tratando do tema, é importante mencionar o conceito da palavra *noa*, que, afirmado por Alinei (2003), é usada para designar as lexias substitutas dos vocábulos com tabuísmos. Por exemplo, quando é utilizada “coisa ruim” para evitar dizer “diabo”, a primeira é a palavra *noa*, enquanto a segunda é o vocábulo tabu (COSTA; PAIM, 2022).

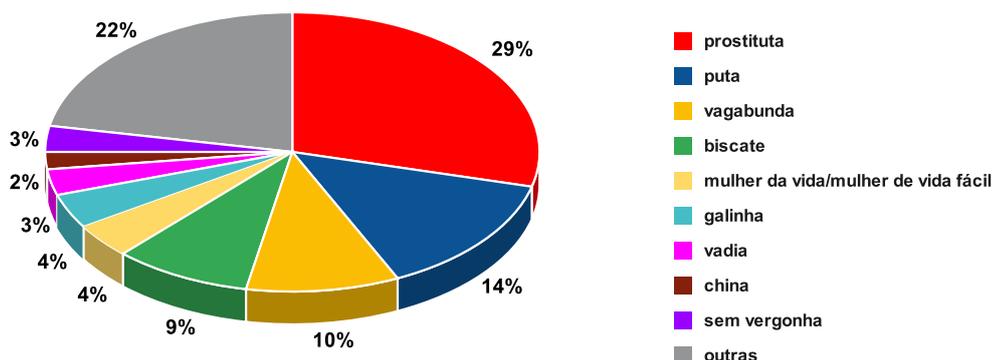
Para Alinei (1997, p. 38), os tabus linguísticos apresentam uma vasta tipologia, sendo algumas delas: as que expressam diretamente o proibido; termos ofensivos e nomes baseados em algumas características do animal tabu: *habitat*, comportamento animal e características físicas. Estes, que representam o uso de nomes de animais, denominam-se *zoonímia* e, de acordo com o autor, dividem-se em três categorias: nomes explicitamente mágico-religiosos, diretamente ligados à divindade; nomes que são explicitamente *noa*, relacionados ao tabu, e por fim, o que o pesquisador italiano vai chamar de “outros nomes” (ALINEI, 1997).

O estudo do tabu linguístico, a partir da diversidade presente nas respostas para a pergunta 142 do projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 32), se faz, assim, um estudo linguístico com investigação também acerca de aspectos sociais, visto que, para o levantamento de hipóteses, utilizaremos aparatos de estudos sociais e históricos, como o da historiadora Tânia Swain (2004), que nos possibilitam compreender a construção de significados das variantes lexicais para “a mulher que se vende para qualquer homem” e podem auxiliar a desvelar pensamentos e valores da população que habita a região Sul do Brasil, expressos nos nomes para a prostituta.

### 3. Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?

Os dados analisados, neste trabalho, compõem-se de 489 ocorrências, que revelaram 48 variantes lexicais documentadas como respostas proferidas pelos 164 informantes para a pergunta 142 do Questionário Semântico Lexical, área semântica de *Convívio e comportamento social*: “como se chama a mulher que se vende para qualquer homem” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 32), na Região Sul do Brasil. Os critérios estabelecidos pelo Projeto ALiB, para a escolha dos informantes, foram os seguintes: homens e mulheres com baixo grau de instrução ou com escolaridade até a antiga 4ª série do Ensino Fundamental, que tenham nascido na localidade pesquisada, tenham pais oriundos da mesma região linguística e que se enquadrem em uma das duas faixas etárias exigidas – 18 a 30 e 50 a 65 anos, com exceção das capitais, nas quais acrescentaram-se mais quatro informantes de nível universitário, com as mesmas correlações de sexo e de faixa etária.

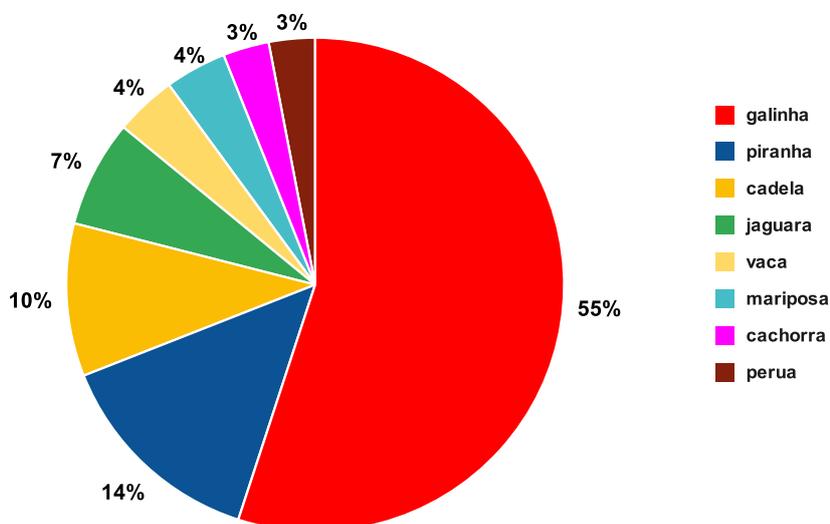
Realizadas essas considerações iniciais, a sequência deste texto se ocupará da análise diatópica e, em seguida, será demonstrado um estudo sob a perspectiva léxico-semântica.

**GRÁFICO 1.** Nomes mais recorrentes para “prostituta” na Região Sul do Brasil (Projeto ALiB)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No Gráfico 1, estão representadas as nove variantes lexicais mais produtivas para nomear “a mulher que se vende para qualquer homem”, sendo elas: *prostituta*, *puta*, *vagabunda*, *biscate*, *mulher da vida/mulher de vida fácil*, *galinha*, *vadia*, *china* e *sem vergonha*. Além disso há, na legenda, o rótulo “outros”, em que estão agrupados 39 lexemas de menor produtividade, quais sejam: *mundana*; *vigarista*; *rampeira*; *desonesta*; *pelega*; *bagulho*; *assanhada*; *preguiçosa*; *ordinária*; *infiel*; *mulher leviana*; *mulher à toa*; *mulher de cabaré*; *mulher vulgar*; *mulher fraca*; *mulher que não presta*; *(mulher) de boca*; *mulher que se vende fácil*; *mulher/moça alegre*; *camana /camanga*; *baixa/mulher baixa*; *perdida/mulher perdida*; *mulher da rua*; *mulher fácil*; *rapariga*; *meretriz*; *rampeira*; *quenga*; *mulher de zona*; *pilantra*; *mulher de programa*; *garota de programa*; *perua*; *cadela*; *cachorra*; *piranha*; *vaca*; *mariposa*; *jaguara*.

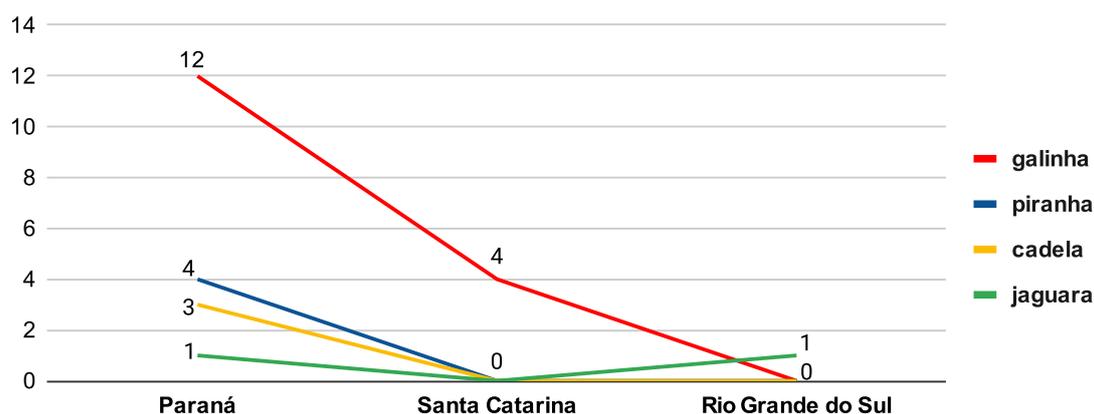
Dentre os lexemas documentados, houve uma frequência de 16% de designativos para a prostituta oriundos de designações para animais. Por isso, este estudo escolheu como tema de análise tratar o uso de nomes de animais – zoônimos – para se referir à mulher que se vende para qualquer homem. Assim, no que diz respeito ao uso de zoônimos, tem-se:

**GRÁFICO 2.** Variantes lexicais com uso de nomes de animais para se referir à prostituta no Sul do Brasil (Projeto ALiB)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Vê-se que, entre os zoônimos, o lexema *galinha* é o mais recorrente, apresentando um total de dezesseis ocorrências, inclusive, estando entre os dez mais produtivos do cômputo geral. *Piranhã*, *cadela* e *jaguara*, por seu turno, apresentam uma ocorrência de, respectivamente, quatro, três e dois registros. Já os vocábulos *vaca*, *cachorra*, *mariposa* e *perua* apresentam igualmente apenas uma ocorrência. Considerando a tipologia apresentada por Alinei (1997), interpretamos o uso da zoonímia para representar “a mulher que se vende para qualquer homem” com cunho pejorativo, pois, como analisaremos mais adiante, carrega carga semântica tabuística.

**GRÁFICO 3.** Distribuição diatópica da zoonímia nos nomes para prostituta no Sul do Brasil (Projeto ALiB)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

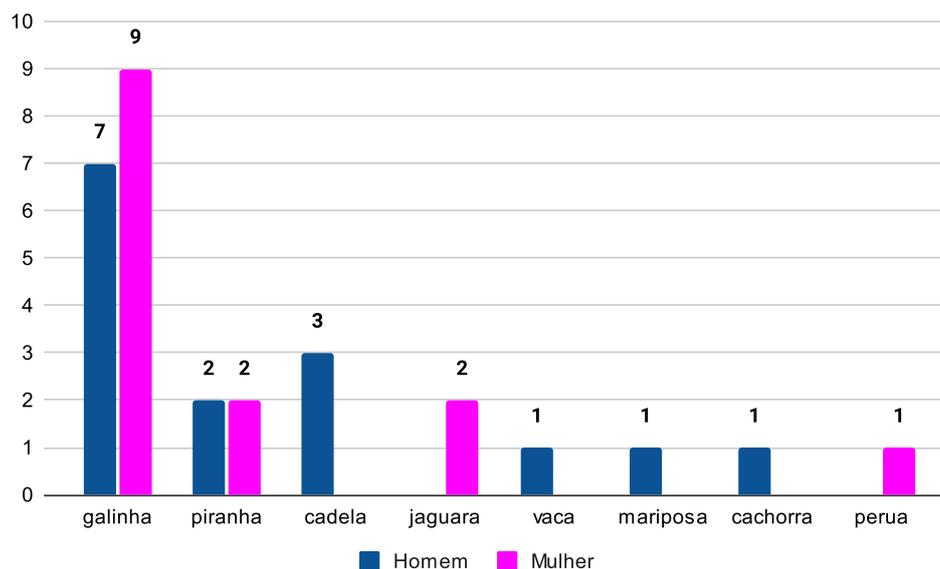
No Gráfico 3, optamos por fazer um recorte e apresentar as quatro lexias de zoônimos mais recorrentes na Região Sul, segundo os dados do *Atlas Linguístico do Brasil*, com intuito de obter uma melhor visualização dos dados representados, além do fato de que eles demonstram uma tendência que ocorre de forma geral no *corpus*: maior incidência de zoônimos no estado do Paraná, que registra 21 das 29 ocorrências. Já Santa Catarina e Rio Grande do Sul apresentam, respectivamente, seis e dois registros. Uma das hipóteses para tal fenômeno é que “a Região Sul é dividida claramente em duas grandes áreas linguísticas, a paranaense e a rio grandense, identificando o estado de Santa Catarina como área de transição” (KOCH, 2000, p. 57 citado por ALTENHOFEN, 2002, p. 123).

Para Altenhofen (2002, p. 123), a divisão mencionada se dá a partir de dois processos colonizadores: o que ocorreu em direção sudoeste, partindo do “Paraná antigo<sup>2</sup>”, envolvendo Campos de Lajes e Curitiba, por isso a maior disposição ligada a traços paulista-paranaenses. Já a oeste se destaca a migração de populações rio-grandenses, sendo uma parte delas descendentes de alemães, de italianos e de poloneses. Entendemos então que, por ser o emprego da zoonímia uma representação linguística muito particular de cada lugar, o estado do Rio Grande do Sul não apresenta tantas ocorrências, talvez porque o falar gaúcho apresenta uma forte influência europeia.

<sup>2</sup> Metáfora usada para referenciar a área do Paraná na época em que ainda era incorporada à capitania que viria a ser o estado de São Paulo.

Um dado que merece destaque é o da variação diasssexual<sup>3</sup> no uso da zoonímia aqui analisada. A fala dos homens apresentou um total de quinze ocorrências, enquanto as mulheres mencionaram catorze vezes zoônimos.

**GRÁFICO 4.** Variação diasssexual na zoonímia para prostituta na Região Sul do Brasil (Projeto ALiB)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Segundo o dicionário *Houaiss* (2001), o ato de xingar é “agredir por meio de palavras insultuosas”, ou seja, é uma forma de agressão. Dessa forma, podemos entender que o uso da zoonímia, demonstrado, nesta pesquisa, entre os nomes para prostituta, é usado de forma pejorativa para se referir à profissional do sexo, sendo menos recorrente na fala das mulheres, haja vista os estereótipos culturais e expectativas de feminilidade que são impostos a elas, fazendo com que evitem lexemas que as afastem do comportamento ideal estabelecido na sociedade ocidental. Mesmo porque “[...] as diferenças mais evidentes entre fala de homens e de mulheres se situam no plano lexical. Parece natural admitir que determinadas palavras se situam melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher” (PAIVA, 2003, p. 33).

É importante observarmos, porém, que, embora haja diferença na ocorrência da zoonímia nos falares de homens e mulheres, essa é pouco significativa, o que faz com que entendamos que pode haver uma mudança no pensamento feminino sobre a própria construção de identidade, podendo ser aventada, pelo uso de lexemas “impróprios”, uma forma de promulgar novos modos e versões de ser mulher.

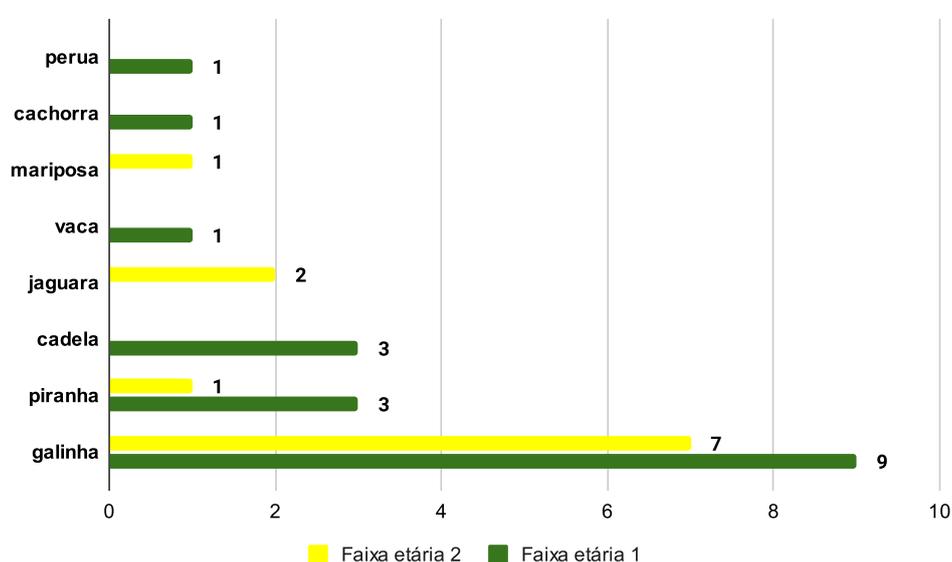
Dentre as 29 ocorrências zoonímicas, apenas *galinha* ocorreu na fala de uma informante com ensino universitário. *Piranha* e *cadela* foram outras duas variantes que apareceram no falar de

<sup>3</sup> A variação diasssexual é uma forma específica de variação linguística que ocorre entre as maneiras de falar dos homens e das mulheres. Essa variação reflete aspectos socioculturais e de gênero, demonstrando como a linguagem é influenciada e moldada pelas identidades e papéis de gênero na sociedade.

um mesmo informante do sexo masculino, também com essa escolaridade. Esses dados podem advir da hipótese de que as palavras “impróprias”, ou popularmente conhecidas como palavrões, estão relacionadas a grupos socioeconômicos baixos (STAPLETON, 2003). Além disso, aqueles também “[...] constituem um tabu linguístico na sociedade ocidental, funcionando, assim, para manter a conformidade comportamental dentro de comunidades específicas<sup>4</sup>” (GUERIN, 1992 citado por STAPLETON, 2003, p. 22. Tradução nossa) tanto na questão de gênero quanto na socioeconômica.

No que tange à variação diageracional, o uso da zoonímia é mais recorrente na fala de informantes da faixa etária I, dos 18 aos 35 anos, do que na faixa etária II, de 50 a 65 anos.

**GRÁFICO 5.** Distribuição diageracional da zoonímia nos nomes para prostituta no Sul do Brasil (ALiB)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Por meio da análise diageracional, é possível compreender o léxico por uma perspectiva sociolinguístico-cultural de uma comunidade. Isso porque:

[...] Da mesma forma que certas peças de roupa, certos penteados, certos gostos e atitudes, certos modos de entretenimento são considerados característicos desta ou daquela geração, há usos linguísticos considerados típicos de determinadas faixas etárias, que acabam por se tornar autênticos símbolos geracionais e que se renovam à medida que chegam novas gerações<sup>5</sup> (MORENO FERNÁNDEZ, 2008, p. 51. Tradução nossa).

<sup>4</sup> “[...] Constitute a linguistic taboo in Western society, thereby functioning to maintain behavioral compliance within particular communities” (GUERIN, 1992 citado por STAPLETON, 2003, p. 22).

<sup>5</sup> “De igual modo que ciertas prendas de vestir, ciertos peinados, ciertos gustos y actitudes, ciertos modos de diversión se consideran característicos de tal o cual generación, existen usos lingüísticos que se consideran propios de ciertos grupos de edad, que se acaban convirtiendo en auténticos símbolos generacionales y que se van renovando conforme llegan las nuevas generaciones” (MORENO FERNANDES, 2008, p. 51).

Sob esse viés, entendemos que, por apresentar uma produtividade de 62% na faixa etária I, o uso da zoonímia não está em processo de desuso. Ao contrário, pode demonstrar novos padrões de nomeação.

Por meio dessas análises, ratifica-se que os estudos dialetológicos revelam, por meio de dados linguísticos, também a relação entre língua e espaços socioculturais, demonstrando como a variação linguística descortina modos particulares de ser e de compreender o mundo, a depender do grupo social que a utiliza. E, após realizada a investigação diatópica, daremos continuidade à pesquisa com a análise léxico-semântica dos nomes de animais para se referir à “mulher que se vende para qualquer homem”. Para isso, foram consultados diferentes dicionários gerais, sendo eles: *Ferreira* (2010), *Houaiss* (2001) e *Michaelis* (2023).

Como já referido, a análise de natureza léxico-semântica deste artigo trata dos lexemas que se remetem a nomes de animais e a sua relação com o objeto tabu, a prostituta. Foi observado, principalmente, o uso da zoonímia como palavra *noa* para se evitar a utilização de vocábulos tabuísticos. Além disso, serão retomadas teorias de tipologia dos tabus linguísticos para compreender a escolha de zoônimos na fala dos informantes.

Sendo *galinha* a zoonímia mais recorrente, será tomada como o ponto de partida da análise ora proposta. Segundo o *Houaiss* (2001), *galinha* tem origem no século XIII, derivado do latim, no sentido de fêmea do galo. Já no sentido informal e pejorativo, de acordo com o próprio dicionário, trata-se “de indivíduo (mulher ou homem) que se dá a contatos voluptuosos ou que age publicamente sem freio moral”, indo ao encontro do documentado na terceira acepção do *Michaelis* (2023), que define a *lexia* como “indivíduo (mulher ou homem) que contraria as regras de moral sexual vigentes em sua época, comportando-se de modo indecoroso ou devasso quando em público”. Podendo ser, também, “mulher que se prostitui” (HOUAISS, 2001). Interessante mencionar que, segundo Houaiss (2001), no Português europeu, o vocábulo também é utilizado para referenciar algo fácil de conseguir: “Isso? Isso é galinha”, o que nos leva, portanto, a considerar que o uso de *galinha* destinado à prostituta, no falar brasileiro, tem influência do lusitanismo, pois se criou no imaginário brasileiro a ideia de que a prostituta é de fácil acesso.

A segunda variante zoonômica mais recorrente foi *piranha* (14%), a qual tem como primeira acepção, segundo *Michaelis* (2023), “denominação comum aos peixes fluviais, [...] carnívoros e extremamente vorazes, com dentes numerosos e muito afiados”. Houaiss (2001) documenta-a como forma pejorativa e, em sua quinta acepção, como “mulher que frequentemente mantém relações sexuais por dinheiro; prostituta, meretriz, vagabunda, piranhuda” e, por extensão, como “mulher que leva vida licenciosa, que mantém relações sexuais com muitos homens”. Em *Michaelis* (2023), encontramos “mulher de vida licenciosa, que faz sexo com muitos parceiros; prostituta”. Já *Ferreira* (2010), documenta-a nessa acepção como gíria. Considerando-se, pois, que o léxico reflete o meio em que uma sociedade está inserida, *piranha* pode ajudar a observar as alterações de sentidos durante o percorrer do tempo. Se nos anos 1990 era usado para ofender uma mulher, colocá-la no mais baixo nível do padrão social, hoje artistas, como Pablo Vittar (GOMES; MARQUES et al., 2021), reivindicam seu uso e cantam que “piranha também ama”, dando um novo significado à palavra. Se antes representava o sujo e o inaceitável, hoje talvez

possa estar mudando de carga semântica, cabendo à mulher tomá-lo para si ou não. Além disso, usando Alinei (1997) como referência, podemos entender que, talvez, seja utilizado *piranha* para se referir à prostituta pelo fato de estar presente no imaginário popular nacional a profissional do sexo como voraz, devastadora e insaciável, assim como o animal.

Para a entrada *cadela*, Michaelis (2023) informa como primeira acepção a fêmea do cão. Já Houaiss (2001) apresenta como datação o ano de 1609 para a segunda acepção, “mulher pouco digna, de baixa condição social ou de comportamento ou hábitos reprováveis; e prostituta”. Ferreira (2010) informa, na terceira acepção do vocábulo, marcas de uso depreciativas para o significado de “meretriz”, este que, de acordo com o Michaelis (2023), nomeia a prostituta. O sentido de *cadela* apresentado pelos dicionários pode derivar da ideia de que a mulher que se vende para qualquer homem se comportaria como o animal no cio, que se relaciona com qualquer um.

*Jaguara* é o quarto designativo mais recorrente, apresentando um percentual de 7%. De acordo com o Houaiss (2001), o termo é usado no Paraná e Rio Grande do Sul, o que se confirma no nosso trabalho, já que as duas ocorrências foram documentadas nos dois estados, e como primeira acepção o dicionário documenta “cão ordinário”. Como informa Michaelis (2023) na terceira acepção, trata-se de “indivíduo ordinário, sem caráter”. Apesar de não ter sido localizada nos dicionários pesquisados acepção destinada especificamente a prostitutas, *jaguara* demonstra o caráter negativo que rodeia a mulher que se vende para qualquer homem quando o falante a relaciona a um animal sem valor.

*Mariposa*, com ocorrência única, é documentada em Michaelis (2023), Houaiss (2001) e Ferreira (2010) na primeira acepção, como designativo para inseto de hábito noturno, além de tais obras informarem que representa regionalismo/brasileirismo do estado do Rio de Janeiro, significando o mesmo que meretriz. O informante que a mencionou, morador de Miguel do Oeste, Santa Catarina, faixa etária II, relatou que trabalhou como madeireiro, profissão que tem contato com caminhoneiros de outras regiões, o que pode justificar que ele pode ter sua fala influenciada por dialetos de outros estados e fez com que um regionalismo fluminense fizesse parte do seu léxico. Todavia, essa ocorrência pode representar também os caminhos do léxico, posto que *mariposa* pode estar mostrando uma atualização em seu uso, diferente do indicado nas obras lexicográficas. *Mariposa*, para a “mulher que se vende para qualquer homem”, dá mostras de que seu uso tenha sido motivado pelo fato de o inseto apresentar hábitos noturnos, assim como se presume no imaginário popular que a rotina de uma prostituta seja, o que confirma o proposto por Alinei (1997): a relação de características do animal com o referente que está sendo nomeado.

*Vaca*, também com ocorrência única, segundo o Michaelis (2023), refere-se, na primeira acepção, à “fêmea do boi”. Já conforme o Ferreira (2010), está documentado, também, como brasileiro chulo e que tem como significado “mulher leviana que aceita qualquer homem”. O Houaiss (2001) fornece como datação o ano de 1911 para a seguinte concepção: “mulher de vida devassa ou prostituta”, a qual vai ao encontro à quinta acepção de Michaelis (2023), que informa também mulher devassa. Ainda que represente brasileiro, segundo a informação de Ferreira (2010), essa variante lexical também está no imaginário lusitano como um ditado popular: “vaca que anda no monte não tem boi certo” (MACHADO, 1999). Entende-se, portanto, que o



comportamento da prostituta está relacionado ao da vaca, no que se refere a não ter um parceiro sexual definido.

A lexia *cachorra*, por sua vez, é documentada em *Michaelis* (2023) como “cadela nova ou pequena” e, também, assim como em *Houaiss* (2001), como uso pejorativo para se referir à mulher imoral ou de mau caráter. Ainda que não apresente a acepção de prostituta dicionarizada, evidencia-se que o falante a utiliza para nomear a mulher que se vende para qualquer homem, considerando esta indecente e vil.

Para concluir a análise léxico-semântica, observamos a variante léxica *perua*. De acordo com *Michaelis* (2023), trata-se da “fêmea do peru” e, também, mostra-se como um coloquialismo que tem sentido de prostituta. *Houaiss* (2001), por seu turno, documenta-a como informal e tabuísmo, datada de 1911, também com significado de prostituta. Os perus são animais barulhentos e sociáveis (MARTINS, 2023), de modo que podemos entender que a relação estabelecida pelos falantes entre o animal e a prostituta é devido à característica em comum que os dois compartilham, já que, no imaginário popular brasileiro, a profissional do sexo é qualificada como “escandalosa” e está sempre acompanhada.

Por meio da análise léxico-semântica, foi possível observar o afirmado por Alinei (1997) acerca da construção dos zoônimos, no que tange a características de animais, como *habitat* e hábitos, bem como a análise diatópica mostrou os caminhos das lexias estudadas, mostrando como os falantes compreendem e representam a profissional do sexo.

Espera-se, com este trabalho, que as pesquisas acerca da zoonímia se intensifiquem, fazendo com que haja maior desenvolvimento de métodos e de abordagens neste campo de estudo.

## Concluindo...

Por meio dos dados investigados, foi possível analisar um recorte da relação entre cultura, sociedade e língua(gem) na Região Sul do Brasil. Nesse sentido, observar o léxico de uma determinada comunidade faz com que possamos investigar e compreender, muitas vezes, suas motivações, influências e história cultural, como foi demonstrado neste artigo, utilizando métodos de análise e de observação da Dialetoologia e da Lexicologia.

Por meio do *corpus* fornecido pelo projeto ALiB, foi possível estudarmos e documentarmos, entre os designativos registrados, o uso de nomes de animais para se referir à “mulher que se vende para qualquer homem” nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A análise evidenciou a existência de diferentes lexemas utilizados para nomear essa profissional, muitos dos quais estão enraizados na cultura e na história local. Ao explorar os zoônimos como parte dessa variação lexical, verificamos como as associações simbólicas e os estereótipos culturais podem influenciar na escolha de determinados designativos, como *galinha*, *piranha*, *cadela*, *jaguara*, *vaca*, *mariposa*, *cachorra* e *perua*, por exemplo, revelando uma tendência a associar a figura da prostituta às características específicas desses animais.

Demonstrou-se, além disso, a dinamicidade da língua e a capacidade dos falantes de adaptarem e criarem expressões conforme as mudanças sociais e culturais. Essas variações linguísticas



podem ser reflexo da diversidade cultural, das influências históricas e das características específicas de cada comunidade. Portanto, é importante reconhecer e valorizar essas realidades como parte integrante das identidades linguística e cultural de cada região.

É fundamental ressaltar que o objetivo deste estudo não é imprimir juízo de valor aos nomes utilizados, mas compreender a maneira como a língua reflete as relações sociais e as representações culturais.

Ao analisar a variação lexical para “a mulher que se vende para qualquer homem”, na Região Sul do Brasil, podemos, enfim, descortinar dinâmicas sociais, normas linguísticas e a forma como os falantes constroem sua identidade por meio da língua.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Júlia Vitória Mugartt Picolli – investigação – ID: 2451924d-425e-4778-9f4c-36c848ca70c2

Daniela de Souza Silva Costa – supervisão - ID: 0c8ca7d4-06ad-4527-9cea-a8801fcb8746

## CONFLITO DE INTERESSES

As autoras não têm conflito de interesses a declarar.

## REFERÊNCIAS

ALINEI, Mario. L'aspect magico-religieux dans la zoonymie populaire. **Publications de la faculté des lettres, arts, et sciences humaines de Nice**, Les zonymes, Nouvelle série, n. 38, 1997, s/p.

ALINEI, Mario. Nomi di animali, animali come nomi: cosa ci insegnano i dialetti sul rapporto fra esseri umani ed animali. In: Claudia Tugnoli (ed.). **Zoantropologia, Storia, etica e padagogia dell'interazione uomo/animale**. Milano: Franco Angeli, 2003, p. 86-114.

ALTENHOFEN, Cléo V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino (ed.). **Variação e mudanças no português da região Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002, p. 115-145.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 13-22.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. Parte II. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V. 1. São Paulo: Cortez, 2001, p. 49-73.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 1-16, 2016.



COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

FIORIN, José Luiz. Política Linguística no Brasil. **Gragoatá**, n. 9, p. 221-231, 2000.

GOMES, Pampolin Arthur; MARQUES, Arthur Simões Magno et al. **Ama, sofre, chora**. VITTAR, Pablo. *In*: Batidão tropical. Rio de Janeiro. Warner Music Brasil, 2021, 2m32.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus linguísticos**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Curitiba: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 1979.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <[https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#10](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#10)>. Acesso em: 25 jul. 2023.

LIMA, Fábio Ronne de Santana; COSTA, Daniela de Souza Silva. Dialetoleologia e Sociolinguística Educacional em interface: uma proposta para o ensino de Língua Portuguesa a partir de dados do Atlas Linguístico do Brasil. **Diadorim**, Rio de Janeiro, vol. 24, número 2, p. 709-730, 2022.

MACHADO, Helena. “Vaca que anda no monte não tem boi certo”: uma análise da prática judicial de normalização do comportamento sexual e procriativo da mulher. **Revista de Ciências Aplicadas**, Coimbra, n. 55, p. 167-184, nov. 1999.

MANSUR GUÉRIOS, Rosário Farâni. **Tabus linguísticos**. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1956.

MARTINS, Danyela. **Peru, qual a origem da ave?** Características, espécies e reprodução. Segredos do Mundo. Disponível em: <<https://segredosdomundo.r7.com/peru-bicho-ave/>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MICHAELIS. **Dicionário moderno brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. 3. ed. Barcelona: Ariel Lingüística, 2008.

PAIM, Marcela Moura Torres; COSTA, Geisa Borges da. Fraseologismos e tabus linguísticos nas denominações para diabo no Nordeste brasileiro. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 94-108, 2022.

PAIVA, M. da C. A variável sexo/gênero. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 33-42.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. **PROJETO ALiB**. Disponível em: <<http://www.alib.ufba.br/>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ROSSEEL, Eddy. O ensino de línguas e identidade cultural. **Letras de Hoje**, v. 19, n. 2, p. 13-20, 1984.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. **Linguística como ciência**. Ensaios. Local: São Paulo Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 2012.



SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, cultura, léxico. *In*: SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins (Orgs.). **Linguagem, sociedade e discurso**. São Paulo: Blucher, 2015, p. 65-84.

STAPLETON, Karyn. Gender and swearing: a community practice. **Women and Language**, 26 (2), p. 22-30, 2003.

SWAIN, Tania Navarro. Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica. **Revista Unimontes científica**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 23-28, 2004.





# Variación e influencia del español en el léxico disponible de la fala de Xálima: el centro de interés *Partes del cuerpo*

Tamara Flores Pérez

CLLC/Universidade de Aveiro, Portugal

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1011-8830>

E-mail: [tamarafloresperez@ua.pt](mailto:tamarafloresperez@ua.pt)

## RESUMEN

En el valle de Xálima (Cáceres), se hablan tres variedades (mañego en San Martín de Trevejo, *lagarteiro* en Eljas y *valverdeiro* en Valverde del Fresno) de una lengua perteneciente a la familia del gallego-portugués y conocida como fala de Xálima, valego o xalimego. A partir de una recopilación del léxico disponible de la comunidad, nos proponemos analizar las variaciones encontradas en el centro de interés *Partes del cuerpo*, con especial atención a las interferencias de la lengua techo (el español) en todos los niveles lingüísticos: fonético, morfológico y léxico. Además, examinaremos si las variables sociolingüísticas establecidas en el estudio tienen alguna influencia en el proceso de sustitución lingüística de algunos términos.

**PALABRAS CLAVE:** Variación. Léxico disponible. Castellanización. Diglosia.

## Variação e influência do espanhol no léxico disponível da fala de Xálima: o centro de interesse *Partes do corpo*

### RESUMO

No Vale de Xálima (Cáceres), falam-se três variedades (*manhego* em São Martinho de Trebelho, *lagarteiro* em As Elhas e *valverdeiro* em Valverde do Fresno) de uma língua pertencente à família do galego-português e conhecida como fala de Xálima, valego ou xalimego. A partir de uma recolha do léxico disponível da comunidade, propomo-nos a analisar as variações encontradas no centro de interesse *Partes do corpo*, com especial atenção às interferências da língua-teto (o espanhol) em todos os níveis linguísticos: fonético, morfológico e lexical. Além disso, examinaremos se as variáveis sociolingüísticas estabelecidas no estudo têm alguma influência no processo de substituição linguística de alguns termos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação. Léxico disponível. Castelhanização. Diglossia.



## Variation and influence of Spanish in the Available Lexicon of the fala de Xálima: the interest center *Body parts*

### ABSTRACT

In the Val de Xálima (Cáceres), three varieties of a language belonging to the Galician-Portuguese family, known as fala de Xálima, valego, or xalimego, are spoken (*mañego* in San Martín de Trevejo, *lagarteiro* in Eljas, and *valverdeiro* in Valverde del Fresno). Based on a collection of available lexicon, we propose to analyze the variations found in the interest center *body parts*, with special attention to the interferences of the overarching language (Spanish) at all linguistic levels: phonetic, morphological, and lexical. Furthermore, we will examine whether the sociolinguistic variables established in the study have any influence on the linguistic substitution process of some words.

**KEYWORDS:** Variation. Available lexicon. Castilianization. Diglossia.

## 1. Introdução

El presente estudio analiza algunos rasgos lingüísticos de una comunidad de habla fronteriza: la conformada por los habitantes del *val de Xálima* (*valle de Jálama* en castellano y *vale de Xálma* en portugués), situada en el noroeste de Cáceres. Los núcleos de población de este territorio son tres: San Martín de Trevejo, Eljas y Valverde del Fresno, donde se habla *mañegu*, *lagarteiru* y *valverdeiru*, respectivamente. El glotónimo más utilizado para el conjunto de variedades es fala, A Fala<sup>1</sup> o A Fala/a fala do val de Xálima, aunque no es del gusto de parte de especialistas y hablantes, ya que se trata de una denominación imprecisa o taxonómicamente inferiorizante (lengua/dialecto/habla). Desde un punto de vista genealógico, si bien ha existido bastante controversia al respecto<sup>2</sup>, está comúnmente aceptado que su origen se encuentra en una repoblación con colonos gallegos en el siglo XIII, por lo que se trataría de una *tercera rama* (CARRASCO GONZÁLEZ, 2006, p. 140) del tronco galaico-portugués, tal y como muestran algunos de los rasgos<sup>3</sup> evolutivos que indicamos a continuación:

- No diptongación de Ē y Ō tónicas latinas: *terra*<sup>4</sup> ‘tierra’, *mel* ‘miel’, *porta* ‘puerta’.
- Presencia de diptongos decrecientes: *primeiru*, *madeira*. Son característicos de la fala los resultados *oi* y *ei* (*roipa*, *poicu*, *loiza* / *comei* ‘comió’, *mei* ‘mi/mío’, *tei* ‘tu/tuyo’).
- Conservación de la F- inicial latina: *ferru* ‘hierro’, *folla* ‘hoja’.
- Caída de la - N- intervocálica latina: *ter* ‘tener’, *coroa* ‘corona’.
- Caída de la - L- intervocálica: *quenti* ‘caliente’, *mau* ‘malo’.

<sup>1</sup> Es frecuente el uso de la(s) mayúscula(s) para diferenciarla del sustantivo común, tanto por parte de especialistas como de asociaciones. Así aparece también en la declaración de Bien de Interés Cultural de 2001 que citaremos posteriormente.

<sup>2</sup> Son numerosas las publicaciones que abordan la clasificación lingüística de la fala y sus conexiones con otras variedades iberorromances, entre ellas las de Carrasco González (2006), Gargallo Gil (1999, 2000, 2007, 2009), González Salgado (2009) y Costas González (1996, 1999, 2013).

<sup>3</sup> Por motivos de espacio, detallaremos fundamentalmente aquellos rasgos relevantes en el centro de interés seleccionado; descripciones más pormenorizadas pueden leerse en Costas González (2013) o Carrasco González (2021, p. 18-36).

<sup>4</sup> A diferencia del gallego y el portugués, la fala ha perdido las vocales medias abiertas.



- Reducción de los grupos latinos - NN- y - LL-: *enganar* ‘engañar’, *anu* ‘año’, *panu* ‘pañó’ / *cabalu* ‘caballo’, *castelu* ‘castillo’, *amarelu* ‘amarillo’.
- Resultados -K’L-, -G’L-, -LJ- > -LL-: *espellu* ‘espejo’, *cuallar* ‘cuajar’, *consellu* ‘consejo’.
- Resultados -ULT-, -CT- > -T-, -IT-: *mutu* ‘mucho’, *cutelu* ‘cuchillo’, *leiti* ‘leche’, *oitu* ‘ocho’.
- Resultados PL-, FL-, CL- > CH (/tʃ/): *cheu* ‘lleno’, *chama* ‘llama’, *chamar* ‘llamar’.

Además de los rasgos constitutivos galaico-portugueses, existen algunos rasgos compartidos con otras variedades extremeñas<sup>5</sup>, especialmente del norte de Cáceres, como el cierre de vocales -e y -o en posición final o la vocalización del primer elemento del grupo -dr- en mañego (*peira* ‘piedra’, *lairón* ‘ladrón’).

Dicha vocalización es uno de los rasgos fonéticos distintivos entre variedades, ya que en lagarteiro y valverdeiro no se produce dicho fenómeno, salvo en las palabras lagarteiras *pairi* ‘padre’ y *mairi* ‘madre’. En este sentido, la principal diferencia fonética entre las tres variedades es la existencia de dos sistemas o subsistemas de sibilantes: por un lado, el sistema de sibilantes mañego-lagarteiro, con sibilantes sonoras, y, por otro, el del valverdeiro, que solo cuenta con sibilantes sordas. Los elementos integrantes de ambos sistemas son<sup>6</sup>:

**TABLA 1.** Sistemas de sibilantes

SISTEMAS DE SIBILANTES EN LA FALA	
<b>1. Consonantes fricativas alveolares</b>	
○	/s/: [‘nosa] ‘nuestra’
○	/z/: [‘kaza] ~ inexistente en valverdeiro: [‘kasa] ‘casa’
<b>2. Consonantes fricativas prepalatales</b>	
○	/ʃ/: [‘ʃalima] ‘Jálama’
○	/ʒ/: <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ [‘bjaʒi] ~ inexistente en valverdeiro: [‘bjaxi] ‘viaje’</li> <li>▪ [‘ojʒi] ~ inexistente en valverdeiro: [‘ojʃi] ‘hoy’</li> </ul>
<b>2. b. Africada prepalatal sonora<sup>7</sup></b>	
○	/dʒ/: [na’raŋdʒa], [‘loŋdʒi] ~ inexistente en valverdeiro: [na’raŋxa] ‘naranja’, [‘loŋxi] ‘lejos’
<b>3. Consonantes fricativas interdentes</b>	
○	/θ/: [θeːal] ‘cenar’, [θew] ‘cielo’.
○	/ð/ → /d/ <sup>8</sup> : [daːʔal], [‘kiŋdi] ~ valverdeiro: [θaːʔal] ‘niño, chico’, [‘kiŋθi] ‘quince’.

Fuente: El autor.

<sup>5</sup> Cfr. González Salgado (2009).

<sup>6</sup> Cfr. Costas González (2017) para un análisis más exhaustivo de este modo de articulación.

<sup>7</sup> La africada prepalatal sonora aparece sistemáticamente en interior de palabra tras nasal. También puede aparecer en mañego en posición inicial: [‘dʒuɣu] o [‘ʒuɣu] ‘juego’.

<sup>8</sup> En este caso lo que encontramos en lagarteiro y mañego no es una sibilante, sino una oclusiva dental sonora, proveniente de la antigua fricativa interdental sonora.

Como se puede observar en la *Tabla 1*, las correspondencias fonéticas entre valverdeiro y mañego-lagarteiro no siempre responden a la oposición sordo-sonoro: en ciertas ocasiones, el valverdeiro emplea una fricativa velar sorda en casos en que el sistema mañego-lagarteiro presenta una fricativa prepalatal sonora o una africada prepalatal sonora. Asimismo, podemos encontrar palabras con fricativa prepalatal sorda en lagarteiro y mañego que se pronuncian con la fricativa velar sorda en valverdeiro: [a'βaxu] frente a [a'βaiʃu] o [de'xar] frente a [dej'ʃar]. No obstante, la fricativa velar sorda existe en las tres variedades y está presente en palabras comunes como *jamón* y, en especial, en la práctica totalidad de los cultismos, como veremos en el punto 2.1.

Por otra parte, son abundantes los rasgos que alejan estas variedades del tronco común debido a una progresiva castellanización, lo cual contrasta con su situación desde un punto de vista cuantitativo, ya que su uso no se restringe al ámbito familiar ni a hablantes de elevada edad: el 90% de los alumnos de secundaria del valle utilizan habitualmente su lengua materna (MANSO FLORES, 2016). Respecto al número de hablantes, se calcula que puede alcanzar los 10.000, si se tienen en consideración los emigrantes que no residen en el valle, en el cual, actualmente, habitan unas 5.000 personas. Por lo que concierne al reconocimiento legal de la fala, este se restringe a una declaración BIC (Bien de Interés Cultural) del Parlamento de Extremadura en el año 2001 (Decreto 45/2001, de 20 marzo), por lo que no posee estatus oficial ni ningún tipo de protección legal, al igual que carece de una normativa y de presencia en el sistema educativo<sup>9</sup>. Teniendo en cuenta esta somera caracterización sociolingüística, queda de manifiesto que la convivencia entre la fala y el castellano se traduce en la existencia de un bilingüismo diglósico a favor del castellano.

Los datos que presentaremos en las páginas siguientes proceden de un estudio sobre disponibilidad léxica de la fala, elaborado siguiendo las convenciones estipuladas en el *Proyecto Panhispánico de Disponibilidad Léxica* (PPDL)<sup>10</sup>, pero adaptándolas a las características de esta comunidad de habla<sup>11</sup>. La muestra está conformada por 42 informantes de San Martín de Trevejo, 43 de Eljas y 46 de Valverde del Fresno, y las entrevistas fueron llevadas a cabo de forma oral, dado que, a diferencia del PPDL, los informantes pertenecen a varias franjas de edad. Asimismo, la ausencia de una convención ortográfica y de presencia escolar habría dificultado enormemente la resolución de la tarea por escrito. Concretamente, analizaremos la variación presente en el centro de interés *Partis do corpu*, con especial atención al influjo de la lengua dominante (el castellano) en la fala. Este análisis se asemeja al realizado por Álvarez de la Granja y López Meirama (2021), quienes examinan la influencia del español en el léxico disponible de las partes del cuerpo en gallego, estudio que ha sido una de las fuentes de inspiración de este trabajo.

<sup>9</sup> Para más información, cfr. Manso Flores y Flores Pérez (2019).

<sup>10</sup> Para más información sobre el proyecto, puede consultarse Samper Padilla (2003).

<sup>11</sup> Cfr. Flores Pérez (2023).



## 2. Análisis de la variación

### 2.1. Variación fonética

En primer lugar, analizaremos las diferencias fonéticas intralectales recogidas en este centro de interés, las cuales aparecen detalladas en la siguiente tabla (Tabla 2). Marcamos con un asterisco aquellas equivalencias que no están presentes en el corpus e indicamos entre paréntesis el número de apariciones en los casos en que hay variación dentro de una misma variedad:

**TABLA 2.** Diferencias fonéticas intralectales.

	MAÑEGO	LAGARTEIRO	VALVERDEIRO
1	<i>xinxivas</i>	<i>inxivas</i>	<i>enxiva*</i>
2		<i>ceixa</i>	<i>ceja</i>
3	<i>Fudicu</i>	<i>fucicu*</i>	<i>fucicu</i>
4	<i>Co</i>	<i>co</i> (17) <i>codu</i> (7)	<i>codu</i>
5	<i>Figau</i>	<i>figau</i> (2) <i>figadu</i> (17)	<i>figadu</i>
6		<i>oiviu</i>	<i>oividu</i>
7	<i>ruilla</i> (24) <i>rulla</i> (4)	<i>ruilla</i>	<i>rodilla</i>
8	<i>Cuairil</i>		<i>cuadril</i>
9	<i>pairastru</i>		<i>padrastru*</i>
10	<i>Virilla</i>	<i>virilla</i> (1) <i>virisa</i> (1)	<i>verilla</i>

Fuente: El autor.

Los tres primeros casos de variación tienen que ver con las diferencias entre los sistemas de sibilantes<sup>12</sup> expuestas en el punto 1. Llama la atención la pronunciación con fricativa interdental sorda de *fucicu* en lagarteiro, ya que sería esperable que su pronunciación coincidiese con la del mañego (v. Tabla 1). Los casos de variación 5-8 ejemplifican la gradación dialectal existente con respecto a la *-d-* intervocálica. El debilitamiento y caída de la *-d-* intervocálica es sistemática y común a las tres variedades en participios y adjetivos derivados de estos: *cantau*, *queríu*, *vivíu*, *cansau*, *agotá*, etc.; mientras que en otros contextos la casuística es más variada. Así, esta caída distingue al mañego de las otras dos variedades, dada su extremada recurrencia: *electriciai*, *universiai*, *batiora*, *secaol*, *mecu*, *mil*, *pil* (estas dos últimas con reducción del encuentro vocálico) frente a *electricidai*, *universidai*, *batidora*, *médicu*, *medil/midil*, *pedil/pidil* del valverdeiro y lagarteiro. Por su parte, el valverdeiro manifiesta un mayor mantenimiento de este sonido, mientras que el lagarteiro ocupa una posición intermedia, como muestran los términos recogidos

<sup>12</sup> Empleamos la grafía “x” para representar la fricativa prepalatal sonora y poder dar cuenta de la variación fonética del corpus, en el que reservamos la jota para señalar las realizaciones con velar fricativa sorda. La grafía “x”, sin diacrítico, representa la fricativa prepalatal sorda.

en la *Tabla 2*: las palabras lagarteiras *ruilla* y *oiviu* ‘oído’ coinciden con las formas mañegas, mientras que en los ejemplos 4 y 5 conviven en Eljas tanto las formas propias del mañegu (*co*, *figau*) como las del valverdeiro (*codu*, *figadu*). El grado de extensión difiere entre ambos pares, puesto que para las variantes *figau/figadu* el lagarteiro muestra una preferencia por la forma con *-d-* conservada, al contrario de lo que ocurre con *co/codu*.

Por lo que concierne a la variación presente en 8 y 9, esta responde a la vocalización del primer elemento del grupo *-dr-* propia del mañego. Como comentamos previamente, en lagarteiro dicha vocalización se produce en *mairi* y *pairi*, pero no lo hace en sus derivados, como es el caso de *padrastru* (y de *padriñu* y *madriña*; *pairiñu* y *mairiña* en mañego). En último lugar encontramos un caso de variación en lagarteiro que no responde propiamente a una divergencia fonética dialectal: *virisa*, término que parece tratarse de una adaptación del castellano *verija*, tras haberse despalatizado: [bi'riʒa] > [bi'riza].

Pasamos ahora a analizar las transferencias fonéticas del castellano registradas en este centro. Los términos que se presentan en primer lugar son los patrimoniales<sup>13</sup> y aparecen acompañados del número de ocurrencias entre paréntesis<sup>14</sup>. Las formas se muestran tal y como fueron lematizadas para su introducción en Dispalex<sup>15</sup>:

- a) *intestinu grossu* (1) – *intestinu gruessu* (5)
- b) *pel* (3) – *piel* (20)
- c) *sen/s* (5) – *sien* (4)
- d) *ventri* (7) – *vientri* (3)
- e) *cadeira/s* (6) – *cadera/s* (19)
- f) *veas* (17) – *venas* (3)
- g) *espiñazu* (1) – *espinazu* (1)
- h) *muneca* (20) – *muñeca* (17)
- i) *vixiga* (4) – *vejiga* (4)
- j) *ceixas/xa* – *cejas/ja*

Como se aprecia en el listado anterior, el tipo de interferencias más común tiene que ver con la diptongación de las *ë* e *ö* tónicas latinas (a-d). Asimismo, encontramos un caso de reducción del diptongo *-ei-* (e). En cuanto al consonantismo, aparecen casos de mantenimiento de *-n-* entre vocales (f), de ausencia de palatalización (g) y de palatalización del grupo latino *-NN-* (h). En relación con este último fenómeno, también nos gustaría destacar que solo registramos la forma *pestañas* y no la voz patrimonial *pestanas*, la cual está prácticamente desaparecida como corroboran

<sup>13</sup> O más patrimoniales, ya que pueden tratarse de castellanismos adaptados, como es el caso de *ceixa* (compárese con el gallego *cella* o el portugués *sobrancelha*).

<sup>14</sup> También tenemos en cuenta si la voz forma parte de otro lema diferente. Por ejemplo, en el recuento de la forma *piel* también incluimos su aparición en el sintagma *porus da piel*.

<sup>15</sup> En nuestro estudio seguimos un criterio de *mantenimiento de la información* (BARTOL HERNÁNDEZ, 2002: 3), es decir, conservamos las variantes morfológicas de los lemas, de haberlas. Así, *cadeira/s* indica que fueron enunciados tanto el singular como el plural y que la forma más disponible es el singular, mientras que en *ceixas/xa* la barra indica que el plural obtuvo un índice mayor de disponibilidad.

los datos del corpus: 48 apariciones de *pestañas* y ninguna de *pestanas*. Asimismo, junto al término *meniscu*, aparece la forma hipercaracterizada *meñiscu*, si bien ambos vocablos fueron enunciados por un único informante<sup>16</sup>. Por su parte, en los dos últimos pares de palabras encontramos un tipo de interferencia fonética muy común en la fala: la pronunciación con velar fricativa sorda de términos con prepalatal fricativa sorda (h) o prepalatal fricativa sonora (i). En este último caso no aparece desglosado el número de cada una de las variantes porque fueron lematizadas conjuntamente. Esta lematización conjunta<sup>17</sup> se debe a que en esta ocasión nos encontramos ante una divergencia fonética entre valverdeiro (*ceja*) y mañego y lagarteiro (*ceixa*). Incluimos *ceja* como ejemplo de interferencia fonética, ya que también aparece entre los encuestados mañegos y lagarteiros, de ahí que en este caso debamos acudir a los listados por localidad: 19 casos de *ceixas/xá* y 1 de *cejas/ja* en mañego, y 20 casos de *ceixas/xá* y 2 de *cejas/ja* en lagarteiro.

Como último caso de variación registramos la expresión *estar eslomau*, también castellanizada, dado que se deriva de *lomu* y no de *lombu*, forma que está en evidente retroceso (cfr. MANSO FLORES, 2020, p. 531)<sup>18</sup>.

En todos los fenómenos expuestos hasta el momento encontramos un doblete, es decir, un término patrimonial que compite con un castellanismo (o un castellanismo adaptado frente a un castellanismo pleno). Sin embargo, son numerosas las voces para las que no existe un correlato patrimonial. Exceptuando algunos leonesismos o castellanismos implantados, como *sangri* o *lengua*, la gran mayoría de estos vocablos son tecnicismos o términos pertenecientes a un registro de habla más elevado, por lo que las transferencias del castellano son múltiples: *anginas*, *cabellu*, *cadea de huesecillus*, *caja torácica*, *cueru cabelludu*, *empeini*, *falangeta*, *falangi*, *falangina*, *falangín*, *faringi*, *genitais*, *glóbulus rojus*, *hoiuelu*, *miembru viril*, *oxígenu*, *riegu sanguineu* o *senus*. Como se puede apreciar, son numerosos los términos que mantienen la velar fricativa sorda o los diptongos *-ue-/-ie-*, en los cuales únicamente se ha ajustado el vocalismo final (cierre de *-o* y *-e*) o la formación del plural (*genitais*), con excepción de la combinación híbrida *cadea de huesecillus*, en la que se ha adaptado el primer sustantivo (*cadea*), pero no el segundo. Asimismo, y a diferencia del resto de centros de interés<sup>19</sup>, hallamos términos que no presentan ningún tipo de asimilación, ni siquiera en el vocalismo final: *esternocleidomastoideo*, *falangete*, lóbulo derecho, lóbulo izquierdo, metatarso, molares, pene, premolares, tanque, tarso.<sup>20</sup>

La notable presencia de este tipo de léxico en este centro de interés es perfectamente esperable, ya que se trata de un campo semántico caracterizado por su vinculación con el ámbito académico, lo cual lo predispone a la inclusión de tecnicismos y palabras propias de un registro más formal (BORREGO NIETO, 2022, p. 156). Asimismo, este fenómeno repercute inevitablemente en un

<sup>16</sup> Álvarez de la Granja y López Meirama (2021) también registran una serie de formas “hipergaleguizadas”, entre ellas *mediciña* e *intestiño*.

<sup>17</sup> Sobre la lematización de este tipo de variantes en el corpus, puede consultarse Flores Pérez (2023: 8-12).

<sup>18</sup> Esta sustitución la constatamos en otro centro de interés, *Comidas y bebidas*, en el que *lomu* aparece en varios lemas (de manera aislada o como núcleo de diferentes sintagmas nominales), mientras que *lombu* no fue enunciado por ningún informante.

<sup>19</sup> En nuestra investigación trabajamos con ocho centros de interés: *Animales*, *Plantas*, *Trabajos del campo*, *Comidas y bebidas*, *Partes y objetos de la casa*, *El aceite y el vino*, *Partes del cuerpo* y *Adelantos de la época actual*.

<sup>20</sup> Los fenómenos descritos también los encontramos en los términos coloquiales *ojeti* y *pechotes*.

elevado número de transferencias del castellano, dado que la fala carece de una codificación y, por tanto, no se han desarrollado las variedades formales de la lengua.

## 2.2. Variación morfológica

A diferencia del nivel fónico, la única diferencia intralectal en lo que a morfología nominal se refiere es la formación del plural de los sustantivos acabados en *-n*: en valverdeiro se añade una *-s* (*pulmóns*), mientras que en lagarteiro y mañego dicha adición se acompaña de la caída de la *-n* (*pulmós*).

Por lo que concierne a la influencia del castellano, el tipo de transferencia más abundante en este centro es la presencia de diminutivos lexicalizados acabados en *-illo/a*, en contraste con los sufijos propios de la fala (*-itu/a*, *-iñu/a* e *-inu/a*): *barbilla*, *cadea de huesecillus*, *campanilla*, *colmillus*, *coronilla*, *espinilla*, *flequillu*, *mejillas*, *nudillus*, *pantorrilla*, *patillas*, *rabadilla*, *rabillu*, *ruillas/lla* - *rodillas/lla*, *tobillu*. La mayor parte de estas voces son castellanismos implantados, a excepción de los siguientes, en los que el sufijo castellano compite con el patrimonial:

- *canelas* (7) - *canillas* (2)
- *tobelu* (1) - *tobillu* (55)
- *campaniña* (1) - *campanilla* (4)

Nótese que en el caso de *campaniña* lo que encontramos es un sufijo patrimonial sobre una base castellana (cfr. *campaiña* en gallego o *campainha* en portugués). Otros casos de derivación a partir de una raíz castellana son, en primer lugar, *poseiru* en mañegu (< *posadeiru*, con la caída de la *-d-* intervocálica propia de esta variedad), derivado del verbo *posar* (en lugar del autóctono *poisar*). De otro lado, *rabilleira*, derivado del diminutivo lexicalizado *rabillu*, para referirse también al coxis. Por último, en las formas *pajariña/ita* y *paixarilla* encontramos tanto este fenómeno como el contrario, es decir, base castellana + sufijo patrimonial (*pajariña/pajarita*) y base patrimonial + sufijo castellano (*paixarilla*).

Con respecto a la variación de género, existen varios sustantivos derivados de la tercera declinación del latín que presentan un cambio de género del masculino al femenino, como ya analizamos en Flores Pérez (2023). Dicha duplicidad afecta en este centro de interés a los sustantivos *narí* y *sangri*. El análisis de este cambio parte de datos parciales, ya que la enunciación de estos sustantivos no siempre fue precedida del artículo, por lo que los casos registrados no abarcan la totalidad de enumeraciones. A pesar de que sería conveniente resolver cómo llevar a cabo la recogida de esta información morfológica, dado que nos proporciona información pertinente desde el punto de vista dialectológico (BORREGO NIETO Y FERNÁNDEZ JUNCAL 2003: 303), podemos deducir el nivel de desarrollo de este cambio morfológico a través de los datos recogidos en la *Tabla 3*: en lo que concierne al sustantivo *sangri*, la evolución del cambio morfológico parece estar culminándose en las tres variedades, mientras que el grado de la transición al género femenino de *narí* muestra un estado muy avanzado en mañego y valverdeiro, pero no en lagarteiro.



TABLA 3. Número de enunciaciones con/sin artículo de sustantivos con duplicidad de género

VARIEDAD	NARÍ	SANGRI
Lagarteiro	Nº de apariciones: 39 Con artículo <i>o</i> : 11 <sup>21</sup> Con artículo <i>a</i> : 7	Nº de apariciones: 8 Con artículo <i>o</i> : 1 Con artículo <i>a</i> : 3
Mañego	Nº de apariciones: 41 Con artículo <i>o</i> : 2 Con artículo <i>a</i> : 21	Nº de apariciones: 8 Con artículo <i>o</i> : 0 Con artículo <i>a</i> : 5
Valverdeiro	Nº de apariciones: 34 Con artículo <i>o</i> : 0 Con artículo <i>a</i> : 15	Nº de apariciones: 11 Con artículo <i>o</i> : 0 Con artículo <i>a</i> : 6

Fuente: FLORES PÉREZ, 2023, p. 383.

En cuanto a la variación de número, registramos el siguiente castellanismo morfológico: *ollus azulis* (en lugar de *azuis*, con caída de la *-l*). Aunque la presencia en el corpus se limita a un caso, según nuestra experiencia, este es uno de los casos más frecuentes de pluralización de acuerdo con las normas del castellano, junto con *españolis* y *cualis*.

Por último, encontramos un fenómeno que no se debe a la influencia del castellano, sino a la alternancia entre líquidas en posición implosiva. En posición final la pronunciación mayoritaria de los sustantivos y verbos acabados en *-r* es [l], lo que en ocasiones lleva a una reinterpretación del plural, como muestran los ejemplos *globus oculais* y *molais*. Esta reinterpretación es muy frecuente en el caso de *calcañar*: en el corpus *carcañais* fue enunciado seis veces, frente a las dos ocurrencias de *calcañaris*.

### 2.3. Variación léxica

Este centro de interés no presenta variantes intralectales, por lo que pasaremos a analizar la variación causada por la influencia de la lengua techo. Los principales dobletes léxicos que aparecen en el corpus son los siguientes:

- a) *calcañal/a(r)is* (17) – *taló(n)s/ón* (15)
- b) *costas* (21) – *espalda* (29)
- c) *manguichi* (4), *periquiñu* (3) – *meñiqui* (4)
- d) *pescozu* (41) – *cuellu* (32)
- e) *reñós* (2), *riñó(n)s/ón* (61) – *ris* (1)
- f) *virillas* (1), *verillas* (3), *verisa* (1) – *inglis* (5)
- g) *xinxivas / inxivas* (4) – *encías* (6)

De otro lado, son varios los casos de sinonimia en este centro de interés y puede apreciarse cierta convergencia con el castellano de uno de los elementos de la serie sinónimica, es decir,

<sup>21</sup> A estos casos se podría añadir la única enunciación en plural de *us naridis*, la cual no forma parte del recuento por referirse a las fosas nasales.

“la generalización de formas lingüísticas de la lengua A (...) coincidentes con la lengua B” (D’ANDRÉS DÍAZ, 2020, p. 58). Así, los dobletes previamente mencionados *cadeira/cadera* y *muneca/muñeca* pertenecen a una cadena sinónimica *más amplia y prevalecen sobre el resto de voces de la serie*:

- *albardadeira* (1), *ancas* (1), *cualleira* (1), *cuadril/cuairil* (4), *cadeira* (6), *cadera* (19)
- *pulsus* (3), *bunecas* (1), *munecas* (19)<sup>22</sup>, *muñecas* (17)

Lo mismo ocurre con los pares de sinónimos *beizus/labius* y *trinchóns/hombrus*, es decir, la forma coincidente con el castellano ha desplazado a su sinónimo:

- *beizus* (1), *labius* (40)
- *trinchóns* (2), *hombrus* (54)

En algunas ocasiones opera cierta especialización semántica entre el término patrimonial o más diferencial con respecto al castellano y el castellanismo o término convergente con el castellano, fenómeno que para D’Andrés Díaz *normalmente representa la fase anterior a la desaparición de la forma léxica vernácula* (2022, p. 59). De este modo, algunas formas diferenciales pasan a referirse únicamente a las partes del animal (*miolus, bochis*), mientras que los términos convergentes se emplean para designar las partes del cuerpo humano (*cerebru, pulmós*)<sup>23</sup>. También puede ocurrir que dichas voces se reserven para un uso expresivo, como es el caso de *cutubelus*, la cual ha sido desplazada por *co/codu* o *tobillu* (*cutubelu* puede emplearse para ambas articulaciones), pero se sigue empleando para referirse a una persona con los brazos muy delgados y huesudos (“Antonio se foi a recoller tabacu i ha voltu que ná mais ten que os cutubelus”)<sup>24</sup>.

## 2.4. Análisis por variables

A continuación analizaremos si las diferentes variables sociolingüísticas establecidas en nuestro estudio tienen alguna incidencia en los castellanismos más frecuentes. Si bien nuestro deseo era llevar a cabo un análisis cuantitativo de todos los vocablos, a semejanza de los trabajos de Álvarez de la Granja y López Meirama (2021) y Gómez-Devís y Serrano Zapata (2021), esta tarea nos resultó harto complicada, ya que la lengua carece de un estándar y de obras lexicográficas de referencia que nos permitiesen determinar con exactitud los préstamos, por lo que tuvimos que abandonar dicho propósito. Por todo ello, nos centraremos en analizar aquellos

<sup>22</sup> Álvarez de la Granja y López Meirama (2022, p. 124) clasifican *boneca* y *moneca* como ampliaciones semánticas por influencia del castellano, en oposición al estándar *pulsos*.

<sup>23</sup> Cfr. Álvarez de la Granja y López Meirama (2022, p. 132).

<sup>24</sup> Otro ejemplo muy claro, aunque perteneciente a otro campo semántico, es el de *marmelu* en mañego. El castellanismo *mimbrillu* ha desplazado a *marmelu*, palabra que sí tiene un notable uso como insulto, pero que la mayoría de hablantes no relacionan con el fruto.

dobletes con una mayor presencia en el corpus, es decir, aquellos en los que ambos términos poseen un porcentaje de aparición suficiente como para poder establecer una comparación estratificada por variables, a saber: *costas* – *espalda*, *calcañar* – *talón*, *pescozu* – *cuellu* y *pulsu* – *muneca* – *muñeca*. En las tablas que iremos analizando a continuación las cifras entre corchetes indican el número de informantes de cada grupo o variable.

En primer lugar, examinaremos las diferencias por localidades/variedades. En este caso (Tabla 4) hemos añadido una serie sinónimia (*ancas*, *cuadril*, *cadeira*, *cadera*) que no aparece en el análisis por variables sociolingüísticas subsiguiente. Esta inclusión se debe simplemente a que existe una diferencia diatópica reseñable, ya que las formas con diptongación, *cadeira*, solo aparecen en valverdeiro y presentan el mismo porcentaje que *cadera*:

**TABLA 4.** Diferencias en la integración de castellanismos según la variable *localidad*.

	MAÑEGO [42]		LAGARTEIRO [43]		VALVERDEIRO [46]	
	Nº de casos	% de aparición	Nº de casos	% de aparición	Nº de casos	% de aparición
<i>Costas</i>	6	14,29%	5	11,63%	10	21,74%
<i>Espalda</i>	9	21,43%	10	23,26%	10	21,74%
<i>calcañal/a(r)is</i>	7	16,67%	5	11,63%	5	10,87%
<i>taló(n)s/ón</i>	3	7,14%	5	11,63%	7	15,22%
<i>Pescozu</i>	9	21,43%	12	27,91%	20	43,48%
<i>Cuellu</i>	10	23,81%	12	27,91%	10	21,74%
<i>muneca/s</i>	9	21,43%	3	6,98%	8	17,39%
<i>muñeca/s</i>	3	7,14%	10	23,26%	5	10,87%
<i>Pulsus</i>	1	2,38%	1	2,33%	1	2,17%
<i>Ancas</i>	1	2,38%	-	-	-	-
<i>cuadril/ís – cuairís</i>	1	2,38%	1	2,33%	2	4,35%
<i>cadeira/s</i>	-	-	-	-	6	13,04%
<i>cadera/s</i>	6	14,29%	7	16,28%	6	13,04%

Fuente: El autor.

La tabla anterior (Tabla 4) muestra diferentes grados de integración de los castellanismos dependiendo de la palabra y de la variedad. Así, el castellanismo *espalda* es porcentualmente superior en mañego y lagarteiro, no así en valverdeiro, donde obtiene el mismo porcentaje que *costas*. En el caso del par *calcañar* – *talón* la divergencia más notable la encontramos en mañego, variedad en la que la forma vernácula se distancia del castellanismo, el cual presenta el mismo porcentaje que la forma autóctona en el caso de Eljas y supera a la misma en Valverde del Fresno. Sin embargo, en el siguiente par el valverdeiro presenta la tendencia inversa: la forma *pescozu* supera significativamente a *cuellu*, mientras que en mañego y lagarteiro ambas voces presentan cifras iguales o similares. Por último, observamos que *pulsus* obtiene un escaso porcentaje en las tres localidades (un único informante en cada una de ellas) y que el castellanismo *muñeca* está más presente en lagarteiro que en las otras dos variedades. Por lo tanto, al menos en estos casos, no existe una tendencia clara asociada a una de las localidades. Téngase en cuenta que una

constante en los estudios, ya presente desde las primeras investigaciones (AZEVEDO MAIA, 1977), es la atribución de un mayor grado de castellanización al valverdeiro (GARGALLO GIL, 1994, 2021; CARRASCO GONZÁLEZ, 2000, 2021; SALVADOR PLANS, 2002; GONZÁLEZ SALGADO, 2009),

Seguidamente presentamos los resultados conforme a dos de las variables de estratificación social definidas en la investigación<sup>25</sup>. La primera de ella es la edad, para la cual establecimos cuatro grupos: de 20 a 35 años, de 36 a 50, de 51 a 65 y mayores de 66. Los resultados son los siguientes (Tabla 5):

**TABLA 5.** Diferencias en la integración de castellanismos según la variable *edad*.

	GRUPO 1 (20-35) [32]		GRUPO 2 (36 -50) [32]		GRUPO 3 (51 – 65) [32]		GRUPO 4 (+66) [35]	
<i>Costas</i>	7	21,88%	6	18,75%	3	9,38%	5	14,29%
<i>Espalda</i>	14	43,75%	7	21,88%	5	15,63%	3	8,57%
<i>calcañal/a(r)is</i>	4	12,50%	3	9,38%	6	18,75%	4	11,43%
<i>taló(n)s/ón</i>	8	25,00%	6	18,75%	1	3,13%	-	-
<i>Pescozu</i>	12	37,50%	10	31,25%	9	28,13%	10	28,57%
<i>Cuella</i>	15	46,88%	10	31,25%	5	15,63%	2	5,71%
<i>Pulsus</i>	-	-	-	-	1	3,13%	2	5,71%
<i>muneca/s</i>	9	28,13%	14	43,75%	3	9,38%	1	2,86%
<i>muñeca/s</i>	5	15,63%	6	18,75%	4	12,50%	3	8,57%

Fuente: El autor.

Los resultados que muestra esta variable evidencian una tendencia clara: se observa una mayor prevalencia de los términos tradicionales frente a los castellanismos en las franjas de edad más elevadas, aunque con particularidades dependiendo del doblete. Así, el par *costas* – *espalda* parece encontrarse en un estado más avanzado, a juzgar por su preeminencia en tres de las cuatro franjas de edad y por la diferencia porcentual poco acusada en la franja de edad más elevada. En los pares *carcañal* / *talón* y *pescozu* / *cuella*, por su parte, observamos que prevalece la forma patrimonial frente al castellanismo en los grupos de edad 3 y 4, y que incluso el término *talón* no aparece en este último. A la vista de los datos, *pescozu* parece ser algo más resistente a la sustitución, dado que la diferencia porcentual en el grupo de edad 1 no es tan acentuada en comparación con los pares anteriores, quizás por la homonimia existente entre el castellanismo y la designación del animal (*cuella* ‘conejo’). Un caso particular es el de *muñeca* / *muneca* / *pulsu*. *Pulsus* solo aparece en las franjas de edad más altas, en las que porcentualmente también aparecen más casos de *muñeca* que de *muneca*, si bien las diferencias no son tan significativas, ya que este concepto presenta un grado menor de disponibilidad en estas franjas de edad. Así, pareciera haber una convergencia hacia el término *muneca* (frente a *pulsus*), el cual, al mismo tiempo, prevalece sobre el castellanismo pleno *muñeca*.

<sup>25</sup> No hemos incluido la variable *sexo*, ya que no hay diferencias significativas entre hombres y mujeres.

La segunda variable sociolingüística es el grado de contacto con la norma del castellano<sup>26</sup>, dividida en tres grupos de menor (grado 1) a mayor contacto (grado 3):

**TABLA 6.** Diferencias en la integración de castellanismos según la variable *contacto con la norma*.

	GRADO DE CONTACTO 1 [26]		GRADO DE CONTACTO 2 [78]		GRADO DE CONTACTO 3 [27]	
	Nº de casos	% de aparición	Nº de casos	% de aparición	Nº de casos	% de aparición
<i>Costas</i>	7	26,92%	9	11,54%	5	18,52%
<i>Espalda</i>	3	11,54%	18	23,08%	8	29,63%
<i>calcañal/a(r)is</i>	5	19,23%	11	14,10%	1	3,70%
<i>taló(n)s/ón</i>	1	3,85%	10	12,82%	4	14,81%
<i>Pescozu</i>	6	23,08%	26	33,33%	9	33,33%
<i>Cuellu</i>	1	3,85%	23	29,49%	8	29,63%
<i>Pulsus</i>	3	11,54%	-	-	-	-
<i>muneca/s</i>	1	3,85%	10	12,82%	9	33,33%
<i>muñeca/s</i>	2	7,69%	10	12,82%	5	18,52%

Fuente: El autor.

En relación con esta variable, observamos que la tendencia es similar a la variable *edad*, aunque en orden decreciente: cuanto menor es el contacto con el castellano, mayor es la aparición de las palabras vernáculas. Asimismo, se aprecia una diferencia reseñable entre los informantes con un contacto con la norma restringido (grupo 1) y el resto, ya que las diferencias porcentuales entre los dobles son más acusadas. Asimismo, el término *pulsus*, que previamente solo aparecía en las franjas de edad 3 y 4, agrupa sus ocurrencias en este grupo.

### 3. Conclusiones

La investigación que presentamos contribuye a una mejor descripción del léxico de la fala, asunto que ha sido menos explorado en la literatura científica especializada, en comparación con los abundantes estudios sobre su origen y evolución, así como las descripciones fonéticas y morfológicas, que representan aproximadamente el 85% de los trabajos publicados sobre estas variedades (MANSO FLORES, 2020: 43). Asimismo, se han evidenciado las posibilidades de la metodología de la disponibilidad léxica en el estudio dialectológico y sociolingüístico de la comunidad del *val de Xálima*, puesto que los datos obtenidos nos proporcionan una descripción más precisa de la variación presente en la comunidad y, en especial, de la influencia que ejerce la lengua techo en el léxico disponible, el cual, como ha quedado de manifiesto, está viéndose modificado o sustituido por la presión del castellano en todos los niveles

<sup>26</sup> Se trata de una variable mixta formulada por Borrego Nieto (1981, p. 51) y compuesta por el grado de instrucción, el contacto con los medios de comunicación y los viajes del informante. Sobre el cálculo de esta variable, cfr. Fernández Juncal (1998, p. 41 - 49).

lingüísticos. Con relación a la influencia de las variables de estratificación social, los resultados expuestos, aunque parciales, indican que un mayor grado de contacto con la norma castellana se correlaciona con una mayor integración de castellanismos, lo que da cuenta del impacto de la escolarización y los medios de comunicación en la sustitución de las formas vernáculas. Este proceso de cambio lingüístico también está vinculado, como era esperable, a la edad: son las generaciones más jóvenes las que presentan más formas afines al castellano, aunque este fenómeno de sustitución también se observa, en menor grado, en los grupos de mayor edad. Si bien son numerosas las investigaciones previas en las que se ha alertado sobre este proceso, nuestro estudio viene a arrojar luz sobre este asunto, corroborando estas impresiones y detallando cuáles son los elementos lingüísticos más propensos a la sustitución en este campo léxico. Por ello, consideramos de especial relevancia la siguiente reflexión de Gómez-Devís y Serrano Zapata:

Sería interesante, de otra parte, que se tuvieran en cuenta los trabajos como este donde se puede comprobar el alcance de la extensión social de algunos préstamos y, desde las instituciones, se activaran políticas educativas que velaran por el mantenimiento del léxico autóctono precisamente en aquellos puntos donde se ve que corre el peligro de ser sustituido (2022, p. 161).

## CONFLICTO DE INTERESES

El autor no tiene ningún conflicto de intereses que declarar.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVAREZ DE LA GRANJA, María.; LÓPEZ MEIRAMA, Belén. La presencia del español en el léxico disponible del gallego. El centro de interés El cuerpo humano. In: **Aplicaciones de la disponibilidad léxica**. Valencia: Tirant Lo Blanch, 2021. p. 115-146.

AZEVEDO MAIA, Clarinda. **Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região do Xalma e Alamedilha**. Coimbra: Revista de filología portuguesa, 1977.

BARTOL HERNÁNDEZ, José Antonio. Disponibilidad léxica y selección de vocabulario. In: **De moneda nunca usada. Estudios dedicados a José M<sup>a</sup>. Enguita Utrilla**. Zaragoza: Instituto Fernando el Católico, 2010. p. 85-107.

BORREGO NIETO, Julio. **Sociolingüística rural: investigación en Villadepera de Sayago**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1981.

BORREGO NIETO, Julio; FERNÁNDEZ JUNCAL, Carmen. Léxico disponible: aplicaciones a los estudios dialectales. In: **IV Congreso de Lingüística general**. Cádiz: Universidad de Cádiz/Universidad de Alcalá, 2003. p. 297-306.

BORREGO NIETO, Julio. De nuevo sobre los niveles de la lengua en el léxico disponible: ¿importa la edad? In: DÍAZ ALAYÓN, Carmen (Coord.). **Studia philologica: in honorem José Antonio Samper**. 2022. p. 151-172.



CARRASCO GONZÁLEZ, Juan María. Hablas y dialectos portugueses o galaico-portugueses en Extremadura. Parte I: Grupos dialectales. Clasificación de las hablas de Jálama. **Anuario de estudios filológicos**, v. 19, p. 135-148, 1996.

CARRASCO GONZÁLEZ, Juan María. Las hablas de Jálama entre los dialectos fronterizos extremeños. *In*: SALVADOR PLANS, Antonio; GARCÍA OLIVA, María Dolores; CARRASCO, Juan María (Coords.). **Actas del I congreso sobre A fala**. Mérida: Editora Regional de Extremadura, 2000. p. 143-156.

CARRASCO GONZÁLEZ, Juan María. Traços galegos e não galegos do dialecto fronteiriço de Xalma (mañego, lagarteiro e valverdeiro). *In*: MARÇALO, Maria João (Ed.). **Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. Évora: Universidade de Évora, 2010. p. 1-14.

CARRASCO GONZÁLEZ, Juan María. **Dialectología fronteriza de Extremadura. Descripción e historia de las variedades lingüísticas en la frontera extremeña**. Berlin: Peter Lang Verlag, 2021.

COSTAS GONZÁLEZ, Xosé Henrique. O galego de Extremadura: as falas do Val do Río Ellas. *In*: **Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera**. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1996. p. 357-376.

COSTAS GONZÁLEZ, Xosé Henrique. Valverdeiro, lagarteiro e mañego: o 'galego' do Val do Río Ellas (Cáceres). *In*: **Linguas e variedades minorizadas. Estudios de sociolingüística románica**. Santiago de Compostela: Servicio de publicaciones de la Universidad de Santiago de Compostela, 1999. p. 83-106.

COSTAS GONZÁLEZ, Xosé Henrique. **O valego. As falas de orixe galega do Val do Ellas (Cáceres-Extremadura)**. Vigo: Xerais, 2013.

COSTAS GONZÁLEZ, Xosé Henrique. Os actuais subsistemas de sibilantes nas falas do val do río Ellas ou de Xálima e as dificultades para a sua normativización conxunta. *In*: **Limite: Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía**, v. 11, n. 2, p. 111-132, 2017.

D'ANDRÉS DÍAZ, Ramón. Contacto de lenguas en Asturias: asturiano, "amestáu" y castellano. *In*: DUBERT-GARCÍA, Francisco; MÍGUEZ, Vítor; SOUSA, Xulio. (Eds.). **Variades lingüísticas en contacto na Península Ibérica**. Consello da Cultura Galega, 2020. p. 49-79.

FERNÁNDEZ JUNCAL, Carmen. **Variación y prestigio: estudio sociolingüístico en el oriente de Cantabria**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1998.

FLORES PÉREZ, Tamara. Variación y cambio sociolingüístico: la metodología de la disponibilidad léxica. *In*: ÁLVAREZ PÉREZ, Xosé Afonso; GARCÍA SÁNCHEZ, Jairo Javier; SÁNCHEZ IZQUIERDO, Irene (Eds.). **Frontera España - Portugal: personas, pueblos y palabras**. Valencia: Tirant Lo Blanch, 2023. p. 377-392.

GARGALLO GIL, José Enrique. La 'Fala de Xálima' entre los más jóvenes: un par de sondeos escolares (de 1991 y 1992). *In*: CARRASCO GONZÁLEZ, Juan María; VIUDAS CAMARASA, Antonio (Eds.). **Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera**. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1996. p. 333-356.

GARGALLO GIL, José Enrique. **Las hablas de San Martín de Trevejo, Eljas y Valverde del Fresno. Trilogía de los tres lugares**. Mérida: Editora Regional de Extremadura, 1999.

GARGALLO GIL, José Enrique. ¿Se habla gallego en Extremadura?. *In*: **Actas del I congreso sobre A fala**. Mérida: Editora Regional de Extremadura, 2000. p. 51-73.



GARGALLO GIL, José Enrique. Gallego-portugués, iberromance. La fala en su contexto románico peninsular. *In: Limite: Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía*, v. 1, p. 31-49, 2007.

GARGALLO GIL, José Enrique. Fronteras y enclaves en la Romania. Encuadre romance para la fala de Xálima. *In: Limite: Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía*, v. 3, 2009. p. 27-43.

GARGALLO GIL, José Enrique. La Fala de Xálima, encrucijada lingüística entre el ámbito gallegoportugués y el castellanoleonés (extremeño). En: GIRALT LATORRE, Javier; NAGORE LAÍN, Francho (Coords.). **El “continuum” románico: La transición entre las lenguas románicas, la intercomprensión y las variedades lingüísticas de frontera**. 2021.

GÓMEZ DEVÍS, María Begoña.; SERRANO ZAPATA, Maribel. Variación léxica en el catalán occidental a partir del léxico disponible de estudiantes preuniversitarios: la influencia del español. *In: Aplicaciones de la disponibilidad léxica*. Valencia: Tirant Lo Blanch, 2021. p. 147-163.

GONZÁLEZ SALGADO, José Antonio. Las hablas de Jálama en el conjunto de la dialectología extremeña. *In: Revista de Filología Románica*, v. 26, 2009. p. 51-70.

MANSO FLORES, Ana Alicia; FLORES PÉREZ, Tamara. Passau, presenti i futuru da Fala. *In: Limite: Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía*, v. 13.2, 2019. p. 101-122.

MANSO FLORES, Ana Alicia. **Análisis del léxico diferencial en el Val de Xálima (Cáceres)**. 2020. Tesis (Doctorado) - Universidad de Extremadura, Cáceres, 2020.

SAMPER PADILLA, José Antonio (2003). El proyecto panhispánico de disponibilidad léxica logros y estado actual. *In* VARO VARO, Carmen; CASAS GÓMEZ, Miguel (Coords.). **VII Jornadas de Lingüística**. Cádiz: Universidad de Cádiz. p. 193-226.





# The identity reflection of code-switching in *How to tame a wild tongue*

Mariana Gomes Barboza

Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco (PE), Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9521-7453>

E-mail: [marianagomesbarboza@gmail.com](mailto:marianagomesbarboza@gmail.com)

## ABSTRACT

This work presents bibliographical research that analyzes code-switching in the chapter titled *How to Tame a Wild Tongue* from Gloria Anzaldúa's *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. The study investigates the relationship between code-switching and the principle of identity reflection and explores the different types of code-switching used in the text. Through a combination of qualitative and quantitative approaches, the research draws upon the theoretical perspectives of Poplack (1980) and Lo (2007). Moreover, data acquisition involved analyzing excerpts from the chapter and comparing them with the categories under study. The results suggest that Anzaldúa used code-switching to demonstrate her identity and connection to multiple languages. She used this technique to reflect her complex linguistic and cultural background.

**KEYWORDS:** Code-switching; Hybridity; Identity.

## A identidade refletida no *code-switching* em *How to tame a wild tongue*

### RESUMO

Esta é uma pesquisa bibliográfica que almeja analisar o *code-switching* que ocorre no capítulo *How to tame a wild tongue* de *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987), considerando a sua relação com o princípio de *identity-reflective code-switching*, em alguns trechos, além de contextualizar as situações em que era possível observar essa alternância de línguas e os tipos de *code-switching* no texto. O estudo teve condução qualitativa e quantitativa e foi baseado nas teorias de Poplack (1980) e Lo (2007). Para a obtenção dos dados, foram analisados trechos nos quais a Gloria Anzaldúa alternava línguas no capítulo em questão, em comparação às categorias que seriam analisadas. Os resultados mostraram que a autora usava o *code-switching* como uma ferramenta para demonstrar quem ela era e sua conexão com mais de uma língua.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Code-switching*; Hibridismo; Identidade.



## 1. Introduction

Gloria Anzaldúa's 1987 work, *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, offers an insightful depiction of the complex challenges faced by Chicanos, including social inequality, prejudice, human rights concerns, and identity issues. Despite once being a term of derision, Chicanos reclaimed the moniker as a symbol of their heritage, as in the wake of the 1960s, identifying as Chicano became synonymous with the impassioned advocacy for the rights of Mexican-Americans, fostering a sense of communal pride and awareness.

Concerning this sense of pride, Anzaldúa (1987) asserted that acknowledging one's Anglo heritage is as important as recognizing one's indigenous or black lineage. Before the emergence of the Chicano Movement, certain members of the Chicano community deliberately disavow their indigenous or black heritage and instead embrace their European ancestry to be perceived as white and enjoy the same privileges as white Americans. However, Anzaldúa (1987) advocates embracing all ancestries instead of denying them. She showcases her diverse cultural background through a phenomenon known as code-switching, which happens when speakers employ more than one language within the same utterance or conversation (MIKAHAL, 2016).

As Mozzillo de Moura (1997a) states, code-switching always serves a purpose, even if it is not consciously. Various factors can impact one's preference for a particular language. They may originate from different sources, such as linguistic, cognitive, or emotional factors, a preference for a language, or a sense of loyalty to a culture, among other reasons.

Gloria Anzaldúa employs code-switching in *Borderlands/La Frontera* to express and embrace her cultural heritage. She sees her use of English and Spanish as vital to her identity, and her writing reflects this seamlessly. However, she encountered significant barriers to asserting her linguistic and cultural identity. As a child, a teacher reprimanded her for correcting the pronunciation of her name and told her that she must speak "American" to be a true American. Later, as an adult, she encountered pressure to comply with prevalent linguistic standards and undergo speech classes to "eliminate" her accent.

In a TED talk, Michelle Navarro (2018), a Mexican-American, shared her personal experience, revealing that her mother encouraged her to only speak English as a result of discrimination against those of Mexican descent. It took her many years to come to terms with her Mexican roots and develop an appreciation for the Spanish language. The utilization of English and Spanish may express cultural loyalty, and resisting the imposed identity on Mexican-Americans reflects the significance of Chicano Spanish in their lives.

The present research delves into Lo's (2007) model, which explores the underlying motivation that prompts individuals to engage in code-switching. Additionally, Poplack's (1980) classifications of code-switching are analyzed in passages from Anzaldúa's *How to Tame a Wild Tongue*. The principal ambition of this research is to explore the identity-related challenges encountered by the author as a Mexican-American and to underscore the interdependence between language and culture. Through an analysis of literature and code-switching, the study expounds on the hybridism embedded in Anzaldúa's work and life linked to the ubiquitous sentiment of displacement commonly experienced by Mexican-Americans.



## 2. Code-switching and chicanos

### 2.1 Being a crossroads

The Mexican-American War from 1846 to 1848 was a result of the United States' attempt to expand its territories into Mexican land. The annexation of Texas had already begun in 1845 (SULLIVAN, 2012), and the Mexican government declared a “defensive war” against the United States in the following year. The conflict eventually led to the Treaty of Guadalupe Hidalgo in 1848, wherein Mexico surrendered 55% of its territories to the United States in exchange for \$15 million US dollars.

Consequently, the United States gained significant territories, including Arizona, California, New Mexico, Texas, Colorado, Nevada, and Utah. The treaty stated that citizens residing in the annexed territories who wished to remain would become American citizens if they did not leave within a year of signing an agreement. While some Mexicans went back to their homeland, most chose to stay due to the challenges of traveling or the risk of losing their land.

The US government promised Mexican citizens who acquired US citizenship protection of their properties, respect for their political rights, and preservation of their language, culture, and religion. Nevertheless, the government failed to fulfill these commitments, as Mexican-American citizens encountered contempt and disdain from Americans, as observed by Manoel de Andrade (2013).

The Guadalupe-Hidalgo Treaty intended to grant equal rights to Mexican-Americans upon their integration into the United States. Nonetheless, it was detrimental to their physical, legal, economic, and cultural well-being (ANDRADE, 2013). Despite being left without government support, the American occupation of former Mexican territories, particularly Texas, led to violent conflicts between the two groups. The severity of the conflict was such that even members of the US Army were hesitant to enter these areas. Consequently, the loss of property and erosion of language and cultural practices occurred over time within these communities.

However, Chicanos, also known as Mexican-Americans, formed a shared awareness as they advocated for their rights. They recognized that they were not accepted as Mexicans by Mexicans nor as Americans by Americans, but instead navigated the cultural boundary between these two communities. Anzaldúa perceptively noted that Chicanos are the result of blending cultures: “To survive the Borderlands, you must live *sin fronteras* [without borders] be a crossroads” (ANZALDÚA, 1987, p. 195).

The concept of borders extends beyond the physical barrier that separates Mexico and the United States. According to her, borders are regions of separation and adjacency between cultures, communities, races, and genders. Life in the borderlands implies that individuals cannot adhere to a single identity, as there is uncertainty about which group they belong. This ambiguity engenders a unique space for those who navigate between cultures, occupying a liminal position.



## 2.2 Code-switching and language learning

As Poplack (2001) defines, code-switching is mixing two or more languages by bilingual or multilingual speakers. Although previously viewed as a flawed aspect of language use, scholars began paying more attention to the topic from the 1970s onward (Myers-Scotton, 1993). Poplack (1980) argues that code-switching is a linguistic skill that requires a strong command of multiple languages and not a lack thereof, as bilinguals can intentionally choose which language they use (CANTONE, 2007).

Regarding bilinguals of Mexican-American descent, their linguistic education usually commences with the acquisition of the Spanish language in their familial environment. Further, Rumberger (1998) has ascertained that Mexican-American families often comprise parents who are not fluent in English, rendering it more challenging for their offspring to interact in English at home.

Regularly, children who lack opportunities to practice their newly acquired second language at home exhibit code-switching behavior. As suggested by Teeman and Pinnegar (2007), this may be due to a lack of lexical access, where the child is aware of a particular term in one language but not its equivalent in the other. Furthermore, code-switching may serve communicative functions such as emphasizing a point or expressing emotions.

## 2.3 Chicanos and languages

Poplack (1980) claims individuals who switched languages without difficulty were fairly proficient. She further contends that those with higher levels of bilingual proficiency tend to utilize intrasentential switching more frequently than intersentential switching, as the presence of language barriers is less apparent. Her research identified three types of code-switching, which were later expanded upon by Koban (2013, p. 1175):

- Extrasentential code-switching occurs when tag elements from one language are added to a sentence in another language. For example, a speaker might say, “Porque estamos en huelga de gasolina, right?” (Zentella quoted in KOBAN, 2013).
- Intersentential code-switching happens outside the sentence or clause level. For instance, a speaker might say, “Le dije que no quería comprar el carro. He got really mad.”
- Intrasentential code-switching takes place within a clause, phrase, or word. An example of intrasentential code-switching is “Abelardo tiene los movie tickets.”

As for the code-switching in *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987), Anzaldúa sometimes alternates languages mid-sentence, challenging the idea of one language being dominant. Her use of code-switching reflects her identity as a hybrid person who values English and Spanish equally.

Code-switching can be a valuable tool for authors, particularly when telling the story of a specific group of people, such as Latinos living in border regions. This technique allows for a genuine and seamless portrayal of the characters and their surroundings while also enabling



the expression of identity and group membership (SCHALL, 2012). Through code-switching in literature, authors can communicate and generate a connection between the text and readers via shared language usage and culture.

In 2007, Lo conducted a study investigating the relevance of language in identity. She suggested that language serves not only as a medium for communication and learning but also as a reflection of one's identity. The researcher surveyed educators and pupils to determine which particular function of language they regarded as the most important. They considered the communicative function the most important, as it enables individuals to articulate their thoughts and emotions. In the study, participants assessed the learning function as the second most significant, while they regarded the identity-reflective function as the least important.

Despite that, the latter is also a meaningful function of language. An illustration of this phenomenon emerges when a student shared with Lo (2007) that they spoke English at school but used “inside jokes” in Mandarin to maintain a sense of exclusivity and ensure that others did not comprehend. The author further explained the motivations behind selecting a specific language within a particular group:

1. The preliminary step entails the discerning selection of participants for the interaction;
2. Excluding unwanted participants from the interaction;
3. Maintaining the confidentiality of the discussion;
4. Building a strong sense of unity and interdependence within the group;
5. Emphasizing a shared sense of belonging to a particular ethnic group;
6. Communicating meanings that can only be expressed in a specific language.

Upon thorough analysis of the points presented by Lo (2007) and their association with *How to Tame a Wild Tongue*, Anzaldúa's central objective is not to simplify her work for those who are not bilingual. She frequently alternates between English and Spanish without providing translations, which may challenge some readers. However, she does not intend to exclude readers from accessing her work but aims to engage in a more direct conversation with those who share her experience.

Moreover, the content shared by the writer does not contain confidential information but constitutes a personal account of her experiences. Anzaldúa's work fosters a sense of affiliation with the Chicano community and promotes the acceptance of ethnic identities. The applicability of Anzaldúa's writing to Chicanos and other minority groups enables them to identify with her discourse and strengthens their cultural origins.

Mozillo de Moura (1997b) posits the dichotomy regarding the stigmatization of minority language speakers. They may distance themselves from their minority group or develop a sense of loyalty, pride, and solidarity towards their peers. The author defines cultural loyalty as utilizing code-switching to express cultural traits when necessary. Anzaldúa provides a compelling example of an author guided by a mix of cultures and strives to represent her various roots in her work.



So, if you want to really hurt me, talk badly about my language. Ethnic identity is twin skin to linguistic identity - I am my language. Until I can take pride in my language, I cannot take pride in myself. Until I can accept as legitimate Chicano Texas Spanish, Tex-Mex, and all the other languages I speak, I cannot accept the legitimacy of myself. (ANZALDÚA, 1987, p. 59).

In the preceding paragraph, Anzaldúa elucidates the kinship between ethnic and linguistic identity. She affirms that to embrace her identity, she must also embrace “her” language. The flexibility inherent in her approach to language intertwines with her fluidity between social groups and her desire to perceive herself as an individual. Her identity was receptive to change, incorporating aspects of other identities while maintaining her roots.

As per Berry’s (2015) assertion, Anzaldúa’s work encapsulates a political message that advocates for the coexistence of the English and Spanish languages within the domain of American culture. This stance can destabilize established power structures and resist the forces of hegemony and binarism. Bhabha (1994) defines that binarism centers around the inflexible division of groups — this binary way of thinking can generate linguistic terrorism.

According to Anzaldúa’s (1987) definition, linguistic terrorism denotes an act of aggression towards a person’s native language by those belonging to the dominant culture. Bernius (2018) elaborates that it is the censorship or silencing of cultural groups and individuals, and he claims that Anzaldúa’s book portrays the linguistic terrorism that she suffered as a way of subjugation of her roots.

As stated by Mena (2021), Mexican-Americans are often deemed deficient in their language abilities, with their Spanish and English regarded as inadequate or not academic enough, based on the notion of standard Spanish and English through the pursuit of grammatical correctness and linguistic purity that eschews language blending.

Notably, among Mexican-Americans, the idea of a standard language has currency, leading to the denial of formal education in Spanish to Chicanos for several years. In this regard, English has gained preeminence as an indispensable element for upward social mobility, with many holding the view that English proficiency is crucial in securing promising employment prospects.

On the other hand, based on the findings of Extra and Verhoeven’s (1994) interviews with Mexican-American parents, the majority expressed positive sentiments toward their children’s capability to speak multiple languages. Mainly as a possible benefit due to the potential economic stability of communicating effectively with people outside their community, broadening their employment possibilities in the future.

In addition, the authors’ study found that Mexican-American parents expressed apprehension concerning their children losing their Spanish language skills, which they regarded as an essential aspect of their cultural identity. Parents emotionally reacted to the topic, indicating their steadfast commitment to their Mexican heritage. For instance, one mother interviewed expressed worries that her children might lose touch with their family in Mexico if they cannot speak Spanish.



### 3. An analysis of code-switching in *How to tame a wild tongue*

The present study is an exegesis of Gloria Anzaldúa's *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987), which uses qualitative and quantitative research methods. Specifically, this analysis focuses on chapter 5, where the author discusses the relationship between culture, language, and identity, emphasizing the role of code-switching in the text.

This study applied Poplack's (1980) categories of analysis as a framework for understanding the structural aspects of Anzaldúa's phrasal construction through the types of alternation that occur in the text (intrasentential, intersentential, and extrasentential).

Moreover, it scrutinizes the author's utilization of code-switching within different contexts and explores the idea that language alternation can occur as a reflection of identity, as posited by Lo (2007). This research aims to provide a comprehensive and nuanced understanding of the role of code-switching in Anzaldúa's work and its significance to Chicanos.

Throughout her book (and chapter 5), Anzaldúa resorts to a significant amount of Spanish vocabulary, phrases, sentences, and stanzas. The very title of her book serves to signal a departure from the hegemony of English, creating a space for Spanish, specifically the Chicanos' Spanish, rather than the standardized version.

#### 3.1 Types of code-switching

The following figures centered on the types of code-switching discussed in *How to Tame a Wild Tongue*. Since no fragments of extrasentential code-switching have been discovered in the text, the analysis has focused on the remaining two types: intrasentential and intersentential.

**TABLE 1.** Examples of intersentential code-switching

<b>Intersentential</b>
1. "Flies don't enter a closed mouth" is a saying I kept hearing when I was a child
2. <i>Hocicona, repelona, chismosa</i>
3. <i>Mucachitas bien criadas</i>
4. <i>El Anglo com cara de inocente nos arrancó la lengua</i>
5. <i>A veces no soy nada ni nadie. Pero basta cuando no lo soy, lo soy</i>
6. My brothers and sister say the same
7. "Soy mexicana"
8. <i>Tenemos que hacer la lucha</i>
9. <i>Un nuevo lenguaje</i>
10. Chicano Spanish is not incorrect, it is a living language
11. <i>Evolución, enriquecimiento de palabras nuevas por invención o adopción</i>
12. <i>Deslenguadas. Somos los del español deficiente</i>
13. <i>Vámonos a las vistas</i>
14. <i>Bajo sexta</i>

Source: Produced by the author



After examining the text, intersentential code-switching was consistently indicated by either a period or a comma, as commonly accepted markers for this linguistic shift. Moreover, the analysis recognized 14 cases of intersentential code-switching within the chosen passages.

**TABLE 2.** Intrasentential code-switching

<b>Intrasentential</b>	
1. <i>es una falta de respeto</i>	2. <i>ser habladora</i>
3. <i>mal criada</i>	4. <i>nosotras, nosotros</i>
5. <i>nos quieren poner candados en la boca</i>	6. <i>reglas de academia</i>
7. <i>español ni inglés</i>	8. <i>mexicanas y latinas</i>
9. <i>agringada</i>	10. <i>nosotros los</i>
11. <i>nosotros los mexicanos</i>	12. <i>and (x3)</i>
13. <i>mexicanos del otro lado</i>	14. <i>mexicanos de este lado</i>
15. <i>“soy mexicana”</i>	16. <i>“soy Chicana”</i>
17. <i>o “soy tejana”;</i>	18. <i>“raza</i>
19. <i>“mexicana”</i>	20. <i>and at others will say</i>
21. <i>raza</i>	22. <i>tejanos</i>
23. <i>los Chicanos</i>	24. <i>norteamericano</i>
25. <i>humildes</i>	26. <i>quietos</i>
27. <i>nosotros los mexicanos</i>	28. <i>mestizas</i>
29. <i>mestizos</i>	30. <i>mestisaje</i>
31. <i>burla</i>	32. <i>somos huérfanos</i>
33. <i>have created variants of Chicano Spanish</i>	34. <i>bailes</i>
35. <i>bolero</i>	36. <i>norteño</i>
37. <i>conjuntos</i>	38. <i>corridos (x4)</i>
39. <i>corrido</i>	40. <i>cantinas</i>
41. <i>cantina</i>	42. <i>tortilla</i>
43. <i>panza</i>	44. <i>fajitas</i>
45. <i>chile colorado</i>	46. <i>tamales</i>
47. <i>menudo</i>	

Source: Produced by the author

This study found that intrasentential code-switching was the most frequently occurring type in *How to Tame a Wild Tongue*, with 52 instances observed. The two classifications of code-switching complement Anzaldúa's theoretical framework on borders, as intersentential code-switching, in particular, embodies the borders present in life, although they are not always apparent. On the other hand, intrasentential code-switching reflects the author's pursuit of a more fluid approach to navigating between languages. Through her work, Anzaldúa not only refers to borders but also creates and dismantles them by shifting between languages throughout the text, providing valuable insight into the complexities of bilingual communication.

## 3.2 Contextualized code-switching

### 3.2.1 To address value judgments

*How to Tame a Wild Tongue* features four distinct categories of code-switching occurrence. The first pertains to applying it to address value judgments. In these circumstances, quotation marks are not consistently present; however, the context within which these judgments arise indicates that they do not represent the author's viewpoint.

- ***En boca cerrada no entran moscas.*** “Flies don't enter a closed mouth” is a saying I kept hearing when I was a child.
- ***Muchachitas bien criadas,*** well-bred girls don't answer back
- ***Hocicona, repelona, chismosa,*** having a big mouth, questioning, carrying tales are all signs of being *mal criada*.
- ***Es una falta de respeto*** to talk back to one's mother or father.

We're afraid the other will think we're ***agringadas*** because we don't speak Chicano Spanish.

In the following example, Anzaldúa enclosed the term “accent” within quotation marks, given that it constitutes a recurring topic of discussion among individuals of Chicano origin. This discussion pertains to the point of view of individuals' inclination to conform to a notion of standard English and accent.

*Qué vale toda tu educación si todavía hablas inglés con un “accent”.*

### 3.2.2 To refer to identity

Most of the terms regarding identity allude to Anzaldúa's social groups. However, the term “norteamericano” did not refer to the author but to North American culture within the context. Applying the term to comment about her would be plausible in another context, as she was also a North American.

- “***Nosotras;***”
- ***Nosotros;***
- ***Mexicanas y latinas;***
- ***Nosotros los*** Chicanos straddle the borderlands;
- Among ourselves we don't say ***nosotros los americanos, o nosotros los españoles, o nosotros los hispanos;***
- We say ***nosotros los mexicanos*** (by *mexicanos* we do not mean citizens of Mexico; we do not mean a national identity, but a racial one);
- We distinguish between ***mexicanos del otro lado*** and ***mexicanos de este lado;***
- ***Mestizo*** when affirming both our Indian and Spanish (but we hardly ever own our Black ancestry);
- ***Raza*** when referring to Chicanos;
- ***Tejanos*** when we are Chicanos from Texas;
- ***Los Chicanos,*** how patient we seem, how very patient;



- We know what it is to live under the hammer blow of the dominant *norteamericano* culture;
- *Nosotros los mexicanos-Chicanos*;
- We, the *mestizas* and *mestizos*, will remain.

### 3.2.3 Description

The third category of analysis provides an external perspective on the Chicano population's identity, which highlights how individuals outside of this community perceive it.

- *Humildes* yet proud, *quietos* yet wild
- *Deslenguadas. Somos los del español deficiente.*
- We are your linguistic nightmare, your linguistic aberration, your linguistic *mestisaje*, the subject of your *burla*.

### 3.2.4 To mention food

Anzaldúa's work illuminates the deep connections between food, its scent, and personal identity. Drawing from her experiences with cuisine and familial ties, she used Spanish names of traditional Mexican dishes instead of seeking English translations.

- My sister Hilda's hot, *spicy menudo, chile colorado* making it deep red, pieces of *panza* and hominy floating on top.
- My brother Carito barbecuing *fajitas* in the backyard.
- I can see my mother spicing the ground beef, pork, and venison with *chile*. My mouth salivates at the thought of the hot steaming *tamales* I would be eating if I were home.

## 3.3 Identity-reflective code-switching

This section endeavors to expound on the concept of identity-reflective code-switching employed by Anzaldúa. It is essential to note that specific textual elements, including pronouns, adjectives, and even food nomenclature, may serve to exemplify issues germane to identity.

If a person, Chicana or Latina, has a low estimation of my native tongue, she also has a low estimation of me. Often with *mexicanas y latinas* we'll speak English as a neutral language. Even among Chicanas we tend to speak English at parties or conferences. Yet, at the same time, we're afraid the other will think we're *agringadas* because we don't speak Chicano Spanish. We oppress each other trying to out-Chicano each other, vying to be the "real" Chicanas, to speak like Chicanos. There is no one Chicano Language just as there is no one Chicano experience (ANZALDÚA, p. 39).

The above paragraph highlights that the Chicano experience and language are diverse and multifaceted. Anzaldúa's book incorporates various forms of expression, such as poetry, narratives, and languages, to explore and deconstruct her identity. The author values her native languages and recognizes their power to provide a unique means of expression that challenges dominant discourses.



Anzaldúa utilizes code-switching as a linguistic strategy to elevate the adopted language and eliminate its marginalization. According to Schmidt (2011), Chicano literature views Spanish as a means of reclaiming their community and recognizes that it is not subordinate to English. Both languages are crucial in the overall context of the work. In the preface of *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987), Anzaldúa explains that her aim with code-switching is to reflect the amalgamation of languages that contribute to the formation of “her” language, a hybrid language spoken in the Borderlands.

*Nosotros los Chicanos* straddle the borderlands. On one side of us, we are constantly exposed to the Spanish of the Mexicans, on the other side we hear the Anglos’ incessant clamoring so that we forget our language (ANZALDÚA, p. 44).

Certain individuals evince a reluctance to abandon the Spanish language despite the pressure from American society to prioritize English. For Chicanos, the Spanish language is an integral aspect of their cultural identity. Anzaldúa (1987, p. 64) asserts: “When other races have given up their tongue, we’ve kept ours. We know what it is to live under the hammer blow of the dominant *norteamericano* culture.” Despite facing prejudice and hostility from those who hold biases against “non-standard” languages and individuals who do not conform to American norms, Chicanos continue to resist by preserving their language and cultural heritage.

The text examines the linguistic struggles experienced by Chicanos concerning their speech patterns. They are often the subject of critical scrutiny for their manner of speaking and for “not conforming” to strict academic and social protocols. Even their fellow Spanish speakers attempt to constrain Chicanos with a set of academic rules. Consequently, they frequently question whether they should modify their accent or exclusively speak in English.

Therefore, individuals who have been immersed in Chicano Spanish may experience a sense of linguistic inadequacy due to the cultural, racial, and linguistic attacks they encounter:

*Deslenguadas. Somos los del español deficiente.* We are your linguistic nightmare, your linguistic aberration, your linguistic *mestisaje*, the subject of your *burla*. Because we speak with tongues of fire we are culturally crucified. Racially, culturally and linguistically *somos huérfanos* - we speak an orphan tongue (ANZALDÚA, p. 38).

Individuals raised in a Chicano Spanish-speaking environment may experience feelings of inadequacy towards their language due to the cultural, racial, and linguistic criticisms that they face. Such negative associations may lead to division and conflict among Chicanos as they use their linguistic differences against one another. While they strongly resist being “agringadas” for not speaking Chicano Spanish, they also try to conform to the accepted standard language.

The following passage delves into the acceptability of Chicano Spanish and determines that it is not incorrect. Instead, it has developed, incorporating words from various languages and creating new terms. As its speakers, Chicano Spanish embraces its diverse heritage and abstains from adhering to a single linguistic tradition.



But Chicano Spanish is a border tongue which developed naturally. Change, *evolución, enriquecimiento de palabras nuevas por invención o adopción* have created variants of Chicano Spanish, *un nuevo lenguaje. Un lenguaje que corresponde a un modo de vivir*. Chicano Spanish is not incorrect, it is a living language (ANZALDÚA, p. 35).

According to Auer's (1995) research, language preferences that individuals exhibit during conversation may reveal the identity they intend to convey to their conversational partners. In other words, Chicanos and Anzaldúa utilize code-switching to present the dynamic nature of their social identities (as they navigate a multifaceted sociolinguistic environment).

Anzaldúa is arguing for the ways in which identity is intertwined with the way we speak and for the ways in which people can be made to feel ashamed of their own tongues. Keeping hers wild - ignoring the closing of linguistic borders - is Anzaldúa's way of asserting her identity (ANZALDÚA, 1987, p. 33).

Finally, Anzaldúa employs code-switching as a medium of communication with her readers and a tool for reflecting her identity. In line with Hall's (2015) viewpoint, identities are not static but constantly evolve and transcend time and space. Gloria Anzaldúa's adoption of code-switching, which disregards linguistic and other boundaries in her life, demonstrates her acceptance of emphasizing how the concept of hybridity is inherent in both her words and her life. The author resists through the use of Spanish and English while maintaining a deep connection to her roots.

## Conclusion

In summary, the current study investigated the occurrence of code-switching in the analyzed excerpts of *How to Tame a Wild Tongue*. The findings indicate that intrasentential code-switching was the most frequent type, supporting Poplack's (1980) hypothesis that it is common among native speakers. The total number of code-switching instances was 14 for intersentential and 52 for intrasentential.

Furthermore, the study identified similar contexts in which Anzaldúa employed code-switching. The author used it to convey value judgments, reference identity, describe Chicanos, and discuss food. It supports the idea that code-switching is not a random practice but a deliberate one, as the author demonstrated that she used these patterns to switch between different codes.

In light of the analysis, the author's utilization of code-switching extends beyond its communicative function and manifests in a more profound form of identity-reflective code-switching. The author emphasizes the importance of language to gain acceptance of her true self. Anzaldúa's adaptability in navigating between languages and her cultural background exemplifies her unique identity as someone who embodies a sense of hybridity. Despite the challenges of navigating between different groups without complete acceptance, she embraces the opportunity to appreciate the differences to enhance her personal growth and language acquisition.



## CONFLICT OF INTEREST

The author has no conflicts of interest to declare.

## REFERENCES

- ANDRADE, Manoel. Los Chicanos. **Hispanista**, v. 14, n. 52. p. 1-13, 2013.
- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: the new mestiza**. 1. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- AUER, Peter. The Pragmatics of Code-switching: A Sequential Approach. In: MILROY, Lesley; MUYSKEN, Pieter (Orgs.). **One Speaker, Two Languages: Crossdisciplinary Perspectives on Code-switching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 115-135.
- BHABHA, Homi K. **The location of culture**. Routledge: London/New York, 1994.
- BERNIUS, Micaela. Linguistic Terrorism in Borderlands, Comfort Woman, and The Handmaid's Tale. In: UNIVERSITY OF NORTH GEORGIA ANNUAL RESEARCH, XXIII 2015. **Collection**. Dahlonega: University of North Georgia, 2018. Retrieved from: <<https://digitalcommons.northgeorgia.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1843&context=ngresearchconf>>. Access date: Sep. 22, 2022.
- BERRY, Alaina. **The Effects of Code-Switching: How Bless Me, Ultima Explores Chicano Culture and American Identity**. Undergraduate thesis (Bachelor in English) – Ashland University, Ashland, 2015.
- CANTONE, Katja F. **Code-switching in bilingual children**. Dordrecht: Springer, 2007.
- EXTRA, Guus; VERHOEVEN, Ludo. **The cross-linguistic study of bilingual development**, 1994.
- HALL, Stuart. Cultural Identity and Diaspora. In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura (Orgs.). **Colonial discourse and post-colonial theory**. Routledge, 2015. p. 392-403.
- KOBAN, Didem. Intra-sentential and inter-sentential code-switching in Turkish-English bilinguals in New York City, US. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 70, p. 1175, 2013.
- LO, Kwan Ngai Vivian. **Cultural identity and code-switching among Chinese immigrant students, parents and teachers**. Doctoral Thesis (Faculty of Education) – Burnaby, Simon Fraser University, 2007.
- MENA, Mike. Linguistic terrorism/"How to tame a wild tongue" by Gloria Anzaldúa (1987). **YOUTUBE**, New York, Nov. 22, de 2021. Retrieved from: <<https://www.youtube.com/watch?v=hn-S6Ky4eUU>>. Access date: Jul. 01, 2022.
- MIKAHAL, Iyad Ahmad Hamdan. **Code switching as a linguistic phenomenon among Palestinian English Arabic bilinguals with reference to translation**. Master thesis (Master of Applied Linguistics and Translation) – An-Najah National University, Nablus, 2016.
- NAVARRO, Michelle. Moving Beyond the Chicano Borderlands. **YOUTUBE**, Dallas, Nov. 04, 2018. Retrieved from: <[https://www.ted.com/talks/michelle\\_navarro\\_moving\\_beyond\\_the\\_chicano\\_borderlands](https://www.ted.com/talks/michelle_navarro_moving_beyond_the_chicano_borderlands)>. Access date: Feb. 14, 2022.
- MOZZILLO DE MOURA, Isabella. Motivações para a alternância de código no discurso bilíngue. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, p. 51-67, 1997a.



MOZZILLO DE MOURA, Isabella. **Traição linguística e lealdade cultural. A alternância de código no discurso bilíngue.** Master's thesis (Master of Arts) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 1997b.

SCOTTON, Carol Myers. **Social motivations for codeswitching: Evidence from Africa.** New York: Clarendon Press, 1993.

POPLACK, Shana. Sometimes I'll start a sentence in spanish y termino en espanol: toward a typology of code-switching. **RESEARCH GATE**, New York, January 1980. Retrieved from: <[https://www.researchgate.net/publication/249932906\\_Sometimes\\_I'll\\_start\\_a\\_sentence\\_in\\_Spanish\\_Y\\_TERMINO\\_EN\\_ESPANOL\\_toward\\_a\\_typology\\_of\\_code-switching\\_1](https://www.researchgate.net/publication/249932906_Sometimes_I'll_start_a_sentence_in_Spanish_Y_TERMINO_EN_ESPANOL_toward_a_typology_of_code-switching_1)>. Access date: May 07, 2022.

POPLACK, Shana. Code-switching: linguistic. *In*: SMELSER, Neil J.; BALTES, Paul B. (Orgs.). **International encyclopedia of the social and behavioral sciences.** New York: Elsevier, 2001, p. 2062-2065.

RUMBERGER, Russell W.; LARSON, Katherine A. Toward explaining differences in educational achievement among Mexican American language-minority students. **Sociology of education**, p. 68-92, 1998.

SCHALL, Janine. Codeswitching: Why Do It? **WORLDS OF WORDS**, Edinburg, May 15, 2012. Available at: <<https://wowlit.org/blog/2012/05/15/codeswitching-why-do-it/>>. Accessed: Jul. 02, 2022.

SCHMIDT, Margaret. The limitations of code switching in Chicano/a literature. **Young Scholars in Writing**, v. 8, p. 40-51, 2011.

SULLIVAN, Major Patrick. **Manifest injustice: a critical analysis of the Mexican-American war.** Master's thesis (Master of Defence Studies) – Canadian Forces College, Toronto, 2012.

TEEMANT, Annela. & Pinnegar, Stefinee E. **Understanding Language Acquisition Instructional Guide.** Provo: Brigham Young University-Public School Partnership, 2007.





## Maria Teresa Tedesco e Lurdes Moutinho entrevistam Márcia Machado Vieira, Professora Dr<sup>a</sup>. de Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Maria Teresa Tedesco and Lurdes Moutinho interview Márcia Machado Vieira, Associated Professor of Linguistics at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ)

Nossa entrevistada é a Professora Márcia Machado Vieira, Professora de Linguística da UFRJ, uma *sociolinguista em movimento*, de coração e de alma, desde a Iniciação Científica no curso de graduação da UFRJ. De coração, porque valoriza a diversidade linguística, tendo sido movida por ela! De alma, porque, mesmo em espaços em que, juram alguns, não há variação linguística, ela percebe variação.

Márcia Machado Vieira desafia o leitor, ao longo desta entrevista, a entender a que espaços se refere. Com todo o seu entusiasmo, afirma que “movência é um traço pessoal! Transversalidade científica é um traço que percebo nos meus rumos em ciência e no fato de que, para alguns, não sou tão facilmente categorizável.” Maleabilidade e dinamicidade são palavras-chave em Sociolinguística e no seu fazer científico.

**MATRAGA | Quem é a pesquisadora Márcia Machado Vieira, no contexto da Sociolinguística brasileira?**

**MMV |** Para essa caracterização, vou fazer uma breve síntese de alguns caminhos científicos. Já fui sociolinguista *de carteirinha*, ou melhor, de raiz laboviana. Tenho artigos e trabalhos em fonética-fonologia e morfossintaxe com esse perfil. Até o início de meu curso de Mestrado, segui uma trajetória sociolinguística variacionista, relativamente similar à de muitas outras pesquisas que são reconhecidas como vinculadas a essa área, mas já mostrava preocupações sociofuncionalistas. Em minha dissertação de Mestrado, por exemplo, abordei a variação das formas pronominais *nós* e *a gente* e também a flexão de número singular ou plural de verbos em relação a essas formas, ou seja, tanto o fenômeno de referenciação por pronome quanto o de concordância verbal, ambos, em alguma medida, ligados à 1<sup>a</sup> e à 3<sup>a</sup> pessoas discursivas e até à 2<sup>a</sup>. Na dissertação, já assumo inclinação sociofuncionalista, embora sem me categorizar(em) como sociofuncionalista, ao também me preocupar com variáveis funcionais, na tentativa de capturar

as associações mais frequentes entre variantes e certos atributos condicionantes (formais e funcionais). Na pesquisa de doutoramento, volto-me significativamente para a polifuncionalidade de verbos sob orientação da sociolinguista Dra. Silvia Brandão, tema que, em certa medida, foi desencadeado por uma das variáveis funcionais da dissertação, a influência da semântica associada ao tipo verbal no emprego pronominal.

É a partir de questões formuladas nesse processo de pesquisa que tem início o Projeto *Predicar* – Formação e expressão de predicados complexos (e predicções)<sup>1</sup>, hoje com mais de vinte anos de existência. No contexto de estudos nesse projeto envolvendo comparações com línguas românicas (especialmente, francês e espanhol) e de interações cada vez mais intensas com a colega da Université Paul-Valéry Montpellier 3, Dra. Vanessa Meireles, delinea-se o Projeto *Variar* – Variação em Línguas Românicas<sup>2</sup>. Interesses de investigação nesses dois projetos, ligados a um repositório digital de coleções de dados, levam-me a interagir, de perto, com pesquisadores da Ciência da Computação e da Ciência da Informação. Assim, hoje também sou uma sociolinguista que se importa com diálogos e formação na área de Bancos de dados, Repositórios, *Web Semântica*, algoritmos para o processamento de linguagem, por exemplo. Com isso, um perfil que também se avizinha a esses outros é o de sociolinguista computacional.

Todo esse percurso científico sustenta-se em análise empírica (qualitativa e quantitativa) de fatores formais e funcionais que incidem sobre o emprego de unidades construcionais da língua, seja por metodologia de observação de dados, seja por metodologia de pesquisa experimental. Por isso, dois projetos que atualmente têm tomado minha atenção são: Portal digital *inCorpora* – Portal digital de estados de coisas em Português e em línguas românicas a variar e ensinar<sup>3</sup>, que conta com apoio financeiro das agências CNPq (409043/2021-4) e FAPERJ (SEI-260003/003571/2022); Plataforma da Diversidade Linguística Brasileira<sup>4</sup>, que tem o apoio institucional do GT de Sociolinguística da Anpoll, em cuja gestão estive de 2018-2023, e da Abralín. O Projeto Plataforma da Diversidade Linguística Brasileira conta com a coordenação da Dra. Juliana Bertucci Barbosa (UFMT-Uberaba), Dra. Márcia dos S. Machado Vieira (UFRJ), Dr. Miguel Oliveira Jr. (UFAL) e Dra. Raquel Meister Ko Freitag (UFS), e com a participação de pesquisadores da Abralín de diferentes comissões estratégicas e científicas.

Por fim, gostaria de ressaltar que sou fruto da vivência de educação formal (seja como aluna, seja como docente), construída em espaços públicos de ensino e de experiência científica que se concretiza por ações e interações principalmente em instituições acadêmico-científicas públicas de ensino, embora não só. Interações com o Grupo de Trabalho de Sociolinguística da Anpoll, a Comissão Científica da Área de Sociolinguística da Abralín, a equipe de pesquisadoras do Centro de Referência do Museu da Língua Portuguesa e a equipe de pesquisadores do GO FAIR BRASIL, especialmente a da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), da UFRRJ e da UFRJ, do GRECO (Grupo de Engenharia do Conhecimento/PPGI/UFRJ), têm contribuído muito significativamente para meu perfil atual de (socio)linguista.

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>>.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://variar.wixsite.com/variar>>.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://portalincorpora.org>>.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/projeto-plataforma-diversidade-linguistica-brasileira/>>.



No cenário atual, sou uma sociolinguista que concebe língua como uma gramática de construções (pareamentos de forma-função interconectados) e, portanto, sou socioconstrucionista. Com esse perfil, tenho dedicado especial atenção a tratar da (in)visibilidade do fenômeno de variação linguística por similaridade no âmbito de estudos construcionistas (nessa temática, tenho contado com algumas parcerias, entre as quais, a do Dr. Marcos Luiz Wiedemer/UERJ, da Dra. Pâmela Fagundes Travassos/UFRJ e a do Dr. Sávio André de Souza Cavalcante/UFC) e de empreender descrições de fenômenos de conceptualização de predicação verbal, intensificação-atenuação, futuridade, modalidade, temporalidade, aspectualidade, causatividade-resultatividade, entre outros.

Sou alguém com a experiência do diálogo com sociolinguistas brasileiros, por conta dos cinco anos de atuação como coordenadora do GT de Sociolinguística da Anpoll (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras Vernáculas), por causa da atuação na Coordenação da Comissão Científica da Área de Sociolinguística da Abralín. Em razão de demandas manifestas nesses espaços de interação em prol da popularização de nossos fazeres e achados científicos, cada dia mais venho envolvendo-me com projetos que têm um olho na sociedade em geral (e não só acadêmica): Projeto *Festival Brasil multicultural e multilíngue* e Projeto *Inovação na Ponta da Língua*. Este, por sua vez, já se volta para ações fora do espaço universitário: SNCT (Semana Nacional de Ciência e Tecnologia) e em construção, via UFRJ na Ciência e Tecnologia, para espaços como a Nave do Conhecimento da Penha da SME-RJ e escolas públicas.

Nessa tentativa de me olhar no espelho a partir de sua pergunta, acabei por perfilar ações e interações caracterizadoras de uma sociolinguista, que, do meu ponto de vista, está afeita a pôr em prática transversalidades (científicas, disciplinares, institucionais).

**MATRAGA** | Em nosso país, temos uma vasta diversidade linguística. Prevalece, entretanto, o entendimento de que o Brasil é um país monolíngue. Como professora e pesquisadora, pode apontar (algumas) causas desta visão monolíngue?

**MMV** | Minha percepção, talvez otimista, é a de que, a cada dia que passa, mais se alastra a perspectiva de pluralidade de culturas, línguas e normas. Há empenho e interesse do mundo acadêmico, científico, digital, midiático, turístico, entre outros, nisso, embora, para a imensa população brasileira desprovida de seus direitos fundamentais (salário digno, luz, internet, infraestruturas de educação e saúde, seguranças física e alimentar) e mesmo para parte da provida, prevaleça a ideia de monolingüismo.

Como me pergunta a respeito das causas dessa ótica de monolingüismo, vou ao que me parece crucial, para, depois, voltar a perspectivar o que me leva a esse horizonte de multilingüismo à vista.

Uma causa estrutural é a invisibilização de fenômenos de variação linguística (nesta, perspectivo similaridade ou quase sinonímia, referindo-me, aqui, a formas e unidades alternantes de conceptualizar e dizer algo, e não a diferenças) em contextos de standardização linguística. Muitos, inclusive professores de língua portuguesa, concebem variação como algo externo a gramáticas normativas. Basta consultar uma gramática normativa com “olhos de ver” (expressão



que uso nas minhas aulas de morfossintaxe da língua portuguesa), para encontrar na gramática, também chamada de tradicional, a acolhida de formas variantes de indeterminação do sujeito (*precisa-se de mais funcionários no setor / precisam de mais funcionários no setor*), de flexão do verbo antecedido de sujeito chamado de partitivo [por exemplo, *uma parte das pessoas percebe(m)*], de marcação de aspecto contínuo [*estar a assistir/estar assistindo*], entre outras. Um professor ou um gramático que não percebe que, até quando prescreve, pode valer-se de variantes linguísticas (pondo em foco o fenômeno de variação linguística, inerente a qualquer língua ou variedade), ainda que sejam as convencionalizadas em contextos de letramento, tem o potencial de levar seus alunos ou leitores a acharem que variação é algo externo a ambientes de padronização. Outra, ainda estrutural, é a descrição de norma culta padrão de língua centrada em experiências linguísticas ou numa imagem coletiva dessas experiências relativas à região sudeste do Brasil ou ao eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Por muito tempo e ainda hoje, muitas descrições didático-pedagógicas (livros, gramáticas) priorizam variantes das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro como referências de uso exemplar da língua. Por desconhecimento das variantes de outras regiões ou por preconceito em relação a essas variantes, passa-se adiante a ideia de que a língua portuguesa se limita a uma parcela de unidades linguísticas e combinações de unidades observáveis numa região do país ou atribuídas, impressionisticamente, a esta. Isso não acontece apenas em terras brasileiras! Há significativa desatenção à riqueza das manifestações de uso da língua portuguesa em vários espaços do mundo em que a língua portuguesa é falada/escrita, descrita e/ou ensinada.

Uma causa é psicológica e cognitiva. Nem sempre as pessoas se dão conta de que a língua e suas variedades estão (re)organizando-se sempre em micro/nanopassos, dada a unidade e a estabilidade linguísticas que promovem intercomunicação. Essa (re)organização ocorre por conta da conexão entre língua, sociedade e cognição e da atuação, nos processos de conceptualização e realização linguísticas, de forças histórico-sócio-culturais, pragmático-discursivas, cognitivas, afetivo-emocionais, identitárias. Em nosso conhecimento linguístico vão ficando armazenadas as unidades de forma e função (mais ou menos complexas) e modos de combinação e compatibilização que são convencionalizada(o)s com base nas mais diversas práticas sociocomunicativas e interações de nossa experiência. Nesse processo, lidamos com (des)atenção e (in)consciência. Há unidades e combinações de unidades que podem escapar à atenção de um analista (professor, linguista, gramático). Isso pode acontecer pelo conjunto de amostras de dados a que o analista tem acesso na sua experiência como usuário e/ou profissional da área de língua (às vezes, restrita), pela falta de consciência sobre um fenômeno em uso, por uma atitude de servidão (in)voluntária ao que está posto e ao que é rotineiro e esperado; pela desatenção ao uso em prol de uma atenção (calculada) a uma tradição engessada (de prescrições), pela insegurança de estar no papel de descrever ou usar um fenômeno linguístico para o qual não encontra descrição anterior, por pressão de leigos (famílias dos estudantes, jornalistas, pessoas fora da área de Letras e Linguística) que geralmente balizam suas demandas no conjunto de concepções e expectativas sobre língua que constituem o imaginário coletivo, por muitos motivos.

Uma causa política está na relação entre língua e poder. Atos de linguagem são atos de comunicação e de poder. As comunidades manifestam-se por linguagem em relações discursivas



entre sujeitos as quais implicam um jogo de forças na construção de subjetividades nas esferas político-sociais. As línguas podem ser meios de dominação, exclusão, inferiorização, apagamento. A eleição, hierarquização e obrigatoriedade de uma das normas da língua portuguesa é definida e mantida geralmente por uma parcela privilegiada da sociedade com acesso a espaço de poder (cultural, econômico, educacional). Embora se contraponha à dinâmica de sociedade, cultura e língua plurais e mescladas, esse movimento potencializa fronteiras, marginalização e inacessibilidade de outra parcela, que, em alguma medida, convêm a um ou mais sistema(s) de poder.

Agora, voltando à projeção de percepção do multilinguismo no Brasil, penso que isso é capitaneado por intensa difusão de informações na era digital, por interesses financeiros no diferencial das comunidades em termos turísticos (há investimento do setor privado em espaços museológicos, na região amazônica – onde há muitas línguas diferentes do português), no diferencial em propostas de programas televisivos, por interesses tecnológicos em linguagem cada vez menos artificial na era da Inteligência Artificial. Dá-se também, em razão do reconhecimento, a partir do decreto número 7.387, à legislação de Estados e Municípios do poder de definir línguas co-oficiais à língua portuguesa e a Libras, que é, sem dúvida, um passo importante no sentido da percepção da diversidade de línguas no Brasil.

O decreto número 7.387, de 9 de dezembro de 2010, institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística, sob gestão do Ministério da Cultura, “como instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. A pluralidade linguística brasileira é reconhecida nesse decreto presidencial, na Constituição Federal Brasileira e em outros dispositivos constitucionais.

O lançamento da Constituição Federal brasileira traduzida para o Nheengatu, em 2023, e a posse de Ailton Krenak, em 2024, na Academia Brasileira de Letras estão em sintonia com essa virada em prol da construção de uma pluralidade de cultura e língua e da percepção da heterogeneidade como patrimônio a ser salvaguardado com cuidado, respeitado e valorizado. A questão é quem, no Brasil, tem acesso a esse encaminhamento e por que meios. Os espaços educacionais, digitais, museológicos, jornalísticos e de comunicação de massa podem exercer influência sobre a sociedade em prol da conceptualização de nosso patrimônio plurilinguístico como bem valiosíssimo.

**MATRAGA** | Na sua perspectiva, que consequências essa visão, ainda predominante, sobre a realidade linguística brasileira, acarreta?

**MMV** | Consequências de uma visão do Brasil como país monolíngue são, por exemplo: desinformação; valorização de uma língua como oficial e prestigiosa e desvalorização ou estigmatização das demais; descaso, preconceito ou até repressão ou proibição em relação ao emprego de outras línguas; políticas públicas que efetivamente não incluem todos; exclusão de parcela significativa de indivíduos e grupos sociais de espaços de ação e interação, de poder, de disseminação de conhecimento; inviabilização de acesso amplo a serviços públicos e bens culturais.



Muito trabalho na área de Sociolinguística de Contato tem sido feito e/ou planejado, para desmistificar a ideia de Brasil monolíngue (que corresponde a uma concepção de sociedade brasileira uniforme e estática), para evidenciar que existem povos com domínio de outras línguas em nosso território e que este é plurilíngue, para sensibilizar e conscientizar a população que plurilinguismo é um patrimônio brasileiro.

Um espaço institucional, além do escolar, a colaborar para mudar a percepção monolíngue que ainda reina no Brasil é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional<sup>5</sup>. Um instrumento político-jurídico importante para a construção de uma visão multilíngue do país é, sem dúvida, o Inventário Nacional da Diversidade Linguística do Brasil, que promove o reconhecimento da diversidade de línguas como patrimônio cultural brasileiro, o mapeamento e o reconhecimento de línguas indígenas, de imigração, de sinais, afro-brasileiras, crioulas, além de variedades da língua portuguesa. Um espaço acadêmico-científico na área de Linguística também relevante é o das Comissões científicas e estratégicas: Diversidade, Inclusão e Igualdade; Línguas Ameaçadas; Línguas de Sinais; Línguas Indígenas; Políticas Públicas; Popularização da Linguística; Sociolinguística. Espaços museológicos também colaboram para transformar a percepção monolíngue da realidade brasileira: Museu da Língua Portuguesa<sup>6</sup>; Museu Paraense Emílio Goeldi<sup>7</sup>; Museu Nacional da UFRJ<sup>8</sup>; Museu das Culturas Indígenas<sup>9</sup>.

**MATRAGA | Em sua perspectiva como sociolinguista, ainda que possa ser polêmico, você considera que existe o racismo linguístico, termo cunhado por Gabriel Nascimento, em sua publicação de 2019? Por quê?**

**MMV |** Não li o livro de Gabriel Nascimento. Existe racismo expresso por linguagem, porque somos indivíduos que fazem parte de uma sociedade e são atravessados por memórias histórico-culturais e por memórias de práticas, formas e técnicas de linguagem associadas. Vivemos numa sociedade em que o racismo está enraizado em diversas dimensões (ambiental, institucional, tecnológica, literária, linguística), manifestamo-lo, com ou sem consciência, em algum grau. A Sociolinguística e outras áreas da Linguística ressaltam há bastante tempo a relação entre linguagem e sociedade.

Não desenvolvo pesquisa sobre o tema. Lembro que, certa vez no Projeto *Predicar*, uma orientanda que reunia dados de tuítes com emprego de lexemas de cores encontrou numa de suas buscas muitas ocorrências dos lexemas branco(a) e preto(a), em número muito maior do que as ocorrências de outras cores, porque empreendeu a coleta na rede social Twitter justamente em ocasião próxima à de mais um episódio de violência cometida por aparelho de Estado contra negro. Menciono isso como exemplo de como nos manifestamos linguisticamente movidos por nossa vivência e pelo nosso entorno sócio-político-cultural.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>>.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>>.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.museunacional.ufrj.br/>>.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://museudasculturasindigenas.org.br/>>.



Nossa apreensão do mundo baseia-se em processo perceptual-cognitivo de captura de similaridades e dissimilaridades em estímulos complexos, em categorização. As pessoas tendem a categorizar tudo, principalmente outras pessoas/outrem, e normalmente isso se dá como se a vida não fosse movimento e as pessoas não fossem seres diferentes, complexos, múltiplos e cambiantes por natureza. Afinal, domínio e controle sociais passam também pela contenção do que escapa a algum(a) categoria, perfil ou conduta socialmente eleito(a) ou do que pode causar algum desconforto a um estado de coisas convencionalizado e esperado, enfim, pela contenção do que é diferente (a partir de alguma ótica).

Expressamo-nos por linguagem, verbal ou não verbal. Nem tudo o que perspectivamos sobre nós ou sobre outrem se manifesta por meio de língua. Supõe-se, em geral, que, por língua, expressamos toda a nossa intencionalidade. Quantas vezes o que vocalizamos ou escrevemos é diferente de nossa intenção comunicativa ou é processado de modo diferente desta! Esta, às vezes, ou só é acessada via expressão corporal ou nem acessada é! Uma postagem<sup>10</sup> que vi compartilhar recentemente no Facebook dá uma boa noção da complexidade envolvida nas manifestações linguísticas que destaco nesse comentário final (autor desconhecido):

ENTRE LO QUE PIENSO,  
LO QUE QUIERO DECIR,  
LO QUE CREO DECIR,  
LO QUE DIGO,  
LO QUE QUIERES OIR,  
LO QUE OYES,  
LO QUE CREES ENTENDER,  
LO QUE QUIERES ENTENDER  
Y LO QUE ENTIENDES  
 Existen 9 posibilidades  
 de no entenderse.

**MATRAGA | Para a pesquisadora, quais são os direitos linguísticos? Como cidadãos/ cidadãs, podemos pô-los em prática?**

**MMV |** Entre os direitos linguísticos de cada cidadão estão:

- aprender e desenvolver sua língua materna e variedades dela;
- expressar-se, conhecer e produzir conhecimento em língua materna;
- preservar, por meio dela, memória, identidade, laços de pertença e de cultura;

<sup>10</sup> Postagem em: <<https://www.facebook.com/LiteraturaYPsicoanalisis>: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=985502626270959&set=a.646592153495343>>. [10 de abril de 2024]

- usá-la e/ou acessar informações, por meio dela, em contextos sociais, culturais, políticos, jurídicos, econômicos, educacionais, científicos, turísticos;
- processar e entender, por meio dela ou de intervenção de intérprete dela, informações, demandas, direitos e deveres, bem como pôr em prática direitos e deveres;
- acessar, por meio dela, educação formal, serviços públicos, bens, aparelhos e fontes culturais (inter)nacionais;
- aprender uma segunda ou terceira língua, já que conhecimento de língua estrangeira passou a ser habilidade discursiva profissional e/ou tecnológica.

A língua participa de várias dimensões da vida em comunidade. Cabe ao Estado proteger as manifestações multiculturais e multilinguísticas no Brasil e, assim, zelar pelo processo civilizatório nacional. As recentes políticas de ações afirmativas ligadas a reconhecimento e promoção de línguas faladas por grupos minoritários ou minorizados têm fundamento constitucional. Um dispositivo constitucional nesse sentido é, por exemplo, o artigo 210 da Constituição Federal Brasileira:

Art. 210.

§ 2º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Como cidadãos/cidadãs, podemos exigir que as formas de expressão de nosso patrimônio cultural heterogêneo sejam conhecidas, respeitadas, inventariadas, documentadas, cuidadas, preservadas e transmitidas para outras gerações e valorizado via políticas estratégicas do Estado.

Para tanto, podemos recorrer a (inter)ações políticas junto a nossos representantes políticos e ao Iphan/Ministério da Cultura, a ações e intervenções educacionais (formais e não formais) junto a museus de língua (no Brasil e fora do Brasil), instituições de ensino, associações de ciência, espaços de popularização científica (entre os quais a revista *Roseta/Abralin*<sup>11</sup>), espaços midiáticos e audiovisuais, por exemplo.

Politicamente, já há movimento, na sociedade, de debate em prol de opções por linguagem simples ou, melhor, acessível, especialmente em situações que dizem respeito a direitos e deveres na sociedade e a entidades de administração pública dos entes federativos. O projeto de lei 6256/2019, da autoria de Erika Kokay (PT-DF) “institui a Política Nacional de Linguagem Simples nos órgãos e entidades da administração pública direta e indireta de todos os entes federativos”. Ocorre que, por um lado, define linguagem simples por emprego de frases curtas, organização de orações em ordem direta, desenvolvimento de uma ideia por parágrafo, por exemplo; por outro, impõe proibição a empregos não previstos no conjunto de regras gramaticais consolidadas (formas de flexão de gênero associadas a uma marcação neutra, por exemplo)

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.roseta.org.br/>>.



e orientação pelo Vocabulário Oficial da Língua Portuguesa. O que serve de referência de gramática consolidada?

Juridicamente, é possível, por exemplo, acionar a justiça em situação na qual uma pessoa seja submetida a tratamento depreciativo, desrespeitoso, vexatório, desonroso, humilhante, a ponto de atingir sua dignidade, honra e moral, por conta de seu modo de se manifestar linguisticamente. No direito penal brasileiro, há tipificação de crime de injúria e difamação para conduta que consiste no ato de ofender a dignidade de alguém, a honra subjetiva do indivíduo.

Academicamente, é possível explorar o espaço da extensão universitária como caminho para operar, na sociedade em geral, uma mudança de ótica no sentido da percepção da língua portuguesa como uma entre outras línguas oficiais brasileiras, da norma culta padrão/exemplar dessa língua como uma entre outras variedades socialmente convencionalizadas e legítimas.

No GT de Sociolinguística da Anpoll, entendemos que um caminho nesse sentido é o do Projeto *Festival Brasil multicultural e multilíngue*, que, em linhas gerais, já se delineia como um espaço de intercâmbio entre (i) pesquisadores, professores e estudantes de várias áreas do saber (língua, literaturas, cinema, artes, dança, música, matemática, tecnologia, turismo, moda, teatro, por exemplo) e (ii) famílias e pessoas da sociedade em geral sobre a transversalidade da linguagem nas mais diversas manifestações e domínios socioculturais (letras de música, HQ, tweets, textos jornalísticos, mitos, provérbios, atlas linguísticos, linguagem processada em inteligência artificial). Recentemente esse projeto foi apresentado em ação do GT de Sociolinguística da Anpoll na 5ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia e Inovação (5ª CNTI, painel temático de 21 de fevereiro de 2024, em que se celebra a língua materna<sup>12</sup>.

### **MATRAGA | Você considera que as novas tecnologias nos impulsionam para a ampliação das variações linguísticas do português brasileiro? Por quê? Como?**

**MMV** | As novas tecnologias impulsionam-nos, sim, para a ampliação das variações linguísticas do português brasileiro (dentro e fora do Brasil) e outras variedades do Português no mundo. Uma razão é que temos cada dia mais acesso a dados de uso dessa língua usada por brasileiros por todo o mundo, haja vista a territorialidade de nossas interações e intervenções que agora também é digital, e não mais só mais física/geográfica. O acesso a mídias de comunicação digital (Facebook, Twitter, Instagram e WhatsApp), bem como a ferramentas de inteligência artificial (como o chatbot desenvolvido pela OpenAI) tem favorecido a percepção de variantes nos modos de expressão. Outra razão é a motivação alavancada pela ideia de identidade tecnológica combinada com a humana: é cada vez mais interessante pensar em linguagem, no campo da Inteligência Artificial, com sotaques e variantes, heterogeneidade linguística e identitária. O avanço de novas tecnologias, aplicativos e *games* também repercute no desenvolvimento de novas unidades linguísticas e estruturas de organização dessas unidades e na convencionalização e expansão de algumas, para além desse espaço de comunicação.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IPbbc8mhsuE>>.

É, por isso, que a necessidade de repositório digital de coleções de nosso patrimônio plurilinguístico é cada dia mais perceptível, valorizada e urgente. No âmbito do GT de Sociolinguística da Anpoll e da Comissão da Área Científica de Sociolinguística da Abralín, tem sido defendida a atenção estratégica a isso, que, na minha opinião, deveria ser política de Estado. Há, cada vez mais, museus digitais de língua no mundo: Museu Virtual da Lusofonia<sup>13</sup>; The National Museum of Language<sup>14</sup>; Digital Museum of Chinese Language<sup>15</sup>. O interesse por línguas e diversidade linguística vem aumentando.

### **MATRAGA | Pensando na escola básica e em todas as polêmicas que circundam o ensino de Língua Portuguesa, como, a seu ver, o/a docente deste nível de ensino pode integrar os conhecimentos e as práticas linguísticas, considerando os pressupostos da Sociolinguística?**

**MMV** | É sempre difícil responder à pergunta “Como?”, frequentemente feita. Essa pergunta é figurinha fácil em eventos acadêmico-científicos sobre a relação entre variação e educação/ensino. Para mim, não é à toa que isso acontece: não existe receita! É uma experiência (re)configurada a cada travessia, relação professor-estudantes, público-alvo (turma de estudantes), que passa pelas literacias sociocultural, discursivo-pragmática, linguística e emocional. Para fazer sentido, a educação tem de partir de um relacionamento individualizado que promova a passagem progressiva de um estudante de uma condição a outra, para contribuir para a compreensão de si e dos outros com que interage e para sua integração a grupo(s) e à sociedade em geral. Geralmente, o que percebo é um olhar das turmas de alunos a partir de um prisma de anulação do que é particular do grupo, em prol de espelhar e trabalhar o mesmo para qualquer que seja a turma. Naturalmente, essa forma de fazer é consequência de condições e sobrecarga de trabalho, entre outras causas (a dinâmica de repetir experiências prévias do processo de ensino-aprendizagem)!

O conhecimento é sempre, em alguma medida, uma representação baseada em memórias e experiências e passível de reconstrução. O processo de ensino (não só na escola básica) demanda alguns movimentos: atenção do professor ao comportamento linguístico dos alunos em cada grupo escolar, observação por parte dele dos usos que se manifestam nas modalidades orais e escritas de expressão dos estudantes, análise do que é frequente ou eventual e das condições formais e funcionais atreladas ao que é frequente ou eventual, comparação dos resultados dessa análise com os descritos/conhecidos sobre normas de uso (não só *standard*), entre elas também as de comunidades de prática em que os estudantes constroem suas identidades (família, vizinhança, bairro, cidade, escola, entre outros espaços). É pela língua que compreendemos o comportamento de uma comunidade de fala. É, portanto, desejável desenvolver uma visão que não mutile o objeto de conhecimento linguístico, tratando-o no conjunto das condições de variadas dimensões que afetam acesso, processamento e exploração de dados desse conhecimento.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.museuvirtualdalusofonia.com/>>.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://languagemuseum.org/>>.

<sup>15</sup> Disponível em: <[http://en.moe.gov.cn/news/press\\_releases/202303/t20230330\\_1053539.html](http://en.moe.gov.cn/news/press_releases/202303/t20230330_1053539.html)>.



Também não sei se conheço todas as polêmicas que circundam o ensino de Língua Portuguesa, mas o fato é que não existe outra possibilidade de tratar de conhecimentos de língua portuguesa sem integrá-los em práticas linguísticas. Qualquer tema gramatical/linguístico a explorar em sala de aula será visto em enunciados/textos relacionados a alguma prática sociocomunicativa (nem que seja por vínculo criado por conhecimento de mundo). Não é raro encontrar associações de variantes linguísticas (apenas) a situações estereotipadas: por exemplo, tirinhas do Chico Bento/*Turma da Mônica*, para exemplificar prática linguística não urbana; letra de música, do gênero *funk*, para exemplificar prática linguística não *standard*; trecho de oralidade, para exemplificar prática linguística distensa/informal; escrita ou fala do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, para ilustrar prática linguística brasileira. Com tantos estudos sociolinguísticos por todo o país, já passou da hora de ultrapassar isso! Há variação linguística em qualquer gênero ou espaço de prática comunicativa, inclusive nos que são, no imaginário coletivo, associados ao contexto de maior letramento. Variação linguística não está fora nem das práticas linguísticas (orais ou escritas) em contexto em que expectativas de uso de norma *standard* sobressaem!

Para tornar isso evidente, o professor pode, por exemplo, explorar variantes linguísticas em textos de gêneros diversos produzidos nas modalidades orais e escritas e em contexto de letramento e, assim, mostrar que a variação é inerente à língua. Para tanto, pode recorrer, por exemplo a: entrevistas que são disponibilizadas em canais do YouTube, em *sites* de programas de TV, em jornais e revistas de grande circulação no país; textos jornalísticos de fontes diversas (temáticos da área de língua e literatura ou gerais, de economia, de ciência, de medicina); textos acadêmicos de diferentes fontes (da área de Letras e Linguística ou de outras áreas do saber).

Nesse caso, pode buscar e fazer ver aos alunos, no comportamento linguístico real, exemplos diversos: usos variantes das formas pronominais (casos nominativo, acusativo e dativo); usos de recurso de indeterminação de referentes nas posições de sujeito ou complemento; predicadores verbais simples e complexos; recursos de intensificação, modalização e aspectualização, regência, concordância, para além de recursos lexicais e fonos variantes. O professor pode explorar, na diversidade de gêneros textuais e em espaços de interesse dos estudantes (como espaços de interação mobilizados por *games*, música, redes sociais), variantes linguísticas e, também, linguagem e inovações apoiadas em conhecimento gramatical prévio e sistemático (posto em ação).

Entendo que, além de uma pedagogia da variação, uma pedagogia do afeto, da humanização, pode colaborar para promover inclusão, autoestima, justiça social, com acesso, via língua, ao pleno conhecimento de direitos e deveres e autodidatismo. O desenvolvimento de um trabalho pedagógico efetivamente colaborativo, que envolve sujeitos que têm saberes sobre língua (recursos e modos de organização e combinação deles, ou seja, gramática), é o diferencial. O processo de integração de conhecimentos passa por interesse, acesso a experiências diversas, respeito, maturação, compreensão, sensibilidade e emoção/prazer. O que se aprende na Educação Básica tem de estar associado à maior qualidade de vida, à possibilidade de bem-estar numa sociedade cheia de expectativas sobre os indivíduos que nela interagem a todo tempo diariamente, e não só no espaço escolar e cheia de estruturas de resiliência.

**MATRAGA** | Os estudos sociolinguísticos podem contribuir para o ensino de variação linguística, ultrapassando a dicotomia entre registros de língua formal e informal vigente, majoritariamente, em materiais didáticos, indicados nos diferentes anos de escolaridade da escola básica. Você concorda? O que pode nos dizer sobre essa contribuição, como professora e pesquisadora?

**MMV** | Concordo que os estudos sociolinguísticos constituem contribuição fundamental para o ensino de variação linguística, para a compreensão de normas plurais do Português no mundo (em países em que é língua oficial e/ou segunda língua no/em Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Macau, por exemplo, ou em que é língua estrangeira), normas de referência *standard* em espaços de práticas comunicativas, registros (formal, informal, semiformal), entre outras categorias de apreensão de sistemas e subsistemas de estabilidades e variantes linguísticas. Geralmente, materiais didáticos associam norma culta padrão a contextos discursivo-pragmáticos em que há expectativa de formalidade.

Estudos sociolinguísticos mostram, há bastante tempo, que é possível ser formal sem recorrer a regras associadas à norma culta padrão (por exemplo, com seleção de unidades linguísticas formais que revelam deferência ao interlocutor em sentenças sem ordenação *standard* dos pronomes clíticos – ênclise a verbo no futuro do presente ou pretérito), do mesmo modo que é possível ser informal empregando regras de norma culta padrão (por exemplo, com emprego *standard* de concordância verbal e regência).

A raiz do problema dessa confusão pode estar na incompreensão ou na falta de segurança quanto ao que caracteriza cada dimensão de análise linguística (norma/variedade e registro) e ao complexo de propriedades que acabam por aproximar e até entrelaçar tais categorias.

**MATRAGA** | Não podemos “abrir mão” da experiência de nossa entrevistada- professora, considerando o tema deste número da revista. O que a professora pode nos dizer sobre o tema variação e mudanças nas línguas?

**MMV** | O tema variação e mudanças linguísticas lida com fenômenos essenciais à constante (re)organização da língua, ou seja, das unidades fonético-fonológicas (segmentais e suprasegmentais), morfológicas, sintáticas, lexicais, textuais e da gramática de relação e organização dessas unidades. O fenômeno de estabilização, (in)visível (a depender de quem olha e de como se encara o que se observa), é outro que se liga a esses dois. Linguistas, gramáticos, professores de línguas captam nas descrições que fazem, em maior ou menor grau, o que conseguem perspectivar dessa triangulação. As línguas relacionam-se a sociedades e experiências dos indivíduos nessas. Logo, envolvem estabilidade e instabilidade.

Agradeço, imensamente, às colegas Maria Teresa Tedesco e Lurdes Moutinho a oportunidade de refletir e escrever sobre as questões aqui formuladas.



## ***Variação linguística na escola,*** **de Joyce Elaine de Almeida e** **Stella Maris Bortoni-Ricardo**

**Alexandre do Amaral Ribeiro**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3714-1176>

E-mail: alexandreamaralribeiro@gmail.com

**A** dinamicidade inerente às mudanças linguísticas, a diversidade que caracteriza as línguas e as relações intrínsecas entre língua e cultura são, por assim dizer, princípios amplamente aceitos, em especial, no universo acadêmico. Estes princípios, apesar de serem até certo ponto vislumbrados nos meios populares, tornam-se um desafio em termos das relações sociais que permeiam a vida prática. Isto pode acontecer em função da pouca consistência com que são conhecidos e dos mitos que povoam o imaginário popular sobre a língua. Como consequência, esferas importantes da sociedade deparam-se constantemente com a necessidade de repensar suas formas de ser e de fazer, se se propuserem a acompanhar as mudanças sociolinguísticas contemporâneas.

Uma das esferas fundamentais da sociedade é a educacional, dado o seu papel formativo tanto no que diz respeito à construção e à aplicação de conhecimentos teórico-práticos como em relação à cidadania. Neste contexto, cabe olhar mais atentamente para as práticas escolares, relativas à formação discente, e para a formação de professores.

Quando se pensa a formação de professores de língua portuguesa, o papel da escola na formação linguística do corpo discente, as práticas docentes e o contexto social, não se pode duvidar da relevância atemporal de questões que se reconfiguram a cada época. Diferentes campos do saber, sob perspectivas diversas, ora confluentes, ora conflitantes, esforçam-se para entender o que e como ensinar quando se trata de língua tanto materna como não materna.

A história revela iniciativas que visam à superação de concepções e de práticas que, para as demandas sociais de cada época e contexto, mostram-se pouco efetivas ou mesmo inadequadas. Nesse sentido, cabe a todo pesquisador e profissional atuante aprofundar-se, em termos dos fundamentos epistemológicos, no conhecimento e no domínio do objeto estruturante de sua formação e de sua prática. Já Comenius, em 1657, dedicava a sua atenção a pensar estratégias de ensino de línguas que contemplassem diferentes realidades, levando em conta o aluno. De lá para cá, e até mesmo antes, conforme assinalado anteriormente, áreas, como a Educação, a Psicologia, a História, a Linguística, a Linguística Aplicada, dentre outras, vêm se ocupando desse tema.



Esta resenha, de cunho descritivo, apresenta o livro *Variação linguística na escola*, organizado pelas professoras Joyce Elaine de Almeida e Stella Maris Bortoni-Ricardo. Trata-se de mais uma contribuição para os interessados ou aqueles/as que compõem o cenário desenhado até aqui, sendo que desta vez sob o olhar da Sociolinguística Educacional, conforme entendida por Bortoni-Ricardo (2005; 2022).

O conteúdo apresentado reflete os perfis acadêmicos das duas autoras e organizadoras. Joyce Elaine de Almeida é professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP), com pós-doutorado em Linguística (UnB), e desenvolve estudos sobre Sociolinguística Educacional. Stella Maris Bortoni-Ricardo foi professora da Universidade de Brasília (UnB), Doutora em Linguística (Lancaster University), com pós-doutorado em Sociolinguística (University of Pennsylvania), e tem vasta experiência em Linguística e Educação.

*Variação Linguística na Escola*, em suas noventa e seis páginas, está dividido em duas grandes seções: “Para Fundamental” e “Para Aplicar”. Essa divisão deflagra a intenção das autoras de aproximar os estudos da Sociolinguística Educacional e a realidade escolar, especificamente, em relação às práticas de ensino de língua portuguesa. Em “Para Fundamental”, apresentam de forma direta e objetiva “o aparato teórico necessário para tratar do fenômeno da variação na escola” (p. 9). Em um texto multirreferenciado, destacam fundamentos histórico-conceituais importantes para entender a Sociolinguística Educacional e seus propósitos. Em “Para Aplicar”, compilam trinta sugestões de atividades que podem servir como “ferramentas úteis” a professores comprometidos com “romper com o preconceito linguístico” (p. 8), valendo-se da Sociolinguística Educacional. As sugestões de atividades compõem, de acordo com as autoras, “unidades didáticas”, e foram elaboradas por dez profissionais dedicados aos estudos linguísticos e educacionais, cujas titulações vão da Especialização *Lato Sensu* ao Doutorado na área da linguagem. Além da Introdução, da Bibliografia e da biografia dos autores, o livro traz uma seção de “Respostas”, propostas para as atividades que se encontram em “Para Aplicar”.

A propósito da apresentação do “aparato teórico” que compõe a seção “Para Fundamental”, os temas que organizam a primeira parte da discussão pretendida são basicamente os seguintes: preconceito linguístico, rendimento escolar, ideologias do dom, da deficiência e das diferenças. Em seguida, tomando como ponto de partida os temas anteriores, apresentam a Sociolinguística Educacional. Para tal, as autoras se baseiam nas premissas inerentes ao relativismo cultural, passam pelo conceito de comunidade de fala e chegam a seis princípios que, conforme concepção assumida, devem nortear as ações em Sociolinguística Educacional. Respaldados por esses princípios, vão sendo retomados conceitos como os de norma, oralidade e escrita e variação linguística.

Ao longo de aproximadamente vinte páginas de fundamentação teórica, as autoras apontam caminhos para que os leitores possam se aprofundar nas teorias e nos conceitos apresentados, complementando e ampliando conhecimentos na condição de professores-pesquisadores. Instigam assim a pesquisa e a reflexão, ao tomarem o preconceito linguístico como causa da discriminação de alunos oriundos de classes econômicas desprivilegiadas (ALMEIDA; BORTONI-RICARDO, 2023, p. 10), incluindo essa relação no processo ideológico que explica o baixo rendimento escolar.



De fato, as considerações das autoras são coerentes com fundamentos que norteiam a Sociolinguística desde o seu surgimento. A leitura do livro remete a todo tempo à ideia de que a língua é um instrumento essencial de socialização, sendo as variáveis sociolinguísticas suscetíveis às variações sociais. As relações de sensibilidade e de conexão entre as variáveis são perceptíveis, dentre outras formas, nos modos como os falantes interagem linguística e comunicativamente. Como resultado, podem criar estereótipos mútuos com base em uma desigualdade de caráter subjetivo.

Essa desigualdade subjetiva encontraria respaldo no julgamento que os falantes fazem sobre suas respectivas maneiras de falar e de se expressar. É nesse sentido que se pode pensar em desigualdade linguística como causa e como consequência da desigualdade social, pois a maneira como cada pessoa se expressa é indubitavelmente uma pista para uma informação social. Se essas pistas forem tomadas como informações categóricas e perderem certa dimensão de neutralidade que a elas deveria ser inerente, atitudes preconceituosas podem servir para ajudar a perpetuar as desigualdades linguística, social e comunicativa.

Retomando a apresentação do livro, pode-se considerar que esse é o ponto de vista que autoras assumem para tratar de processos ideológicos. Para Almeida e Bortoni-Ricardo (2023), o baixo rendimento escolar é provocado pela relação entre preconceito linguístico e discriminação, manifestações de processos ideológicos. As autoras apresentam, nesse contexto, diferentes ideologias que permeiam a escola. A primeira é a “ideologia do dom” que seria oriunda da Psicologia. Embora as autoras não determinem a área específica da Psicologia a que se referem, indicam a prática de aplicação de testes de aptidão e de medida do quociente intelectual como formas de classificação individualizada do rendimento de alunos. A ideologia do dom cria diferentes tipos de desigualdades na escola, porque o rendimento escolar seria determinado por deficiências culturais identificadas nas camadas menos privilegiadas da sociedade.

Alegam que essa ideologia, contudo, cai por terra com o acesso das camadas populares à escola, uma realidade que demanda reflexão sobre as relações entre os resultados do desempenho e os grupos sociais. Essa ideologia é posta em questão quando as autoras prosseguem com suas considerações, apresentando a ideologia da deficiência cultural. Em relação às contribuições, cabe aqui acrescentar que uma incursão nos estudos de Patto (2015) podem alertar para o cuidado de pensar o rendimento escolar como consequência do contexto sociocultural.

Intrinsecamente ligada à ideologia do dom, a ideologia da deficiência cultural, apresentada pelas autoras, é também desconstruída com base nos primeiros estudos labovianos que revelam a assimetria existente na situação social de alunos ricos e pobres (ALMEIDA; BORTONI-RICARDO, 2023, p. 12). Assim, em consonância com os avanços da sociolinguística, as autoras assumem que a diferença entre crianças pobres e ricas estaria não na capacidade de linguagem, mas na oportunidade de verbalização, o que levará também a refletir sobre desigualdade comunicativa.

A ideologia das diferenças, em uma primeira fase, estava em consonância com os estudos sociolinguísticos, visto que defende a ideia de não haver uma língua nem uma cultura melhor do que a outra. Essa visão remete aos estudos labovianos da década de sessenta do século XX. Para as autoras, porém, essa perspectiva sobre as culturas como manifestação estanque foi supe-

rada pela de um *continuum* que apreende mais adequadamente a noção de distribuição social. Como decorrência, associam a necessidade de alunos se familiarizarem com diferentes práticas culturais à importância do letramento, indicando que é preciso inserir os alunos em um universo letrado para que possam adquirir hábitos culturais relativos a esse universo (ALMEIDA; BORTONI-RICARDO, 2023, p.13).

A partir desse ponto, começam a apresentar a Sociolinguística Educacional que, para Bortoni-Ricardo (2022), não se diferencia conceitualmente da Linguística Aplicada. Para fazê-lo, retomam três premissas que constituem a base da Sociolinguística: o relativismo cultural, a heterogeneidade linguística e a relação dialética entre forma e função. Dessa maneira, a Sociolinguística assume as ideias de que não há uma cultura nem uma língua superior a outras, não há línguas ou culturas subdesenvolvidas, as línguas não são homogêneas. Ressaltam a ideia de que é preciso focar no uso e na função, e não na estrutura linguística. Cada uma dessas ideias se constitui em premissas que são apresentadas, tomando como referência trabalhos de Bortoni-Ricardo. Instigam o leitor à pesquisa sobre vários assuntos, como o conceito de relativismo cultural, que pode ser aprofundado com a leitura de trabalhos clássicos, como o de Sapir (1968), não referenciado na discussão talvez devido aos limites práticos da proposta.

Em continuidade às contribuições da Sociolinguística Educacional, as autoras apresentam seis proposições inerentes à esfera educacional que servirão para nortear sugestões práticas que o livro traz ao final (ALMEIDA; BORTONI-RICARDO, 2023, p.16-17). São elas: a escola ensina estilos formais; a escola se ocupa de regras que não estejam sujeitas à valoração negativa; como a desigualdade social seria o principal fator da desigualdade linguística, a escola deve promover o acesso de todos os alunos aos bens culturais; a escola trata de estilos monitorados em situações de letramento; ao descrever a variação sociolinguística, não se deve dissociá-la da análise etnográfica; e à variação linguística deve se dar amplitude social, implicando o processo de conscientização crítica de professores e alunos. Cabe ao leitor buscar em textos fundadores da área da Educação e da Sociolinguística, na legislação educacional vigente e nas orientações das instituições escolares, como as constantes em Projetos Políticos Pedagógicos, como analisar as proposições colocadas e pensar a sua aplicação às práticas escolares. Isso porque convocam a pensar a escola e como essa deve promover o ensino da língua como um bem cultural.

O acesso a esse bem cultural, na perspectiva da Sociolinguística, promoveria o “apoderamento das normas de prestígio social”. Há aí um detalhe: esse apoderamento não é possível quando mantida a lógica da desigualdade. É preciso adotar a concepção de contínuo linguístico, abandonando a ideia de “certo” e “errado” no ensino de Língua Portuguesa na escola. As autoras consideram os contínuos linguístico como linhas imaginárias sintetizadas, são eles: o de urbanização, incluindo o neologismo “rurbazinação”, que se refere ao contínuo rural e urbano; o contínuo oralidade e letramento; e o de monitoração estilística, sendo o interlocutor a variável mais relevante nos processos de escolha do estilo.

Os contínuos, quando integrantes da metodologia de ensino a que aludem as autoras ao defender a aplicação de princípios da Sociolinguística Educacional ao ensino de língua portuguesa, levam discentes e docentes à reflexão sobre a existência de várias normas, na sociedade brasileira, que servem de fator de identificação sociocultural. Essa reflexão é imprescindível para



a sociedade brasileira que, como reafirmam as autoras, não reconhece a diversidade linguística, admitindo a norma-padrão, expressa na gramática normativa, como única e invariável. Fica o convite aos leitores, para analisar de forma reflexiva e crítica a realidade apontada pelas autoras, considerando contextos diversos e contemporizando generalizações.

Não há dúvidas de que assim será possível ao leitor ampliar o seu entendimento sobre variação linguística e o seu lugar no ensino de língua portuguesa. As autoras oferecem mais subsídios para essa ampliação de entendimento aqui referida, na medida em que recorrem a pensadores basilares, como Labov, Calvet e Meillet (citados por ALMEIDA; BORTONI-RICARDO, 2023, p. 22), para tratarem do assunto, alertando que a variação é uma característica intrínseca às línguas e, ao mesmo tempo, motivada socialmente. Sobre os tipos de variação mais reconhecidas apresentam a histórica, a geográfica, a social e a estilística. Os exemplos que auxiliam a entender cada uma delas representam generalizações, como dito anteriormente, necessárias aos estudos acadêmicos, e que incentivam a pesquisa e a atualização.

Além desses tipos de variação, trazem as contribuições de Castilho que propõe as variações individual e de canal. O autor citado também trata de classificação temática, que daria conta de pensar a variação no âmbito de assuntos do cotidiano e de assuntos especializados. Dando mais consistência às relações que estabelecem entre as variações linguísticas e o ensino de língua portuguesa, as autoras acrescentam o conceito de *variação diamésica*, que se refere a diferenças entre a língua falada e escrita.

A esse respeito, finalizam a parte teórica falando da possibilidade de um contínuo entre oralidade e escrita para eventos comunicativos. Alertam para a necessidade de desconstruir a relação “escrita-formalidade” e “oralidade-informalidade”, com a ajuda da ideia de contínuo. Terminam a seção “Para fundamentar”, indicando que o papel do professor de língua portuguesa é o de “levar o aluno ao contato com diversos gêneros orais e escritos, propiciando a percepção da adequação da linguagem a cada evento de comunicação” (ALMEIDA; BORTONI-RICARDO, 2023, p. 28).

Como forma de subsidiar a proposta do livro, chegam à seção “Para Aplicar”. Nela sugerem atividades que visam a inspirar professores em sua prática docente, na perspectiva de uma educação sociolinguística. As atividades sugeridas compõem, de acordo com a visão das organizadoras – nesta seção, especificamente –, uma proposta didática. Não fica clara a concepção de “proposta didática”, uma vez que as atividades, ainda que separadas por unidades temáticas, são apresentadas de forma independente e sem explicitação de objetivos. As atividades trazem dicas para embasar possíveis comentários dos professores, quando da sua aplicação em aula. Caberá a cada leitor aproveitar a variedade das atividades sugeridas e adequá-las a contextos, a objetivos e, em especial, integrá-las a um plano de aula. Ao final do livro, há uma seção de respostas que também pretende orientar os professores na aplicação das atividades elencadas na “proposta didática”.

Ao final desta resenha, ratifica-se a relevância da temática do livro *Varição linguística na escola*, sugerindo-se a sua leitura. Não há dúvidas de que o conteúdo inspira à reflexão e à pesquisa, abrindo caminhos para um ensino de língua portuguesa mais comprometido com a variação linguística.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Joyce Elaine de; BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Variação linguística na escola**. São Paulo: Contexto, 2023.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; SILVA, Kleber Aparecido. Sociolinguística Educacional: uma entrevista com Stella Maris Bortoni-Ricardo. **Linguagem em (Dis)Curso**, v. 22, 2022, p. 2019-231. DOI: <<https://doi.org/10.1590/1982-4017-220114-9221>>.
- COMENIUS, Iohannis Amos. **Didática Magna**. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001 [1657].
- DEVEREAUX, Michelle; PALMER, Chris. C. **Teaching language variation in the classroom: strategies and models from teachers and linguists**. Nova Iorque, EUA. Routledge Taylor & Francis Group, 2019.
- MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense, 1984.
- PATTO, Maria Helena de Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.
- SAPIR, Edward. "The status of linguistics as a science". *In: Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture and Personality*. Berkeley: University of California Press, 1968.





## Editoras e Colaboradores

### EDITORAS

#### **Maria Teresa Tedesco**

ORCID: <https://orcid.org/0000-00026130-9517>

Professora Titular de Língua Portuguesa do Instituto de Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Doutora em linguística pela UFRJ (2002); Mestre em linguística pela UFRJ (1992); Pós – Doutorado pela Universidade de Colônia, Alemanha (2017); Professora Visitante na Universidade de Heidelberg, Alemanha, no período de dezembro/2019 a fevereiro/2020, pelo Programa Capes-PrInt. Área de pesquisa: Formação docente; Sociolinguística; avaliação.

✉ [teresatedesco@uol.com.br](mailto:teresatedesco@uol.com.br)

#### **Lurdes de Castro Moutinho**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0869-9912>

Doutorada em Ciências da Linguagem/Fonética pela Universidade de Estrasburgo (França), em 1988, com o equivalente a um doutorado português em Linguística Portuguesa, Universidade de Aveiro, 1991. É investigadora integrada no CLLC e coordena um dos subgrupos de pesquisa, Variação Linguística. Tem desenvolvido investigação na área da Sociolinguística e Fonética/Fonologia Experimental, com foco no estudo da variação prosódica.

✉ [lmoutinho@ua.pt](mailto:lmoutinho@ua.pt)



## COLABORADORES

### Adriana Leitão Martins

É doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Associada do Departamento de Linguística e Filologia, do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora do grupo de pesquisa Biologia da Linguagem.

✉ [adrianaleitao@ufrj.br](mailto:adrianaleitao@ufrj.br)

### Alberto Gómez Bautista

É doutorado em Filologia Românica pela Universidade Complutense de Madrid, mestre em Tradução para a Comunicação Internacional pela Universidade de Vigo e licenciado em Filologia Portuguesa pela Universidade de Salamanca. É investigador ligado ao grupo *Variación Lingüística* do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, membro dos projetos AMPER e FRONTESPO. Atualmente é docente do ensino superior em Portugal.

✉ [agbtrad@gmail.com](mailto:agbtrad@gmail.com)

### Alexandre do Amaral Ribeiro

Mestre em Letras pela PUC-Rio (2000) e Doutor em Linguística pela UNICAMP (2006) e Pós-Doutorado na área de Português como Segunda Língua pela PUC-Rio (2011); Professor do Dep. de Língua Portuguesa e Filologia (LIPO) do Instituto de Letras da UERJ e do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ, é Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português como Língua Estrangeira/Segunda Língua, Coordenador do Setor de Português Língua Não Materna do Dep. LIPO/ILE/UERJ. Membro da Comissão Técnico-Científica do CELPE-BRAS.

✉ [alexandredoamaralribeiro@gmail.com](mailto:alexandredoamaralribeiro@gmail.com)

### Ana Regina Vaz Calindro

Possui mestrado e doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela USP, com período sanduíche na Universidade de Cambridge. Pós-doutora em Linguística pela Unicamp. É professora adjunta do Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ. Foi professora visitante no Departamento de Línguas Modernas da Universidade de Birmingham.

✉ [anacalindro@letras.ufrj.br](mailto:anacalindro@letras.ufrj.br)

### **André L. Souza-Silva**

É doutorando em Linguística (UFPB/CAPES), professor de Língua Portuguesa da rede pública de ensino e integrante do Grupo de Pesquisa em Contato Linguístico (GPCL/CNPq), atuando nos seguintes temas: variação, atitude, identidade e educação linguística.

✉ [andreluiz.bans@gmail.com](mailto:andreluiz.bans@gmail.com)

### **Christina Abreu Gomes**

É professora Titular do Departamento de Linguística e Filologia e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ. É Doutora em Linguística pela UFRJ e Mestre em Linguística pela UFMG. Desenvolve pesquisa na área de Sociolinguística voltada para mudança linguística, aquisição e organização cognitiva da variação.

✉ [christinagomes@letras.ufrj.br](mailto:christinagomes@letras.ufrj.br)

### **Daniela de Souza Silva Costa**

É professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (PR), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pesquisadora nas áreas de Dialectologia, Geolinguística e Lexicografia.

✉ [souza.costa@ufms.br](mailto:souza.costa@ufms.br)

### **Giselle Gaspar Gaspar de Assis Silva**

É mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, graduada em Letras Português-Literaturas (Licenciatura). Tem desenvolvido pesquisa na área da avaliação social da variação linguística. É professora do Ensino Básico.

✉ [gisellegaspar@letras.ufrj.br](mailto:gisellegaspar@letras.ufrj.br)

### **Júlia E Picolli**

É Graduanda do curso de Letras Português-Espanhol na Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC/UFMS), membro do Laboratório de Estudos do Léxico (LABLEX/UFMS) e bolsista no Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC/UFMS).

✉ [vitoriamugartt@gmail.com](mailto:vitoriamugartt@gmail.com)

### **Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo**

É professor Adjunto do Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre (2012) e Doutor (2017) em Linguística pela UFRJ, é membro



do Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFRJ), membro do GT de Sociolinguística da ANPOLL e do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL/UFRJ). Pesquisa em variação e mudança linguística, percepção da variação socialmente indexada e aquisição da escrita, em especial por grupos de indivíduos periféricos.

✉ [malmelo.lopes@letras.ufrj.br](mailto:malmelo.lopes@letras.ufrj.br)

### **Márcia dos Santos Machado Vieira**

É Doutora e Mestre em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001 e 1995, respectivamente), bacharela e licenciada em Inglês pela UFRJ, atualmente é Professora Associada IV do Departamento de Letras Vernáculas. É pesquisadora do CNPq. Tem experiência em pesquisa nas áreas de Letras e Linguística, com ênfase em Língua Portuguesa: estabilização, variação e mudança de fenômenos fonéticos (pretônicas) e morfossintáticos (construções de referência e predicação), dentre outros temas afins. É membro da Diretoria da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (2ª Tesoureira) no biênio 2021-2023. Integra, desde 2014, a coordenação do Eixo 1 do GT de Sociolinguística da ANPOLL (Variação e Mudança Linguísticas).

✉ [marcia@letras.ufrj.br](mailto:marcia@letras.ufrj.br)

### **Maria Helena Dias Rebelo**

É Mestre (1997) pela Universidade de Coimbra. Na Universidade da Madeira (UMa), onde é docente desde 1998, doutorou-se em Linguística Portuguesa (2005) e desenvolveu, na Universidade de Aveiro (UA), um pós-doutoramento (2011). Faz parte do CIERL-Uma. Membro integrado do CLLC-UA, estando ligada ao Grupo da Variação Linguística. Desde 2019, dirige o Mestrado em Estudos Regionais e Locais. É coordenadora local do Erasmus Mundus Climate Change and Diversity-Sustainable Territorial Development. Desde 2021, coordena o Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, sendo Vice-Presidente da Faculdade de Artes e Humanidades.

✉ [mhrebelo@staff.uma.pt](mailto:mhrebelo@staff.uma.pt)

### **Mariana Gomez Barboza**

É mestranda em Educação (UFPE), graduada em Gestão Ambiental (IFPE) e em licenciatura em Letras - Inglês (UFPE), além de graduanda em licenciatura em Letras - Português (Unipampa). É pós-graduada em Linguagens, suas tecnologias e o mundo do trabalho (UFPI) e pós-graduada em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas (UFMS).

✉ [mariana.gomesbarboza@ufpe.br](mailto:mariana.gomesbarboza@ufpe.br)

### **Matheus Gomes Alves**

É mestre em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras - UFRJ, pela linha Gramática na Teoria Gerativa. Doutorando em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Faculdade de Letras - UFRJ. Atua no grupo de pesquisa Biologia da Linguagem, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com interesse na análise cartográfica da representação mental de aspecto nas línguas naturais e no ensino de tempo e aspecto em inglês como L2.

✉ [professormatheusalves@gmail.com](mailto:professormatheusalves@gmail.com)

### **Renata de Mello Rodrigues**

É licenciada em Letras - Português/Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2023). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, atuando principalmente no seguinte tema: percepção da variação socialmente indexada.

✉ [renatademello@letras.ufrj.br](mailto:renatademello@letras.ufrj.br)

### **Tamara Flores Pérez**

É investigadora do projeto *Variação Linguística* do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro. Pesquisa foca-se no estudo da variação da fala de Xálima de um ponto de vista sociolinguístico, especialmente nas áreas de disponibilidade lexical e atitudes linguísticas.

✉ [tamarafloresperez@ua.pt](mailto:tamarafloresperez@ua.pt)